Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 24 DE DEZEMBRO DE 1972-N.º 17962-ANO 52.º-PREÇO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

"QUEIMEM OS SELOS D'"OS LUSÍADAS"!

-pedem filatelistas indignados

Classificando de «mamarrachos» os desenhos dos selos que compõem a emissão dos CTT comemorativa do IV Centenário d' «Os Lusíadas», doze filatelistas, encabeçados por António da Silva Gomes e Alberto Alçada, dirigiram-nos uma carta em que expressam o seu desacordo quanto ao lançamento da emissão, marcada para o próximo dia 27. Afirmam os signatários:

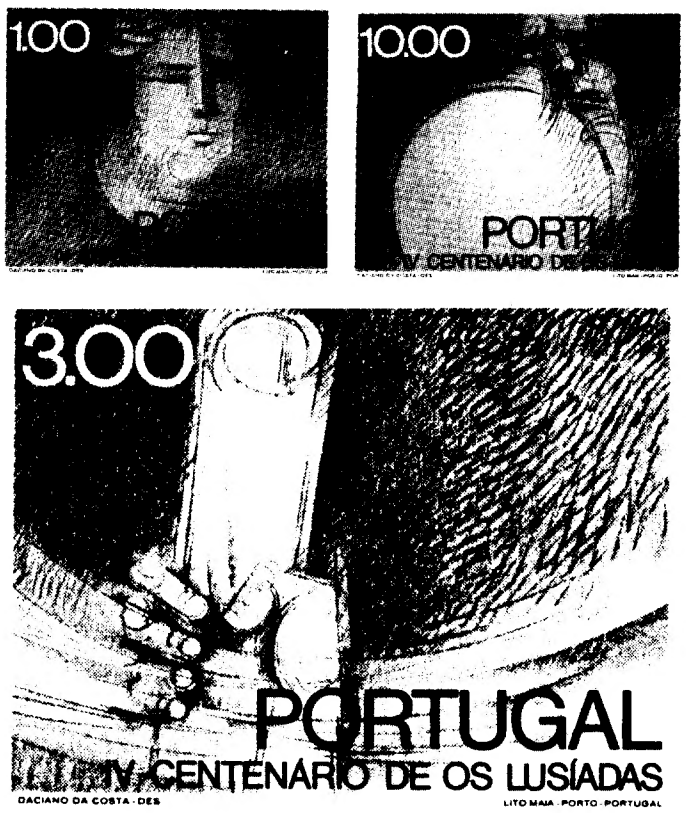
. «Anuncia-se para 27 de Dezembro corrente a circulação de uma emissão de selos, com a qual os CTT se associam às comemorações do 4.º Centenário da publicação de «OS LUSÍADAS».

Já foi distribuida a pagela com a figuração dos selos. Foi com repulsa indignação que nós, filatelistas, reagimos a tão estranhos quão inconcebíveis desenhos.

É espantoso que os Serviços Artisticos dos CTT tenham aprovado estes autênticos **mamarrachos,** quando é certo que outras emissões como as de Vasco da Gama e Álvares Cabral são dignas de memória desses ilustres Barões. Esta, infelizmente, não honra a memória do genial poeta.

O desenho do selo da taxa de 1$00 — diz-se — apresenta a figura de Camões, mas mais parece que possa representar a figura do Adamastor. O selo da taxa de 10$00 é simplesmente horroroso — dir-se-ia — um farol de um camião. O selo da taxa de 3$00, com muito boa vontade, o menos mau, parece um holofote voltado para o céu...

Que conceito farão os filatelistas estrangeiros dos Serviços Artísticos dos CTT? Permitimo-nos chamar a atenção do Governo para esta disparatada, infelicíssima emissão, e permitimo-nos sugerir que seja simplesmente queimada, pois é indigna da memória do Poeta».



TEXTO EXPLICATIVO DOS CTT

Na pagela alusiva à emissão — a centésima que os CTT emitiram desde a sua feição actual — os Serviços Artísticos da empresa inserem o seguinte texto explicativo da emissão e dos desenhos de Daciano da Costa:

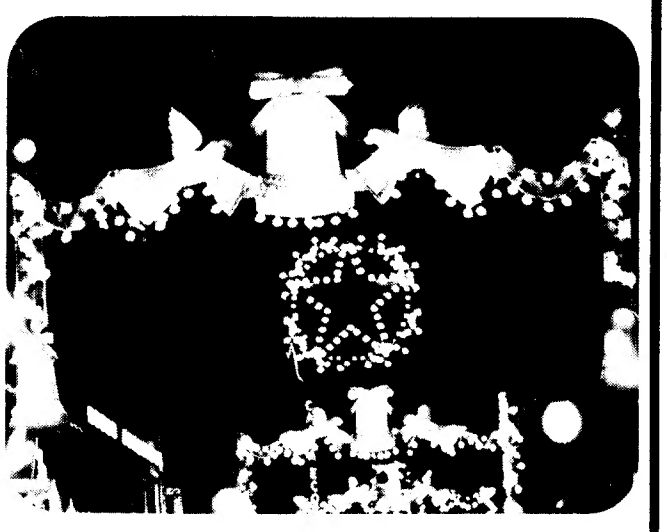
«Os CTT associam-se às comemorações do IV Centenário da publicação de «Os Lusíadas» com a presente emissão. Universalmente conhecidos, o Poema e o Autor não precisam de mais apresentações — é dever de todos os portugueses, e é possível aos filatelistas de todos os países, conhecer o conteúdo de «Os Lusíadas». Dentro do mesmo espírito, os CTT não pretenderam ilustrar os passos mais ou menos conhecidos do grande monumento literário, ou os factos históricos da vida do poeta, mas sim evocar, no IV centenário da sua publicação, o Homem cujo génio o compôs e cuja coragem o salvou, e a ideia basilar da sua concepção.

«Assim, no selo de 1$00, a figura de Luís de Camões é apresentada não com o seu retrato conjectural, mais ou menos divulgado, mas com uma figura intemporal como alguém que, liberto das contingências e vicissitudes de uma vida trágica, já subiu «ao assento etéreo».

«No selo de 3$00 é sugerido, de forma elítica e breve, o momento angustioso em que o manuscrito foi salvo das águas, subentendendo-se a figura do salvador, e autor; — sem esse esforço heróico não teríamos hoje o grande poema nacional. No selo de 10$00 está representado o momento fundamental do Poema (de que Voltaire já tinha tido a percepção) — o encontro com o Adamastor, episódio que condensa o essencial do espírito do Renascimento: o Homem interrogando e descobrindo a Natureza desconhecida. O «oculto e grande Cabo», mais do que um acidente geográfico terrivelmente humanizado, é concebido como uma figura mítica e tenebrosa, fugindo da luz da razão e da inteligência que ameaça destruí-la».

De qualquer modo julgamos que nem todos os nossos leitores partilharão a opinião deste grupo de filatelistas.

FELIZ NATAL!



O «Diário de Lisboa», além da edição normal, oferece hoje aos seus leitores um suplemento natalício, de leitura amena e variada, de 32 páginas, que não poderá ser vendido separadamente.

Neste suplemento inclui-se, não só um conto de Maria Judite de Carvalho, como artigos e reportagens de José Saramago, Sérgio Ribeiro, Rogério Vidigal, Josué da Silva, Manuel de Azevedo, Fernando Dacosta, Urbano Tavares Rodrigues, Torquato da Luz, Cesário Borga, Eugénio Alves, Mário Cardoso, Manuel Geraldo, Nuno Gomes dos Santos, Maria Aurora, Armando Pereira da Silva, Margarida Silva Dias e César dos Santos. Fotos de José Tavares, Nelson Vasconcelos e Rui Pacheco.

Amanhã, como em igual dia dos anos anteriores, estão encerrados os nossos serviços, não se publicando o «Diário de Lisboa».

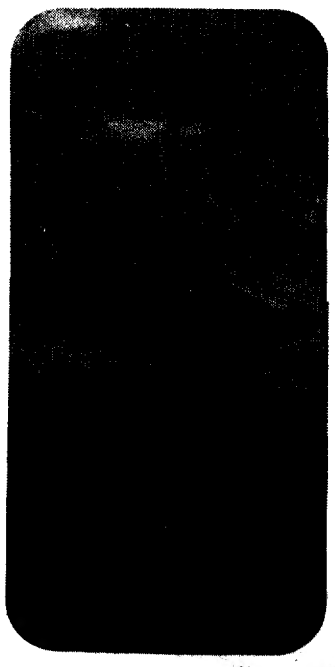
7 dias no Mundo

O Vietname é actualmente palco dos ataques mais violentos desde sempre, não apenas naquela guerra, mas em todas as guerras que os homens têm sofrido. O poder explosivo dos engenhos mortíferos que caem sobre aquele país ultrapassa diàriamente as consequências da bomba que rebentou em Hiroshima. Nada indicava, até há pouco tempo, que se preparavam os bombardeamentos mais violentos da história.

Paulo VI chora e o mundo comemora hoje e amanhã um Natal longe do Vietname. (Pág. 9)

DOSSIER INTERNACIONAL

Para onde vai o Japão?

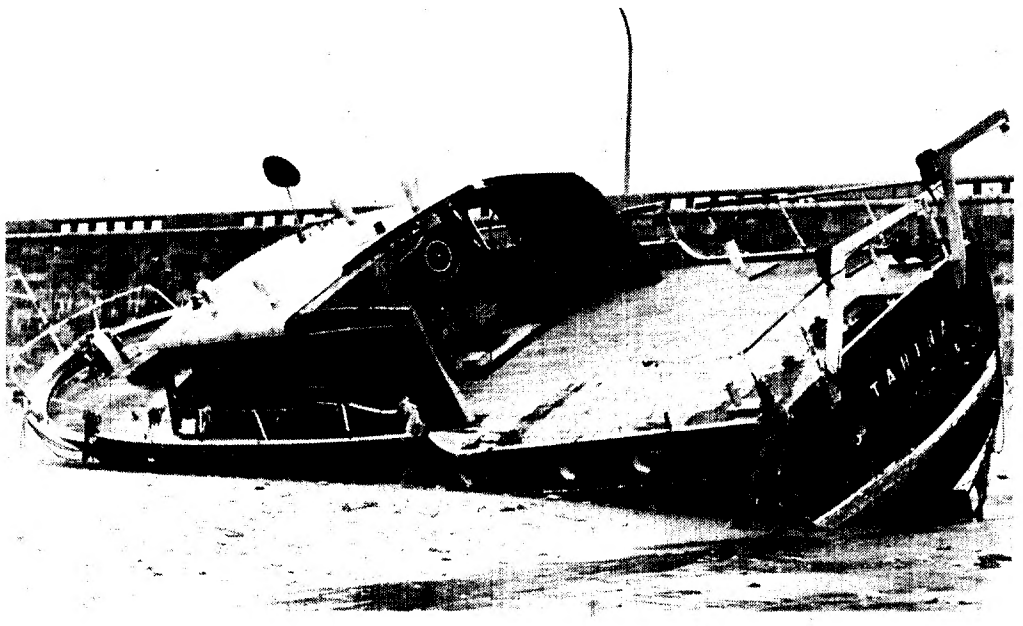


Tanaka saiu vencedor nas recentes eleições parlamentares do seu país. Mas essa vitória não o foi em toda a linha. Se é certo que Partido Liberal Democrático, que se encontra no governo desde o fim da guerra, continua a deter a maioria dos lugares no Parlamento, não é menos verdade que dentro do Partido, as facções que se opõe ao primeiro-ministro reforçaram as suas posições. Mas, mais importante talvez para o futuro do Império do Sol Nascente, pode ter sido o considerável avanço dos socialistas e comunistas japoneses naquelas eleições.

Os antigos partidos de oposição moderna — tão moderada que nas questões fundamentais sempre votaram com o governo — foram derrotados pela esquerda de forma inesperada e espectacular.

Será este um indício de como se irá comportar o Japão no futuro?

O naufrágio de Carcavelos



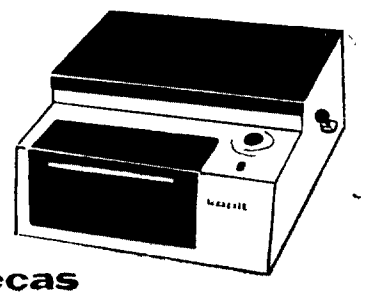
Continuam a surgir as contradições sobre o naufrágio do iate «Tahina», ocorrido na madrugada da passada segunda-feira entre S.Julião e Carcavelos e de que resultou a morte de um dos seus sete tripulantes todos holandeses. A nossa reportagem conseguiu uma série de novos elementos que vêm pôr em causa muitas das afirmações na altura eproduzidas. Por outro lado, parece, que, na realidade, ninguém ordenou aos tripulantes do «Tahina» que se atirassem á água, uma vez que apurámos não possuir o pequeno barco nenhum rádio transmissor-receptor a bordo, o que impunha ainda mais o uso do helicóptero que nunca chegou a ser usado.

O Benfica ganhou a taça de Honra

(REPORTAGEM DA FINAL NA PÁG. 20)

HOJE: 64 PÁGINAS

agora em poucos segundos com o novo kopit sem saco e sem revelador pode obter fotocópias secas



PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO SEM COMPROMISSO AOS REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

REPRESENTAÇÕES JOSÉ PEREIRA, Lda.
Rua do Telhal, 6, 1.º, Dt.º e Fr.
Tel.: 36 78 19/06 — LISBOA

†

LUÍSA DE SOUSA E HOLSTEIN BECK CORRÊA DE SÁ
(Viscondessa d'Asseca)

MISSA DO 30.º DIA

Salvador Corrêa de Sá (Visconde d' Asseca) sua mulher e filhos; Helena Corrêa de Sá Taborda Ferreira seu marido e filhos; Leonor Corrêa de Sá e demais família participam que no próximo dia 26 às 18,30 horas, na Igreja de S. Francisco de Paula, será celebrada missa por Alma da sua muito querida mãe, sogra, avó, cunhada e parente.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 534167

O DIA DA PAZ

Uma mensagem de Paulo VI

Ao longo da última semana, a imprensa de todo o mundo fez-se eco da vibrante mensagem do Papa Paulo VI, enviada a todos os homens de boa vontade, como convite á preparação do Dia da Paz, que vai celebrar-se em 1 de Janeiro. Arquivamos para os nossos leitores uma pequena parte do importante texto.

«A vós, homens responsáveis pelos supremos interesses da humanidade, governantes, diplomatas, chefes de Estado políticos, filósofos, cientistas, publicistas, industriais, dirigentes sindicais, militares, artistas, a vós todos que influis nas relações entre os povos, os estados, as tribos, as classes e as famílias humanas; a vós, homens cidadãos, de todo o mundo; a vós. jovens da geração que sobe, estudantes, mestres, trabalhadores, donas de casa; a vós, gente que pensa, que espera e desespera, que sofre; a vós, pobres e orfãos, vítimas do ódio, do egoísmo e da injustiça que ainda imperam; a todos vós, ousamos dirigir, uma vez mais, a palavra humilde e forte, de profeta, que somos, duma Palavra que nos transcende e invade.

O nosso anúncio é simples como um axioma: A PAZ É POSSÍVEL!

Ergue-se á nossa volta, bem o sabemos, um coro de vozes que nos assalta e abafa: a paz não é apenas possível, ela é realidade. A paz já se encontra estabelecida, nos afirmam. Trazemos ainda o luto pelas inúmeras vítimas das guerras que ensanguentaram, mais ainda que os séculos passados, este em que vivemos, expoente máximo do progresso; ainda se vêem nas faces da geração adulta as horríveis cicatrizes das últimas guerras e lutas civis; e as derradeiras feridas, ainda abertas, despertam na geração nova calafrios de horror, sempre que aflora a simples ideia de outra guerra. Mas o bom senso triunfou finalmente: as armas calaram-se e enferrujam nos depósitos, como instrumentos inuteis da loucura superada; solenes instituiçoes mundiais garantem a todos a incolumidade e a independência; a vida internacional encontra-se organizada com base em documentos que ninguém discute, e dispõe de meios de acção que imediatamente resolvem, segundo o direito e a justiça, qualquer eventual controvérsia; o diálogo entre os povos tornou-se corrente e é leal; e, para além de tudo o mais uma formidável rede de interesses comuns tornou os povos solidários entre si. A paz, é pois, um valor adquirido pela civilização.

Não perturbeis a paz, dizem-nos, pondo-a em questão. Tratemos, sim, doutros problemas; mas a paz, que é real e segura, está fora de discussão.

Será ssim, de verdade? Oxalá o fosse!

Mas, eis que a voz destes arautos duma paz triunfante de todas as adversidades, se torna titubiante e duvidosa, começando a admitir que, na realidade, subsistem, infelizmente, aqui e ali, situações dolorosas, onde a guerra continua a lavrar ferozmente. E faz pena! Reparemos que não se trata de conflitos sepultados nos anais da história, mas de conflitos actuais; nem de meros episódios passageiros, mas de conflitos actuais; nem de meros episódios passageiros, mas de conflitos que duram há anos; nem de casos superficiais, pois têm fundas incidências nas fileiras dos exércitos armados e nas massas inermes das populações civis; nem são coisas de fácil solução, porquanto já se esgotaram, sem resultado positivo, todos os recursos dos tratados e das mediações; nem tampouco inócuas para o equilíbrio geral do mundo, porque incubam um potencial crescente de prestígios feridos, de vinganças implacáveis e de desordens endémicas e organizadas; nem são coisas de somenos importância, que o tempo resolve por si, porque o seu veneno penetra nos espíritos, corrói as ideologias humanitárias, torna-se contagioso e passa às gerações novas, nelas despertando o desejo atávico de desforra. A violência torna-se moda, revestindo-se até da capa da justiça; alastra e entra nos costumes, favorecida pela criminalidade traiçoeira e por todas as astúcias da cobardia, da chantagem e da cumplicidade; e toma a forma de espectro apocalíptico, armado de inauditos instrumentos de mortífera destruição. Renascem os egoísmos colectivos, familiares, sociais, tribais, nacionais e raciais. O crime já não causa horror. A crueldade torna-se fatal, como se fosse cirurgia de um ódio declarado legítimo. O genocídio apresenta-se como a monstruosa possibilidade dum remédio radical. E por detrás destes horríveis fantasmas planifica-se, em termos gigantescos, à base de cálculos impassíveis e infalíveis, a economia dos armamentos e dos mercados geradora da fome. A política retoma então os seus programas de poderio, a que não sabe renunciar.

E a paz?

O, sim, a paz! Ela — há quem o afirme — pode igualmente sobreviver, e até certo ponto viver, mesmo nas condições mais favoráveis do mundo. Até nas trincheiras que a guerra abre, ou nas pausas da guerrilha, ou nos destroços de qualquer ordem normal, há cantinhos e momentos de sossego; e a paz imediatamente se adapta a isso, e, a seu modo, até aí floresce.

Mas poderemos chamar paz verdadeira, aquela que é o ideal da humanidade, a estes resquícios de vitalidade? Poderá esta discreta e prodigiosa capacidade de recuperação e de reacção, poderá este desesperado optimismo aplacar a suprema aspiração do homem pela ordem e pela plenitude da justiça? Poderemos dar o nome de paz às suas contrafacções? **Ubi solitudinem faciunt, pacem appellant!** — «Chamam paz à solidão que (a guerra) deixa» — (C.Tácito). Ou, por outras palavras: poderemos dar o nome de paz a umas tréguas, a um simples armistício, a uma prepotência passada em julgado, a uma ordem exterior assente sobre a violência e o medo, ou ainda, a um equilíbrio efémero de forças que se enfrentam, ou do regime férreo que mantém quietas as correntes de oposição? Hipocrisia, de que a história está cheia! E certo que muitas coisas podem, pacificamente, prosperar, mesmo em situações precárias e injustas.

NOVOS RUMOS DA EXPORTAÇÃO NACIONAL

Noticiámos há pouco a expedição para a Indonésia, pela conhecida firma portuense Ed. Ferreirinha e Irmão — Motores e Máquinas EFI, S. A. R. L., de uma instalação completa de tecelagem e acabamento de sacos em ráfia plástica, que incluia especialmente os novos teares circulares que aquela empresa estudou e desenvolveu.

Como então dissemos, outros contratos semelhantes estavam em curso, e é-nos grato noticiar agora o início de um fornecimento de 120 daqueles teares para o importante grupo japonês C. ITOH.

O elevado interesse que o novo tear circular mereceu àquele cliente é bem evidente na sua decisão de, por sua conta, mandar expedir por via aérea para o Japão um tear completo, a fim de preparar o mais rápido possível as instalações e pessoal para as máquinas que vai receber. A gravura acima mostra o embarque no aeroporto de Pedras Rubras do referido tear com destino a Osaka, via Francforte e Tóquio.

Esta importante encomenda, para um país altamente industrializado como o Japão, confirma o elevado nível tecnológico do tear desenvolvido por aquela firma portuense, e situa-se na linha do extraordinário sucesso que o referido tear está a ter em todo o Mundo.

Através destas exportações aquela Firma contribui, de maneira assinalável, para a Economia Nacional, e para a criação lá fora de uma imagem favorável do País quanto à sua capacidade tecnológica.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José da Paz Palma Bica. «Papelaria Maria Adelaide» ALVALADE - SADO

JOSÉ PINTO GONÇALVES, LDA.

ARMAZENISTAS DE MERCEARIAS, BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Armazéns gerais: Av. D. Afonso Henriques, 15-A. Telefones 270033 e 271756

Escritórios: Praça Gil Vicente, 8-B ALMADA

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes NATAL FELIZ e ANO NOVO próspero.

CABELEIRAS
MONNA LISA

Deseja a todos os Seus Clientes, Feliz Natal e Próspero Ano Novo.

Rua Rodrigues Sampaio, 112 - C — Telef. 58447

FACTOS

Diário de Lisboa

Contenção de preços e especulação

Em cento e trinta e nove locais da cidade, foram erguidos pequenos «stands» de madeira, cuja função é, segundo a ideia que os criou, a defesa do consumidor perante os costumados abusos praticados por muitos comerciantes durante a quadra do Natal. Produtos de preços livres passaram a vender-se a preços fixos, o que desde logo parecia garantir uma certa tranquilidade àqueles que, em cada compra que praticam, têm de debruçar-se para a bolsa e contar o dinheiro que lhes sobra. A decisão pertenceu ao Ministério da Economia.

A verdade é que nem todos estes postos foram, durante a passada semana, muito frequentados pelo público. Razões? Bom, a primeira é que o hábito faz o monge — e a iniciativa, embora louvável, tem de contar com um público acostumado, já, ao brilhante «pandemónio» dos supermercados, onde é mais fácil (fisicamente, claro está) chegar às coisas, escolher os produtos. Mas houve outros motivos na falta de concorrência aos referidos «stands»: os comerciantes, sobretudo os supermercados, «atacaram» logo em grande estilo, baixando, ainda que muito ligeiramente, os preços de alguns dos produtos colocados nos «stands». Damos um exemplo: vimos, há dias, num desses «stands», a maçã Golden, a 7$50 o quilo. Fomos ao mais próximo supermercado, e lá estava a mesmíssima macã a 7$30. Ora, embora isto seja de per si um bom sintoma, pois sem a iniciativa do Ministério da Economia os supermercados não pensariam nunca em baixar preços, a ideia só resultaria em pleno se os «stands» têm rompido a sua ofensiva exibindo preços imcompatíveis com qualquer manobra de contra-ataque imaginada pelos comerciantes. Calculamos que teria de haver aí um sacrifício de verbas, uma vez que não podia ser o já periclitante produtor a arcar com a redução de tabelas. Mas decerto que valeria a pena tal sacrifício. Doutra maneira, parece-nos que a iniciativa perdeu o seu impacto, muito simplesmente porque aos supermercados lhes foi fácil realizar a reconversão de preços naqueles produtos — que não eram a totalidade dos produtos necessários ao consumidor — postos à venda nos «stands» e, uma vez om isso atraído o público, bem puderam ir buscar os dois tostões da maçã Golden aos produtos que os «stands» não tinham venda. Daí que tudo se processasse como se o Ministério da Economia não houvesse realizado este esforço para uma necessária contenção de preços.

A INDÚSTRIA DO FRIO

Do pouco tempo que temos para deitar uma olhadela ao aparelho de televisão, aconteceu ter-nos chamado a atenção, no passado dia 20, uma mesa-redonda sobre produtos de consumo levada aos pequenos videos com excelentes intenções. Em dada altura, a conversa dos intervenientes desta mesa-redonda recaiu no peixe congelado que se vende nos supermercados o qual a grande maioria, das donas de casa procura não adquirir. Falou-se, pois em resistência da dona de casa que, arriscando-se embora a pagar mais caro, prefere ainda o **peixe fresco** da tradicional e muito popular banca de praça. A certa altura, alguém afirmou que não se compreendia essa preferência da mulher que tem a seu cargo adquirir a comida para a família, visto que o peixe assim vendido nos supermercados, **congelado em óptimas condições,** oferece as mesmas garantias — ou melhores — que a do chamado peixe fresco, no que respeita a contenção calórica, qualidade e estado de conservação.

No que concerne a calorias e a qualidade, não contestamos. Mas quanto ao estado de conservação, observaremos que nem sempre isso é verdade. Comecemos por apontar que a congelação industrializada parece não ter atingido entre nós aquele grau de perfeição naturalmente exigível para uma conservação que permita uma confiança absoluta. De tal modo isto é evidente, que basta um supermercado ou mercearia não vender o peixe recebido nos quinze dias imediatos, para que ele adquira uma cor amarelada e um sabor pouco saudável.

Por outro lado, disse-se ainda na tal mesa-redonda que o consumidor tem ainda a vantagem de, trazendo o peixe congelado do supermercado, o poder manter em casa o tempo que quiser, desde que o meta no frigorifico. Pois sabe-se como este ponto foge às realidades correntes. Os frigoríficos que a maior parte dos consumidores possuem, são aparelhos de pequena capacidade que, mesmo trabalhando ao màximo, não garantem uma temperatura capaz de salvaguardar a sobrecarga de comestíveis com que os enchemos. Há aqui, portanto, algo que não foi dito: que para se garantir um bom abastecimento em condições de salubridade perfeitas através do frio, é preciso que a indústria do mesmo haja atingido um nível que nos dê uma inteira confiança no produto congelado à venda. Então será fácil, acreditamos, convencer a dona de casa de que o comestível que compra nestas condições nada perde em comparação com os **frescos** da praça.

Claro que houve aqui um pormenor que... falhámos propositadamente, pois preferimos tocá-lo como nota final. E o dos próprios congeladores utilizados em muitos super, médio ou minimercados. Como não possuem, nem a capacidade, nem a potência necessária a uma perfeita conservação, ainda quando dentro dos limites de tempo considerados ideais, de determinadas espécies. E o peixe é, como se sabe, uma das mercadorias mais fàcilmente deterioráveis, o que sugere atenções e uns cuidados muito específicos.

Não basta — acreditamos nós — propor ao público métodos avançados de abastecimento e consumo. Há que ver, antes do mais, se realmente nos encontramos à altura de responder a esses métodos.

JOSUÉ DA SILVA

O nosso mundo

«NECESSIDADE»

O agricultor João Maria Lopes, da freguesia de Vilela Seca, concelho de Chaves, esteve na P.S.P. de Braga a queixar-se de que, pelas 3 horas da manhã do dia 14 do corrente, quando se dirigia da cidade de Hamburgo-Alemanha, numa camioneta daquele país para Portugal, ao chegar à fronteira da Bélgica, como tivesse necessidade de ir fazer uma necessidade, o referido veículo pôs-se em andamento, com a sua bagagem deixando-o naquela fronteira, desconhecendo o itinerário que tomou. Como a camioneta vinha também para Portugal, resolveu comunicar o facto às autoridades, a ver se a sua bagagem, composta de uma mala com roupas, passaporte, e outros artigos, aparece e lhe é entregue. («Correio do Minho»).

«ASSINALAR»

Benjamim Marques da Silva, do lugar de Vieiros, freguesia de Cabreiros, foi dizer à P.S.P., que anteontem, cerca de 20,30 horas, quando passava na Rua Comendador Santos da Cunha (Braga), montado numa motorizada, ao chegar próximo do Café Polo, caíu numa vala ali existente, que atravessa quase totalmente a faixa de roda. Segundo averiguou — diz o queixoso — a vala foi aberta pelo pessoal dos Serviços Municipalizados, que não colocaram ali qualquer sinal a assinalar o obstáculo. Da queda resultou ficar ferido no joelho e na perna esquerda, pelo que teve de ser socorrido no Hospital desta cidade. («Diário do Minho»).

NAZARÉ

Ora aconteceu que a Nazaré está vivendo um maravilhoso Inverno. Não há frio, não há temporais; mas também não há peixes! Os barcos estão parados. Os pescadores, esses poucos que ainda existem, dedicam-se à pesca à cana e a verem o mar embravecido passar. Alguns barcos da pesca ao anzol desiocaram-se para Peniche, onde têm pescado relativamente bem. Outros, esses os da pesca à sardinha, ficaram onde se encontravam na baía de S. Martinho! E, os pescadores da Nazaré, passados dias voltaram de novo à terra, mas deixando lá no porto de Peniche, barcos, pescas e apetrechos. De uma terra de pescadores ficou só a terra. E um dia a história isso nos dirá! («Diário do Ribatejo»).

Galerias ROLDÃO
AV.ª ALMIRANTE REIS, 13 - E
(ao Cinema Lis) — LISBOA
As mais reputadas marcas para fotografia, cinema, e projecção de diapositivos

O NAUFRÁGIO DO TAHINA

NINGUÉM MANDOU OS TRIPULANTES ATIRAREM-SE AO MAR

Afinal, o iate holandês «Tahina», naufragado na madrugada de segunda-feira entre S. Julião da Barra e Carcavelos, não tinha rádio a bordo. Se não tinha rádio, todas as afirmações que se fizeram acerca da sua comunicação constante com a Rádio Naval de Cascais e com aquela estranha ordem que os teria instigado a atirarem-se ao mar para atingirem terra firme, caiem pela base. É o próprio comandante Azevedo Coutinho da capitania do porto de Cascais, quem nos diz:

— **Não podia haver pedido de piloto, à entrada da barra, de bordo do «Tahina». Eles não tinham rádio transmissor. Desta forma, também e igualmente não podia ter sido transmitida para bordo do «Tahina» qualquer sugestão para se atirarem à água. Se isso aconteceu, foram eles que o decidiram. E mais não lhe posso dizer** — acrescenta o comandante Azevedo Coutinho a uma insistência nossa para recolha de mais pormenores — **visto que estamos sgora a proceder ao inquérito e a matéria das investigações é intocável, como deve compreender.**

Não compreendemos que a matéria de inquérito de um assunto que já antes foi pùblicamente apregoada seja intocável, mas aceitamos, que remédio. De qualquer forma, uma coisa fica esclarecida, segundo as palavras do comandante Azevedo Coutinho: o «Tahina» não possuía rádio transmissor receptor, e portanto não era possível enviar aos seus tripulantes aquela ordem de se atirarem à água. A opção teria sido tomada «in-extremis» pela tripulação holandesa.

Cerca das 4 e 30 da madrugada de uma noite tempestuosa. Local, Boca do Inferno, um pouco a noroeste de Cascais. Um grupo de jovens que se espanta com o espectáculo do mar embravecido, uma onda alterosa e gigantesca que salta sobre os rochedos como um tigre e arrasta consigo nada menos de seis vidas.

A menos de vinte e quatro horas de intervalo, entre S. Julião da Barra e Carcavelos, um iate encontra-se à deriva, batido pela violência da vagaria. A bordo, quatro homens e três mulheres de origem holandesa. Fazem sinais desesperados para terra, no intuito de serem socorridos, antes que a morte os visite. Mas ela já lá está: um dos tripulantes é arrastado por uma onda que varre, de sopetão, a coberta do pequeno mas resistente iate. Os restantes seis atiraram-se á água e nadam para terra. Salvam-se a custo, embora alguns tenham de ser hospitalizados, pois o mar deixara-lhes nos corpos o vestígio da sua crueldade.

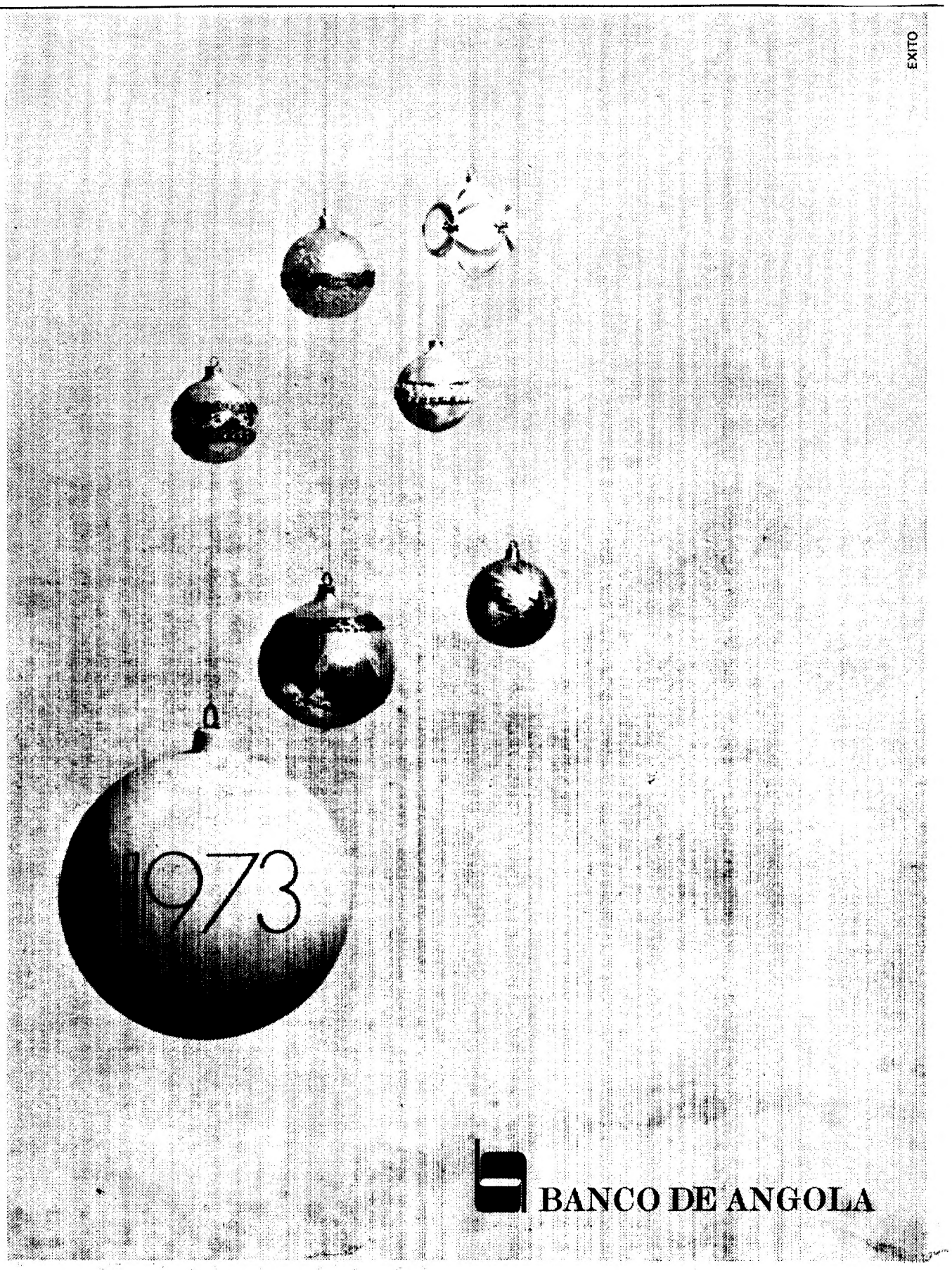
Portanto, num espaço de tempo relativamente curto — em menos de vinte e quatro horas, como dissemos — consumavam-se dois desastres. O primeiro, como que fora um daqueles acontecimentos que, sem hesitação, poderemos considerar de inevitáveis. O segundo...O melhor é irmos por partes.

Em termos de segurança, o inevitável sucede sempre á falta de prevenção. No caso da Boca do Inferno falou-se em imprudência dos sinistrados, em que a sua juventude fora a culpa do que aconteceu. Como se o ser-se jovem pudesse ser culpado do quer que seja, por mais que certos pedantismos gerontológicos nos venham dizer que sim. De resto, torna-se fácil relembrar à guisa de contraste: há nove anos, precisamente naquele mesmo local, seis pessoas, (cinco estrangeiros e um português) foram também tragados da mesma forma. E nem todos eram jovens. De resto, se a imprudência é irmos à esquina da rua ver se há gente que ri e sermos apanhados por um carro desarvorado, então todo o viver é imprudência.

Mas se não foi imprudência aquele desejo de ver o mar ao perto, tão ao perto que impossível se tornou escapar à sua ira convulsa, como o apelidamos? Para nós terá sido, antes do mais, falta de prevenção. E agora sim, que nos vêm dizer que estamos a especular. Nem tanto. Apenas trataremos de apontar uma falha e começaremos por aqui: está ou não considerada zona perigosa, o sítio da Boca do Inferno? De tal maneira, sim senhor, que ali foi colocado um guarda, uma cancela e vários avisos do Instituto de Socorros a Naúfragos, proibindo o acesso aos locais menos seguros. Isto para de dia. E durante a noite? A cancela lá está mas é muda. Os avisos, idem, mas não gritam. O entusiasmo das pessoas, ainda quando elas não são assim tão imprudentes, nem sempre as deixa raciocinar sobre a obra morta. Sabe-se como a Boca do Inferno é um local muito visitado à noite. Uma voz com autoridade, essa não há dúvida de que já é capaz de chamar à ordem os espíritos intimoratos. Mas esta voz não pára por ali durante a noite. O guarda, o único que presta serviço na Boca do Inferno, apenas está presente de dia. Com a noite deste modo deserta de conselhos, o que admira que um grupo de jovens pensasse que não havia mal nenhum em ir até **lá abaixo?** E, no entanto, teria bastado a presença de um guarda, para que o drama não se consumasse.

A nossa reportagem também ajudou um pouco na procura dos corpos do desastre da Boca do Inferno. Perto, e quase no local em que foi encontrado o terceiro cadáver pelo sr. António Mendes Godinho, que se vê à direita do repórter, descobrimos uma camisola interior que se supõe tenha pertencido a um dos sinsistrados.

«Neste sítio é que eu vi o terceiro cadáver, de manhã muito cedo, quando vinha às lapas» — diz-nos o sr. Mendes Godinho, mergulhador desde há muitos anos e pescador nas horas vagas.



FINANÇAS

O SECRETÁRIO DE ESTADO DO TESOURO EM CONFERÊNCIA DE IMPRENSA

CONTRA A ESPECULAÇÃO DESENFREADA E A FEBRE DAS COTAÇÕES NA BOLSA

A Lei de Meios autorizou o Governo a lançar novo tipo de tributação sobre as operações de títulos, de modo a disciplinar a «especulação desenfreada» que oficialmente se reconhece lavrar no mercado bolsista. A previsão das medidas fiscais encontra-se num aditamento à proposta do Governo, apresentado à votação pelo deputado Magalhães Mota e depois aprovado pela Assembleia Nacional.

O que foi e o que é o mercado de títulos? De que modo realizam as empresas o seu capital? Qual a origem e os efeitos da especulação? — são perguntas a que respondeu o secretário de Estado do Tesouro, dr. José Luís Sapateiro, quando, na conferência de Imprensa concedida na passada segunda-feira pelos responsáveis das pastas económicas, se pretendeu saber a utilização que o Governo vai dar ao instrumento de intervenção financeira que a Assembleia Nacional lhe ofereceu.

Da extensa intervenção do secretário de Estado, que falou de improviso, registamos as passagens mais representativas da perspectiva governamental sobre o conjunto do problema. O dr. J.L.Sapateiro mostrou-se reservado quanto à hipótese de intervenção fiscal sobre as **«anomalias»** do mercado, em que diagnosticou um **«perfeito desequilíbrio entre a oferta e a procura»**, fenómeno que só se pode corrigir através duma acção sobre as **«raízes»** e não por **«uma construção autoritária do preço dos títulos»**. A Bolsa é a **«galinha dos ovos de oiro»** dos especuladores, quando se pretendia que produzisse **«ovos nutritivos»** para a economia nacional.

À margem da análise do secretário de Estado, a explicação de alguns dos termos utilizados.

OS TEMPOS DO «MINI-MERCADO»

Disse o dr. José Luís Sapateiro:

Os empreendimentos podem financiar-se, ou através do capital próprio dos empresários, da poupança formada ao nível das próprias empresas, ou através de poupança que os empresários vão buscar directamente ao mercado através de venda de acções e obrigações que emitem, ou mediante empréstimos que contraem junto das instituições de crédito, empréstimos que por sua vez são baseados em recursos que as instituições de crédito, como intermediárias que são, recolhem junto dos agentes económicos que formam a poupança.

Se qualquer destes instrumentos falha ou se a importância dele no conjunto se hipertrofia, há grave risco de que a aplicação dos recursos não seja a mais racional. Durante mutos anos não tivemos pura e simplesmente mercado de títulos. Tínhamos um mercado de títulos embrionário, um mini-mercado de títulos, pràticamente sem movimento. As empresas viam-se impossibilitadas de recorrer ao mercado de títulos para captarem poupança e para financiarem os seus empreendimentos.

Quais são as consequências da inexistência do mercado de títulos? Antes de mais nada, uma hipertrofia do auto-financiamento. As empresas que não têm a certeza, ou pelo contrário têm a certeza, de que não podem ir buscar ao mercado a poupança de que carecem para financiar os seus investimentos, reforçam a retenção de lucros, aumentam o montante dos lucros que não distribuem, a fim de assim criarem a base financeira indispensável à sua expansão e ao lançamento de novos projectos.

Inquéritos feitos oportunamente, em especial pela Corporação da Indústria, demonstraram que o nosso auto-financiamento chegava a atingir 83 por cento e os especialistas entendiam que uma percentagem desta ordem de grandeza era, sob todos os pontos de vista, inconveniente, visto que o auto-financiamento tem este defeito de base, ao lado de muitas outras qualidades que não podem deixar de se lhe reconhecer: o auto-financiamento elimina a função selectiva que os outros instrumentos de financiamento de certo modo exercem. No caso do auto-financiamento a empresa como dispõe de recursos próprios, aplica-os e independentemente da prioridade efectiva dos seus projectos.

OS GANHOS ILEGÍTIMOS E OS «OVOS DO INVESTIMENTO»

O que é que sucede hoje? Sucede que ao longo dos últimos anos tem vindo a surgir uma procura acrescida no âmbito do mercado de títulos, e que hoje todos constatamos que o mercado de títulos existe, e existe numa forma tão flagrante que até nos cria preocupações, na medida em que, de todos os lados surgem clamores de que é preciso impedir a especulação que reina desenfreada.

Todos nós temos de rejubilar também pelo nascimento do mercado de títulos, na medida em que estamos à beira de iniciar a execução de um quarto plano de fomento, em que se pretende que se faça uma arrancada verdadeiramente decisiva no desenvolvimento do País. E mais, temos — como se lhe chamou — o desafio que resulta dos acordos celebrados com a Comunidade Económica Europeia e que exigem eles próprios que façamos um esforço de investimento, consequentemente um esforço financeiro a extremamente volumoso. Pois sem o mercado de títulos a funcionar devidamente, um e outro destes objectivos, os objectivos próprios do plano e os objectivos ligados à nossa actuação ou a adaptação das nossas estruturas às novas realidades que resultam dos acordos com a Comunidade Económica Europeia, não são factíveis.

Ora bem, por isso mesmo, já se chamou a este mercado de títulos a galinha dos ovos de oiro que era preciso preservar cuidadosamente; e não há dúvida de que se trata de uma verdadeira galinha dos ovos de ouro que é preciso preservar prudentemente, ainda que os ovos passem a ser, como também já foi dito, e acertadamente, não de ouro, mas ovos vulgares, suficientemente nutritivos. E é desses, afinal, que se alimenta o investimento.

De que é que se acusa o mercado de títulos? De especulação, de ganhos ilegítimos, e de falta de protecção da pequena poupança.

E preciso evitar que os grandes ganhos que se conseguem obter no mercado de títulos continuem à margem de qualquer intervenção disciplinadora do Estado.

ESCASSEZ DA OFERTA

A bolsa é entendida como o mercado de concorrência quase perfeita, porque as regras do jogo, a lei da oferta e da procura funciona ali plenamente.

Isso significa que todo e qualquer desequilíbrio entre a oferta e a procura se traduz numa flutuação, numa oscilação das cotações, isto é, do preço de venda desses títulos. Pois bem: a procura cresceu desmesuradamente, como já vimos nos últimos tempos, mas a oferta não cresceu da mesma forma.

Por variadíssimas r a z õ e s. Primeiro, porque temos realmente uma bolsa com um regulamento muito antigo, com um regulamento desactualizado. Pior que a sua antiguidade, todavia, é a falta de cumprimento desse regulamento, porque há nele muitas disposições que não necessitam de ser mudadas.

Com efeito, o número de acções cotadas na bolsa é ainda extremamente reduzido, pois eu creio que neste momento, em 1971, o montante nominal das acções inscritas no fim do ano era de 21 milhões de contos. 21 milhões e 453 mil contos. Em 1964 era de 8 milhões e 240 mil contos. Enquanto as transacções aumentaram de 10 vezes, o montante das acções inscritas no valor nominal das acções inscritas pràticamente dobrou ou pouco mais do que dobrou.

O capital das nossas empresas é um capital fechado. As empresas pertencem aos seus accionistas e foi durante muito tempo regra que as emissões de capital fossem reservadas a esses accionistas, com direito de preferência dràsticamente exercido. Pois bem, a falta de democratização do capital das empresas, faz com que o volume de títulos que se transaccionam na bolsa por cada empresa seja extremamente limitado.

Só as grandes empresas, pertencentes ou a grupos ou a entidades já suficientemente conhecidas do público é que fazem emissões; as restantes, as pouco grandes, as médias e as pequenas não têm, na realidade, acesso ao mercado. Ora bem, outra razão da estreiteza do mercado de títulos é a insuficiência da oferta. Qual é a resultante de tudo isto? Não podia ser senão uma, se a bolsa é um mercado de funcionamento perfeito: é uma escalada vertiginosa das cotações, a que temos vindo a assistir nos sectores em que as empresas ou os seus proprietários são mais conhecidos, e designadamente no sector dos serviços, no sector do crédito e no sector dos seguros.

Chegamos a s s i m a cotações extremamente elevadas, distanciadas do valor real dos títulos. Convem não esquecer que um título representa uma quota parte do património da empresa, com um valor real Pois esse valor real, difícil de determinar é certo, está hoje muito distanciado, na generalidade dos casos, das cotações que se estabelecem. Por virtude de quê? Do funcionamento do mercado em que a procura e a oferta estão perfeitamente desequilibradas.

MEDIDAS A TOMAR

Há um preço que se forma livremente no mercado e que comanda todas as operações posteriores. Só temos uma maneira de vencer esta dificuldade: ou eliminar as causas do fenómeno ou então dirigir o p r e ç o, construir autoritàriamente o preço. Como a segunda hipótese seria perfeitamente absurda, só fica a primeira. Em que consiste? Em **actualizar o regulamento da bolsa, velar pelo cumprimento das suas disposições; «forçar» as empresas a fezerem admitir, a cotarem as suas acções na bolsa; desenvolver uma política de abertura do capital das empresas e criar mecanismos que permitam às pouco grandes, às médias e às pequenas empreas o acesso ao mercado de títulos.**

Sendo estas as raízes do fenómeno é a este nível que o Ministério das Finanças tem vindo a trabalhar. Estamos a actuar em todos estes domínios. Estão a ser estudados todos estes aspectos. A Lei de Meios dá, aliás, notícia das medidas que neste domínio se tomem. Se não forem estas as medidas que se tomem, outras não são eficazes. A não ser a fixação através de um **bureau** oficial de preços para as acções, o que seria talvez único no mundo.

ALTAS COTAÇÕES

Uma vez que a cotação, que no fundo comanda o comportamento dos agentes económicos, está distorciada em relação ao valor real dos títulos, o mercado primário não pode funcionar bem. E evidentemente que, entre as duas pontas deste dilema está situado o Ministério das Finanças, especificamente a Secretaria do Estado do Tesouro, porque lhe compete autorizar ou não as emissões nos termos que os interessados propõem ou noutros. Claro que as empresas são naturalmente arrastadas um pouco pelas cotações oficiais e portanto haverá uma tendência, instintiva quase, para situar os preços de emissão acima do valor real dos títulos. Os tomadores desejarão, para aumentar o seu próprio lucro, que o preço se cole tanto quanto possível ao valor real a fim de que a diferença entre este, entre o preço de emissão, e a cotação seja maior, e os seus lucros maiores.

Ora bem, esta é a situação efectiva, de que se não pode sair fàcilmente, enquanto as cotações estiverem e se encontrarem no nível em que se encontram, perfeitamente falso.

O que é que nós podemos fazer nestas condições para dominar o fenómeno, e este fenómeno diz-se especulação? Pois muito pouco: a sugestão que vem feita é a de que se crie um imposto sobre os ganhos que as empresas façam nessas emissões: isto é, sobre

Continua na pág. 7

Dr. José Luís Sapateiro, aos quatro meses de Governo: «o mercado de títulos é uma galinha de ovos de oiro que devia dar ovos verdadeiros.»

GLOSSÁRIO

... MAS O QUE É A BOLSA?

Eis a explicação de alguns dos termos usados na exposição do dr. J. L. Sapateiro de que transcrevemos os passos mais importantes. Os parágrafos referenciados com R foram extraídos do «Dicionário de Economia» de Jean Romeuf, editado por Livros Horizonte. Com a letra S indicamos citações do «Dicionário Comercial» de Fontana da Silveira, da editorial Domingos Barreira.

AUTOFINANCIAMENTO

É o investimento numa firma de capitais retirados dos lucros realizados na mesma. (M. Grande, «L'Autofinancement des Entreprises», Th, Droit, Paris, 1943, P. 9). (R)

ACÇÃO

Título de crédito emitido por uma empresa comercial ou industrial, quer se trate de uma sociedade anónima, quer de uma sociedade em comandita por acções. O seu fim é assegurar a essas empresas o capital necessário para a efectivação dos seus negócios. Desta forma, cada um dos títulos representa uma fracção do fundo social, e a reunião de todos forma o capital da sociedade. No fim de cada exercício a sociedade apura o lucro nele obtido, distribuindo-o pelos accionistas, de conformidade com o capital subscrito por cada um, ou seja pelo número de acções tomadas. Esses accionistas são, portanto, associados da empresa, e, como tal, participam dos lucros auferidos por ela. O capital com que subscreveram tem a garantia do activo social (S).

OBRIGAÇÃO

Título representativo do capital emprestado à entidade que o emitiu, pelos tomadores desse papel de crédito, o qual é resgatado no prazo nele fixado, vencendo um juro também fixado. Podem emitir obrigações nominativas ou ao portador, até à importância do capital já realizado e existente nos termos do último balanço aprovado, sendo consideradas obrigações quaisquer escritos de obrigação geral, seja qual for a sua denominação. Contudo, a emissão de obrigações, embora prevenida no título constituitivo, só se poderá realizar com voto afirmativo da assembleia geral. O tipo de obrigações tem de ser idêntico em cada emissão, podendo, porém deferir de uma para outra quanto a juro e prazo de amortização. (S).

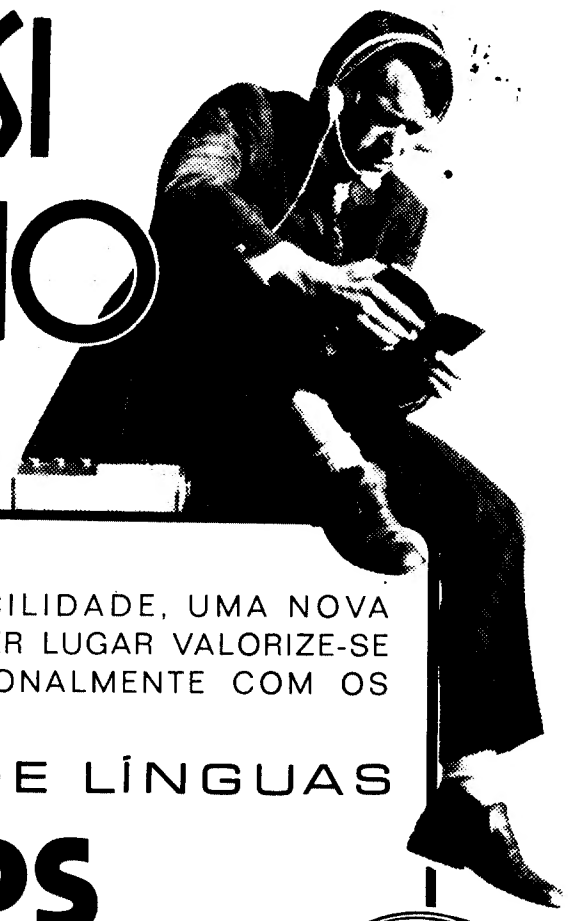
BOLSA

Designa tanto o local onde se reúnem os capitalistas, os intermediários e os comerciantes para tratarem dos seus negócios como as pessoas que se reúnem (diz-se: «a bolsa está inquieta»), como ainda o conjunto de operações que constituem o objecto dessas reuniões (ouve-se dizer: «o marasmo da bolsa»).

Pirou deu uma definição geral: «num local onde

Continua na pág. 7

VENÇA NA VIDA POR SI PRÓPRIO



APRENDA, COM FACILIDADE, UMA NOVA LÍNGUA. EM QUALQUER LUGAR VALORIZE-SE SOCIAL E PROFISSIONALMENTE COM OS

CURSOS DE LÍNGUAS

PHILIPS

PELO MÉTODO

AUDIO-ACTIVO-COMPARATIVO

- Os únicos em que o aluno é obrigado a falar e ao mesmo tempo a corrigir-se.
- Sete línguas à sua escolha: Português, Inglês, Francês, Alemão, Italiano, Espanhol e Russo.
- O gravador LCH 1015, utilizado com os cursos, também serve para gravar e reproduzir quaisquer cassettes.

PHILIPS PORTUGUESA, S.A.R.L.

LISBOA — AV. ENG. DUARTE PACHECO, 6
PORTO — RUA FERNANDES TOMÁS, 760-764

Se deseja mais informações ou assistir a uma demonstração na zona de Lisboa, preencha e envie este cupão ao Departamento Educacional da Philips Portuguesa, S.A.R.L. Apartado 1331 - Lisboa.

Nome ----------

Morada ----------

Telef. ----------

DL

PH-72-FDUC 2

A SEMANA

OS NÚMEROS DA FORTUNA

Rodou mais uma vez a tômbola da fortuna. Foi a grande «taluda» do Natal, certamente, a lotaria que mais interesse e esperanças despertou durante este ano. A miragem dos 75.000 contos transformou-se, após o sorteio, num simples mas fabuloso número feito de bolas apregoadas por irrepreensíveis funcionários: 27.863, primeiro prémio! Os seguintes mais premiados, os segundo e terceiro prémios foram os seguintes respectivamente: 18.578 e 24.100.

MENOR ADIAMENTO

Através de uma portaria do ministrc da Defesa Nacional foram restringidas as condições de adiamento de incorporação de estudantes como milicianos o que, segundo o texto legal, se deve ao facto de «terem diminuído nos últimos anos os contigentes» dos mesmos. Assim, não será concedido adiamento da prova de classificacão-incorporação nas Forças Armadas, para o ano de 1974 e seguintes, a quem não tenha tido aproveitamento escolar nos dois anos lectivos anteriores. O diploma esclarece que se entende por falta de aproveitamento o não terem os alunos transitado de ano no curso respectivo.

SITUAÇÃO DELICADA

Um empréstimo de 500 000 contos foi uma das medidas aprovadas pela edilidade de Lisboa na reunião mensal do Município efectuada na quinta-feira. Destina-se a quantia a possibilitar ao organismo os meios financeiros que lhe permitam fazer face às necessidades mais prementes da cidade. O empréstimo será contraído junto da Caixa Geral de Depósitos, constituíndo parte substancial da totalidade das receitas extraordinárias previstas (1 121 523 contos).

O actual presidente da Câmara, expondo aos vereadores a situação financeira do município, pretendeu, segundo disse, acabar «com o mito dos lautos proventos que a Câmara Municipal de Lisboa aufere e que tanto e tanto contribuíu para a situação em que se debate no momento, delicada sem dúvida, mas de forma alguma susceptível de se revestir de gravidade maior» desde que encaradas de frente e adoptadas as soluções aconselháveis.

OS TÁXIS QUE FALTAM

E provável que venha a aumentar o número de táxis de Lisboa assim como o preço da «bandeirada», pois que estes foram assuntos tratados pelo Conselho Superior de Obras Públicos e transportes Terrestres, numa reunião, que decorreu sob a presidência do inspector-superior, eng. Lobato Guimarães. O conselho enviará ao ministro das Obras Públicas e Comunicações um parecer sobre o assunto. Este já fora objecto da atenção da Câmara Municipal de Lisboa que se pronunciou no sentido da possibilidade de um aumento das tarifas actualmente praticadas desde que se verificasse um aumento de mais 500 táxis.

O LEITE

Desde 1970 que a produção de leite tem vindo a descer. Naquele ano a Ucal recebia das cooperativas suas associadas um total de 73.713.784 litros de leite 64.652.140 em 1971. Neste mesmo ano, durante os primeiros cinco meses, aquela recebeu 35.168.439 litros. Este ano a quantidade é ainda mais baixa, nesse mesmo espaço de tempo: 27.759.827 litros. Esta diminuição deve-se, sobretudo, ao aumento do preço de custo da produção que faz com que não sejam remuneradores os preços actualmente pagos às explorações pecuárias de leite.

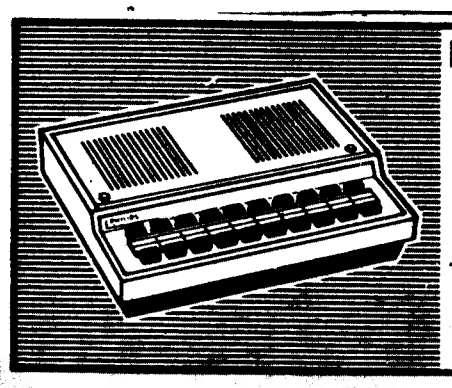
CORTIÇA

Estima-se que a colheita deste ano tenha sido superior à dos passados: 115 mil toneladas, em 1970, e 135 mil, em 1971. A cortiça exportada, correspondente a essas colheitas, rendeu 1 681 000 e 1 755 000 contos, respectivamente.

O NATAL NA BAIXA

O comércio lisboeta fecha as suas portas nas vésperas do Natal e Ano Novo pelo que as compras para estas datas devem ser feitas até dia 23 e 30, respectivamente.

A decisão pertenceu ao município de Lisboa que estabeleceu o seguinte horário para os estabelecimentos comerciais de venda ao público: de 15 a 22 as casas comerciais puderam estar abertas no período que vai das 13 às 15 horas e encerrar às 20; nos dias 23 e 30 estiveram, e estarão abertas durante o mesmo período, encerrando às 21; o dia 31 é destinado, como normalmente, ao descanso semanal, também obrigatório para os supermercados. Por outro lado, a Baixa está, até dia 31, encerrada ao trânsito automóvel.



INTERCOMUNICADORES

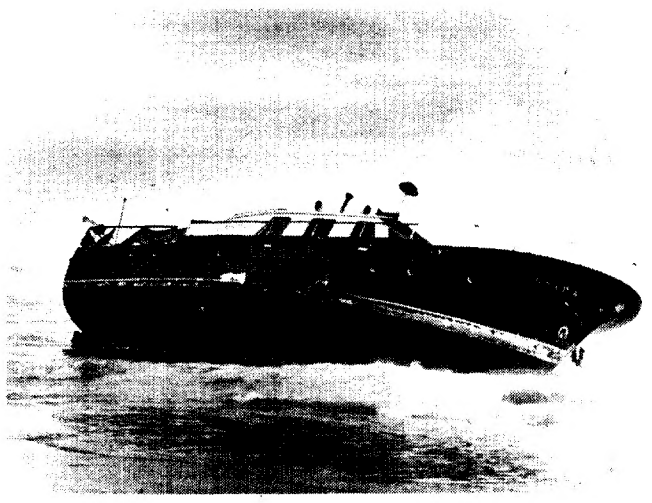
PHILIPS

- Sistemas simplex, duplex e intermix.
- Sistemas de procura de pessoas por rádio.
- Sistemas de chamadas por amplificação sonora.

PHILIPS PORTUGUESA, S.A.R.L.

Av. Eng. Duarte Pacheco, 6 · Tel. 683121 · Lisboa 1
Rua Fernandes Tomás, 760 · Tel. 28161 · Porto

A MORTE E O MAR



A fúria do mar tem-se feito sentir de um modo particularmente dramático: depois da morte dos seis jovens na Boca do Inferno, um dos tripulantes do iate «Tahina» é dado como desaparecido durante a luta que ele e os seus companheiros travaram para se salvar, a nado, depois de infrutíferos pedidos de socorro. O barco holandês, com sete pessoas a bordo, viu-se na madrugada da segunda-feira incontrolàvelmente arrastado pelas ondas ao largo da praia de Carcavelos, onde, mais tarde, iria — já vazio — encalhar. A única solução que tiveram os tripulantes foi a de se atirarem à água nadando com dificuldade até à praia. Aí os esperavam os Bombeiros de Algés que, finalmente, levaram os náufragos ao hospital de S. José, seguindo depois para a Cruz Vermelha.

POPULAÇÕES E DESENVOLVIMENTO

Marcando o início da semana agora finda, realizou-se a sessão de abertura do Seminário sobre a Participação das Populações no seu Desenvolvimento que decorreu em Viana do Castelo e terminou na quinta - feira.

— **... o desenvolvimento económico deve buscar a participação progressiva de todos num bem-estar mais justamente distribuído. Para isso, numa visão profunda e equilibrada, um dos objctivos fundamentais do desenvolvimento será elevar o nível cultural das massas, acima da ignorância alienante, para as fazer participar progressivamente nos bens superiores humanos. Participando melhor no saber, os homens serão cooperadores activos indispensáveis das tarefas da comunidade e do lugar que lhes compete na sociedade global, e no seu desenvolvimento — afirmou na sessão de abertura o** dr. Craveiro da Silva. O seminário, que se destina a analisar as experiências de desenvolvimento comunitário realizadas na Galiza e em Portugal, poderá facilitar a coordenação de actividades de promoção sócio - cultural em curso na região - plano Norte.

Novas escolas

Três novas universidades e um instituto universitário tiveram a sua criação anunciada na recente comunicação, pela T.V. do ministro da Educação Nacional, prof. Veiga Simão. Localizam-se os novos estabelecimentos no Norte — a Universidade do Minho, na zona Braga-Guimarães — no centro — talvez na região de Aveiro — e na zona da Grande Lisboa (na margem esquerda do Tejo). Em Evora será criado um Instituto Universitário. Além destas medidas, serão criados Institutos Politécnicos em Tomar, Covilhã, Faro, Leiria, Vila Real e Setúbal. Nas cidades de Castelo Branco, Viseu, Funchal, Guarda, Bragança, Ponta Delgada, Portalegre e Beja são criadas Escolas Normais Superiores. Outra, com a função de escola-piloto, funcionará em Lisboa, junto dos Serviços Centrais do Ministério da Educação Nacional.

CONTRA A ESPECULAÇÃO

Continuação da pág. 5

a diferença, segundo suponho, entre o valor real dos títulos e o preço da emissão e sobre os ganhos que o tomador faça na operação, isto é, pela diferença entre o preço da emissão e a cotação porque transacciona os seus títulos.

O IMPOSTO E A «ESCALADA»

Acaba de nascer um mercado de títulos. As actividades económicas e o Governo têm neste momento à sua disposição um instrumento fundamental para umas e outro conseguirem os seus objectivos de investimento. Medidas precipitadas, medidas improvisadas, medidas sem ponderação que se adoptem neste domínio, como é muito difícil distingir o especulador profissional dos outros ou até do não especulador, pois podem desincentivar esta procura que neste momento é viva e intensa e liquidar o mercado que está a nascer.

As várias soluções que têm sido aventadas, pois todas elas estão a ser convenientemente ponderadas pelo Ministério e já estavam a ser antes, visto que uma das preocupações do Ministério naturalmente é o de procurar introduzir o máximo de disciplina e de regularidade no funcionamento deste mercado, tanto ao nível do emitente como ao nível do tomador.

Estamos a actuar portanto ao nível das próprias causas, porque temos muito mais confiança numa actuação ao nível das causas eliminando as razões determinantes das altas cotações do que pròpriamente ao nível dos efeitos. Porque, no fundo, a criação de um imposto sobre os ganhos das empresas emitentes ou sobre os ganhos dos tomadores, traduz-se em acrescentar mais uma entidade a ganhar em todo o circuito. Entre um emitente que ganha demais e um tomador que ganha demais surgirá a aproveitar um pouco desses lucros ilegitimos.

O que nos interessaria realmente era que tudo se passasse dentro das margens de ganho que são normais. Para isso é preciso que o mercado funcione regularmente.

MAS O QUE É A BOLSA?

Continuação da pág. 5

profissionais se reúnem periòdicamente (em geral diàriamente) para venderem e comprarem certos valores ou mercadorias». (La valeur et les prix, P. 467).

As bolsas podem ser classificadas de diversas maneiras. Considerando apenas o objecto das transações, classificam-se em bolsas de valores, cujas operações se referem a valores mobiliários — rendas, obrigações, acções —
e em bolsas de mercadorias, cujas operações se realizam sobretudo sobre produtos agrícolas e matérias-primas. Do ponto de vista do seu raio de acção, as bolsas classificam-se em centrais e locais, limitando-se nestas as transacções aos valores locais. Enfim, do ponto de vista da sua constituição jurídica e da sua regulamentação, umas são organismos privados, outras criadas pelo Estado; aliás, o Estado sempre nelas exerceu um certo contrôle de ordem moral ou económica.

A função económica das bolsas tem sido diversamente apreciada. Uns estigmatizaram o aspecto de jogo que as operações a prazo escondem, e que são as mais vivamente atacadas. Outros têm, em contrapartida, insistido na utilidade de tais operações, que corrigem as irregularidades das operações a contado e que, «Por permitirem a intervenção de elementos que regularizam o mercado, contribuem em muito para uma maior sinceridade dos preços». (Pose).

É, aliás, o papel de regulador de preços que tem sido posto em evidência por muitos autores que sustentam que, tanto pelo objecto das transacções que se fazem nas bolsas como pela regulamentação à qual se sujeitam as operações, os postulados derivados do jogo da oferta e da procura são mais respeitados na bolsa do que em qualquer outro lado (R).

COTAÇÃO

É o preço de venda obrigatório, normal ou médio, segundo o caso, de um título, produto, artigo ou género.

Os preços oficiais, ou mesmo só indicativos, são publicados num boletim de cotação (bolsa, por exemplo), ou num mercurial (nos mercados especialmente).

Quando se trata de um produto ou de um género para o qual só se pode dar uma média, a cotação é simplesmente indicativa e corresponde em geral a uma norma admitida pela profissão (caso dos automóveis e dos géneros alimentícios).

Se as variações se dão muito ràpidamente, como na Bolsa de Valores, a cotação indica, não a cotação média, mas a mais baixa e a mais alta praticada no período considerado, neste caso um dia.

ESPECULAÇÃO

Operação que consiste em aproveitar flutuações naturais da oferta e da procura e em prever essas mesmas flutuações de maneira a tirar benefício delas. No seu vocabulário. A. Neymarck definiu assim a especulação: **«Operação comercial realizada com vista a uma mudança prevista no preço corrente da mercadoria que dela é objecto. Distingue-se das operações vulgares, por estas serem realizadas com vista aos preços existentes e para satisfação das necessidades actuais ou habituais».**

Precisamente porque a especulação visa o lucro a tirar de flutuações, é grande a tentação de provocar essas flutuações. Se se pode por esse facto distinguir uma especulação normal, correspondente à primeira definição, e uma especulação ilícita, que a lei reprime quando se manifesta como uma manobra destinada a falsear o jogo da oferta e da procura, no vocabulário corrente as palavras especulação, especulador e especulativo têm uma ressonância pejorativa incontestável.

Do ponto de vista puramente económico, existe controvérsia sobre o papel da especulação. Uns relevam as suas vantagens; outros, os seus inconvenientes. Para os primeiros, as vantagens resultam de a especulação ser «um meio de garantir no tempo e no espaço o equilíbrio económico ou de atenuar os saltos bruscos de cotação resultantes das discordâncias entre a oferta e a procura» (Pirou).

Em todos os países os Poderes Públicos são levados a intervir para limitar e regulamentar o jogo da especulação. (R).

Para mais esclarecimentos sobre o assunto, podem consultar-se os artigos de João Flávia no Suplemento de Economia do «DL» de 21 de Novembro e 12 de Dezembro. O nosso jornal publicou uma reportagem sobre a vida da Bolsa de Lisboa na edição de 16 de Agosto.

A C. P. INFORMA:

SERVIÇO ESPECIAL «NATAL E ANO NOVO» (COMBOIO SOTAVENTO)

Com o fim de proporcionar maior comodidade aos passageiros do «ALGARVE» efectuar-se-ão, além das circulações do comboio «SOTAVENTO» previstas no horário, mais as seguintes:

— de Vila Real de Santo António-Guadiana a Barreiro (Lisboa):

Nos dias 26 de Dezembro a 2 de Janeiro.

A C. P. INFORMA:

COMBOIOS ESPECIAIS PARA MILITARES (NATAL E ANO NOVO)

Por motivo das férias do «Natal e Ano Novo», serão feitas, nos combolos especiais para militares, as seguintes alterações:

— NO SENTIDO LISBOA--PORTO:

O comboio que se efectua aos domingos com partida às 23-45 horas não circulará nos dias 24 o 31 do corrente, mas sim no dia 2 de Janeiro (terça-feira).

— NO SENTIDO PORTO--LISBOA:

O comboio que se efectua aos domingos com partida de Porto (Campanhã) às 23-40 horas não circulará nos dias 24 e 31 do corrente, mas sim no dia 2 de Janeiro (terça-feira).

O comboio que se efectua às segundas-feiras com partida de Porto (Campanhã) às 0-45 horas não circulará nos dias 25 do corrente e 1 de Janeiro, mas sim nos dias 28 do corrente (quinta-feira) e 3 de Janeiro (quarta-feira).

O comboio que se efectua aos domingos com partida de Gaia às 23-38 horas não circulará nos dias 24 e 31 do corrente, mas sim no dia 2 de Janeiro (terça-feira).

— NO SENTIDO ENTRONCAMENTO-TOMAR:

O comboio que se efectua às segundas-feiras com partida às 4-30 horas não circulará nos dias 25 do corrente e 1 de Janeiro, mas sim nos dias 28 do corrente (quinta-feira) e 3 de Janeiro (quarta-feira).

— NO SENTIDO ENTRONCAMENTO-ABRANTES:

O comboio que se efectua às segundas-feiras com partida às 4-41 horas não circulará nos dias 25 do corrente e 1 de Janeiro, mas sim nos dias 28 do corrente (quinta-feira) e 3 de Janeiro (quarta-feira).

CIÊNCIA

CHINA
OREGRESSO ÀS ORIGENS

DO ENXERTO DOS MEMBROS À ACUPUNCTURA

Os médicos chineses tentam associar à tradição as novidades vindas do Ocidente. O Dr. Amalric, oftalmologista francês de reputação, expõe as conclusões da sua recente viagem de estudo à China.

A medicina chinesa progrediu de maneira notável ao nível da prevenção e da protecção sanitária popular. Porém, o que, principalmente nestes últimos tempos, suscitou o interesse e, às vezes, o cepticismo de numerosos médicos ocidentais, diz respeito essencialmente à sutura dos membros seccionados e à anestesia por acupunctura.

O problema da sutura dos membros foi evocado pràticamente em todas as cidades em que estive. Pude examinar vários doentes, e interrogar outros, ver numerosos processos clínicos, fazer séries de fotografias e estabelecer, através de discussões com os colegas chineses, um princípio de estatística dos casos operados na China.

A primeira intervenção teve lugar em Xangai em 1963, mas, depois, cento e quarenta e nove doentes foram operados em Cantão e Xangai, e opera-se igualmente em Pequim e em Tien - Tsin. A idade dos pacientes varia entre os seis e os sessenta anos.

Após o tratamento, em Xangai, de feridos operados nas horas seguintes ao acidente, a experimentação animal mostrou que a conservação a baixa temperatura de um membro seccionado, podia permitir também a sua reimplantação em prazos bastante longos. Vi, num filme, um cão cuja coxa havia sido seccionada cento e seis horas antes da reimplantação e que, perfeitamente curado, corria atrás de uma bola.

Cita-se o exemplo de uma pequena vietnamita cuja uma das mãos tinha sido seccionada várias horas antes. A reimplantação, perfeitamente bem sucedida, permitia-lhe escrever.

LONGAS SÉRIES OPERATÓRIAS

O problema da sutura dos dedos foi resolvido mais tarde, após uma experimentação animal, realizada ao microscópio, sobre os vasos sanguíneos da orelha do coelho.

Examinei um doente cuja mão havia sido inteiramente seccionada vários anos antes. Não se queixava de nenhuma perturbação trófica e apertou-me a mão sem dificuldade. O que mais me impressionou, foi o material cirúrgico que pedi para ver e que me pareceu menos aperfeiçoado do que aquele que nós utilizamos em microcirúrgia: o microscópio operatório de concepção chinesa era inferior em qualidade aos que podemos obter no nosso país e o material para as suturas vasculares e nervosas não pode rivalizar com certos equipamentos ocidentais. Tendo oferecido a um cirurgião de Xangai um instrumento francês de concepção equivalente para esta técnica, respondeu-me que ele poderia servir-lhe de modelo para um novo instrumento que iria mandar fabricar pelos seus técnicos. Creio que se tivesse ido apenas a uma cidade e se tivesse trocado impressões apenas com uma equipa de cirurgia, poderia pensar que esta cirurgia estava ainda na sua fase experimental; porém, a comparação das estatísticas entre Pequim, Xangel e Cantão, embora faça aparecer diferentes valores entre os êxitos e os malogros, mostra que este caminho está a ser seguido na China com determinação e por todos.

E certo que as séries operatórias são muito longas e as hospitalizações são, frequentemente, de vários meses; as reintervenções são às vezes necessárias alguns meses mais tarde para enxerto ligamentar; às vezes, é também indispensável, em alguns casos, fazer enxertos cutâneos devido a necrose, mas sente-se que este problema é, para a China Popular, um objectivo de trabalho que impele toda a gente a querer obter um resultado espectacular. Daí a publicidade dada aos resultados e a difusão nos países de língua inglesa que desde logo foi posta a funcionar pela imprensa e pelo cinema.

O que me parece importante ao nível técnico, é, sem dúvida, a extrema habilidade dos cirurgiões chineses, cujo valor eu próprio pude julgar em muitas outras operações, às vezes muito delicadas. É, por certo, uma das qualidades próprias deste povo. Mas é também no domínio da vontade que se situa este esforço, pois, as equipas médicas estão prontas para longas horas de um trabalho minucioso.

Não queríamos insistir muito sobre este problema da acupunctura, pois ele é objecto, desde há muito, de múltiplas publicações em todos os domínios.

A analgesia por este método é utilizada em numerosos casos em toda a China, mesmo nas zonas mais remotas. Calcula-se actualmente em seiscentas mil o número de intervenções em que o processo foi utilizado. Seguimos, bem entendido, e fotografámos até, várias intervenções de tipo diferente, no caso de sujeitos insensibilizados por este processo. O seu desenvolvimento corresponde, sem dúvida, a um desejo de praticar, no caso do maior número possível de doentes, uma técnica fácil, usual e económica; no entanto, deve-se reconhecer que nem todos os doentes são receptivos a este método: no caso de alguns deles, a anestesia por acupunctura é ineficaz; para outros ela é insuficiente e é necessário adicionar-lhe uma anestesia local clássica. Finalmente, no caso daqueles em que é utilizada para intervenções importantes, faz-se antecipadamente (em geral na véspera) um ensaio anestésico mediante a colocação de várias agulhas.

Não se trata, de momento, de doutrina oficial, de livro que corresponda a elementos de certeza; certos anestesistas, chegados a um perfeito conhecimento da sua técnica, não colocam senão algumas agulhas, às vezes apenas uma. Vi realizar uma lobectomia de três horas e meia com uma única agulha, à face posterior do antebraço direito. O doente estava de tal maneira consciente que me recomendou, para o fotografar, que levantasse a rede diante da minha objectiva... É, de resto uma impressão curiosa que dá o aspecto desses doentes durante as sessões operatórias: sorridente, descontraído e de pé, o operado entra na sala de operações, apertando as mãos e prestando-se aos interrogatórios e às fotografias. Depois, após um período de vinte minutos, produz-se progressivamente o entorpecimento anunciador do período analgésico.

Em cirurgia geral, vi numeroso doentes muito diferentes entre si, adormecidos desta maneira (tiroidectomia, apendicetomia, extracção dentária, mas também no domínio da oftalmosos doentes muito diferentes entre si, adormecidos desta maneira (tiroidectomia, apendicetomia, extracção dentária, mas também no domínio da oftalmologia, intervenção por estrabismo, descolamento da retina, corpos estranhos intra-oculares e, às vezes, catarata). Quando tudo está terminado, o doente volta para o seu quarto, saudando as pessoas ainda presentes à sua volta, e durante a maior parte do tempo sem o auxílio da maca. Aquilo que, sobretudo, mais me surpreendeu, é esse ar de confiança absoluta na acupunctura que os pacientes manifestam, e dei por mim a pensar ue a educação das massas ' como é sugerida de múltiplas maneiras pela imprensa ou pela imagem, devia ser um facto importante do êxito. Isso não quer dizer que hoje se procure difundir, para além da China, uma técnica que é ainda muito discutida. Muitos médicos, mesmo muito altamente colocados na hierarquia chinesa, não acreditam na sua eficácia e reconhecem-no.

UMA QUALIDADE HUMANA

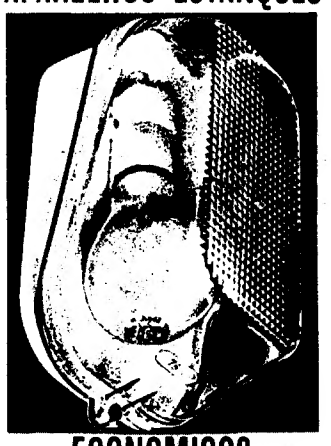
No domínio da «terapêutica», não pude avaliar das aplicações da acupunctura a não ser nas doenças oculares. Todo o hospital tem um especialista em medicina tradicional que, em numerosos casos, em associação com a medicina clássica, empreende sessões de acupunctura. Isto é igualmente válido para as doenças da córnea como da retina ou do nervo óptico. As plantas medicinais chinesas estão aí frequentemente associadas em aplicação local ou geral. Tudo isto cria um verdadeiro «mundo terapêutico», muito diferente do nosso, em que é difícil reconhecer em fórmulas tão misteriosas o elemento mais eficaz. Uma tal planta, indicada pelo bom senso popular, pode ser estudada de maneira empírica pelos médicos do centro hospitalar ou da comuna popular. No entanto, iss não me parece, até ao presente, formal, e, na maior parte dos casos, as terapêuticas clássicas que nós aplicamos são utilizadas nos casos graves sem hesitação.

Não é possível conhecer uma literatura pròpriamente médica relativa a todo este conjunto, plantas e acupunctura, pois toda a gente reconhece que a acupunctura, se é interessante, é ainda um método cujos resultados reclamam novas experiências.

Tal como está hoje em dia, a medicina chinesa pode gabar-se de ter já obtido resultados dignos de interesse. Deve-o sem dúvida aos seus técnicos, mas deve-o, também, à qualidade dos seus médicos.

O regresso à terra do corpo médico chinês perturbou, por certo as estruturas da pesquisa fundamental e as relações entre a clínica e a Universidade. Este período de transição ainda não terminou. A acção de «médicos de pé descalço», de que pudemos apreciar **in loco** o entusiasmo e o bom senso natural, permitiu já grandes êxitos. Esta qualidade humana dos médicos chineses, que transparece na sua conversação e no seu desejo de melhorar cada vez mais é, creio-o bem, o melhor penhor dos êxitos obtidos hoje e das realizações de amanhã.

A era dos laboratórios clínicos não está, talvez ainda aberta, mas pode-se estar presuadido de que os médicos chineses têm os mesmos anseios que nós de eficácia e de verdade. Também eles sabem, por experiência, qual o poder e a fragilidade da nossa condição.

ILUMINAÇÃO INCANDESCENTE
APARELHOS ESTANQUES

ECONOMICOS
ROBUSTOS
JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

FOTOGRAFIA
ESTÚDIOS NOVA GOA
e SALÃO BRASÍLIA
Cabeleireiro de Senhoras
RUA S. JOÃO DA MATA, 71 e 71A

Sempre as últimas novidades na arte de pentear. Agora com novas e modelares instalações e com nova filial na Alam. das Linhas de Torres, 37-B-C Telefones 66 73 62, 79 14 17, 67 49 64 e 79 26 70

Cumprimentam e desejam BOAS-FESTAS e um feliz ANO NOVO aos seus e suas Ex.mas Clientes, Fornecedores, Amigos e Colaboradores.

+FÁCIL
+AUTOMÁTICA
+ECONÓMICA
maquina de lavar roupa Candy
a única com economizador

7 DIAS

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

Conferência de imprensa com prisioneiros americanos em Hanói.

A. VILLAVERDE CABRAL

PIOR QUE HIROSHIMA

De novo se abateu sobre o Vietname do Norte a infernal máquina de guerra dos Estados Unidos da América. Dizem que são os ataques mais violentos desde sempre, não apenas naquela guerra, mas em todas as guerras que os homens têm sofrido. O poder explosivo dos mortíferos engenhos que caem sobre aquele país ultrapassa diàriamente o da bomba que rebentou em Hiroshima. São atingidos pagodes e embaixadas, além, evidentemente, dos «objectivos militares» que estão nas intenções do Pentágono. Por outro lado, os aviões americanos caem com uma cadência cada vez maior. Os prisioneiros — a quem se deu a falsa esperança de uma consoada em família — são cada vez mais. Kissinger sorri e Paulo VI chora. O mundo, pelo menos, interroga-se: Para quê isto tudo? Para quê tantos mortos, tanta violência? Para quê, de facto? Nada, há bem pouco tempo, indicava que se preparavam os mais violentos bombardeamentos de toda a história. Quem se lembre dos terríveis ataques aéreos da segunda guerra mundial — sobretudo contra as cidades alemãs que ficaram literalmente arrasadas — pode bem fazer uma ideia do que estão a sofrer Hanói e Haiphong. É pior do que Hamburgo. Já me vieram dizer que tudo isto se devia às dificuldades por que pesa a Boeing, a fábrica que constrói os gigantescos B-52. A empresa teria assim a hipótese de se refazer, refazendo a frota tão danificada nos céus norte-vietnamitas. Mas a verdade é que os EUA não tencionam fazer mais B-52 que são já aparelhos velhos, obsoletos. Tudo isto é muito estranho, inexplicável. Ou, pelo menos parece. Não convém também responsabilizar o eventual sadismo dos dirigentes pelo que acontece. Responsabilizar apenas o presidente Nixon pelo que está a acontecer é um grave erro. As pessoas representam coisas, interesses. Na verdade, mesmo que eventualmente haja alguma exorbitância da parte dos dirigentes, eles apenas interpretam os desejos de quem verdadeiramente contribuiu para que eles o fossem. Além disso, a estratégia adoptada pelo actual presidente americano tem sido sempre, desde o início do seu primeiro mandato, a de retirar completamente da Indochina sem que isso implique uma declaração de derrota, mesmo implícita. Nixon tem vindo a tentar disfarçar, ao longo destes já longos quatro anos, a falência da polica indochinesa dos seus antecessores. Nessa ordem de ideias, pode fácilmente compreender-se que Nixom ordene os actuais bombardeamentos com o objectivo de uma vez feita a paz, a queda dos seus protegidos de Saigão não se verificar com uma rapidez escandalosa. Sem querer parecer pitonisa, diria que a violência dos bombardeamentos se deve á urgência com que eles terão de acabar. A data término desses bombardeamentos, deitando a adivinhar com alguma segurança, está já marcada. Os violentíssimos ataques contra as cidades norte-vietnamitas terminarão assim que, nos primeiros dias de Janeiro, se reunir o Congresso dos Estados Unidos. Não tarda que se volte a falar de paz, que Nixon volte a aparecer como o homem providencial que bombardeia, sim, mas também faz a paz. Entretanto, terão morrido centenas e centenas de pessoas. Os termos em que um cessar-fogo será negociado diferirão talvez daqueles a que se chegou em Outubro nalgum pequeno pormenor formal. Depois, conforme a conjuntura do momento, voltar-se-á à primeira forma, ou far-se-á, finalmente, a paz. Quaisquer que sejam os termos dessa paz, eles revelarão sempre aquilo que a actual administração americana tem andado a tentar encobrir.

1 DOMINGO

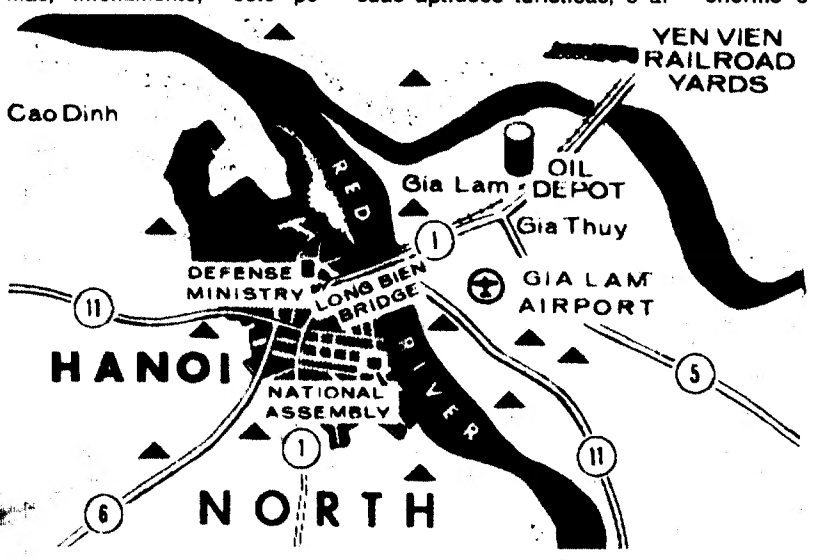
A Espanha bateu, de novo, o recorde de receitas de turismo. Segundo revelou Sanchez Bella, o ministro da Informação e Turismo espanhol, visitaram a Espanha, durante este ano, 31 milhões de pessoas, as quais deixaram no país vizinho quase três biliões de dólares. São duas somas consideráveis, que farão inveja a muita gente. Porém, apesar da natural alegria que aquelas cifras provocaram em certos meios espanhóis, o processo inflacionário que grassa no país só pode sofrer com este espantoso afluxo de estrangeiros. O turismo, como é evidente, traz imensos benefícios a diversas indústrias e cria um certo número de novos empregos todo o ano. Porém, ele não é produtivo para o conjunto do país. Por outro lado, a presença permanente num país de pessoas com uma disponibilidade em dinheiro muito superior à dos residentes habituais aumenta naturalmente os preços de muitos produtos a um ponto que a bolsa dos naturais não lhes chega. Mas o fenómeno do turismo em Espanha levanta ainda outro problema. Ao contrário do que acontece noutros países, os espanhóis lançaram-se no turismo de massas, embora as elites tenham alguns locais à sua disposição. O que interessa, sobretudo, é trazer muita gente. É aproveitar o relativo bem-estar na Europa de além - Pirenéus de modo a que o sol espanhol possa ser procurado por todos.

2 SEGUNDA

O Mercado Comum reuniu pela última vez antes da entrada dos seus três novos membros: a Grã - Bretanha, a Irlanda e a Dinamarca. A reunião em si não teve uma importância por aí além. O que a torna significativa é o facto histórico de ter sido a última dos «Seis». Os «Seis» morreram, pois. Melhor, os «Seis» reproduziram-se, são agora nove. Mas os «Seis», ao passarem a ser os «Nove», transformaram-se. Jamais serão a mesma coisa. Os problemas que enfrentarão, que resolverão talvez, serão diferentes. Diferentes pela quantidade, diferentes pela qualidade. Qualquer dos três novos países trás algo de muito novo, de desequilibrado até. A Irlanda é, agora, o mais atrasado dos países do Euromercado. A Dinamarca, o mais avançado. A Grã - Bertanha, essa é um novo grande. As suas estreitas — cada vez mais estreitas — ligações ao grande capital americano não deixarão de causar permanentes perturbações aos outros oito. Mas, em meu entender, é o facto da agricultura britânica estar imensamente adiantada em relação à do continente que mais problemas trará. Problemas esses que cairão sobretudo sobre os ombros do consumidor inglês, é certo, mas problemas que terão que ver com todos os nove que agora se lançam num futuro bem incerto. O avanço da agricultura insular, entenda-se, não se deve às técnicas utilizadas. O avanço reside em que a Grã - Bertanha foi o país que mais longe levou a revolução burguesa, pondo-a em prática até nos campos, coisa que se não fez no continente, onde subsistem formas de exploração da terra que nada têm que ver com os verdadeiros objectivos da Revolução Francesa.

3 TERÇA

Georges Pompidou, por ocasião da inauguração da auto - estrada Paris - Bruxelas, não quis deixar de renovar a sua fé nos destinos da Europa. «Comparemos os processos realizados desde a época, não assim tão afastada, em que os países do nosso continente faziam o que podiam para erguer barreiras nas suas fronteiras, em que tudo era estudado no receio de uma eventual invasão. Hoje tudo é encarado na perspectiva de uma fecunda interpenetração. Que prodigiosa mudança e que penhor de esperança para o futuro!» Belas palavras as do presidente francês. Só que elas são apenas parte de uma realidade. Na verdade, as pontes são lançadas através das fronteiras, os túneis unem (unirão num futuro próximo) ancestrais inimigos, as auto-estradas unem capitais. Mas que fronteiras são essas, que ancestrais inimigos eram esses, de que capitais se trata? O que, de facto, se passa é que, desde 1945, a Europa é radicalmente diferente da que, durante séculos, não deixou de andar envolvida em permanentes guerras. O nascimento de sociedades estruturalmente diferentes no oriente do continente levou a uma coesão bipartida. Pompidou esqueceu que a «prodigiosa mudança» se deve a uma outra ainda mais «prodigiosa». A Europa, para Pompidou, parece ser a que está do lado de cá. Mas, infelizmente, «este penhor de esperança» é apenas mais uma manifestação de uma política de blocos. Felizmente, esses blocos são já cada vez mais anacrónicos aos olhos de milhões e milhões.



Os B-52 flagelam pelo sexto dia consecutivo o centro da capital norte-vietnamita.

4 QUARTA

O governo de Londres prometeu que concederá a independência ao arquipélago das Bahamas em Julho do ano que vem. Conhecido pelas suas aptidões turísticas, o arquipélago está situado a algumas milhas do Estado americano da Florida. Segundo se pensa, foi uma ilha das Bahamas a primeira terra americana que Cristovão Colombo viu. Independência em Julho. Independência política, já se vê, que a económica não lhe será dada, tanto mais que a metrópole económica são os Estados Unidos e a política é a velha Inglaterra. De qualquer modo, é sempre de saudar um novo país que nasce sobre uma nação que existe.

Barrigan, o padre jesuíta que se encontrava preso por ter destruído os arquivos de recrutamento de uma cidade americana, foi libertado ao fim de dois anos e meio de cadeia. Barrigan é um dos mais conhecidos e mais violentos opositores do papel que os Estados Unidos têm desempenhado na guerra do Vietname. A altura não parece ser a melhor para pôr na rua um agitador tão notório, agora que o governo se lançou, de novo, nos ataques maciços contra as cidades norte - vietnamitas. A lei obrigou e as autoridades cumpriram.

5 QUINTA

A União Soviética iniciou as comemorações do 50.º aniversário da sua fundação. Qualquer que seja a opinião que se tenha a respeito da política seguida por aquele país, uma coisa não se pode pôr em dúvida: a sua excepcional importância. Se tivéssemos de estabelecer uma fronteira não apenas cornológica para o começo do século XX, a data seria com toda a justiça a de 1917, 7 de Novembro de 1917. Mas não é a Revolução Bolchevista que agora se comemora em Moscovo. Trata-se apenas da criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Do ponto de vista histórico, o facto que mais tem sido focado nestas comemorações é a chamada questão das nacionalidades. Existem no conjunto da URSS mais de uma centena de nacionalidades. Contudo, ao que se sabe no ocidente, essa imensa variedade de nações e de idiomas não provocou questões como aquelas que se conhecem em muitos outros países. Todas as medidas que se tomaram em relação à questão estão na linha de um decreto, assinado por José Estaline, e datado de um ou dois dias depois da consumação da Revolução de Outubro. O respeito pela individualidade de cada nação soviética era a base desse decreto. A nação russa é enorme e tem a esmagadora maioria da população da União, mas isso nunca impediu a ascenção dos que não são russos. Um exemplo disso é o próprio Estaline, um geórgio.

6 SEXTA

Foi anunciado que o presidente Nixon e o primeiro - ministro Edward Heath se encontrariam, em Washington, no próximo mês de Fevereiro. Trata-se do início daquilo que foi classificado como o «ano da Europa» da diplomacia americana. É sintomático que o primeiro encontro seja com o chefe da política britânica, pouco mais de um mês depois da entrada daquele país para o Mercado Comum Europeu. Como afirmei no comentário a um outro, a Grã - Bretanha é, de todos os países que fazem parte dos «nove», o que mais próximo se encontra dos Estados Unidos. Essa proximidade vem da dependência da libra em relação ao dólar e, sobretudo, dos investimentos cada vez maiores das grandes companhias americanas na indústria inglesa. Na verdade, a independência económica do velho leão está cada vez mais periclitante. Daí que a sua política tenha tanto a ver com o que se pretende em Washington.

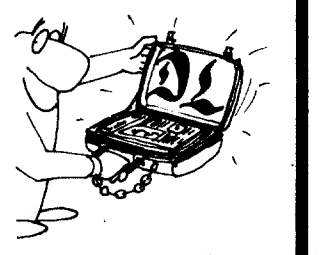
7 SÁBADO

Notícias de Saigão, desmentidas pela delegação norte - vietnamita às conversações de Paris, dão o general Giap como morto. Elas vão ao ponto de afirmar que o célebre general fora vítima, não de uma bomba americana, mas de um atentado. No momento em que escrevo estas linhas, sabe-se apenas o que atrás ficou. Se Giap morreu, o mundo perdeu mais uma grande figura que ajudou a dar-lhe o aspecto que hoje tem.

3K

OFERTAS DE NATAL

Rua Pascoal de Melo, 47
LISBOA



PILULAS DE
ALHO
ROGOFF
EXTRACTO CONCENTRADO
DE ALHO FORTE

CONTRA AS MANIFESTAÇÕES ARTRÍTICAS, REUMATISMO, E VELHICE PRECOCE.

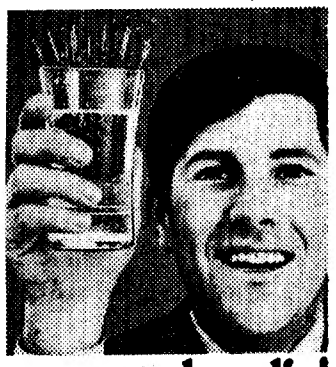
PREPARADO POR:
M. WOELM. ESCHWEGE
(Alemanha-Ocidental)

À VENDA NAS FARMÁCIAS
FRASCO COM 180 PILULAS

Representantes para Portugal:
CREFAR – R. DA MADALENA, 171-2.º – LISBOA

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Um copo de boa disposição...



...para todo o dia!

Más disposições, azia, náuseas e enfartamentos provocados por excesso de comidas e bebidas são eliminados por um agradável e refrescante copo de «Samarin»

caixas com 36 carteiras individuais.

À venda nas Farmácias

FÉRIAS na NEVE

- Em Chamonix ou Megève — duas das mais apreciadas estâncias de montanha!
- NA "SAISON" — EM MARÇO, A VERDADEIRA ÉPOCA PARA FÉRIAS NA NEVE! NA NEVE E COM SOL!!!
- NUM DOS 6 SELECCIONADOS HOTÉIS QUE TEMOS PARA LHE OFERECER!
- POR UM PREÇO EXCEPCIONALMENTE BAIXO!
- COM UM SERVIÇO DA TRADICIONAL QUALIDADE abreu

Chamonix ou Megève

... É a opção certa para o melhor local!

PARTIDAS: MARÇO/1973
4, 11, 18 e 25

1 SEMANA
4 470$

INCLUINDO: Viagem LISBOA/GENÈVE/LISBOA, em avião a jacto da TAP; transportes em terra; estadia no Hotel com todas as refeições; excursões diversas; todas as taxas e

Acompanhamento e assistência de um delegado abreu

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA:

abreu

LISBOA – Av. Liberdade, 160 - Telef. 328021
PORTO – Av. Aliados, 207 - Telef. 37921
COIMBRA – Rua de Sofia, 2 - Telef. 27911/2

FUNDADA EM 1840

A GRANDE
OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes, Amigos e Fornecedores desejando-lhes um Natal cheio de Alegria e um Novo Ano repleto de Felicidades.

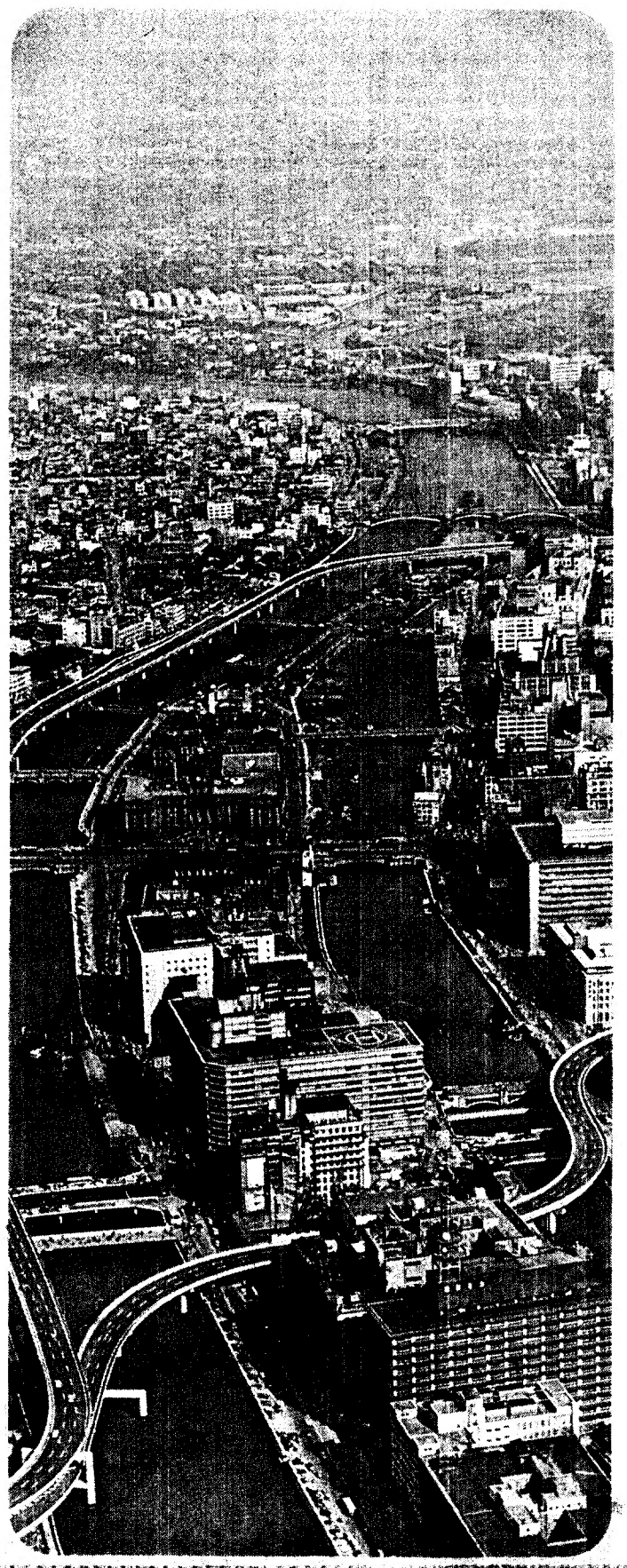
Joalharia Mergulhão
A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS
CASA FUNDADA EM 1895
Rua de S. Paulo, 162 Telefone 3 00 13
LISBOA PORTUGAL

DOSSIER INTERNACIONAL

PARA ONDE VAI O JAPÃO?

. Para onde vai o Japão? Trata-se de uma pergunta que se formula muitas vezes depois que o primeiro-ministro Tanaka visitou a China, isto para além dos próprios resultados das eleições, que não deixam lugar a dúvidas sobre a manutenção no poder do partido liberal-democrata. Os que a formulam não esperam, por certo, descobrir o impossível, quero dizer, o futuro que o Japão a si próprio se consigna. Ao invés da Europa Ocidental, que sabe para onde vai, ás arrecuas, de resto, a sorte de um país simultâneamente poderoso e desarmado, numa região varrida por sucessivas vagas de fundo, não se pode determinar com muito tempo de antecedência. O Japão necessita de navegar sem grandes arrojos. Assinalar o método que governa as suas decisões e os imperativos presentes da sua vida nacional deve, no entanto, bastar a quem pretende discernir o rumo em que o país tenciona prosseguir.

Quanto ao método, a chave do comportamento dos dirigentes de Tóquio reside na prudência, virtude fundamental aos olhos de um povo emotivo, mas habituado ao longo dos séculos, a dominar uma violência instintiva e a pô-la ao serviço do interesse comum. Após os abalos da guerra, a opinião pública não admitiria um regresso aos erros do passado. A própria complexidade do aparelho que toma as decisões interdita, de resto, os desatinos. E que o Japão não é apenas governado pelo Governo única parte visível dum enorme «iceberg», mas por uma élite constituída por funcionários, homens de negócios e, também homens políticos.



Este conjunto de fronteiras movediças e complexa articulação, toma as suas decisões não por maioria mas por unanimidade, segundo a tradição nacional, após prolongadas discussões e a adopção de difíceis compromissos. Um aparelho desta ordem exclui o improviso, mas encontra-se sempre em movimento, mantendo-se em perpétuo alerta, pronto a rever decisões, para as adaptar a novos contextos. Numa palavra, os dirigentes japoneses são, acima de tudo, pragmáticos, tal como o foram os seus antepassados que criaram o Japão moderno. O pragmatismo torna-os, no entanto, infinitamente sensíveis ao sentimento público, que, todavia, se exprime de maneira alusiva. Ora, são dois os interesses essenciais a dominar a opinião pública: a continuação do progresso económico, fonte de orgulho nacional e de satisfações particulares, e a recusa ao rearmamento. As circunstâncias da derrota provocaram com efeito, no povo japonês um traumatismo tão duradouro que uma geração terá, talvez de passar antes de o país se prestar á reconstituição de uma estrutura militar eficaz. O aparelho dirigente deve, pois, assegurar a segurança do Japão sem proceder a um rearmamento, que entravaria, de resto a expansão económica.

Aqueles dois imperativos vêem-se, hoje em dia, perante certas dificuldades. No plano económico, as reticências europeias e o crescente mau humor dos países do Sueste Asiático complicam a procura de escoadouros comerciais capazes de preencher a redução fatal das importações americanas. Sob o ponto de vista político, o termo do conflito vietnamita terá como consequência a retirada sucessiva das tropas americanas, primeiro da Indochina, a seguir de Taiwan, da Tailândia, e até mesmo da Coreia, isto se a vontade de reunificação das duas metades da peninsula terminar num acordo. Continuará Washington, neste contexto, tão decidida, como dantes, a garantir, efectivamente, a segurança japonesa? Poderá mesmo garanti-la, quando a paridade atingida pelas armas atómicas se encaminha para a interdição do seu emprego pelas duas grandes potências? A opinião pública japonesa inquieta-se e a insistência com que a América procura, de novo, levar o Governo de Tóquio a aumentar o seu armamento não contribui para a acalmar.

As relações psicológicas entre os dois países são, por isso, más. Ao ressentimento existente no Japão devido á ocupação opõe-se, hoje a fria exasperação de uma América ansiosa por anular o déficite da balança comercial, cujas exigências se tornam imperiosas. «Trata-se da nossa pele», declaram por vezes os responsáveis em Washington. Apertados entre uma incerteza e uma ameaça, os dirigentes japoneses, que se lembram da má conduta americana durante o mês de Agosto de 1971, não podem deixar de estudar possíveis soluções de substituição junto das duas outras grandes potências da região. Parece, no entanto, que ainda não encontraram uma que se possa considerar válida.

AS RELAÇÕES COM A CHINA E A U.R.S.S.

Quanto á China, e supondo que ela o quer, poderá esta potência combinar a sua segurança com a do Japão? Oferecerá ela escoadouros crescentes e consideráveis para a economia japonesa? Terá ela em vista, como acreditam mui-

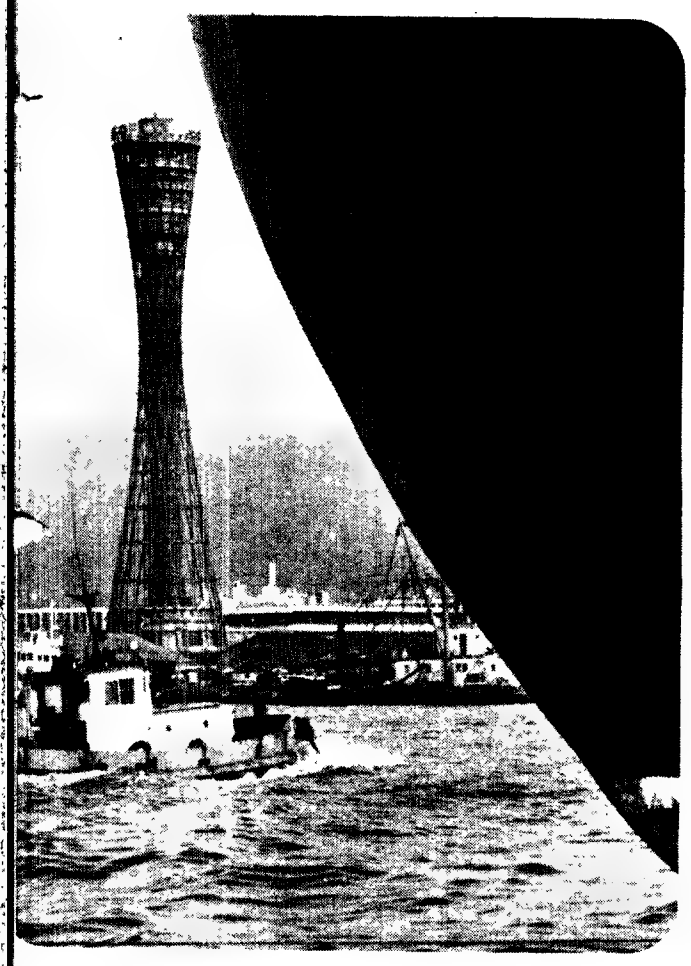
CON

Continuará o Japão, i
mente, nas mãos dos co
res? O partido liberal-d
que se tem conservado
desde o fim da segunda gu
dial, acaba de vencer as s
mas segundas eleições le
com um tal avanço sobr
mações adversárias que p
assegurado, durante mui
ainda, o monopólio dos ne
Estado.

Poderiam ter-nos pe
se as perturbações ocorrid
tremo Oriente, de há doi
esta parte, a mudança d
japonesa no respeitante à
condenação da política d
Sato, não abalariam o cor
ral. Foi o que não acontec
de costume, o eleitorado
aprovou, dòcilmente, as es
Governo, enviando mais
para o Parlamento uma m
ria conservadora, quase tã
mo a anterior.

O primeiro ministro, se
naka, procurava, sem dúv
ratificar as suas decisões
da política externa mais d
forçar a posição do seu
conseguiu-o. Em contrap
se está certo de que tenha
um outro objectivo, sec
cobiçado, e que vem a
assegurar aos amigos um
dominante dentro da forma
servadora. Todos os seus
rivais foram, com efeito,
sem dificuldade, em partic
nhor Fukuda, antigo min
Negócios Estrangeiros de
tinha criticado a política se
Tanaka no respeitante à
ruptura das relações dip
com Taiwan.

A maioria conservador
tanto, desagrega-se um ta
que perde dezassete lugar
a surpresa das esquerdas
ganhos de uma amplitude
da dos partidos socialistas
nistas. Os primeiros tinh
a perder representantes, de



s chefes de empresa euro- ous, a formação de grandes estruturas industriais, aliando a mão-de-obra chinesa ás pos-

TINUIDADE

ndefinida- nservado- emocrata, no poder erra mun- uas déci- gislativas e as for- arece ter tos anos gócios de

rguntado as no Ex- s anos a a atitude China, a o senhor po eleito- eu. Como japonês colhas do uma vez, va maio- forte co-

enhor Ta- ida, fazer no plano o que re- partido. E tida, não atingido retamente ser o de a posição ação con- grandes reeleitos ular o se- istro dos Sato, que guida por hina e a lomáticas

, no en- nto, dado es, vindo , com os inespera- e comu- m vindo 1960 pa- ra cá. Obtiveram, agora, uns trinta lugares suplementares, dominando, largamente, a oposição. Por seu turno, o Partido Comunista envia perto de quarenta deputados ao Parlamento, após uma campanha conduzida com método, nos meios operários e junto da pequena burguesia urbana.

Aquele partido, que, em 1960, apenas dispunha de três lugares, tornou-se, agora, o terceiro do país, devido a um espectacular salto em frente. Socialistas e comunistas souberam tirar vantagem da crescente preocupação provocada por uma inconsiderada industrialização, que afecta o meio ambiente e perturba, profundamente, o ritmo de vida tradicional.

As esquerdas progridem em detrimento do centro, que sofreu uma grave derrota. O Komeito, partido budista, perdeu lugares, pela primeira vez, cedendo o passo aos comunistas. O mesmo aconteceu aos democratas-socialistas, partido-charneira que não soube encontrar o seu lugar no tabuleiro de xadrez parlamentar.

Irão o esmagamento do centro e os progressos das esquerdas acrescentar aos debates do Parlamento a vivacidade de que tanto carece para interessar os cidadãos e os levar a ver na Dieta qualquer coisa mais do que uma sala de gravação? E ainda muito cedo para o afirmar, mas o escrutínio testemunha um despertar da opinião pública. O senhor Tanaka, aliás, contribuiu para isso com o seu estilo pessoal, o seu espírito de decisão e a nova independência afirmada em relação aos Estados Unidos.

A evolução da massa eleitoral anuncia, talvez, uma crescente bipolarização da vida política nipónica, que dará maior relevo aos debates de ideias e permitirá propor aos cidadãos opções definidas no campo dos grandes problemas, em vez de os convidar, como hoje ainda, a darem a sua confiança aos notáveis.

sibilidades de enquadramento e á tecnologia japonesas, e cuja produção se imporia ao mundo? De modo nenhum. A China ainda não é uma potência militar de primeira ordem; está demasiado virada para o seu próprio futuro para querer intervir fora das suas fronteiras, não desejando, por certo, embaciar a sua imagem ligando-se, de muito perto ao Japão. A sua fraqueza económica é evidente, tal como o é o desejo não de se industrializar a todo o transe, mas isso sim, o de oferecer ao seu povo e ao mundo um tipo de civilização simultâneamente moderno e adaptado a uma frugalidade de que faz ponto de honra. O seu comércio externo, a compra de cereais incluida, representa hoje um volume de apenas quatro biliões de dólares. O movimento de vendas entre a China e o Japão que corresponde sómente a 2,5 por cento do comércio nipónico, virá sem dúvida a crescer, num plano relativo mas continuará a ser modesto quando encarado num plano absoluto.

São muitas e diversas as considerações capazes de explicar a pressa com que o primeiro-ministro Tanaka se apressou a aceitar o convite de Pequim: o desejo de satisfazer, ao mesmo tempo, a maioria da opinião pública, certos meios de negócio, talvez um tanto dados à ilusão, e enfim cetos clãs liberais-democratas, hoje representados no Governo, que, desde sempre, reclamavam tal gesto; a necessidade de aproveitar a nova orientação da política externa de Pequim para conseguir garantias, mesmo tácitas, contra Moscovo, contra Washington, contra uma possível má vontade chinesa perante a penetração económica japonesa no Sueste Asiático. Tratava-se, sobretudo, para o Japão, de se encontrar na Asia, em colóquio com o único país do continente que a seus olhos conta e que, tal como ele, havia sido reduzido á vassalagem pelo Ocidente. O que não foi dito em Pequim valia tanto como as palavras proferidas. Mas nada de decisivo foi ou podia ter sido arrumado na altura. Tóquio não se apressará demasiado na procura de novas relações com a China; para o espírito japonês, os actuais realizações da China não apagam as lições do passado. Este país ferozmente individualista, mais vezes desintegrado do que unificado, ao longo da sua história, devido ás disputas internas terá inventado, tal como pensa, um novo tipo de humanidade, cuja duração esteja assegurada? Continuará, ou não, unido depois da desaparição de Mao e de Chu En-Lai? O seu futuro é, aos olhos do Japão entrete cido de incertezas.

Quanto á U. R. S. S., os japoneses sentem um afastamento igual ao sentido, outrora, em relação á Rússia czarista, sentimento esse avivado em todas as fases das relações russo-nipónicas. A confrontação sino-soviética, a penetração russa na India e no BanglaDesh, a influência da U. R. S. S. num Vietnam sempre desconfiado do vizinho chinês, a presença da marinha de guerra soviética em todos os mares preocupam o Japão, que tende a ver em Moscovo a única potência no mundo verdadeiramente inquietante. O Japão, está, por certo, muito desejoso de ter as melhores relações com os russos, mas não a qualquer preço. A U. R. S. S. oferece-lhe, sem dúvida, vantagens económicas consideráveis ao querer valorizar a Sibéria, e o Japão tem consciência de ser o mais importante dos seus parceiros comerciais no mundo capitalista. Mas a circunspecção e até mesmo a firmeza são de regra em Tóquio, quando se trata de negociar com Moscovo. O mau humor russo não impediu a viagem a Pequim, e nem os avanços ou os acenos soviéticos desviaram os japoneses da sua vontade de não assinar um tratado de paz que lhes não devolve quatro ilhas que reivindicam, duas das quais fazem parte do arquipélago das Kurilas.

O DIFERENDO ECONÓMICO COM OS ESTADOS UNIDOS

Restam os Estados Unidos, de que o Japão continua a depender. Apesar das preocupações nipónicas, nada deixa prever um enfraquecimento do interesse americano pela defesa do arquipélago. Depois do Vietnam, a segurança do Pacífico continuará a ser vital aos olhos de Washington; trata-se de um sentimento comum a ambos os partidos americanos, muito embora o exprimam de maneira diferente. A administração republicana impele o Japão a rearmar-se, a fim de poder retirar uma parte das suas tropas, mas pretende manter todo o seu valor ao tratado de segurança. No decurso da campanha eleitoral, o senador McGovern preconizava por seu lado, a manutenção integral das forças americanas no arquipélago, a fim de permitir ao Japão o continuar a ser a primeira potência importante a não sentir necessidade de um grande aparelho militar. O verdadeiro diferendo entre os dois Estados reside na sua disputa económica. Um país de que os Estados Unidos absorveram 31 por cento das exportações não pode encontrar rápidamente, noutro local, o equivalente de um tal mercado. Ele vai, portanto, não ceder, mas ladear com infatigável tenacidade, recuando passo a passo. Sem anular o excedente da balança comercial, reduzi-lo-á a metade; facilitará os investimentos estrangeiros, o menos possível, revalorizará a sua moeda, se não puder ser de outro modo, mas não quebrará. Por outro lado, rearma-se para satisfazer a administração Nixon, mas dentro de modestas proporções. O seu esforço militar, será, em cinco anos, de 5 biliões de dólares, o dobro do que hoje se verifica, mas ainda muito pouca coisa, apenas 1 por cento do seu Produto Nacional Bruto, quando a média mundial é de 6,5 por cento.

UMA ENDIABRADA PROCURA DE NOVOS ESCOADOUROS

Para já, é, portanto, de esperar que o Japão se dedique a aprofundar razoávelmente, sem esperanças excessivas, as suas relações com a China, que procure estabelecer com a Rússia relações mais fáceis, dando-lhes um sólido substrato económico. Não se pronunciará bem entendido, sobre o conflito que os separa, embora as suas simpatias tendam mais para a China. Quanto aos Estados Unidos, o Japão tomará todas as liberdades compatíveis com a continuação da sua garantia e de uma apreciável corrente de trocas comerciais. Vai prosseguir numa endiabrada procura de novos escoadouros, e os exportadores americanos encontrá-lo-ão por toda a parte mas existirão fronteiras que, por enquanto, não franqueará.

Será diferente se, um dia, após novas vicissitudes, os seus três principais parceiros no Extremo Oriente conseguirem equilibrar-se recíprocamente e, portanto, neutralizarem-se. Trata-se de uma hipótese que o Japão tem, por certo, em vista, e perante a qual seria levado, pela força das coisas, a servir de catalizador para as potências secundárias da região. Mesmo nesse caso, recusaria, sem dúvida, os atributos das super potências actuais: o Japão de resto, tem em conta as limitações e as fraquezas que derivam de um excesso de poderio. Tornar-se-lhe-ia então, necessário moderar, voluntáriamente o uso da sua força económica, acalmar as antipatias do Sueste Asiático a seu respeito tornar-se cnnciliador, medianejro e árbitro, papel de que não tem experiência. Só então se poderia libertar do tratado de segurança e estabelecer com Pequim, Moscovo e Washington os acordos de não-agressão recentemente preconizados pelo vice-primeiro ministro, Miki. Trata-se de um passo que os dirigentes japoneses só se decidirão a dar quando os sinais que o tornem necessário se apresentem muito evidentes.

VEJA OS NOVOS MODELOS DE MÁQUINAS DE LAVAR E FRIGORÍFICOS

CASTOR

QUALIDADE
PRESTIGIO
GARANTIA

5 NOVOS MODELOS DE MÁQUINAS DE LAVAR
9 NOVOS MODELOS DE FRIGORÍFICOS
SÃO REALMENTE SENSACIONAIS !

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

RAFAEL BURGUETE, LDA.
Lisboa - Porto

OFEREÇA no NATAL

MOËT & CHANDON
Champagne

PREFERIDO DESDE 1743
PELOS «CONNAISSEURS»

REPRESENTANTE EXCLUSIVO
EMPOR, S A R L
RUA DOS FANQUEIROS 30 • TELEF
LISBOA-2

CENTENAS DE AQUECEDORES A GÁS

COM PORTA GARRAFA

DESDE

800$00

Estrada Poço do Chão, 55-B — Benfica — Lisboa

EXCURSÕES CP

Sugerem-lhe MADRID

cidade cheia de atractivos no Outono

- Diariamente, dois estilos de viagem «Lusitânia-Expressos (de cama ou «couchettes) ou comboio «TERs (ar condicionado, cómodo, panorâmico).
- Hotel incluido em Madrid, transferências, assistência etc

PREÇOS DESDE 820$00

Informações e folhetos descritivos:

ESTAÇÃO DE LISBOA - ROSSIO
ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA
RUA DO ARSENAL, 124 - 1 — LISBOA

Organização tel 36 75 29

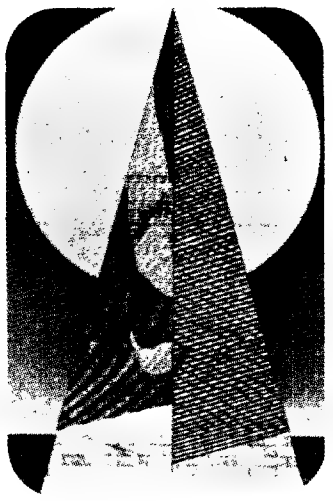
CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

ARTES

OS LABIRINTOS E AS GEOMETRIAS IRÓNICAS DE BARTOLOMEU CID

Bartolomeu Cid, grande mestre das técnicas da gravura, professor visitante da Wincherster School of Art, da Bristol Polytechnic e do Regional College of Art de Bradford e director do departamento de gravura da Slade School, expõe neste momento uma importante colecção de gravuras na Galeria «111». Só figuram no catálogo trinta peças, embora o artista apresente bastante mais, e até algumas delas de extraordenária factura e riqueza poética.

A meticulosidade, o rigor, a paciência de um artesão pertinaz e habilíssimo combinam-se, nestas gravuras, com um sentido de jogo, uma fantasia de veia fantástica e onírica que de há muito se manifestava nos trabalhos de Bartolomeu Cid dos Santos (basta lembrarmo-nos da sua espantosa «Barca dos Loucos») e que atinge agora um novo



«Pirâmide»

mistério, com os seus inquietantes labirintos, os seus castelos com «antepassados», a sua prisão, as suas originais geometrias irónicas.

Chamamos particularmente a atenção para «Atlantis», «Pirâmide», «O Viajante», «Teatrum Orbis», «A Fonte Mágica», «Labirinto», «Esfera Ascendente», «The Visitor», «Eclipse».

AUGUSTO QUARESMA

HARPA DE TRÊS CORDAS

«As duas inglesas e o continente» não é nem um poema erótico em celulóide, nem um filme de costumes nem uma evocação psicológica e estética, uma recuperação do romântico começo do século, embora de tudo isso participe. Fundamentalmente, a bela película de Truffaut é, no universo de feltro de uma quase imutável burguesia instalada — todos são ricos, livres e sem problemas — nova reflexão sobre o amor, sobre o puritanismo apaixonado e o epicurismo libertino, na linha de **Jules e Jim**. Em última análise, respeita à nossa época como discussão de valores, centrados porém no indivíduo ou nas relações duais e triédricas, assumidas estas ou rejeitadas, mas nunca em termos de comunidade, de pesquisa da liberdade como despojamento para além da liberdade como convicção pessoal.

Prejudicado pela expressão rígida de Jean - Pierre Léaud, o filme de François Truffaud, de coloridos suavíssimos (tonalidades aliás simbólicas a nível de interpretação psiquiátrica e com certa lacunaridade voluntária: a mancha de sangue, por exemplo) tem a seu favor os rostos de Kika Markham, ávido, pleno, florido, depois em todo o esplendor dramático da contradição vivida, e o de Stacey Tendeter, delicado, com iluminações tempestuosas, esquivanças pálidas e secretas.

Mas há mais de um quarto de hora de zonas... brancas. E isso... isso é inclassificável.

URBANO TAVARES RODRIGUES

agradecemos à nossa distinta clientela, a confiança depositada na nossa organização, desejando-lhes um Natal Feliz, e um próspero Ano Novo.

HABITAT Empreendimentos Imobiliários S.A.R.L

miraflores

A Urbanização dos Intelectuais

Vai ter nova sede a Academia dos Amadores de Música

Carecida já de instalações suficientes para satisfazer todos os pedidos de inscrições nos cursos que mantêm, a Academia dos Amadores de Música está em vias de solucionar os problemas inerentes à construção de nova sede. No relatório da direcção referente ao biénio 1970-71 e 1971-72, agora destribuído aos associados, refere-se que a Câmara Municipal deliberou, em Setembro último, a cedência, nos termos habituais de direito de superfície, de um terreno ao qual a Academia já se tinha habilitado. Para que a associação entre na posse efectiva do terreno falta efectuar a escritura respectiva, acto ainda dependente de formalidades burocráticas e jurídicas. Entretanto, está já em vias de elaboração o ante-projecto do imóvel.

Refira-se, entretanto, que a construção da nova sede — ainda que justificada, neste momento, pelo desenvolvimento das actividades da Academia — deve-se essencialmente à acção movida pelo senhorio das actuais instalações da Rua Nova da Trindade, retarda devido aos adiamentos da solução da questão em tribunal.

Na introdução do relatório, a direcção da Academia refere que **«O biémio agora terminado, se por um lado foi fértil em vicissitudes nada cómodas para a Academia e sua Direcção. trouxe por outro lado a certeza de valer a pena continuar, já que se processou um novo aumento da sua massa associativa e do número dos seus alunos».**

A C. P. INFORMA

SERVIÇO PORTO-SALAMANCA

A partir de 14 de Janeiro de 1973, é suprimido, devido à sua baixa utilização, o serviço directo Porto-Salamanca, estabelecido em certos dias da semana, através das automotoras rápidas n.os 6001 e 6002

A ligação Porto-Salamanca continua assegurada pelas vias Barca de Alva e Vilar Formoso, mediante as circulações seguintes

A				A
7-50	P	Porto	C	22-18
12-20	C	Barca d'Alva	P	17-35
16-20	P		C	12-35
20-21	C	Salamanca	P	8-55

A — Automotora Rap da Porto-Barca d'Alva e vice-versa Ferrobus (classe unica) Barca d Alva e Salamanca e vice-versa

B	C	D				D	C	B	E
14-10	15-05	20-58	P	Porto	C.	10-28	14-29	15-00	7-00
15-48	17-00	22-38	C	Pampilhosa	P	8-43	12-08	13-20	4-33
16-18	17-40	22-54	P		C.	8-01	11-55	12-53	2-15
19-57	21-03	2-13	C	Vilar Formoso	P.	5-05	9-05	9-35	22-20
20-47	21-27	2-32	P		C	4-45	8-50	9-00	22-10
23-58	23-58	5-03	C	Salamanca	P	1-55	6-10	6-10	19-20

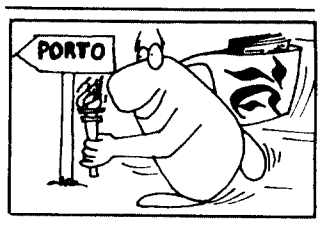
B — Carruagens directas de 2 classe de e para o Porto
C — *Sud-Express* - So 1 classe Transbordo em Pampilhosa
D — Efectua-se de 2 de Dezembro de 1972 a 31 de Janeiro de 1973 Carruagens directas - de 2 classe de e para o Porto Os passageiros de 1 classe têm transbordo em Pampilhosa
E — 1 e 2 classes Transbordo em Vilar Formoso e em Pampilhosa

moveis sousa braga

deseja a todos os seus clientes
e amigos
festas felizes

sb

A GRIPE
IRRITA A SUA GARGANTA.
DEFENDA-A USANDO
Gosiérine
Dalloz



3K
PRENDAS
DE
NATAL
Rua Pascoal de Melo, 47
LISBOA

A TALUDA DO NATAL
27.863 — 75.000 CONTOS
FOI VENDIDA PELO
CAMPIÃO
(A CASA DE LOTARIAS MAIS ANTIGA DO MUNDO) HABILITE-SE AGORA TAMBÉM NO
CAMPIÃO
PARA A LOTARIA
DO FIM DO ANO
Bilhetes a ..... 1000$00
Vigésimos a ... 50$00
(Pelo correio, mais 3$50)
CAIXA POSTAL N.º 2027 — LISBOA-2

CASA DOS CARACÓIS
DA ESPERANÇA
ÚNICA NA ESPECIALIDADE
RUA DA ESPERANÇA, 116 A 120 (Junto à Avenida D. Carlos I) — Telefone 671107 — LISBOA
Cerveja a copo, vinhos das melhores regiões
Petiscos e especialidades à moda do Algarve
A Gerência cumprimenta os seus estimados Amigos e Clientes a todos endereçando votos de Feliz NATAL e PRÓSPERO ANO NOVO.

ESPIRAL

OS PRODUTOS QUE LHE COSTUMAM DAR OS BONS DIAS DÃO-LHE HOJE AS BOAS FESTAS:
Para todos os nossos clientes e amigos os melhores votos de um bom Natal e feliz Ano Novo.

ANDARES
DESDE 280 CONTOS
AMPLAS VISTAS DE MAR
BONS ACABAMENTOS
NOVA OEIRAS
RUA DA QUINTA DAS PALMEIRAS, LOTE 29-A
PAÇO DE ARCOS
RUA DA FIGUEIRINHA, LOTE 5/6
Rua Capitão-Mor Pedro Teixeira, 3-7.º, Esq.º — Restelo
Telefones 614442- 612396
PINÁCULO
Pináculo
N. B. — Imóveis de nossa construção.

Com cordiais cumprimentos de
Boas Festas
FOTOGRAFIA
CINEMA
F. Costa Filmarte, Lda.

DESPORTO

Fecha-se um ciclo no futebol britânico

O Manchester United em crise não acredita no seu declínio

Tommy Docherty, director técnico da selecção escocesa de futebol e antigo treinador do F. C. do Porto foi anteontem contratado para ocupar o cargo de «manager» do Manchester United, sucedendo a Fran O'Farrel, que foi afastado, na terça-feira passada, face aos resultados desastrosos do velho e famoso Manchester nas competições inglesas. Com esta contratação os dirigentes do único clube inglês que já venceu a Taça dos Campeões, procuram eliminar a crise gravíssima que se acentuou com a anunciada retirada de George Best dos cenários futebolísticos.

No entanto, e segundo garantem os observadores ingleses que mais detidamente têm acompanhado a carreira dos diabos vermelhos de Old Trattford, esta crise é mais profunda do que se julga, já que não se trata da epidérmica substituição de um treinador por outro, mas sim da mudança radical nas pessoas e nos métodos que, dez anos depois, fizeram renascer o Manchester das cinzas de Munique para a glória europeia. Essas pessoas são bàsicamente o velho «manager» Matt Busby, agora director, o célebre capitão Bobby Charlton, o jovem e irrequieto George Best e toda uma pleiade de futebolistas, cuja carreira está a chegar ao fim, fechando um ciclo mais na vida de um clube glorioso.

Dessa renovação necessária, desse fechar do ciclo, de tudo o mais que faz o Manchester ser primeira página na Imprensa inglesa e assunto da semana na Imprensa especializada europeia, nos fala Jonh Freeman, da Reuter, no artigo que a seguir transcrevemos e que foi distribuído por aquela agência para todo o mundo:

«O Manchester United, tal como a Fenix da lenda, ressurgiu das próprias cinzas do desastre de Munique e, em 1968 tornou-se a primeira equipa inglesa a ganhar a taça dos clubes campeões europeus — o mais alto galardão do futebol da Europa.

Mas, depois de grandes proezas nos relvados mundiais, (proezas que com justiça tornaram o Manchester um dos «reis» do futebol inglês nos passados 20 anos) o clube perdeu o passo, e, este ano, começou a arrastar-se «miseràvelmente» pela liga inglesa, crise que veio ao de cima com todas as suas consequências logo que se soube da demissão do treinador Fran O'Farrell e da retirada da sua principal estrela — George Best, mais conhecido pelo «Mágico do Futebol».

A retirada de George Best e o despedimento de O'Farrell pela direcção do clube, foram o impacto final que ajudaram a desfazer o mito de que o Manchester United era imune a todos os desastres que tem feito naufragar outras equipas mais frágeis, embora também de grande nomeada.

Tal como uma mulher bela, em quem a idade vai fazendo estragos, o Manchester United apresentou-se sùbitamente com o seu verdadeiro rosto de grande clube na agonia, mas um clube, que tal como uma mulher que perde beleza, não quer acreditar na realidade do seu declínio.

A queda de O'Farrell e de Best — própriosdiametralmente opostos em temperamento, carácter e estilo de vida — segue-se à pesada derrota do Manchester United por 5 a 0 frente ao Crystal Palace, a mais tremenda derrota do clube desde que foi promovido à primeira divisão em 1938. Arrastando-se pelo fundo da tabela classificativa da primeira divisão e com a moral profundamente «debaixo de água» devido a todos os dissabores actuais, julga-se que o Manchester United seguirá as pisadas do Wolverhampton Wanderers, clube que foi relegado em 1965 para a segunda divisão, depois de ter despedido o treinador Stanley Cullis quando a época ainda ia em meio. As crises parecem idênticas e o Manchester tem poucas possibilidades de salvação.

Um surpreendente alvo para as críticas sobre a actual crise do clube, tem sido o «grande» «sir» Matt Busby, orientador do Manchester United durante 20 anos, até à sua retirada em 1970, e que é agora um dos directores do clube: a sua presença absorvente tem levantado clamores de ter sido uma das principais razões para que o O'Farrell perdesse o respeito da parte dos jogadores, jogadores que através de todo este tempo têm continuado a considerar «sir» Matt como o verdadeiro «patrão» da equipa em todos os sectores.

Repentinamente, como numa casa em que ninguém se entende, Sir Matt começou a ser fortemente criticado pelos adeptos do Manchester United. Ora a actual perda de popularidade do grande orientador, contrasta profundamente com a verdadeira idolatria e adulação que recebia dos adeptos do clube durante os dias famosos que este gozou no futebol nacional e mundial.

Sir Matt Busby, que ficou gravemente ferido no desastre de Munique, lutou denudadamente para reconstruir uma equipa que tinha sido amputada dos seus melhores jogadores. Nos 10 anos que decorreram desde o tremendo desastre aéreo de Munique, Sir Matt conseguiu os objectivos a que se propunha e até os ultrapassou — ganhou duas vezes o campeonato da liga inglesa, uma Taça de Inglaterra e uma taça dos campeões Europeus.

Mas muitos dos que viram o Manchester United obter uma fulgurante vitória final, por 4 a 1, contra o Sport Lisboa e Benfica, campeão de Portugal, no Estádio de Wembley em 29 de Maio de 1968, (dia histórico para o Manchester) pensavam que a equipa, apesar de tudo, mostrava sinais de certo declínio. Essas aves agoirentas provaram que afinal tinham razão.

O triunfo do United na Taça dos Campeões Europeus foi uma das últimas honras do clube, e Sir Matt Busby, dois anos depois, despediu-se do cargo de treinador-orientador depois de ter estado ao leme da equipa de futebol numa gloriosa época do pós-guerra, levando o Manchester a obter cinco campeonatos da liga inglesa e, uma taça da Inglaterra e a sempre soborosa vitória na Taça dos Campeões Europeus.

Mais uma vez, como em tantas outras de crise para o Manchester, Sir Matt está de novo a salientar-se como o verdadeiro homem-forte do clube, congregando á sua volta as forças desmoralizadas e declarando que o espectáculo deve continuar...

Todavia, a maior parte dos associados do Clube é de opinião que a não ser que sir Matt entregue as rédeas do poder, é muito difícil que se encontre um treinador que queira servir com toda a liberdade.

Quanto a O'Fabrell, não existem dúvidas de que encontrará colocação noutro qualquer clube, porque é considerado um bom treinador e um homem fundamentalmente honesto.

No caso de George Best, é que as incertezas são já maiores devido ao seu temperamento indisciplinado.

Os saudosistas do Manchester United, apesar de reconhecerem a indisciplina de Best, pensam que os seus talentos futebolisticos podem apagar tudo o mais. Ninguém pode ainda esquecer a sua estupenda exibição da arte de bem jogar futebol, na lição que deu como «maestro» do United em 1966, no Estádio da Luz, quando destruiu por completo a lenda do Benfica com todo o seu brilhantismo de magico da bola. Até os associados do Benfica reconheceram, (com as vibrantes palmas no fim do desafio), que Best era na verdade um caso á parte.

Há quem tenha comparado o génio futebolístico de Best com o do legendário brasileiro Pelé, mas ao contrário de Pelé que ainda joga no seu clube de sempre, (o Santos), George Best, aos 26 anos de idade, diz que vai pendurar para sempre as suas botas de futebol.

O abrupto fim da carreira de Best está em profundo contraste com a carreira extraordinária e prolongada de outra grande estrela do Manchester, do futebol britânico e do jogo da bola mundial: Bobby Charlton, um nome que é uma verdadeira legenda do futebol, um dos poucos jogadores que sobreviveu ao desastre aéreo de Munique e que representou por 106 vezes a equipa nacional inglesa, num record mundial de internacionalizações. Charlton, (agora com 36 anos), jogou durante 20 anos no Manchester United, e continua ainda a jogar, dizendo que a carreira do futebol só terminará para ele quando já não puder com as pernas.

Fundado por operários do velho caminho-de-ferro do Lancashire e Yorkshire, o Manchester United foi originalmente conhecido como Newton Heath, modificando o nome do clube para o seu actual título, em 1902, tendo nos 10 anos seguintes ganho por duas vezes o campeonato da liga e uma taça de Inglaterra.

Depois, nos 30 anos seguintes, o Manchester passou uma existência de altos e baixos entre a primeira e a segunda divisões. O renascimento do clube deu-se quando Matt Busby ingressou, e a sua projecção continuou até aquela noite carregada de intensa emoção em que a equipa ganhou ao Benfica em Wembley, conquistando com todo o merecimento a taça europeia.

Com Best retirado do futebol, Farrell à procura de novo clube e Matt Busby e Charlton junto à porta de saida (à espera da sua vez), parece que o velho Manchester United está na verdade morto e que os 50 000 «carolas» que regularmente enchem o velho Old Trafford para aplaudirem os seus heróis de camisola vermelha esperam, (como num milagre,) um outro salvador que consiga ressuscitar o clube na sua velha glória do futebol britânico.

Bobby Charlton, aos 36 anos: só terminarei, quando já não puder com as pernas...

Sir Matt Busby: «O espectákulo deve continuar»

DOCHERTY: MAIS UM MILAGREIRO?

Com 43 anos de idade, escocês por nascimento e por vinculação profissional, de formação futebolística inglesa (Docherty foi um excelente praticante no Arsenal, de Londres) Doc está a ser encarado como um possivel milagreiro do Manchester United, ainda que as suas anteriores experiências como treinador de clube tenham sido um fracasso. Antes de treinar o Manchester, dirigiu o Chelsea, o Rotheram United, Queen's Park Rangers e Aston Villa tendo acompanhado estes três últimos até á segunda divisão. Esteve igualmente em Portugal, no F. C. do Porto, clube que abandonou há 14 meses, arrastando-se e aos seus pupilos numa apagada e vil tristeza.

Mas Docherty mostrou essencialmente a sua habilidade, depois de ter saído do Futebol Clube do Porto, para inspirar a equipa nacional escocesa, levando-a a vitórias que não pareciam ao seu alcance em Novembro do ano passado.

No ambito do seu contrato com o Manchester United, Docherty ganhará 15000 libras por ano — (cerca de mil contos) — isto é mais 7000 libras do que ganhava como treinador da equipa nacional escocesa.

Interrogado pelos jornalistas, o novo treinador do Manchester United, foi parco naquilo que disse, mas mostrou-se entusiasmado pela sua nova carreira de treinador dizendo: **«o mais importante de tudo é levar os rapazes a mentalizarem-se que tem de ganhar, mas aí reside um tremendo talento, embora a rapaziada do Manchester United saiba perfeitamente jogar futebol. Aliás eu sempre pensei que o United é um dos maiores clubes do mundo e que deve corresponder aos seus pergaminhos».**

ADJUNTO DE GERÊNCIA

Admite-se

Com profundos conhecimentos comerciais no ramo de electrodomésticos e outros. Fluente em inglês e francês. Lugar de futuro, garantindo-se inicialmente 150.000$00 anuais. Guardaremos rigoroso sigilo. Respostas ao Apartado 1421 — Lisboa 1.

RELÓGIOS DÍNAMO

Tão bons como os melhores! ...Mas muito mais baratos!

DESPORTO

SECAM AS FONTES DO FUTEBOL

A juntar às inequívocas palavras do presidente do Sporting na última Assembleia Geral, sobre o estado financeiro a que chegou a colectividade do «leão, completando o retrocesso nas despesas que o Benfica a si próprio se impôs no orçamento de 1973, o Atlético soltou um grito de alarma, a meio da semana, não escondendo a ninguém que o futebol profissional corre sérios riscos de extinção nos bairros de Alcântara-Santo Amaro.

Estas três manifestações de dificuldades económicas a nível de futebol profissional, justificam umas linhas de reflexão, até porque não surgem isoladas na cidade de Lisboa, e são mesmo correntes noutras localidades. Com efeito, as relações económicas desportivas no futebol, as contradições que em si próprio este espectáculo encerra, como fruto maduro da sociedade em que se integra, conduzem fatalmente a um estádio a que estamos prestes a chegar: a ameaça de extinção.

Não será ilícito afirmar que o futebol profissional, em si, tenha tendências para acabar como jogo e como espectáculo. Mas não parecem restar dúvidas que tende a acabar mesmo, no figurino que actualmente lhe serve, nos processos que agora utiliza, nas implicações e justificações que encerra.

Já na primeira edição do seu livro «O Desporto e as Estruturas Sociais» o prof. José Esteves nos informava:

— Quanto aos proprietários, são eles que mantêm, quase sempre, as equipas das suas localidades, que tanto podem ser da 1.ª, da 2.ª como da 3.ª divisões. A título anedótico, mas como sinal suficientemente expressivo, lembremos o que já tem sucedido numa colectividade alentejana, em que os «deficits» crónicos, resultantes da inevitável e ruinosa administração duma equipa a disputar o campeonato maior do país, eram cobertos com os obsequiosos expedientes dos ricaços. Um dos expedientes mais ridículos da assistência monetária chegou a concretizar-se no início de algumas épocas e oferta de novo e determinado jogador por outros tantos abastados proprietários da região...

A situação, desde então, não mudou. Os apoios continuam a vir mais ou menos da mesma origem (mas não só!) e as receitas próprias das competições não chegam para suprir a megalomania de uns tantos e as desmesuradas ambições pessoais de outros, quase sempre manifestadas e excitadas através dos clubes profissionais.

Simplesmente esses auxílios vão se tornando cada vez mais limitados. Razões? Talvez da vida conómica não seja hoje tão segura como há anos. Talvez outros veículos publicitários (no fundo a publicidade pessoal é a mola real da grande maioria dos que aportam às direcções e círculos influentes dos clubes e comerciantes se tenham convencido que é mais eficaz e rendoso o investimento noutros canais de propaganda e relações públicas.

O certo é que aqui e ali, vão brotando indícios de que a situação financeira nos clubes de futebol é muito tensa e a continuar assim pode num dia qualquer, explodir e arrastar muitos à ruina.

Repetimos, uma vez mais, que não parece muito provável o desaparecimento do futebol profissional do leque dos espectáculos que pelo mundo fora concitam atenções e interesses. Nem parece que a falada alienação futebolística seja diferente das muitas alienações da vida moderna: o automóvel, o dinheiro, a competição com o vizinho, as vedetas disto e daquilo, os mitos vários que nos rodeiam e condicionam. Simplesmente também parece óbvio que as fontes actuais de manutenção do espectáculo futebolístico têm os dias contados.

Lentamente, mas com firmeza vai-se criando a mentalidade de que o futebol, para existir no seu lugar, e com a sua função social de evasão, divertimento e até cultura estética, terá de bastar-se a si próprio, serem pagos os seus artistas e todos os elevados encargos com as receitas da bilheteira, com o rendimento das assistências. Ainda que seja necessário baixar imenso o nível de especulação que por toda a parte o toma, obrigando a ir longe, sempre mais longe, na maior parte dos casos muito para além do que permitem os recursos próprios. Para que não se ouça por toda a parte o clamor contra os proventos que o fisco dele vai retirando, para que não se exijam dos poderes constituidos verbas excepcionais, mais importantes e necessárias para satisfazer tantas necessidades essenciais da nossa ainda pouco evoluida relação social.

DANIEL REIS

Atlético: a sua equipa de futebol foi a notícia da semana. As finanças do clube a preocupação igualmente dominante

SETE DIAS

1 — Depois da luta dentro das quatro linhas, depois do esforço inglório, depois de ter sofrido mais uma derrota, o treinador Francisco Andrade toma uma atitude: deixar o clube que ele próprio transportou para a 1.ª divisão. Com lágrimas nos olhos, ele não culpa os jogadores dos insucessos sucessivos da turma: antes acusa um ou outro dirigente de lhe estragar os planos, intrometendo-se no trabalho que só a ele dizia respeito.

Depois de anunciar a sua decisão, vem a conversa esclarecedora com o presidente do clube: no meio do trigo, o joio tenta estragar a sementeira, e o presidente, perante os factos, não hesita: prefere manter o treinador, sacrificando os dirigentes. E tudo volta à primitiva forma: porque Francisco Andrade é um profissional que sabe do seu ofício, e tem capacidade suficiente para tirar a equipa do lugar onde se encontra.

Da cidade dos doutores, veio a lição que muitos não devem esquecer...

2 — A imprensa desportiva (definitivamente aceite e reconhecida) abre pela primeira vez as portas da sua sede, para mostrar ao grande público a arte de um extraordinário jornalista que não escreve, mas fotografa: na sede do CNID, o Director Geral dos Desportos, Dr. Armando Rocha, inaugura a exposição de Nuno Ferrari (Desporto Revelado), onde se podem (até ao dia 30), admirar magníficos instantâneos captados pelo olho mágico do Nuno Ferrari. São muitas as obras de arte patentes na pequena mas acolhedora sede do clube dos jornalistas desportivos portugueses: todas elas demonstrativas da beleza do desporto, e a capacidade de um fotógrafo especializado. O Desporto, como que súbitamente travado e impressionado na película, está ali, na Rua Ferreira Lapa, à espera que muitos olhos e vejam...

3 — Numa época em que o 13.º mês é tema de conversas, e as pessoas têm os bolsos um pouco mais bem recheados, surge o alarme do C.D.U.L.: sem posses para poder continuar, corre o risco de fechar as suas portas, se ninguém lhe acudir de pronto. É uma situação ingrata, que (infelizmente) não está isolada: também um outro clube de tradições (o Atlético) se confessou na mesma situação, prevendo-se que terminem as suas actividades profissionais neste ano novo que se aproxima.

O C.D.U.L. e o Atlético, têm de ter uma boia de salvação: alguém tem de lhes acudir neste momento bastante difícil. Porque o desporto precisa deles e muitos jóvens têm neles a possibilidade de experimentarem as suas aptidões atleticas. Porque é Natal, há-de haver alguém que tente (pelo menos) resolver o problema.

4 — Na quarta-feira houve futebol: não aquele a que já estamos habituados a meio da semana (torneios da U.E.F.A.), mas sim aquele que a A.F.L. costumava organizar no princípio de cada época: a Taça de Honra. O programa era aliciante: participavam os três primeiros classificados do Nacional da 1.ª divisão, e ainda o Atlético (que é o último). Mas, mesmo assim, não foi muito o público que acorreu ao Restelo: os que foram, viram um Sporting afundar-se perante um Atlético inconformado com a posição que ocupa na tabela de valores. Surpreendeu a vitória dos alcantarenses, que apenas nos veio reafirmar a verdade do actual Sporting. No outro jogo, o Benfica fez exibição de gala, valorizada pela oposição dos homens da camisola azul, que justificaram ser, logo a seguir ao Benfica, a melhor equipa do nosso campeonato maior.

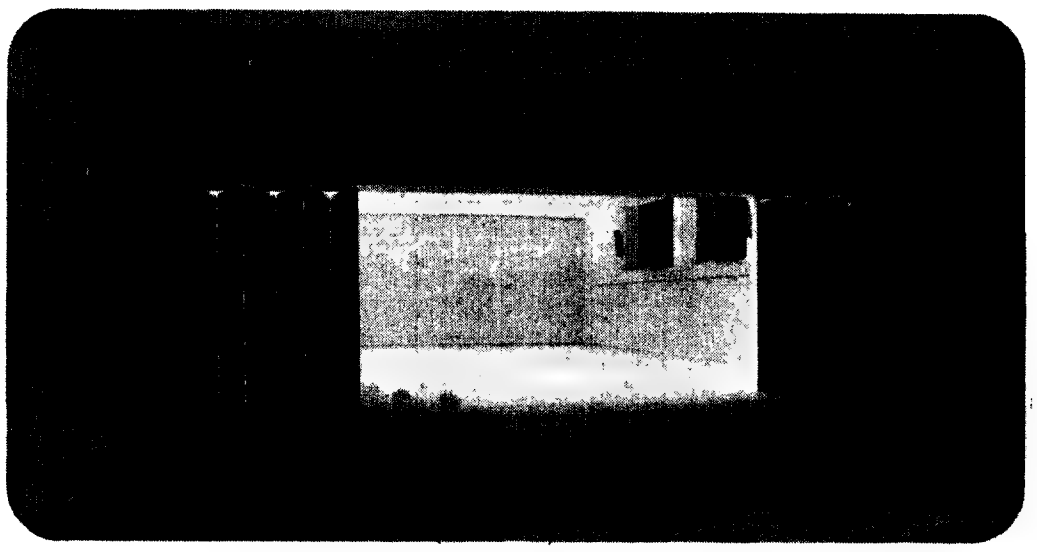
5 — O Ginásio Clube Português mostrou, à informação, as suas novas instalações: modernas, funcionais, bem à altura do prestígio e da tradição do clube. No limiar de um novo ano, o Ginásio Clube Português pode encarar agora o futuro sem apreensões de maior: porque a sua grandeza está espelhada no edifício que lhe vai servir de sede, e por onde continuarão a passar todos os atletas que elevaram o clube à consideração geral. Está de parabéns o G.C.P.: mas também está o Desporto Nacional.

6 — Também o Campo de Ourique está em festa: em cerimónia realizada no seu rinque de patinagem, é encerrado, o ciclo de comemorações dos seus 50 anos de vida: Meio século ao serviço do desporto e dos desportistas, uma nova etapa que se abre ao popular C.A.C.O.. A simples presença de significativas entidades oficiais na sessão solene, diz mais do que quaisquer palavras: ela traduz o agradecimento oficial por tudo quanto foi feito em 50 anos de vida...

7 — O Estádio do Restelo voltou a animar-se: foi a segunda e última jornada da Taça de Honra, dois jogos que preencheram a tarde de sábado dos que já não tinham compras de Natal a efectuar. Belenenses e Sporting disputaram os 3.º e 4.º lugares, porque ao Benfica e ao Atlético, estavam reservados os dois primeiros.

Quando o campeonato é interrompido, e a Taça de Portugal apenas diz respeito aos clubes das divisões secundárias, o adepto dos grandes de Lisboa, contenta-se com uma Taça de Honra.

ORLANDO DIAS AGUDO



Ginásio Clube Português: funcionalidade e largueza de espaços na nova sede a inaugurar em breve

A C. P. INFORMA:

BILHETES DE FIM-DE-SEMANA

Por motivo dos festejos de «Ano Novo» os bilhetes de «fim-de-semana», têm validade, para início da viagem de ida, desde as 17 horas do dia 29 de Dezembro (sexta-feira) até às 12 horas de domingo, dia 31, e para início da viagem de regresso, desde as 12 horas do mesmo domingo até às 24 horas de terça-feira, dia 2.

Teatro Municipal
DE SÃO LUIZ
Ruth Escobar
Apresenta em
MATINÉE ÀS 16 HORAS
O maior sucesso dos palcos brasileiros de 1972
Missa Leiga
de CHICO DE ASSIS
AMANHÃ
2 ESPECTÁCULOS
às 16 e 21,45 horas
M/14 anos

3K
OFERTAS
DE
NATAL
Rua Pascoal de Melo, 47
LISBOA

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

SALORA
O TV PREMIADO COM MEDALHA DE OURO
TOTALMENTE FABRICADO E MONTADO NA FINLÂNDIA

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
— RATO —
Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLÍNICA —
CONSULTAS DAS 9 ÀS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS
Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

CARREGUE NESTE BOTÃO E AQUEÇA A SUA CASA!
É ISTO A IGNIÇÃO AUTOMÁTICA DOS
NOVOS CALORÍFEROS A GÁS FRANCESES
BUTA-THERM'X
★com platina no painel★
Catalíticos, de segurança total, sem lume, sem chama, sem fumo e sem emanação de óxido de carbono.
2 anos de garantia
Representantes exclusivos:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
LISBOA-R. Douradores, 43-Tel. 361545 * PORTO-R. Sto. António, 208-Tel. 25581

RESTAURANTE
SANCHO
Travessa da Glória, 8 — Lisboa
DIA DE NATAL
EMENTA ESPECIAL
RESERVAS DE MESA PELO TELEF. 369780
ENCERRADO AMANHÃ AOS JANTARES
Desejam FESTAS FELIZES aos Ex.mos Clientes e Amigos.
A GERÊNCIA

PARA O PERÍODO DE 24 A 30 DE DEZEMBRO — horóscopo pelo astrólogo HORUS

ARIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Alguém exprimirá o desejo de contribuir para proporcionar-lhe maiores venturas. A harmonia é quase absoluta. Use de amabilidade com os outros.

DINHEIRO: Tome em atenção que o emprego de capital nesta altura não trás vantagens, pelo contrário, só pode desacreditar o seu nome e criar-lhe uma situação embaraçosa. Atenção aos gastos.

PROFISSÃO: Aconselhámos que se mantenha atento àa iniciativas presentes, não procurando tomar novas responsabilidades.

SAÚDE: As suas condições de saúde neste período serão um pouco delicadas, sobretudo, o sistema nervoso e os rins podem abalar-se. Evite todo o género de excitantes, e procure descansar o espírito em ambientes saudáveis.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Tempo venturoso aos casos de amor. Propício para os namorados se dedicarem aos problemas da vida. O ambiente familiar será tranquilo.

DINHEIRO: Excelente para efectivar as suas esperanças, divulgar suas ideias originais, o que contribuirá imenso para arranjar novas fontes de receita.

PROFISSÃO: Dentro da situação que desfruta os seus problemas estarão bem equilibrados. Os novos empreendimentos nesta altura, não são bem sucedidos, razão porque deve evitá-los.

SAÚDE: Nada de importância haverá a registar nas suas condições de saúde durante este período.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Semana mediana nos assuntos sentimentais. Não convém tomar atitudes extremas, nem seguir o caminho da indiferença. Entretanto, uma contrariedade surgida no convívio com a pessoa que ama afectará a sua disposição de espírito.

DINHEIRO: Disponha em ordem as suas contas e espere uma agradável surpresa. Entre as pessoas que o redeiam, aparecerá uma que, subitamente recorrerá ao seu auxílio, proporcionando-lhe mais tarde bons lucros.

PROFISSÃO: Não adianta preocupar-se, a situação não se modificará por isso. Deixe que as coisas se passem normalmente. Evite a teimosia e não interprete os casos só pelo lado materialista.

SAÚDE: Durante esta semana as suas influências astrológicas aconselham cuidado com a alimentação e as bebidas fortes, pois há tendência a peturbações biliares.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Está sob boas influências nos seus casos sentimentais. Alguém contribuirá para lhe proporcionar bem-estar na vida doméstica, e amorosa.

DINHEIRO: Período benéfico a finanças. O espírito optimista que demonstrará nesta altura, concorrerá de certa maneira para o êxito monetário. Boas perspectivas financeiras e propostas de interesse darão incremento aos negócios.

PROFISSÃO: Os problemas antigos têm agora oportunidade de poderem ser bem resolvidos. Bom para começar construções, assuntos ligados com materiais, e os que se dedicam a edições e publicações estão também favorecidos.

SAÚDE: No domínio físico, as condições são favoráveis. Andará com muito boa disposição.

LEO

(23 de Junho a 22 de Agosto)

AMOR: Algumas pequenas decepções sentimentais podem inclinar à melancolia. Mas pense nas desilusões que tem feito sofrer aos outros. Contudo, nada de grave acontecerá.

DINHEIRO: Os ganhos neste período serão normais. Assim, é de toda a conveniência que controle bem as despesas.

PROFISSÃO: Continue pelo caminho trilhado e não se meta em novos empreendimentos ou negócios que lhe pareçam de grande vulto.

SAÚDE: Use de cuidado em todas as coisas da sua vida e, em todos os actos, afim de evitar surpresas desagradáveis.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: O clima astrológico para este período é contrário aos seus interesses de família. Produzir-se-ão choques com as pessoas com as quais vive. Não siga a sua primeira impressão, que será a de reagir violentamente.

DINHEIRO: Tome em atenção que o emprego de capital em negócios que mereçam pouco crédito lhe podem ocasionar embaraços na sua vida e criar-lhe uma situação censurável.

PROFISSÃO: O clima astrológico quanto a este campo é muito lisonjeiro. Os assuntos ligados à arte chamarão a sua atenção e emerecerão elogios.

SAÚDE: Não é desagradável. Cuidado com os rins. Deve preferir a alimentação leve e suprimir as bebidas espirituais.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Gozará de felicidade na vida conjugal, que se manifestará cada vez mais acentuadamente. Seja prudente nas suas aventuras sentimentais. O ambiente familiar será bastante agradável.

PROFISSÃO: As coisas correrão a seu contento. Propício para ir tratando de dar execução às suas ideias, mesmo se estas se relacionarem com o estrangeiro. Todavia, não é ainda, chegada a altura para fazer uma mudança na sua situação.

DINHEIRO: Todas as realizações que fizer serão bem compensadas. Lucros apoiados e felizes promessas.

SAÚDE: A humidade pode ter consequências nos membros superiores.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Continua a desfrutar das benéficas influências astrais. Período indicado para empreender mudanças no aspecto doméstico e comprar objectos de ornamentação. As viagens de recreio darão muita satisfação.

DINHEIRO: Em relação ao dinheiro, o período poderá ser auspicioso se para tanto contribuir o seu esforço e se tiver bom senso nas suas transacções, e diplomacia no traço.

PROFISSÃO: As resoluções que tiver necessidade de adoptar relacionadas com a vida profissional devem ser devidamente ponderadas. Toda a actividade neste sector deve ser bem conduzida.

SAÚDE: Predisposição para perturbações gástricas e do aparelho respiratório.

SAGITTARIUS

(De 22 de Novembro a 21 de Dezembro).

AMOR: Não crie complicações e abstenha-se de novos compromissos. Cuidado com suposições menos exactas. Empregue toda a sua boa vontade no sentido de sustentar no lar um clima feliz e despreocupado

DINHEIRO: NÃo conte com grandes resultados financeiros. Assim, preserve-se das grandes despesas e permaneça firme.

PROFISSÃO: Deparar-se-ão obstáculos no exercício da sua actividade profissional. A preocupação por não conseguir avançar nas suas empresas causar-lhe-à aborrecimentos e um certo desânimo. Não fará grandes progressos, mas também não diminuirá no seu trabalho habitual.

SAÚDE: Cuidado com as deslocações na via pública. A despreocupação que sentirá durante esta semana pode causar-lhe aborrecimentos.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: As benéficas influências de Vénus provocam boas harmonias e ajudas do sexo oposto que não deve desperdiçar. Seja afável e não aprofunde excessivamente os sentidos alheios.

DINHEIRO: A vida financeira experimenta uma semana benéfica, por outro lado, a sua intuição, que os astros estimulam, permitir-lh-ão aproveitar um ensejo para angariar fundos interessantes.

PROFISSÃO: Benéficas influências contribuirão para os bons resultados profissionais. Se tentar meter-se em pequenos empreendimentos o êxito está assegurado.

SAÚDE: O ambiente que possa sentir será derivado em grande parte a abusos físicos.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Seja menos positivo nas suas relações amorosas. Os interesses domésticos exigem maior carinho e apreço. Domine a sua impaciência e evite ver só as coisas pelo lado material.

DINHEIRO: Conseguirá obter vantagens através exclusivamente, do seu esforço pessoal. Todavia, os astros mostram-se propícios às boas relações.

PROFISSÃO: Propício a todas as iniciativas pessoais, qualquer que seja a natureza das suas ocupações obterá bons resultados. Imaginação fértil e grande intuição para realização de grande alcance futuro.

SAÚDE: Os seus nervos andarão um tanto excitados motivado pelos seus afazeres. São também de temer quaisquer infecções.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: O período que se apresenta será ditoso. Reinará uma atmosfera sadia no ambiente familiar. As amizades e os interesses do coração estão bem favorecidos.

DINHEIRO: A actividade que exerce será satisfatóriamente compensada. Aproveite o ensejo para aumentar o seu pecúlio. Não esbanje demasiado nos seus casos pessoais.

PROFISSÃO: Favorável para traçar projectos, criar a idealizar, mas não para pôr em prática. De momento cinja-se simplesmente à ideia e quando lhe fôr propício então aproveite para entrar em acção.

SAÚDE: Em relação ao período anterior, a sua posição neste capítulo está bastante beneficiada.

CARTA DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

QUE TAL, 1972?

PRIMEIRA PARTE

Eis a pergunta que ouço em minha volta:

— Que tal, 1972?

Então, agora, de volta a casa, fui procurar, na empoeirada pasta de recortes do «Diário de Lisboa», deste ano, para descobrir, afinal, o que é que 1972 tinha deixado em mim como material de lembrancas...

Lembranças que aí vão, em dois episódios. O segundo sairá no próximo Domingo.

JANEIRO

Comecei o ano, se não me engano falando de poetas portugueses.

Evocando-os, citando-os.

Numa página inteira defendi a ideia de que Portugal existe porque sempre teve grandes poetas (O pior é que, em regra, só são grandes depois de mortos). A certa altura, escrevi: — Não, não vou mais longe, mas é através deles que se consegue compreender Portugal. Na sua angústia no seu sofrimento, no seu sarcasmo, no seu amor e nessa pequenina «edaliveias» portuguesa que como vive nas montanhas dos nossos sonhos e que se chama Liberdade.

Foi assim que comecei o ano falando de poetas. Só posso desejar que as palavras que acabo de transcrever sirvam de epígrafe para o ano de 1973, como serve o poema de Paul Eluard na página de abertura da nova edição de Terra Ocupada, de Urbano Tavares Rodrigues, recem chegado às minhas mãos...

AINDA JANEIRO

Ainda em Janeiro iniciei uma longa série de variações tendo como tema a Violência. Desta vez o titulo era Foclore Agressivo.

Dizia eu:... concordo com André Dumas quando prova que o homem de hoje é igual ao de sempre, partindo do princípio de que a Biblia não passa de uma desenfreada sequência de actos ferozes e violentos. O que é agravado pela mútua hostilidade da população sobre a face da terra.

Acima de tudo pela desigualdade Social. E pela injustiça...

Agora, quase um ano depois, verificamos que o mar de violência se alastra cada vez mais...

Mas a violência que mais me confrange, é a infantil. A dos menores famintos, nascidos ao acaso, vivendo como ratos, e que, surgindo em bandos, atacam, assaltam, roubam, espalham-se, fogem, deixando as vítimas preplexas.

Dão-lhes aqui, o nome de pivetes. Conheço vários. Se vou de manhã à praia bem cedo, é certo encontrar alguns envoltos em sujos sacos de linhagem. Não têm mais de onze, doze anos. s vezes menos. No máximo catorze. Naquela hora os olhos deles sorriem pureza. Naquele momento são apenas anjos de cara suja. Depois, aperta a fome. E lá vão, de mansinho, organizando seus rudimentares planos estrategicos. Em puro organizando seus rudimentares planos estrategicos. Em puro instinto. Em puro desamparo...

NO MÊS DO SAMBA

Em Fevereiro gastei vários Domingos na balburdia do Verão e do samba, vivida no desacordo dos meus vários eus.

Numa página evocando distantes carnavais, coloco, no fim (como prova de momentaneo equilibrio) uma breve Nota falando de certo colóquio, no Grémio Literário, onde Helena Cidade Moura, chamou a atenção para a necessidade de uma edição critica de Eça de Queiróz, sobretudo no que respeita aos manuscritos editados pòstumamente, alguns dos quais não só sofreram alterações como foram Completados ao Ser Editados.

Meu comentário termina assim: — Eis uma tarefa que dignamente deve competir a Colóquio Letras.

Agora, já com nove numeros publicados (ou serão dez, nesta hora? atrevo-me a ir mais longe: não pode, Deve.

MARÇO

Em Março, a proposito do volume Deserto em Vozes, de Urbano Tavares Rodrigues, uso dizer que há, no autor, um aristocratismo literário tão especialmente cultivado que talvez o torne inabordável para aqueles a quem seria util o que há de importante nas páginas deste livro de um profundo sentido social. Comovo-me com a sua evocação de Alcântara e esbaldo-me recordanto o largo do Calvário.

APONTAMENTO

Mulheres numa noite de chuva é o titulo de uma cronica publicada em 27 de Março. Dela destaco este pequeno episodio que me parece ter certa vivacidade, arrancada do natural. Tão Copacabana!

«...Ao chegar à porta do cine Metro, a chuva cai mais forte. Assisto a um filme qualquer. E quando saio toda a rua, agora, é um lago com trinta centimetros de água barrenta sobre o asfalto. A Garotada, só de calção, ou nem isso, pula de alegria como grãfino nas suas piscinas transparentes e luminosas. Revolvo descalçar os sapatos. Ergo as calças que viram bermudas e com dois vagos conhecidos entro num bar agora fluvial. Peço qualquer coisa para aquecer. Surgem duas garotas.

Encharcadas, é claro. As pernas queimadas de Sol rebrilham até ao ponto mais fugidio da mini-saia. As blusas semitransparentes, molhadas perderam todo o falso pudor do semi. Ofereço a uma delas o meu banquinho.

— Que que há? Não agradeço o banco porque isso prova as suas más intenções...

— Perdão.

— Perdão.

— E bom que saiba, nós pertencemos ao grupo Independencia Feminina, que não dá bola para machos autocráticos e sexualmente apressores!

Para correspondencia: Rua Fernando Mendes, 28-ap.908-Copacabana G.B. Brasil:

NO MÊS SEGUINTE

Em Abril contei a história de um padre que recentemente abandonara o sacerdócio. Magro, esqualido, olhos de tísico, quarenta e poucos anos. Chegara ao Rio depois de passar vinte anos nos sertões nordestinos.

Fala de um povo miserável e sofrido que dele só esperava milagres, como se ele fosse um novo padre Cicero...

Respondi-lhe que há sempre esperança em dias melhores...

— Sabe, quando Satanás nos envolve com fumaça que o rodeia, nossos olhos ficam cegos.

— Adivinho no seu rosto a capacidade do remorso.

— Talvez. Sou um trapo humano. Quer saber a verdade? Amei uma mulher...

— Foi por causa dela que renegou a igreja?

— Não. Foi porque ela morreu. Virgem, e tuberculosa.

AINDA EM ABRIL

Ao referir-me a um texto de Mário Bravo. relembrando a 1.ª Travessia Aérea do Atlântico Sul, pus diante do leitor a figura pequenina e encolhida do almirante Gago Coutinho. Falei com ele várias vezes. Via-o quase que diàriamente próprio, a mão direita colada ao rosto, fumando o ópio fugidio das imagens cinematográficas.

MAIO

Foi quando comecei a falar mais intensamente em poluição. Só se falava nisso. Cientistas, ávidos de publicidade, afirmavam na imprensa:

— Viver, em si mesmo já é um acto de poluição!

Em 14 de Maio, num diálgo em familia, surge Ermelinda, professora de ensino médio...

— Aposto que vocês estavam falando de poluição, não é? Mas esquecem que a principal poluição é a do nosso idioma. O quê? Estão rindo? Pois o pior mal que nos assola é a poluição idiomatica.

O dono da casa, que escreve novelas para a Tevê:

— Pois olha, é com essa poluição que nos vamos ficando mais brasileiros.

O nosso mal era a preocupação de escrever certo, impedindo a evolução do nosso idioma nacional. E acima de tudo a nossa espontâneidade criadora. Por isso, querida. desculpa, mas viva a poluição da lingua portuguesa!

MAIO DE NOVO

Acusei a recepção do album — lindo aliás! — Lisboa na Moderna Pintura Portuguesa, de José Gomes Ferreira. A nota saiu no sopé de uma crónica que provocou muitas cartas de leitores, intitulada Os Cogumelos Mágicos. Creio que até hoje o autor ainda pensa que estou mentindo.

E ACABA O 1.º SEMESTRE

Em 4 de Junho eu falei de pássaros. De pássaros que uns querem em liberdade, outros na ociosidade das suas gaiolas. De repente, no Rio de Janeiro, descobriu-se que era preciso dar a liberdade...

— A quem?

— Aos pássaros.

Isto foi pedido em coro por centenas de mulheres, quando, quase todas elas, guardam em seus apartamentos cachorrinhos de todos os tamanhos, que levam de manhã à praia, permitindo-lhes que emporcalhem a areia onde se deitam ao sol os que ainda acreditam em ecologia...

— Meu cachorrinho é livre.

Mas, se algumas dessas velhas damas de paixão canina vê bebés de cinco sete anos, nusinhos, soltando ostensivamente ao sol o fio doirado do seu pipi, logo põem a bôca no mundo contra a falta de vergonha do nosso tempo...

LUIS DE CAMÕES

Foi a 25 de Junho que saiu neste nosso Diário de Lisboa o meu apelo psico-mágico dirigido a Luis de Camões. Pretendia eu que o autor de os Lusíadas interferisse a fim de trazer ao Brasil uns cinquenta ou cem poetas jovens desses de quem as obras já fazem parte das antologias da poesia moderna de Portugal.

Viriam aqui para conviver fácil e naturalmente com os seus camaradas brasileiros. Porque, quem sabe? Talvez uns, e outros, encontrassem um jeito de manter a unidade do idioma. Porque existe uma realidade excepcional. Se há diferenças essenciais entre a prosa dos escritores do Brasil, e a prosa dos escritores de Portugal, há no entanto uma certa unidade entre a poesia moderna de brasileiros e portugueses. Descarnada.

Tentei tudo. E quando me disseram que uns americanos, no terreiro de uma mãe de santo amiga, tinham conseguido a presença do espirito de Edgar Allan Pôe, logo pedi para os seus orixás fizessem baixar, ali em Jacarépagua, o nosso grande Luis de Camões.

Pois tem. Não consegui nada. Houve é certo um estranho alarido.

Um rumor de espadas. Um marulhar de ondas. Dois ou três versos perdidos no ar. Mas isso apenas.

E certo que, depois, num redemoinho, desceu uma luz vermelha, duas crioulas caíram em transe, mas o espirito que veio foi o de um outro poeta, esse, baiano de nome Gregorio de Matos, que começou a declamar alguns daqueles seus versos sacrasticos que, embora escritos no século XVII não me atrevo a transcrever aqui. Por serem subversivos, na opinião daquele ex-padre de que falei mais acima.

● **Na próxima semana:**
QUE TAL, 1972
(segunda e última parte)

EXTERNATOS

São Vicente

Rua do Raraíso, 28 — Telefone 864100

Marquês de Pombal

Rua Morais Soares, 93 — Telefones 820221/834658

Álvares Cabral

Av. Grão Vasco, 1 (Benfica) — Telefones 70 69 74/5

CURSO LICEAL
CICLO PREPARATÓRIO
CURSO COMERCIAL
INSTITUTOS

AULAS DIURNAS E NOCTURNAS

A Direcção deseja aos seus Digníssimos Professores, Alunos e Ex.mas Famílias, Festas Felizes e Próspero Ano Novo

A PRENDA DE NATAL

SERVIÇO DE MEALHEIROS

MONTEPIO GERAL FUNDADO EM 1840

RUA DO CARMO, 62—LISBOA

televisão

MADEIRA ISLAND SIEMENS
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

12.00 Ao serviço da nação Mensagens de Natal de militares em serviço na Província da Guiné.
12.30 Missa de domingo
13.10 Dia do senhor
13.35 Hoje pode ver
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Auditório musical (Missa solene em dó maior de Beethoven)
15.10 Desenhos animados
15.20 Tarde de cinema (O Marciano de Natal)
16.55 TV Infantil
17.50 Festival no gelo
18.40 O Mundo à nossa volta.
19.30 Telejornal — 3.ª edição
19.45 Adeus 15 anos
20.00 TV 7
21.00 Cânticos de natal (Pelas alunas da Escola Avé-Maria)
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Mensagem de natal
22.15 Domingo à noite
23.55 Missa da meia-noite (Transmissão directa da Sé Patriarcal de Lisboa)

2.º Programa

20.30 Abertura e O Regresso de Lucy
21.00 Dó, Lá, Si
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Mensagem de natal
22.15 Antologia (Lancelot)
00.30 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

11.30 Missa de natal (Transmissão directa da Sé Patriarcal de Lisboa)
11.55 Eurovisão (Benção Urbi et Orbi dada por Sua Santidade o Papa da praça de S. Pedro, em Roma, precedida dos desejos de Boas-Festas em várias línguas).
12.30 O natal na Terra Santa
13.00 O mundo a cantar
13.30 Hoje pode ver
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 O natal é... (Um filme de desenhos animados dedicado ao Natal)
14.30 A pintura religiosa portuguesa no século XVI
15.00 Eurovisão (Concerto de Natal, em transmissão directa do De Doelen, de Roterdão)
16.00 TV Infantil (Circo de Natal de Billy Smart)
17.30 A Lenda do 4.º Rei.
18.55 Coral fidelius
19.20 Ao serviço da nação (Mensagens de Natal dos militares na Província da Guiné)
19.50 Variedades (Roberto Carlos)
21.30 Telejornal — 2.º edição
22.00 Bailado (Romeu e Julieta)
23.30 Telejornal — 3.ª edição
23.45 Meditação e fecho
2.º Programa
20.30 Abertura e Desenhos animados
20.45 Documentário
21.00 Uma rapariga endiabrada
21.30 Telejornal — 2.ª edição
22.00 Museu do cinema (Charlot)
23.00 Volta Massiel
23.45 Fecho.

Tem moedas antigas para vender?

Quer ampliar a sua colecção?

Deseja conhecer a maior colecção de moedas portuguesas (cerca de 5.000 exemplares)**?**

Consulte o DEPARTAMENTO de NUMISMÁTICA do

BANCO PINTO DE MAGALHÃES

tempo

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado ou encoberto em todo o território; o vento era fraco em vários rumos e havia nevoeiro ou neblina no Norte e Centro.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	7.º
P. DOURADAS	/1.º
COIMBRA	7.º
PORTALEGRE	7.º
LISBOA	6.º
FARO	11.º
FUNCHAL	15.ª

TEMPERATURAS EXTREMAS

Porto
Máxima 20,7.º

Penhas da Saúde
Mínima 9.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13,9.º
Atmosfera 9.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.49	4,1 m	0.01	0,9 m
19.19	3,7 m	12.38	0,8 m

DIA 25

7.35	3,9 m	0.47	1,1 m
20.06	3,5 m	13.26	1,0 m

DIA 26

8.22	3,7 m	1.35	1,3 m
20.56	3,3 m	14.18	1,3 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado; vento fraco de vários rumos; condições favoráveis à ocorrência de neblina ou nevoeiro.

AMANHÃ

NASCER ÁS 8.53
OCASO AS 18.20

DIA 27 | DIA 4 | DIA 12 | DIA 18

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

15.00 Onda musical
17.00 De Portugal para Portugal
18.05 Alô, Portugal! ... mensagens de Bas-Festas de Estações estrangeiras de Radiodifusão
18.40 O Natal no Mundo
19.10 Momento de Jazz, pelo Conjunto «Status»
19.35 O Natal do ardina
20.00 Diário sonoro
20.30 Tema para poetas
20.50 Orgão na Igreja da Pena — recital de Joaquim Simões da Hora
21.10 Mensagem do Natal pelo Patriarca de Lisboa D. António Ribeiro
21.30 E Natal! E Natal! Programa pela Orq.ª de Variedades e Quarteto Vocal Feminino da Emissora Nacional
22.05 História de uma Canção de Natal, pequeno episódio radiofónico de Isa Meireles de Sousa Martins
22.25 Concerto pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia
22.45 Natal Português
23.05 Recital de orgão, por Maria Celeste Silva: Hino de Natal
23.25 Concerto pelo Corpo Polifonia, dirigido pelo Cónego dr. José Augusto Alegria
23.50 Missa do Galo, transmitida da Igreja de Monsanto da Beira, a aldeia mais portuguesa de Portugal. No final (cerca das 00.50) diário sonoro. Saudações de Boas-Festas

2.º Programa

16.00 Uma cantata de Natal de Honegger
16.30 Obras de Heinrich Biser
17.00 Perspectivas da obra de Mozart Concerto em lá maior, K622. Jack Brymer (clarinete) Orq.ª Sinf. de Londres, dir de Colin Davis
18.00 Concerto de Domingo — (1.ª Parte) — Intercâmbio Musical — Festival de Salzburgo de 1972 (Gravações cedidas pela Radiodifusão Austríaca)
18.50 Intervalo: «Amor e Amizade»
19.00 Concerto de Domingo — (2.ª Parte) — Intercâmbio Musical (cont.) — Sinfonia n.º 7, em lá maior, op.92 (Beethoven)
19.40 Quarteto em fá maior, op.64 n.º 1 (Boccherini) ; Quarteto «Carmirelli» de Roma
20.00 Junção (com o 1.º Programa)
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa Estereofónico — MF 2

21.10 Oratória de Natal (Bach)
23.55 N.os 1 a 9 da Colectânea «20 olhares sobre o Menino Jesus» (Messiaen) pelo pianista Michel Beroff
00.40 Concerto Grosso op.6, em sol menor «para a Noite de Natal» (Corelli) Orq.ª de Câmara Jean-François Paillard
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Media

14.55 Tarde desportiva
17.03 Projecção
17.33 Meia hora depois
18.00 Musica pelo caminho
18.45 Os ritmos da tarde
19.03 Fórmula 1
19.30 Vedetas e canções
20.15 Comentador desportivo
2030 De sete em sete dias
20.45 A Estrela da noite
21.02 Leitura
21.30 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.20 Canções ao acaso
23.30 P.B.X
2.00 A noite e nossa
6.00 Diário rural
7.00 Talismã

RÁDIO RENASCENÇA

14.45 Onda desportiva
17.30 Música o volante
19.00 Automobilismo
18.30 Terço e Missa
20.05 Zona verde espaço ocupado pela família
20.35 Variedades
20.55 Meditando
21.15 Mensagem do Natal
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Programas dos sócios
23.00 A 23.ª Hora
24.00 Missa da Natividade

Emissores Associados de Lisboa

Radio Peninsular
das 6 ás 8 das 10 ás 12 e das 22 ás 2

Clube Radiofónico de Portugal
das 8 ás 10 e das 17 ás 19.30

Radio Graça
das 12 ás 14.30 e das 19.30 ás 22

Radio Voz de Lisboa
das 14.30 ás 17

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Lídia, Calçada da Ajuda, 170 (Tel. 637318)

ALCÂNTARA:
Infante Santo, R. do Olival, 290 (Tel. 661003); **Probidade**, Rua de Alcântara, 15-A (Tel. 638589)

ALIMIRANTE REIS:
Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B (Tel. 50487)

ALTO DO PINA:
Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (Tel. 841912)

ALVALADE:
Alentejo, Av. da Igreja 28-B (Tel. 712682); **Belo**, Av. de Roma, 53-A (Tel. 776314); **Estados Unidos**, Av. Estados Unidos da América, 16-B (Tel. 725959(; **Rainha Santa**, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Avenida do Brasil) (Tel. 765262)

AMEIXOEIRA:
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (Tel. 790969)

ANJOS:
Guerra, R. Andrade, 32 (Tel. 845513)

AREEIRO:
Central, Avenida Paris, 2 (Tel. 720820)

AVENIDA DA LIBERDADE:
Vieira Borges, Rua Alexandre Herculano, 28 (Tel. 40536); **Galénica**, Rua das Pretas, 12 (Tel. 322588)

AVENIDAS NOVAS:
Cardote, Av. Visconde Valmor, 28-A (à Avenida da República) (Tel. 772291); **Saldanha**, Av. Praia da Vitória, 53 (Tel. 43938); **Santa Maria**, Av. 5 de Outubro, 28-3A (Tel. 763016)

BAIRRO DOS ACTORES:
Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B (Tel. 50487)

BAIRRO ALTO:
Oliveira, R. D. Pedro V, 123 (Tel. 327880)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO:
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Tel. 311216)

BAIXA:
Internacional, R. Áurea, 288 (Tel. 322017)

BENFICA:
S. João, Estrada da Luz, 124 (Tel. 783179); **Marques**, Estrada de Benfica, 648 (Tel. 700096); **Vitex**, Estrada de Benfica, 373-B (Tel. 780548)

CAMPOLIDE:
Imparcial, R. General Taborda, 28 (Tel. 680931); **Rualto**, Rua Alto do Carvalhão, 5-A (Tel. 651721)

CAMPO DE OURIQUE:
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (Tel. 666206); **Almeida**, Rua Silva Carvalho, 136 (Tel. 681726)

CHARNECA:
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Tel. 790969)

CONDE REDONDO:
Contemporânea, R. Conde Redondo, 26-30 (Tel. 45048)

ESTRELA:
Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 139 (Tel. 661758)

GRAÇA:
Alves de Carvalho, R. Vale de Santo António, 9-9 (Tel. 840125); **Monte (do)**, R. Senhora do Monte, 30-A/B (Tel. 867842); **Anunciada**, Rua do Vigário, 74 (Tel. 866360) **Progressiva**, Rua de Santa Marinha, 18 (Tel. 863619)

GRILO:
Grijó, R. do Grilo, 25 (Tel. 385264)

LUMIAR:
Patuleia, R. do Lumiar, 120 (Tel. 790332)

OLIVAIS:
Borges, Rua Cidade de Benguela, lote 300 (Olivais Sul) (Tel. 311091); **Central dos Olivais**, R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (Tel. 315539)

PEDROUÇOS:
Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tel. 610741)

PENHA DE FRANÇA: **Dimar**, R. Conde de Monsaraz, 17-B (Tel. 842533)

PICHELEIRA:
Mariuz, Calçada da Pichelei-ra, 140-B (Tel. 720703-728395)

RESTELO:
Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tel. 610741)

SANTO AMARO:
Santo Amaro, R. Filinto Elisio, 29-A (Tel. 637070)

S. BENTO:
Valentim, R. Poço dos Negros, 88-90 (Tel. 67453)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (Tel. 42312)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 2341000os
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)
ALMADA
Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-A (Telef. 270242)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef 224302)
BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (Telef 2273443)
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Telef. 270121)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO **Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 Z(Telef. 230156)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Telef. 229471)
SETUBAL
Bocageana, R. do Romeu (Telef. 23425)
Bairros, B.º Santos Nicolau (Telef. 23330)
SEIXAL
GGodinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Telef. 212048)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão LOPES; / (Telef. 2432039)
OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Couceiro (Telef. 2430485)
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Telef. 2471054)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Telef. 263052)
ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (Telef. 260391)
CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 281419)
Nova, Est. de Alvide-FONTAINHAS (Telef. 2810444)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I-Lote 146-B.º Janeiro (Telef. 932756)
Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210)
Igreja, P. da Igreja, 22-A (Telef. 937740)
Jardim, Av. Conde de Oeiras, LojaX-1-Reboleira (Telef. 938424)
DAMAIA
D. João V- Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461)
VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Telef. 972530)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Telef. 950045)
Correia, L. do Mercado, 3 (Telef. 950906)
CACÉM
Garcia,Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)
MEM MARTINS
Quimia, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)
SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef. 980832)
COLARES
Colares, Abreja (Telef. 299088)

PORTO

8.º TURNO

SUB-TURNO A

Bonfim (do), Rua do Bonfim, 73; **Contumil**, Rua de Contumil, 540; **Guerra**, Rua Costa Cabral, 43; **Guimarães**, Rua de Francos, 37; **Lemos e Filhosa, Lda.** Pr. de Carlos Alberto, 31; **Liga Assc. Soc. Mútuos**, Rua do Bonjardim, 286

SUB-TURNO B

Henriques, Praça da Batalha, 64-A; **Moreno, Lda.**, Largo de S Domingos, 44; **Sanil**, Rua do Paraíso, 214; **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645, **Vasques**, Rua das Condominhas, 794

COIMBRA

TURNO C

M. Nazaré, Av. João das Regras, 132-tel. 23033; **Figueiredo**, R. da Sofia, 107-109-tel. 22837; **S. José**, Arcos do Jardim, 41-tel. 24697.

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
Às 14.45 - 17,30 e 20,30
(Grupo C - 14 anos)
9.ª Semana de êxito «UM VIOLINO NO TELHADO» Écran gigante, som estereofónico de quatro bandas magnéticas

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.00-17.00-19.00-21.30
(Grupo C-14 anos)
4.ª Semana
A teoria e a prática do cinema aplicado na História «ALEXANDRE NEVSKI» de Eisenstein com Nicolai Tcherkassov

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
Às 15,15 - 18,30 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
«O JUIZ ROY BEAN» De justiça em injustiça impõe a sua lei. Com Paul Newman, Jacqueline Bisset e Ava Gardner. Color. Metro Alvalade

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.00-17.00-19.00-21.45
(Grupo C - 14 anos) 4.ª Semana
A obra-prima de Robert Rosselini «A TOMADA DO PODER POR LUIS XIV» (Metro-Alameda)

BERNA (Tel. 776098)
Às 21.30 Horas - 20.ª Semana! A Paramont Apresenta «O PADRINHO Grupo D 18 anos Hoje às 15,15 e 18,30 um maravilhoso Presente de Natal Grupo A 6 anos O COMBOIO QUE LEVAVA SAUDADES» com Dinah Sheridan

CASINO ESTORIL (Tel. 264621/264948
Às 15.30 e 19.00 Grupo D 18 anos
«O PADRINHO»

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«CURVAS NA ZONA» e em complemento «BLUE»
Às 18.30 h Grupo A 6 anos «A GALINHA DOS OVOS DE OURO» com Abboh e Costelo (Metropolitano Arroios - Chile)

ROMA (Tel. 727778)
Às 15,30 - 18,30 e 21,30
Grupo D 18 anos 2.º SEMANA Estmancolor· Ele joga à sua maneira... Ela joga por fora... MEU MARIDO ESSE DESCONHECIDO com Kirk Douglos e Marléne Jobert

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15, 18.15 e 21.30
(Grupo B - 10 anos)
«A COLINA DOS SARILHOS» Com Terence Hill e Bud Spencer (Colorido)
Ciclo Terror à Meia Noite- às 00.30 (Grupo D - 18 anos) «SANGUE DO TERROR»

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos) 3.ª Semana
Alfredo Landa, Sylva Koscina e Ira Fustenberg em «NÃO DESEJARÁS A MULHER DO DELICADINHO». Um escândalo em graça brejeira

TIVOLI (Tel. 50595)
Às 15.15 e 18.30 - 2.ª Semana
Walt Disney apresenta «SE A MINHA CAMA VOASSE»
Tecnicolor - Grupo A (6 anos)

EUROPA (Tel. 661018)
15.15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
Um filme de Richard Brooks «OS PROFISSIONAIS» com Burt Lancaster, Lee Marvin, Jack Palance e Robert Ryan
Às 18.15 para toda a pequenada (Grupo A - 6 anos)
«VIVER LIVRE»

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B-10 anos) 2.ª Semana
O inimitável Cantinflas em «OS 3 MOSQUITEIROS»

CONDES (Tel. 322523/326710)
4 sessões diarias - 14.15-16 30 18 45 e 21.45
(Grupo B-10 anos) 2.ª Semana
A loucura feita cinema
Louis de Funés e Yves Montand têm «A MANIA DAS GRANDEZAS»

S. JORGE (Tel. 54153/4
Às 15.15 - 18,15 e 21,30
CharlesBronson«OMECÂNICO» Sensacional! - Grupo D 18 anos O Espectáculo desta noite termina antes dos 24 Horas - o mesmo espectáculo às horas habituais

MUNDIAL (Tel. 538743)
Às 16.45 e 19,30 h.
Grupo D 18 anos 11.ª Semana Triunfal do maior êxito de gargalhada de todos os tempos, com Lino Ventura e Jacques Bael «AVENTURA É AVENTURA» um filme colorido de Claude Lelonch

LYS (Tel. 48560)
14.45 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«ATÉ À MATERNIDADE» e em complemento «COLTS PARA OS SETE MAGNÍFICOS»
(Metropolitano- Intendente)

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
Às 15.30, - 18.30 e 21.30 Grupo A 6 anos «INIMITÁVEL! INESQUECÍVEL! «LUZES DA CIDADE» com Charles Chaplin 2.ª Semana.

APOLO 70 (Tel. 763319)
Às 15.00 e 18.15 Techinolor Grupo D 18 anos Genial
«O Grande Conquistador»
com Wood Allen

AVIZ (Tel. 47163)
Às 15.30 - 18,30 - 21,30 Grupo B 10 anos. 48.ª semana «Record de exibição em Portugal! «TRINITÁ - Cow-boy insolente com Terence Hiel e Bud Spacer color-Scope

LONDRES (Tel. 731313)
Às 14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.00 Grupo D 18 anos)
Colorido - A Estrela do ano Liza Minuelli 5.ª Semana
CABARET (Adeus Berline)

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
(Grupo C - 14 anos)
Um filme de Richard Brooks «OS PROFISSIONAIS» com Burt Lancaster, Lee Marvin, Jack Palance e Robert Ryan
18.30 para toda a pequenada (Grupo B - 6 anos) «O FALCÃO»

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«A FÚRIA DA RAZÃO» e em complemento «A VIDA INTIMA DE QUATRO MULHERES»
Às 00.30 (Grupo D - 18 anos)
«O CAIXÃO»

VOX (Tel. 720808)
Às 15.15 e 18.30 3.ª Semana Estmancolor - Grupo d 18 anos Louis de Founés e Yues Montand têm «A MANIA DAS GRANDEZAS»
A Loucura feita cinema.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Grande companhia de circo do Natal

TEATRO MUNICIPAL S. LUIS
21.45 (14 anos)
«MISSA LEIGA»

MARIA VITÓRIA
20.45 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

VARIEDADES
20.45 e 23.00
«A cama dos comuns»

A. B. C.
20.45 (18 anos)
«É o fim da macacada»

VILLARET
20.45 (14 anos)
«Sua Excelência, o Pendura»

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«O princípio e o fim»

COMUNA
21.45 (14 anos)
«Para onde is?»

LISBOA/Cinemas

OLYMPIA
19.00 (14 anos)
«A ilha do terror»

PARIS
21.00 (10 anos)
«A Bíblia»

PROMOTORA
21.00 (10 anos)
«Harper, detective privado»

JARDIM CINEMA
21.00 (14 anos)
«O Círculo Vermelho»

MAYER
21.00 (10 anos)
«Operação Poker»

ARCO ÍRIS
19.00 (10 anos)
«A ira de Aquiles»

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«Zorro na corte de Inglaterra»

LINHA DE CASCAIS

PAREDE
Royal Cine
21.15 (10 anos)
«Romance em Acapulco»

ESTORIL
Casino
15.30 e 19.00 (18 anos)
«O Padrinho»

Palácio
21.30 (18 anos)
«O Padrinho»

CASCAIS
S. José
15.00 (6 anos)
«Os Aristogatos»
17.30 (18 anos)
«X, Y, Z»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«007 Ordem para matar»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«O Vale da honra»

CACÉM
S. João
15.30 (18 anos)
«Este difícil amor»

MEM MARTINS
Cine Chaby
15.30 (18 anos)
«A Conspiração»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Smic Smac Smoc»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Crime de amor»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«Joaquim Murrista»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«vejo tudo2nú»

PORTO/Cinemas

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Que se passa doutor»

TRINDADE
21.30 (14 anos)
«Um violino no telhado»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«O desafio de Pancho Vila»

JÚLIO DINIZ
21.30 (10 anos)
«Trinitá - Cowboy insolente»

RIVOLI
21.30 (10 anos)
«A mania das grandezas»

S. João
21.30 (10 anos)
«Se a minha cama voasse»

ESTÚDIO
21.30 (10 anos)
«Luzes da cidade»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (14 anos)
«As grandes manobras»

PASSOS MANUEL
21.30 (14 anos)
«Melody»

OLIMPIA
21.30 (10 anos)
Cantinflas em «Os Três Mosquiteiros»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (10 anos)
I Festival Internacional de Magia

COLISEU
21.30 (6 anos)
«Circo Hungria de Budapeste

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Praticantes de sonhos»

GIL VICENTE
21.00 (6 anos)
«Goofy e Donald» - Campeões OLímpicos

TIVOLI
21.30 (6 anos)
«O Ladrão de Bagdad»

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«Roubaram o meu coração»

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

PRINCIPE NEGRO — Dancing com variedades **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

EL CID — Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao Conde Redondo). **Tel. 560538**

FANTASMA — Dancing-Caveau com variedades — Ballet Leny Dancer's Show todas as noites uma atracção surpresa. **Rua Gomes Freire, 145-B.** Aberto todos os dias até às 05.00

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

D. QUIXOTE — António Alberto (To-Bé), Virgílio Cneves, Alberto até às 5 h da madrugada. **Rua da Trindade, 9 Tel. 327109. Encerra aos domingos.**

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

SANZALA — Dancing. Duo Ouro Negro e Conjunto Blackground. Jantares e ceias até às 5 da manhã. Av. Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef. 790177.

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Tel. 24859/368197**

ADEGA MACHADO — Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício Fados de Coimbra por Loubet Bravo, Armando Hilário. Tocam Liberto Conde, Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

LUSO Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminda e José Luis Tomar, fado de Coimbra por Americo Silva Em fado castiço Cristina Maria **Travessa da Queimada, 10 Tel. 362889. Aberto todos os dias.**

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana. Tocam: Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos. Folclore pelos Cinco. Típicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.ªa feiras. Rua da Barroca, 133 Tel. 368769**

FRAGATA REAL — Maria Valejo, Maria JôJô Nelo e Joaquim Campos em Fado Lisboa, João Queiroz em Fado Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natália Desejos e João Cabral. **Trav. S. Miguel, 22-Alfama-Telef. 868552**

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FORCADO — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Telefone 368579.**

BICO DOURADO — Boite de nuit, atrações internacionais. das 01 H. e 30 às 03 H. e 30, **R. da Misericórdia, 12 Tel. 368649.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11 Encerra aos domingos Tel. 320164**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

CLUB 107 (Boite) — Rua da Madalena 107, Lisboa-Tel. 860078.

FONTORIA Dancing. Música constante. Variedades internacionais. **Praça da Alegria, 66 Telef. 35431**

SAN PAYO Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34 Tel. 561422.** (Ar condicionado)

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º-2.º-E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

VIAJANTE COMISSIONISTA

PRECISA EMPRESA DE CONFECÇÕES PARA TRABALHAR TODA A PROVÍNCIA

OFERECE-SE:
BOAS CONDIÇÕES DE TRABALHO
BOA REMUNERAÇÃO
LUGAR DE FUTURO

EXIGE-SE:
BOA APRESENTAÇÃO
EXPERIÊNCIA NO RAMO
FACILIDADE EM EFECTUAR CONTACTOS

RESPOSTAS PARA APARTADO, 24 — SANGALHOS

ONKYO
CANAIS STEREO
SOM CIRCUNDANTE

A
OURIVESARIA DA GUIA
Casa fundada na Rua Martim Moniz em 1875
RUA D. DUARTE, 4-B Telef. 86 39 36
(no edifício do Hotel Mundial)
Apresenta a todos os Ex.mos Clientes e Amigos os melhores votos de Boas-Festas e Ano Novo Feliz.

POLICARPO
AVENIDA MARGINAL — Frente ao Cinema S. José
CASCAIS
O SEU AGENTE OFICIAL DE PROPRIEDADES EM TODA A LINHA DE CASCAIS
Deseja um NATAL muito feliz e um ANO NOVO muito próspero aos seus estimados clientes e amigos.

A
Editorial Minerva
MANUEL RODRIGUES, Sucs., Lda.
Apresenta aos seus estimados clientes, fornecedores e amigos, os desejos de um Feliz Natal e próspero Ano Novo.

O BENFICA GANHOU A TAÇA DE HONRA

Sem honra nem glória, o Benfica conquistou a Taça de Honra lisboeta, após uma descolorida exibição, frente ao Atlético e através da marcação de grandes penalidades. Os noventa minutos do prélio terminaram com o empate a uma bola, o mesmo acontecendo ao Sporting, frente ao Belenenses. «Encarnados» e «leões», no primeiro e no terceiro lugares respectivamente, nada têm de se orgulhar. Orgulho sim, a existir só pode ser em Alcântara, pois o seu «team», empolgado por defrontar o primeiro do campeonato, jogou com a garra e a determinação que este ano lhe têm faltado. Daí os parabéns necessários aos rapazes de Ted Smith a quem o segundo lugar, certamente, impulsionará para a dura luta que os espera na segunda volta do campeonato.

Pouco público no Restelo, em relação à jornada de quarta-feira, mas, ainda assim, meia casa de adeptos enfriorados, batendo os pés para aquecer, esfregando as mãos para não enregelar e acendendo fogueiras (ao intervalo) que compensavam a baixa temperatura, da atmosfera e do jogo. Desinteresse absoluto quanto ao Sporting-Belenenses, primeiro porque o jogo valia para o terceiro lugar, segundo porque a exibição das duas turmas foi tão fraca que se prestou ao gozo repetido de quem, na bancada, havia pago bilhete, arrostara com o frio e esperava certamente muito melhor. Foi de tal ordem que até no tocante a grandes penalidades se falharam seis. Isto demonstra a categoria técnica dos intervenientes e a sua tranquilidade de espírito. Por isso mais vale não gastar cera com ruim defunto, seguindo em frente, e apenas frisar que até Yazalde (autor do primeiro leonino) falhou uma grande penalidade, permitindo a defesa de Mourinho, que evitou o 2-0 para o Sporting e, quem sabe mesmo, o arrumar definitivo do prélio.

BENFICA SEM FORÇAR

O jogo principal acabou por constituir mais uma surpresa, oferecida pelo Atlético. Já contra o Sporting, alguns dias antes, os alcantarenses garantiram que não seria fácil vencê-los, mesmo na final, mesmo contra o Benfica. E assim aconteceu.

Para já, Ted Smith organizou (e os seus pupilos cumpriram) uma perfeita marcação individual aos adianteiros benfiquistas, com Esmoriz a vigiar Artur Jorge, Candeias a não largar Eusébio e Baltazar a anular por completo Nené. Zeca ficava livre para acorrer aos locais onde rondava o perigo, e do meio campo para a frente, o Atlético só pensava num objectivo: o contra-ataque pelo seguro. Se mais vezes não resultou foi porque a defesa do Benfica não o permitiu.

A propósito de defesa do Benfica adianta-se que Rui Rodrigues assinou, ontem, uma excelente exibição, talvez a melhor desde que recuperou da lesão antiga e se reapossou do seu lugar no Benfica. Rui não falhou uma intervenção e em muitas ocasiões funcionou como o mais perfeito centrocampista a meter a bola nos dianteiros e a compensar a noite menos feliz (e talvez despreocupada) de Simões e Vítor Martins.

Matine foi outro dos bons elementos benfiquistas, jogando como se estivesse rodado e rotinado na função e não ocupasse, habitualmente, o banco dos suplentes. Excelente. Apenas se lhe aponta de negativo o golo falhado nas grandes penalidades de desempate aliás, o único não transformado pelo Benfica.

Toda a gente pensava que o Benfica ia entrar ao ataque, decididamente, para assegurar a vitória e depois recrear-se como aconteceu contra o Belenenses, em que após o 2-0 os comandos de Hagan deram um autêntico «show» de bola. Mas isso não aconteceu e levou mais de meia hora até Riscado sofrer o primeiro e único golo.

O jovem guarda-redes do Atlético foi desfazendo com menor ou maior dificuldade todas as ofensivas dos campeões, até que Artur Jorge, de muito perto e em queda, rematou fortíssimo mal lhe dando tempo de socar para o ar. Eusébio entrou de rompante e empurrou a bola, de cabeça, para o golo.

Assistiu-se a uma reacção fortíssima do Atletico, que só outra excelente ofensiva, principiada em Artur Jorge, continuada por Nené e concluida por Eusébio, veio cortar, já no fim dos quarenta e cinco minutos iniciais. Esmoriz junto ao poste, afastou para canto, substituindo o guarda-redes e mantendo a sua equipa a perder pela diferença minima.

Com o início da segunda parte, as coisas não se modificaram. O Benfica continuou a jogar nas calmas, sem esforços de maior e o Atlético, face a isso, ganhou confiança e começou também a aparecer na frente. Até que aos 20 minutos aconteceu o escândalo.

UM BELO GOLO

O brasileiro Clésio apanhou a bola sobre a meia esquerda, correu com ela, entrou na área, continuou a viagem para o lado esquerdo e, quando José Henrique saiu, meteu-lhe a bola por trás, de ângulo incrível fazendo um belo golo.

Hagan reagiu imediatamente e mandou entrar Vitor Baptista para o lugar de Artur Jorge, certamente com o intuito de dinamizar o ataque morrinhento da sua equipa. Mas de nada adiantou.

O Atlético também trocou Raimundo por Zezinho e com muita cabeça e muito esforço aguentou a ofensiva, fortíssima, do Benfica nos derradeiros dez minutos (então sim, o Benfica atacou mesmo), ganhando direito a decidir a questão aos «penaltys».

E, aí, falou mais alto a superior categoria técnica dos «encarnados».

Ao fim e ao cabo, ganhou quem mais possibilidades reunia, mas não sem que desta Taça tenha saído uma certeza: o Atlético é mesmo equipa para defender galhardamente, e com muitas possibilidades de êxito, o seu lugar entre os primodivisionários.

FICHA TÉCNICA

No primeiro jogo (Sporting e Belenenses) com arbitragem de Costa Lourenço e empataram 1-1, alinharam:

Eusébio apenas assinou o ponto: único golo do Benfica.

Sporting: Damas, Manaca, Laranjeira, José Carlos Pereira; Tomé, Fraguito e Nelson; Chico (Manecas), Yazalde e Dinis.

Belenenses: Mourinho, Murça, Calado, Freitas e Cardoso; Quaresma (Parreira), Quinto e Ernesto; Luis Carlos, Godinho e Laurinho.

Golos: Yazalde (aos 18 minutos) e Ernesto (aos 66, na execução de uma grande penalidade por rasteira de Laranjeira a Luis Carlos).

Desempate, por grandes penalidades: concretizaram José Carlos, Yazalde, e Nelson, pelo Sporting, e Laurinho e Luis Carlos, pelo Belenenses. Falharam a marcação Ernesto (até na repetição), Tomé, Murça, Manaca e Godinho.

Quanto ao jogo do Benfica-Atlético o resultado foi identico e o árbitro César Reigadas. Equipas:

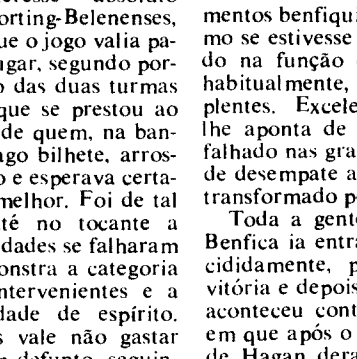
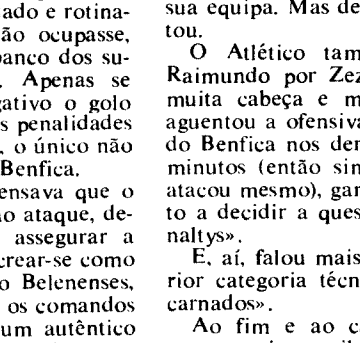
Benfica: José Henrique, Malta da Silva, Humberto, Rui Rodrigues e Adolfo; Matine, Vitor Martins e Simões; Nené, Eusébio e Artur Jorge (Vitor Baptista).

Atlético: Riscado, Esmoriz, Zeca, Candeias e Baltazar; Mesquita, Semedo e Bernardo; Clésio, Raimundo (Zezinho) e Vasques.

GOLOS: Eusébio e Clésio.

Desempate por grandes penalidades: Pelo Benfica, acertaram no alvo Humberto, Simões, Rui Rodrigues e Eusébio, tendo desperdiçado Matine. No Atlético, marcaram Clésio e Zézinho. Falharam Mesquita e Baltazar.

DANIEL REIS

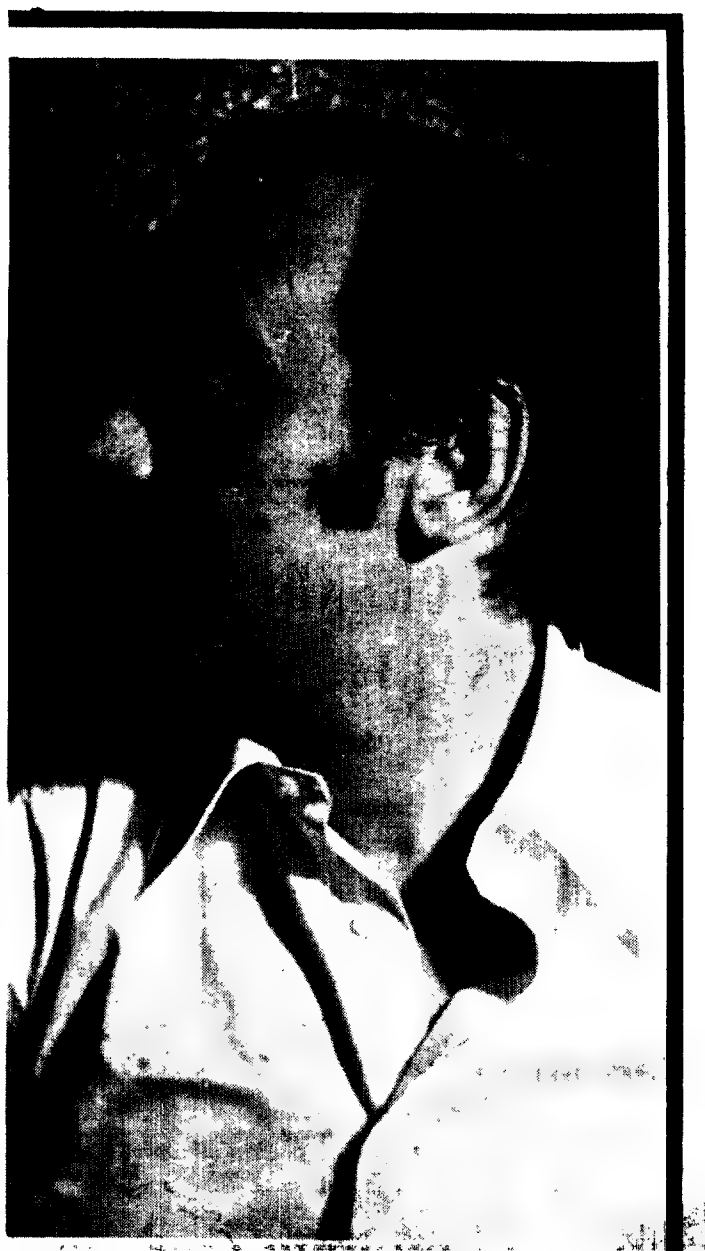
TORRALTA
REVEILLON ALGARVE
ADEGA TORRALTA
os artistas convidados

Carmelita

António Mourão
Grupo C 14 anos
Manillas Festival Show e Paco Santa Cruz
toda a noite música para dançar
TORRALTA
o Seu Lugar no Novo Ano
marcações
Av. Duque de Loulé, 66 'A Lisboa | telefs 555400-555562
Praia de Alvor-Algarve | telefs 32128-32211/2-32251/2 «Portimão»

NOVO CASINO ESTORIL
AMANHÃ
«MATINÉE» ÀS 17 HORAS
Ricky May
● NEW DOLLYS SHOW
● LENITA GENTIL
● HIGH SOCIETY BALLET
Música para dançar
Orpheu's Quartet
Jirina's Combo
Ferrer Trindade e sua orquestra
Maiores de 14 anos
PREÇOS
Chá completo 40$00 (taxas e impostos não incluídos)
Ambiente climatizado

O sono inglês no Domingo (Pág. 3)

Os planos e a viagem de Raúl (Pág. 4)

A MISSA NA CADEIA (Pág. 8)



TEATRO

ALICE NA CASA DA COMÉDIA

Na Casa da Comédia, aberta às mais variadas experiências de teatro, Jorge Listopad, ultima os preparativos da peça «Alice nos Jardins de Luxemburgo» de Romain Weingarten, poeta e dramaturgo nascido em 1926, em Paris. Até ahora este autor cuja produção se limita aos quatro textos teatrais («Akara» de 1948; «Les nourrices» de 1961; «L'Eté» de 1966 e «Alice» editada e representada em 1970) era pràticamente desconhecido da cena portuguesa. De Listopad também. Tomou conhecimento da existência de «Alice nos Jardins de Luxemburgo» através de uma referência de duas ou três linhas publicadas no jornal francês «Le Monde».

«Achei o título interessante e senti curiosidade de ler a peça. Assim fiz. Depois falei com a Carmen Dolores e disse-lhe que tinha encontrado um papel bom para ela. Por acaso deu-se uma coincidência interessante: Carmen vinha de Paris onde vira a peça e também pensava que podia interpretar a mãe de Alice».

Um encenação «sem receitas nem rótulos» segundo as palavras do director técnico que acentuará toda a violência corrosiva do texto de Weingarten. A música , do espectáculo, é de José Alberto Gil — uma espécie de «cozinhado de som» — e João Assis Gomes colabora, como assistente, na encenação. Representam, no minúsculo palco da Casa da Comédia prenho de plástico branco transparente e ocupado por um enorme ovo, Carmen Dolores, Ana de Sá (Alice) e Augusto de Figueiredo.

«As outras peças de Weingarten parecem-me gratuitas. Apenas lúcidas e jocosas. Feitas à base de fantasia e imaginação. Esta é mais séria. No entanto funciona como um texto muito aberto que pode possibilitar a imposição da nossa própria presença e problemática».

Enquanto a ideia se abrigava na cabeça de Listopad ele sonhou com uma distribuição de papeis dividida entre Manuela de Freitas (Alice), Glicinia Quartim (no papel de mãe) na hipótese de Carmen Dolores estar comprometida com outros trabalhos e Augusto de Figueiredo, Solnado ou João Benard da Costa, no Ovo.

BANHO HIGIÉNICO

«Glicinia estava ocupada com «As Criadas» e Manuela de Freitas na Comuna. Então pensei em Céu Guerra. Vasco Morgado não deixa a Céu vir fazer «Alice» por motivo de um contrato. Depois deixa sem deixar. Morgado é simpático, o que lamento por vezes. Mais tarde Céu, não pode não quer, não percebo. Quem é o enganado? Finalmente ambos.»

O espectáculo estreia, a 27 do corrente, com um atraso inesperado devido ao funcionamento complicado do cenário de António Alfredo. Por outro lado Listopad considera a época de Natal pouco propícia para o efeito.

«Uma quadra horrível! Em 27 espero que as pessoas já estejam dentro da sua vida normal.

«Gostaria que o espectáculo fosse alegre. Julgo que isso vai acontecer. Será uma espécie de banho higiénico.»

A Casa da Comédia voltou à sua forma inicial: do palco à italiana e plateia disposta como em todos os teatros convencionais.

«Estou farto de teatro que pretende ser moderno só por sinais exteriores. Afinal vive de clichés. Quero voltar atrás: com cortinas, pancadas de Molière, música...»

«Alice» de Listopad, tem algo de semalhante a «Zazzie dans le Metro» de R. Queneau. Uma criança preversa, na sua espontaneidade, que transpõe o limiar do mundo dos adultos.

«Faz um compromisso com a vida. Então torna-se madura com tudo o que isso tem de bom e mau. Perdeu a espontaneidade».

Augusto de Figueiredo e Ana de Sá: ensaios.

O MUNDO É UM OVO

Para Romain Weingarten **«O mundo é um ovo»**. Ele considera que as diversas interpretações dadas ao seu texto são certas **«Mesmo a psicanalítica»**. Uma parte da crítica acusou Alice de ler demasiado Freud. **«Pobre Alice! Pobre Freud!»** Não é Freud que Alice lê à noite no seu leito. Sonha. Depois de romper com a família refugia-se nos Jardins de Luxemburgo. Alice a partir daí vai enfrentar o mundo. Como lhe aparece ele? Como um ovo. E que pode esperar, do mundo, uma jovem adolescente (15 anos) que se emancipa? Ela descobre um megalómano, um incapaz, um cobarde, um mentiroso, um senhor que não nasceu ainda e que só sabe fazer a guerra.

«Não é possível indicar o sentido, o motivo, o gesto, a deslocação, para cada palavra de uma peça: não falando já de que seria tornar a leitura impossível, ir-se-ia dificultar o trabalho do actor e do encenador.

«Palavra a palavra o contra-senso, é todavia, possível, e o contra-senso é fàcilmente tomado como uma invenção, tão certo é faltar a verdadeira atenção, a substituir regras ultrapassadas», diz o autor.

Jorge Listopad defende a teoria de que o ovo significa a natureza. E acrescenta **«com todos os seus compromissos... ou talvez o pai da rapariga e ao mesmo tempo a vida adulta. Há várias leituras. Não é uma peça para crianças. No entanto elas também podem ver «Alice» só que vão apreender apenas o aspecto superficial. Além do mais para mim já não existem crianças no mundo...»**

CUIDADO COM MOZART

Teatro poético este de Romain Weingarten. Bebendo inspiração na escola do absurdo vai recriar na cena, os seus fantasmas de criança. Exprime-se através do onírico e do humor — uma influência, talvez, dos surrealistas Artaut e Vitrac.

«Toda a arte moderna passou pela experiência dos surrealistas. Por isso me lembrei de pôr uma máquina de costura (a lua, no manifesto de Breton) em a mãe que coze o seu lenço de morte».

O universo de Weingarten é materializado (e compreendido) por Listopad na primeira parte do espectáculo como um títere — tudo escuro; na segunda há a envolvência do plástico e areia; nos lados, para transmitir a ideia de movediço, e fios de corda pendentes do tecto.

«Alice é para mim «A Noite dos Assassinos» em cor-de-rosa. Cuidado com a cor, engana por vezes. Cuidado com Mozart: está nele tudo ou quase tudo o que está, em discurso, explícito em Beethoven. O autor nas rubricas simboliza demais; e com meios que me parecem excluir: a luz, por exemplo. O ovo na verdade não sabe que é ovo. Como o cão não sabe que é cão: um dia, sabendo-o seria um super-cão, isto é, outra coisa. Como a natureza quando toma consciência de si, já é cultura ou civilização ou técnica ou mística. Mas basta de filosofias. Quero apenas certificar-me de que o ovo não sabe que é ovo e por isso pode comer ovo cozido sem espanto. Marquei uma cena com esse elemento para ilustrar a sua inocência».

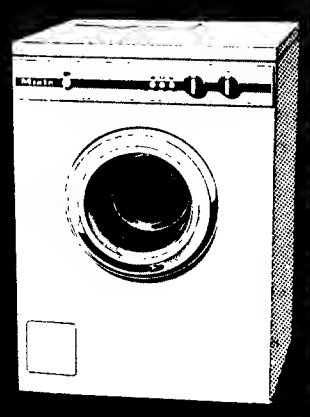
A obsessão do ovo alarga-se pelo «foyer» do teatro cujas paredes foram todas cobertas com embalagens de ovos (daquelas dos supermercados) e para os espectadores interessados há ovos cozidos no intervalo prontos a serem trincados.

Entretanto Jorge Listopad já traz em mente outra encenação. Desta vez a escolha caíu sobre «All the Time» de Harold Pinter.

LOURDES FÉRIA

Máquina de lavar roupa automática

Você própria pode escolher a temperatura, o nível de água e o processo de lavagem. Com tudo isto perde apenas uns segundos. O resto é com a máquina: o desenvolvimento do programa é totalmente automático.



Miele

OLIVEIRA

Av. Almirante Reis, 91-A
Telef. 538323 --536308 - 530838
LISBOA

RESTAURANTE
O PEIXE
(espelho d'água)

DIA DE NATAL
Almoço e jantar
NOITE DE S. SILVESTRE
Ceia
DIA DE ANO NOVO
Almoço

Ementas especiais Cozinha requintada
Marcações pelo telefone
61 04 94

LUSTRES
de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

3K
BRINDES DE NATAL
Rua Pascoal de Melo, 47
LISBOA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por D.Maria do Carmo Barroso, Av. Major Joaquim José, Paiva, 10-3º-Dtº — ALHANDRA

adormeça em Lisboa e acorde em Madrid...

no Lusitânia-Expresso

CP 32A 72

poupe gastos de hotel, viajando de noite

o meio mais económico de centro a centro das cidades

máxima economia: carruagens-beliches
máximo conforto: carruagens-camas climatizadas

de verão, leve consigo o seu carro

ligações para toda a Espanha

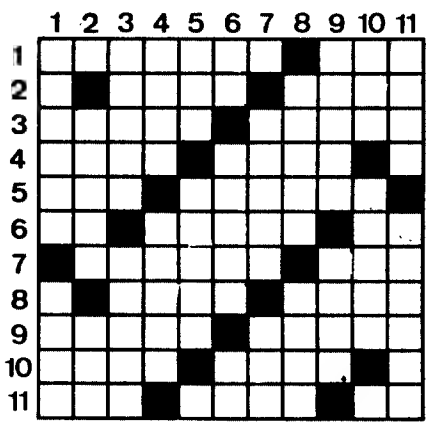
CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Palavras Cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 10291

HORIZONTAIS:

1 Disfarce. Ler.
2 Cantiga Estou
3 Roas Escavas
4 Apos Chão
5 Rezo Que tem poros
6 Nota musical Rio de Italia Estrépito de desmoronamento. Artigo definido
7 Pertinácia. Agência Telegráfica de Imprensa
8 Habilidade Nome de mulher
9 Grande sala Suspender
10 Grande cão de fila. Camada fina
11 Figura que simboliza o povo americano Nome de flor Polícia militar (abrev)



VERTICAIS:

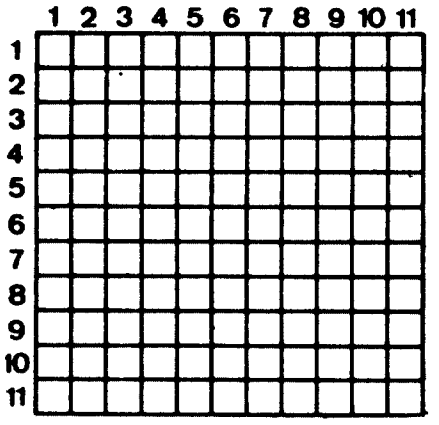
1 Defuntos. Empregas.
2 Dama romana que, para dar a seu marido Peto, condenado à morte por Claudio o exemplo da coragem espetou um punhal no próprio peito dizendo serenamente (Peto não dói) Fileira
3 Vila e concelho do distrito de Viseu Exprimem por palavras
4 Acreditas. Papas de mandioca
5 Suspiros Mira
6 Radio (s.q.) Solitario Cério (s.q.). Porco.
7 Deslizo Contracção da preposição de com artigo definido
8 Proferiu Cidade da Alemanha
9 Que vivem Elevada
10 Dá aviso de alguma coisa em voz alta A que lugar
11 Nome de mulher Fecharem as asas para descer mais depressa

Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6447

HORIZONTAIS:

1 Querida Da marradas
2 Rio de França e da Alemanha Abalar
3 Levar à toa Sacerdotes budistas
4 Batráquio. Germânio (s.q.) Grama Catedral
5 Pequeno simio do Brasil Nome de letra
6 Caminhar para ca Mulher chinesa da classe baixa
7 Rema para tras Acreditei Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Asia
8 Campeão Freguesia do concelho de Idanha-a-Nova Pronome pessoal
9 Antena nautica Astucia
10 Lavrei Bioco Patria de Pitagoras Uma das Ciclades



VERTICAIS:

1 Guarnecera de asas Guardas segredo
2 Assassina Mirara
3 Anel Fecha as asas para descer mais depressa Conjunção
4 Rocegar Lazer
5 Que é do ar Partido
6 O mesmo que três
7 Tigela para sopa. Passada
8 Amplia Freguesia do concelho do Fundão
9 Alcool de melaço Peneira em furos (Bras) Magoa
10 Bracos de mar Visual
11 Género de pássaros dentirrostros do Senegal Salas onde se leccIona

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10290

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Rança. Prosa.	1 RALHOS. Caça.
2 Amaro. Ralos.	2 Amia. Abalar
3 Lio. Sie Api	3 NÃO Rua Alo
4 Ha. Al	4 Cr. Medra. Al.
5 Retomam.	5 Aos Teu Doa.
6 Saúde Aziar	6 Ido. DI
7 Baru. Leis	7 Pré Mal. Aca
8 Ca SS.	8 Rã FAZEM At
9 Ala. Dia Cio.	9 Ola MII Cru.
10 Calão. Carne.	10 SOPA Assina.
11 Arola Atuar	11 Asilar Soer

Provérbio: RALHOS, NÃO FAZEM SOPA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6446

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Arear. Asada	1 Ad. Mim. Pera.
2 Despistaras.	2 Rea. Dar. Rer
3 Asar. Óleo.	3 Essa. Tos Sa.
4 Aer.	4 Apa. Rasar.
5 Id. Rs. As Ci	5 Rirás. Acamo
6 Mata. Eden.	6 Asa.
7 Rosa Arou	7 Atora. Artes.
8 Sacaram	8 Sal. Serão.
9 Er. Rasto De.	9 Ares. Dom. Ma.
10 Res. Mãe Mel	10 Dão. Céu. Der
11 Arado. Soara	11 Ás Ain. Vela.

VASCO MORGADO deseja ao seu Ex.mo Público *Feliz Natal Repleto de Bom Teatro*

TEATRO Telef. 555133

MONUMENTAL

HOJE à tarde 16 h.
AMANHÃ
2 «matinées» 16 e 18 h.

O POPULAR BATATINHA
na deliciosa peça para crianças

A mais linda música
As mais belas canções

Plateia, 20$00
Balcão, frente, 5$00

Grupo A
M/ 4 ANOS

Entrada gratuita às crianças dos 4 aos 6 anos

TEATRO Telef. 864756

LAURA ALVES

Rua da Palma

HOJE E AMANHÃ
às 11 h. da manhã

A encantadora peça infantil de
Maria Clara Machado

Um elenco notável
ENCENAÇÃO de
JACINTO RAMOS

Plateia, 20$00
Balcão, 15$00

Grupo A
M/ 4 ANOS

TEATRO Telef. 864756

LAURA ALVES

Rua da Palma

HOJE: 21,45 H.

Amanhã dia de Natal

«matinée» às 16 h.

ÚLTIMOS DIAS

a peça de **Henry Denker**

O PRINCÍPIO E O FIM

Elenco
por ordem de diálogo

JACINTO RAMOS—LIA GAMA — LÍGIA TELES — COSTA FERREIRA

8.ª SEMANA

Espect. Subs. Fundo de Teatro

50% desconto a estudantes e sócios do sindicato

GRUPO D - M/ 18 anos

TEATRO Telef. 326037

VARIEDADES

HOJE — 2 Sessões
20,45 e 23 h.
Amanhã 16 e 20,45 h.

DIA DE NATAL
16 — 20.45 e 23 h

SIMONE
na divertida comédia

A CAMA DOS COMUNS

com

IO APOLONI
ARMANDO CORTEZ
F. BORSATTI
MANUELA MARIA
DARIO DE BARROS
LUÍS ALBERTO

e a colaboração especial de
JOAQUIM ROSA

15.ª SEMANA

GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 538586

VILLARET

HOJE 2 Sessões
20.45 e 23 h.
Amanhã 16 e 20,45 h.
DIA DE NATAL
16 e 21,45 h.

JOSÉ VIANA

numa espantosa comédia

SUA EXCELÊNCIA O PENDURA

com

DORA LEAL
a revelação da temporada no teatro declamado

HENRIQUE VIANA
MANUELA CASSOLA
LUÍS SANTOS

e a participação de
MARIA PAULA

17.ª SEMANA

GRUPO C — M/14 anos

TEATRO Telef. 361740

MARIA VITÓRIA

2 SESSÕES: às 20,45 e 23 horas
Domingos e Feriados «matinée», às 16 h.

SALVADOR IVONE SILVA
BARROSO LOPES
GUIDA MARIA
na super-revista popular

CÁ VAMOS PAGANDO E RINDO

com

VICTOR MENDES
CARLOS QUEIROZ
a atracção sul-americana
VERA SANDERS
a grande revelação
CIDÁLIA MOREIRA
e colaboração especial de
HENRIQUE SANTANA
e um fabuloso
BALLET INTERNACIONAL
Produção de **Giuseppe Bastos** e **Vasco Morgado**
Grupo D/18 anos

ENTREVISTA

RAUL SOLNADO

"VOU SER DETECTIVE NO BRASIL"

Confissões de Raul: «A minha necessidade de ouvir rir é quase orgânica. Antigamente a família e os amigos divertiam-se muito comigo». «Burguês? Julgo que não sou. Situo-me numa classe indefinida». «Não sou comediante, mas um actor-personalidade». «Apesar de tudo sou um tipo cheio de esperança».

Aos 17 anos participava do movimento de jovens que eclodiu na Guilherme Gossoul. E descobre-se actor. Seu pai, comerciante de vassouras, contrariava fortemente as tendências que nasciam dentro dele e se consolidavam na convivência com o grupo de amigos que mais tarde conquistaram um nome no teatro português. Cada um seguiu o seu caminho: uns mais do que outros abraçaram o sucesso. No entanto Raúl Solnado com quarenta e poucos anos de idade foi o primeiro da meta — um lugar de vedeta para o homem que reinvidica o «humor da cintura para cima».

«A minha necessidade de ouvir rir é quase orgânica. Antigamente a família e os amigos divertiam-se muito comigo. Depois canalizei tudo numa profissão e perdi essa necessidade de fazer rir a cada hora as pessoas uma a uma. Hoje tenho à minha disposição mil de cada vez...»

Na juventude esboçam-se os traços do perfil do indivíduo. E o tempo carrega ou desvanece as ideias-força. O centro vivo de cultura que foi a Guilherme Gossoul embebeu Raúl Solnado de uma certa maneira de encarar o mundo. Agora muito distante dessa época pelas experiências recebidas, pelas sendas trilhadas, pelos triunfos conquistados a esperança diluiu-se como fumo mas as raízes continuam, lá, plantadas.

«A Guilherme Gossoul gerou um movimento intelectual. Nessa altura todos (Jacinto Ramos, Varela Silva, José Viana, Gilberto Gonçalves, Henrique Viana) e outros que ficaram pelo caminho possuíamos uma febre de cultura. Até parecia uma anedota: víamos uma palavra no dicionário e soltávamo-la para ficar toda a gente à rasca. Lembro-me que convidei um tipo do grupo para irmos ao Cinema ver uma fita e ele me ter respondido «Não, porque isso é antagónico». Não sabíamos o que queriam dizer as palavras mas sentíamos o deslumbramento delas. Desatámos a ler desregradamente (é verdade que os responsáveis foram o Jacinto Ramos e o José Viana) e fazíamos quase concursos de erudição e inteligência. Esse movimento resultou porque nos conduziu a um caminho — à preocupação dos problemas sociais».

Se fizeres uma autocrítica chegarás à conclusão que entre o jovem do bairro da Madragoa e a vedeta do teatro português se estabeleceu um abismo? Ou continuas nas mesmas coordenadas de outrora?

AINDA PREFIRO A GENTE DA MADRAGOA

«Apesar de tudo sou um tipo cheio de esperança... e bem intencionado. Gosto de viver e também das pessoas. A minha adolescência, na Madragoa, decorreu bastante confusa. Não sei, bem falar-te dela... talvez a classifique de um pouco angustiante porque houve uma procura caminhos muito grande. Só me consigo localizar na infância. Tenho saudades só até à escola primária. Quanto à adolescência pareceu-me inquietante. Até aos vinte anos estive condenado a seguir uma vida para a qual não estava preparado nem me sentia inclinado: o meu pai queria que eu fosse comerciante. Esses fantasmas acompanharam a minha juventude.

De qualquer forma quando novos, somos geralmente revolucionários. Dizem que na velhice ficamos reaccionários... pois eu gostaria que isso me acontecesse muito tarde quando já não puder fazer mal a ninguém. Nunca acreditei nas direitas hoje já não acredito nas esquerdas. Isto é chato! Sou um órfão político.

O actor no seu «habitat», rodeado dos seus livros (sobretudo de teatro), dos seus quadros dos seus discos, fala sériamente sem vestir a pele do cómico que faz rir milhares de pessoas. Isto de construir humor por obrigação cansa as pessoas.

«Burguês? Julgo que não sou. A minha casa como vês não é nem a de um milionário nem a de um pobrezinho. Situo-me numa classe indefinida. Quando vim para o teatro fazia-me espécie porque é que a alta sociedade não recebia os actores. Então, por raiva, resolvi entrar para ela e não aprendi nada — nem sequer me diverti. Depois cheguei à conclusão que ainda prefiro a gente da Madragoa. É difícil responder à tua pergunta sobre o aburguesamento. Não sei o que isso quer dizer. Ganhar dinheiro?»

Outro dia. Num colóquio sobre a situação do actor acusaram Raúl Solnado de ter um «cachet» de 90 contos mensais. Em que medida o réu orienta a sua defesa?

«Ninguém tem nada com o que eu ganho. Há um jovem indiano (14 anos), leader de um movimento, empenhado na troca de experiências entre o Ocidente e o Oriente (um de concepção económica desenvolvida e outro rico em espírito) a quem perguntaram, numa entrevista, na televisão, porque possuia dois rolls-royce Respondeu: porque mereço. Eu digo a mesma coisa. Em

todos os países do mundo os actores dizem que ganham mais do que aquilo que ganham... aqui têm vergonha de revelar os seus ordenados. Mas também é verdade que quando fôr reformado será com quatro ou cinco mil escudos. Os que nos acusam de ganhar muito dinheiro não vão pôr o resto nessa altura. Por outro lado sou empresário: ganho e perco. Não me considero rico. Porque não se viram contra os aldrabões que ganham fortunas sem fazer nada? Ou contra herdados os imbecis sem capacidade intelectual?

DETECTIVE NO BRASIL

A entrevista devia ter começado pelo pretexto que neste caso é a próxima viagem de Raúl Solnado ao Brasil onde vai protagonizar um filme e fazer televisão. Mas entre a definição do homem e marcar mais uma etapa da carreira do actor optei pela primazia da primeira hipótese. A segunda:

«De facto em Janeiro parto para o Brasil. Vou fazer o «Detective Português»., uma fita realizada por Stefan Wohl. A ideia do argumento é minha mas o Flávio Migliacio colaborou no «script». No entanto, ele têve de abandonar a equipa por causa de um programa seu que estoirou de êxito na relevisão».

Eis a história sumária da fita: um detective português vai ao Brasil descobrir o rapto de um elevador electrónico (que fala) envolve-se numa série de aventuras. A personagem é cómica ao jeito de Raúl Solnado. Apresenta, também, um show, no teatro Copacabana escrito por ele e César de Oliveira que se intitula «O Naúfrago no Lixo» — a história de um tripulante de um barco que se salva do naufrágio num caixote do lixo. Depois há a TV Globo. Uma equipa de homoristas brasileiros que trabalha na preparação dos números para o actor português.

«Ao fim e ao cabo as personagens das minhas histórias tem muito a ver comigo. Não sou um comediante mas um actor-personalidade. Dou mais aos personagens do que recebo deles. Isto não é uma qualidade.

Porém o público prefere este tipo de actores: identifica-se mais rápidamente com eles. É o caso de um Luis de Funés. Quando estive em Paris perguntei a algumas pessoas o porquê da sua popularidade. «Porque representa o francês médio», responderam.Raúl Solnado que se identifica com o português médio, defini-o e define-se:

«É um tipo confuso politicamente que gosta de futebol, que tem medo do futuro e que vai muito nas ondas. Nunca se percebe se é mal ou bem intencionado. Que sente orgulho do seu país — um orgulho de pobre. Ao contrário do americano que tem orgulho de rico. Cada americano guarda, em sua casa, a bandeira nacional. Aqui não. Se isso acontecesse acharíamos ridículo. O português só se comove com o hino nacional a partir de Badajoz. É pouco cívico mas bastante sentimental. O americano cumpre as leis à risca. Sabe que são feitas para o proteger; o português acha que a lei está sempre contra ele. Isso cria-lhe um complexo terrível e a vontade de enganar a lei uma maneira de se vingar»

SERÁ QUE OS INTELECTUAIS RECUSAM OUVIR UMA ANEDOTA?

Críticas cerradas desabam sobre os actores. Constantemente os responsabilizam do teatro que fazem, das posições assumidas, do que não fazem e podiam fazer, do excessivo individualismo de cada um.

«Não acredito nos revolucionários com menos de cinquenta anos e cinco filhos. Haverá talvez jovens sinceros mas como não trazem um carimbo na testa eu estou sempre de pé atrás. E porquê? Fartei-me de ver gente claudicar. E depois armam-se em juízes... Claro que a profissão de actor é uma actividade intelectual e portanto responsável.

Acusam o teatro de boulevard de alienatório (uma palavra completamente coçada) quando não é mais do que uma anedota de duas horas. Será que os intelectuais se recusam a ouvir anedotas? Então por esta ordem de ideias também um bom jantar ou um picnic são alienatórios...»

Para ti o que é o teatro alienatório?

Será aquele que contribui para que o espectador vá para casa com conceitos errados. Que mal pode fazer uma peça que as pessoas esquecem mal pôem o pé fora do teatro? Além de tudo quero salientar que nunca propus este ou aquele tipo de teatro... no entanto conheço muita boa gente que é profissional de propostas e não faz nada.

Estamos a atravessar uma fase difícil no nosso país: a do ataque feroz. O Brasil já a ultrapassou: atiraram-se, em grande, ao Chacrinha mas agora acham que ele é mestre da comunicação. Repara na Inglaterra. Ninguém pode acusar os ingleses de débeis mentais. No entanto os críticos fazem, ali, a crítica ao espectáculo que estão a ver e não em função do Brecht ou do Peter Weiss. A verdade é que em Londres um espectáculo comercial fica no cartaz quatro ou cinco anos e um intelectual não passa de uns escassos meses»

Qual a ilação que tiras daí?

«Apenas isto: qualquer género de teatro tem lugar em qualquer parte do mundo. Penso que é preferível um «boulevard» bem feito do que um teatro de ideias mau. E como o público português não tem cultura teatral o boulevard ainda pode conquistar espectadores possíveis para o outro teatro»

O actor extenuado. Ainda não se recompôs totalmente — apesar do mês de férias — do trabalho esgotante de fazer rir temporadas sobre temporadas sem um minuto de descanso.

«Sete anos de trabalho exaustivo é superior ao limite das forças de um indivíduo. O médico disse-me para fazer uma paragem ou então estoirava. Mas era preciso pagar o teatro Vilaret que custou 8 mil contos. Uma pessoa está extenuada, vem um jornalista e quer que o actor diga coisas definitivas e inteligentes... é horrível!

Conheces a história da peça «O meu tio Fred» do Henrich Boel? Um tipo que combateu na guerra de 45 é esperado pela família para ir ganhar o sustento. Então ele chega e fica um mês deitado num sofá a olhar para o tecto sem dizer nada. Depois levanta-se e vai vender flores para as ruínas de Berlim. Eu não sei se vou vender flores. Por enquanto ainda estou no sofá»

LOURDES FÉRIA

Programa para o Brasil: show, cinema e televisão

Hotel Jupiter

PRAIA DA ROCHA (ALGARVE)

REVEILLON

1972/73

Telf. 22041/5
Telex 8246
Teleg. Jupiter

Passe o fim do ano connosco, num ambiente de jantar-ceia famíliar, cantando e dançando, animado pelos artistas:

BENAVENTE SISTERS
(artistas internacionais afamados)

JORGE FARO
(o cantor do momento)

RANCHO FOLCLÓRICO DO ARADE
(considerado o melhor do Algarve com as suas danças tradicionais)
MÚSICA CONSTANTE PELO CONJUNTO PRIVATIVO DA «BOÎTE» DESTE HOTEL.

«A CAUSA»

SURPRESAS, ESPUMANTES E ALEGRIA

Estada de 30/12 a 1/1/73, incluindo jantar-ceia, com vinhos e espumantes:

Quarto	2 pessoas	Esc.	1590$00
»	1 pessoa	Esc.	900$00
Só	jantar - ceia	Esc.	350$00

(Taxas incluídas)

Faça a sua reserva directamente ou através do seu agente de viagens.

PREÇOS DOS AUTOMÓVEIS

ESTÁ À VENDA O N.º 365 da REVISTA «MUNDO MOTORIZADO» QUE INCLUI A 23.ª EDIÇÃO DA SEPARATA

«CARACTERÍSTICAS E PREÇOS DOS AUTOMÓVEIS À VENDA EM PORTUGAL»

160 páginas, formato de bolso, com descrição técnica, dimensões, velocidades, consumos, preços dos extras e recomendações específicas das baterias, velas, pneus, etc., de cerca de 200 modelos

...E mais 50 páginas de texto com informação e comentários sobre o novo imposto e aumento de preços dos automóveis, «Road Tests», artigos técnicos, noticiário desportivo, motociclismo, motonáutica, etc.

Número avulso 12$50
(Contra-reembolso 16$00)

Adquira já o seu exemplar, antes que se esgote ou dirija o seu pedido a:
«MUNDO MOTORIZADO» — Rua do Alecrim, 53, r/c., F — LISBOA-2 — Telefone 32 32 25
Distribuidores no Continente e Ultramar: AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

INQUÉRITO DE NATAL

FIM DE ANO, TEMPO DE

OS PLANOS E AS

O que é o Natal, como passar o Natal? Esta questão é formulada pelos jornalistas, no mundo inteiro, às personalidades que, num campo ou outro das actividades humanas, se tenham destacado durante o ano. A elas — e para o leitor do «DL/Show» — juntamos duas outras: como foi, para si, o ano que passou e o qu espera do próximo ano. Para respondê-las, procurámos músicos, cançonetistas, autores e actores. O depoimento de cada um é o que se segue abaixo.

José Viana foi contactado no Teatro Villaret. Sobre o ano que se encerra, sua resposta foi lacónica: **«Fez-me um «Pendura»**, disse. Quanto ao Natal, José Viana vai passá-lo junto da família, num **«acto de ternura mesclado com um certo sentimento de frustração»**:

— **«Eu queria o Natal o ano inteiro. Como isso não é possível vou reduzi-lo ao essencial: uma ceia de bacalhau e couves, partilhadas com a família.»**

Já do próximo ano, José Viana não espera grande coisa. Sua resposta: **«Só quero durar até ao outro.»**

Também para **João Perry**, um dos actores de «É o fim da macacada» o Natal nada tem de especial. **«Não gosto do Natal desde criança. Por isso acho que é um dia como os outros. E, assim sendo, vou passar o meu Natal a trabalhar no ABC.»**

Quanto ao ano que chega, ao fim, para João Perry ele foi muito mau. A sua única satisfação, segundo as suas palavras, foi ter feito, tal como queria, o **Tango**. Já do ano que se aproxima, Perry espera algumas coisas:

— **«Em 73 espero modificar, por minhas próprias mãos, a actuação do ano sobre mim. E desejo que as pessoas fiquem mais tranquilas, menos intransigentes e mais cerebrais. Resumindo: um ano mais honesto no sentido de se cumprir o prometido, pois estamos numa época em que se promete muito e nada se cumpre.**

TUDO AZUL

O ano de 72, a julgar pelas respostas recebidas, foi muito bom para o músico **Thilo Krasmann**, para a fadista **Cidália Moreira** e para os cantores **Carlos do Carmo** e **Dário de Barros**. Quanto ao Natal, Thilo Krasmann e Carlos do Carmo vão passá-lo em casa, com a família. Cidália Moreira e Dário, no teatro, a trabalhar. Eis o que cada um deles espera do novo ano:

— **«A continuação de 72»** (Thilo Krasmann).

— **«Saúde e paz. Depois disto, que Deus me dê inspiração para continuar»** (Caros do Carmo).

— **«Saúde. E trazer coisas melhores no aspecto da minha profissão»** (Cidália Moreira).

— **«Paz Universal e... muito bom teatro»** (Dário de Barros).

Já para o crítico **Fernando Midões**, o ano de 1972 não teve nada de excepcional. **«Foi um ano de rotina»**, esta a sua resposta à questão. Esperanças para 1973? Muitas, **«não bastaria todo o jornal para o dizer, mas se em 31 de Dexembro de 1973, conseguisse que um quarto de coluna ficasse ocupado, isso já seria razão para me sentir contente»**. Em relação ao Natal, Fernando Midões tem uma visão crítica da «festa da cristandade»:

— **«É um período em que, por determinação do calendário, os homens se lembram particularmente do muito que esqueceram — e que não deveriam ter esquecido — durante o ano. Acrescentarei que, no Natal, nunca consigo furtar-me a algo da criança e do adolescente que fui um dia.»**

DEPRESSÃO

Para o actor **Mário Viegas**, a quadra do Natal é marcada por uma certa depressão. Para ele o Natal nunca representou nada de especial, nem em miúdo, nem agora. Qual a razão para sentir-se deprimido nesse tempo de alegria? Ele não sabe explicar direito.

Onde passar o Natal, Mário não sabe responder. **«Por aí»**, diz ele.

Por outro lado, o ano de 1972 não foi bom para Mário Viegas. A sua vida, segundo o seu depoimento, teve momentos angustiantes durante o ano. Tão angustiantes que acabou por ter o fígado estragado. Mas, como após a tempestade vem sempre a bonança, para Mário Viegas o ano termina mais ou menos bem. As suas palavras:

— **«Encontrei nos últimos meses uma grande serenidade e um equilíbrio que já há tempo procurava. No aspecto profissional: por muitas e várias razões não quis actuar. Apenas fiz um disco de poesia. No entanto, apesar de tudo, este ano trabalhei intensamente em projectos que realizarei em futuro próximo.»**

Planos e esperanças para 1973. São esses os de Mário Viegas:

— **«Gostaria de realizar algumas ideias, não só como declamador, mas também como actor. Por outro lado não vejo e não espero soluções para os problemas que afectam o mundo. Nem tenho esperanças de que hajam modificações.**

CANÇÕES

José Jorge Letria e **Tonicha**, ao serem abordados pelo **DL/Show**, não quiseram falar sobre o Natal, Preferiram, isto sim, dar um balanço do ano que termina.

José Jorge Letria: **«No aspecto musical, o ano foi ligeiramente agitado por nomes, alguns importantes, da música popular brasileira e espanhola, os quais, apesar da boa vontade e dos «cachets» elevados, não chegaram para melhorar substancialmente o nível da música que por cá se faz. Não queria deixar, ainda, de chamar atenção para o disco do Zé Mário, que não é tanto, «margem» como se pensa, e para o disco do Zeca. Apenas como exemplos. Para 1973 proponho que o ano seja, nos aspectos mais penosos, muito mais curto que o normal e, nos aspectos agradáveis, que tenha o dobro da duração.**

Tonicha: **«Este ano foi muito bom para mim, pessoalmente, pois gravei um disco com canções do Patxi Andion, de que gostei muito, e participei noutro que me deu muita alegria: «Fala do Homem Nascido», com poemas de Gedeão e música do Zé Niza. Foi, efectivamente, um bom ano, tanto**

TÉCNICO DE MARKETING

Admite empresa industrial com sede em Lisboa e ligada a importante grupo internacional

- Idade até 40 anos, formação escolar universitária, de preferência licenciatura em Economia.
- Experiência mínima de cinco anos de Marketing integrado em artigos de consumo, altamente rotativos e de rápida mutação.
- Exige-se ainda experiência nos campos de investigação de mercados, estratégia de produtos e trabalho com grupos de vendedores.
- É indispensável bom conhecimento da língua inglesa e ter o serviço militar cumprido.
- Oferece-se vencimento compatível e situação profissional de muito interesse.
- Guarda-se sigilo.

Enviar curriculum detalhado com vencimento anual pretendido para GASEL — Ref.ª 105/15

Apartado 2512 — Lisboa

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

CONCURSO

para a adjudicação da exploração do Restaurante e Snack-Bar da estação de Évora

Até às 16 horas do dia 2 de Janeiro de 1973 esta Companhia aceita propostas para a exploração dos citados restaurantes e Snack-Bar, por períodos tàcitamente renováveis, enquanto convier a ambas as partes.

A base de licitação é de 15 contos por ano e cada concorrente efectuará prèviamente um depósito de 1500$00 em qualquer estação da Companhia.

As propostas serão feitas em carta fechada dirigida ao Serviço de Promoção do Tráfego da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, Rua Victor Cordon, 45-r/c. - Lisboa-2, acrescentando-se ao endereço, no invólucro, o seguinte:

«Proposta para a exploração do Restaurante e Snack-Bar da estação de Évora».

As restantes condições constam do AVISO a afixar nas principais estações.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Admissão de Criadas Horário Diário de 8 horas

Nos Hospitais Civis de Lisboa (H. de S. José Secção de Pessoal), aceitam-se inscrições até ao dia 3 de Janeiro do próximo ano, respeitantes ao concurso documental para a admissão de criadas, a que corresponde o salário mensal de 1.200$00 e, no caso de não ser concedida residência, a gratificação também mensal de 100$. O desconto para alimentação e residência é 5 %, sobre o respectivo salário.

As candidatas devem obedecer às seguintes condições:

a) Idade: compreendida entre os 18 e 35 anos;
b) Habilitações literárias mínimas: aprovação no exame do 2.º grau do ensino primário.
c) Idoneidade moral atestada pela Junta de Freguesia, Regedor ou Pároco.

A inscrição pode ser feita mediante o envio de carta, donde constem os elementos referidos nas alíneas a) e b).

E BALANÇO: NESTA PÁGINA ESTÃO

ESPERANÇAS DE CADA UM

o campo profissional como no a minha vida particular. Via- ei, conheci pessoas. Para o no gostaria de continuar a fa- er bons discos, gostaria que e continuassem a dar traba- ho, a quereria, ainda, conti- uar a ter saúde. Mas isto de aúde e de alegria, principal- ente isto de alegria, era uma oisa que eu gostava que pu- esse haver para todos. É o meu oto para toda a gente.»

MAIS VOTOS

José Niza, para quem no róximo ano, é importante defi- ir prioridades, ao ser pergun- ado sobre o que representava ara si o Natal e onde preten- a passá-lo, saiu-se com esta:

— **«Natal? Não existe. Nós que existimos e estamos er- ados.»**

Já para o actor e compositor **raga Santos**, a festa existe e le participa nela com votos e bem estar e paz para a hu- anidade. Quanto às comemo- ações natalícias, pròpriamen- e ditas, ele não as terá. Passa Natal no Teatro ABC, ao lado e Victor Espadinha, Nicolau reyner e Maria do Céu Guer- a. Quanto à actriz Io Apoloni, ue vai passar o Natal em ca- a, ao lado do filho, o ano de 972 não foi nada bom: **«trou- e-me uma grande neurose».** á para 1973, os seus votos ão de **«muita saúde para guentar as chatices da vida.»** Saúde, é também o que pede actor **Barroso Lopes** do ano e 1973. Já **Eugénio Salvador**, que vai passar o Natal em cas, não pensa assim. Para ele o ano que termina foi 50 por cento e o que chega deveria ser 50 por cento melhor do que o anterior. **«Que vá até aos 75 por cento, são so meus votos.»**

CINEMA

Para o cineasta **António Pedro de Vasconcelos** o Natal são as luzes nas ruas, os em- pates de trânsito, as compras:

— **«Sobretudo, interes- sa-me que passe ràpidamente porque é uma época que me chateia imenso.»**

Também de chatices e abor- recimentos, foi para si, o ano que passa. Contrabalançando, teve a alegria de ver terminado o seu filme. O que espera An- tónio Pedro de Vasconcelos de 1973:

— **«No que me diz respeito só desejo continuar a fazer fil- mes, mas acredito pouco nisso. Os meus votos: muita película para toda a gente de cinema. Em relação ao mundo, não es- pero nada e acho que esta é uma atitude saudável.»**

A C. P. Informa:

NATAL E ANO NOVO 1972/73

Serviço especial na Linha da Beira Baixa

Por motivo das Férias do NATAL e ANO NOVO, efec- tuar-se-ão, além dos comboios regulares, mais as seguintes circulações, com 1.ª e 2.ª classes, nos dias que se indicam para cada uma:

		A	B	C
Lisboa (Santa Apolónia)	P	22-12		
Vila Franca de Xira	P	22-36		
Azambuja	P	22-49		
Setil	P	22-58		
Santarém	P	23-16		
	C	23-41		
Entroncamento				
	P	0-05	12-25	12-25
Abrantes	P	0-57	13-10	13-10
Alvega-Ortiga	P	1-33	13-44	13-44
Belver	P	1-50	14-01	14-00
Fratel	P	2-34	14-45	
Ródão	P	2-47	14-58	
Castelo Branco	C	3-38	15-46	

Estas circulações servem todas as estações do seu per- curso, a partir de Entroncamento.

A — Em 23 de Dezembro
B — Em 24 de Dezembro
C — Em 16, 18, 19, 20, 21, 22 e 23 de Dezembro.

Grant's
Scotch Whisky

Grant's uma prova de bom gosto à prova do tempo.
CAVES ALIANÇA SANGALHOS PORTUGAL

SEAGRAM'S V. O. CANADIAN
É JUSTAMENTE O QUE PRECISA DIZER QUANDO PEDE SÓ "WHISKY"

A próxima vez que peça whisky seja mais especifico. Diga "Faz favor, un Seagram's V.O."

Distribuidor exclusivo para Portugal: Macieira & C.ª Lda.- Rua Ivens, 45-47. Tel.: 32 46 78, LISBOA-2

ALCATIFAS
DA
FÁBRICA AO PÚBLICO
VENDAS DIRECTAS
Lopes dos Santos, Lda.
Armazéns — Retalhistas
Tapeçarias * Cortinados
Tapetes * Alcatifas
Veludos * Papéis pintados
Carpetes francesas e belgas
DECORAÇÕES
Rua Augusta, n.º 84
TELEF. 323637

3K
PRENDAS DE NATAL
Rua Pascoal de Melo, 47
LISBOA

MELHORES LIVROS PARA MAIS LEITORES

TOUROS NA CIDADE
SAM
O maior «cartoonista» português lança um olhar implacável sobre uma noite que só em Lisboa seria possível. 30$00

MARIA BÉ
Manuel Ferreira/Leonor Praça
O talento de um grande escritor e o de uma grande pintora prematuramente desaparecida conjugaram-se para nos dar um belo livro infantil.
Col. Primeiras Histórias n.º 1/30$00

O COMBOIO QUE PERDEU UMA RODA
Concepcion Roca/Aurora Alt'sent
O carácter didáctico dos livros que integram esta nova Colecção é apoiado pela excelente e divertida apresentação dos assuntos bem como pela qualidade gráfica dos volumes.
Col. Novos Horizontes n.º 1/35$00

PEQUENA ENCICLOPÉDIA SEXUAL
Dr. Paolo Monteleone
O 3.º volume da Biblioteca de Educação Sexual é uma obra de características pràticamente inéditas entre nós.
Biblioteca de Educação Sexual n.º 3/45$00

PLÁTANO EDITORA
AV. DE BERNA 31, 2º E. LISBOA

Fraternidade Operária de Lisboa

Ateneu Cooperativo

S. C. R. L.

Rua dos Anjos, 13-4.º Esq.
LISBOA

CONVOCAÇÃO

Na qualidade de Tesoureiro desta sociedade, responsável pelos seus bens e tendo sido notificado pelo Comando Distrital da P. S. P. de Lisboa, para proceder à sua liquidação, convoco os sócios da mesma sociedade cooperativa a reunir, em sessão extraordinária da sua Assembleia Geral, pelas 21 horas do dia 29 do corrente, na sua sede, com o fim de decidir sobre o destino dos mesmos bens.

Lisboa, 19 de Dezembro de 1972.

O Tesoureiro
Tibério Joaquim Gonçalves

Novo horário da carreira
LISBOA — MONTEMOR-O-NOVO — ÉVORA

A TRANSPORTADORA SETUBALENSE
DE
JOÃO CÂNDIDO BELO & C.a, L.da

VILA FRESCA DE AZEITÃO
Telefs. 208029-208062-208078

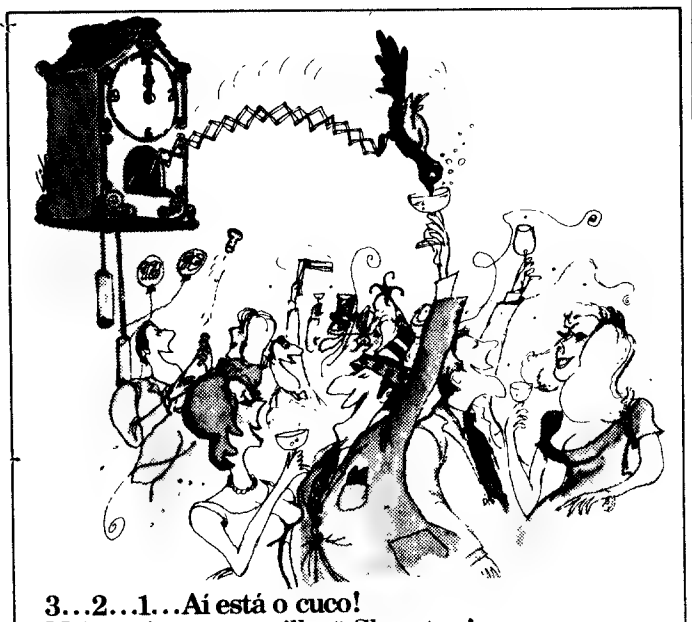
Inicia no dia 31 do corrente o novo horário, a seguir mencionado, na carreira LISBOA - MONTEMOR-O-NOVO - ÉVORA:

Part. de Évora	Chegada a Lisboa	Part. de Lisboa	Chegada a Évora
05,00	08,25	08,30	12,02
08,45	12,20	13,00	16,32
12,25	16,00	14,25 (a)	17,57
16,20	19,55	16,55	20,32
		21,00 (b)	00,30

- **EFECTUAM-SE DIÀRIAMENTE**

Observações:
(a) Aos sábados excepto se este dia coincidir com feriado nacional equiparado e no dia 24 de Dezembro, excepto se coincidir com domingo ou 2.ª-feira.
(b) Ao domingo excepto se este dia coincidir com véspera de feriado nacional equiparado (nesse caso a viagem será transferida para o dia seguinte). Nos dias 14/8 e 24/12 excepto se coincidir com 2.as-feiras ou sábados.
Tem ligação de Montemor para Évora, por Alcanede.

PEÇA-NOS HORÁRIOS DETALHADOS



3...2...1...Aí está o cuco!
Meia-noite no "reveillon" Sheraton!
Variedades internacionais! Alegria a rodos!
No Panorama ou no Ball-room, passe em beleza para um feliz 1973! Escolha e marque!
Reservas: Telefs. Lisboa - 563911-41-51

Lisboa-Sheraton Hotel
SHERATON LISBOA - Rua Latino Coelho 2 Telefs 563911 41-51
UM SERVIÇO MUNDIAL DA ITT

TEAM 72-SH-08

CAMPANHA DO NATAL

MÁQUINAS DE LAVAR AUTOMÁTICAS	5000$00
FRIGORÍFICOS 140 L	1900$00
SECADORES DE CABELO	140$00
AUTO-RÁDIOS	1000$00
BALANÇAS PARA CASA DE BANHO	150$00

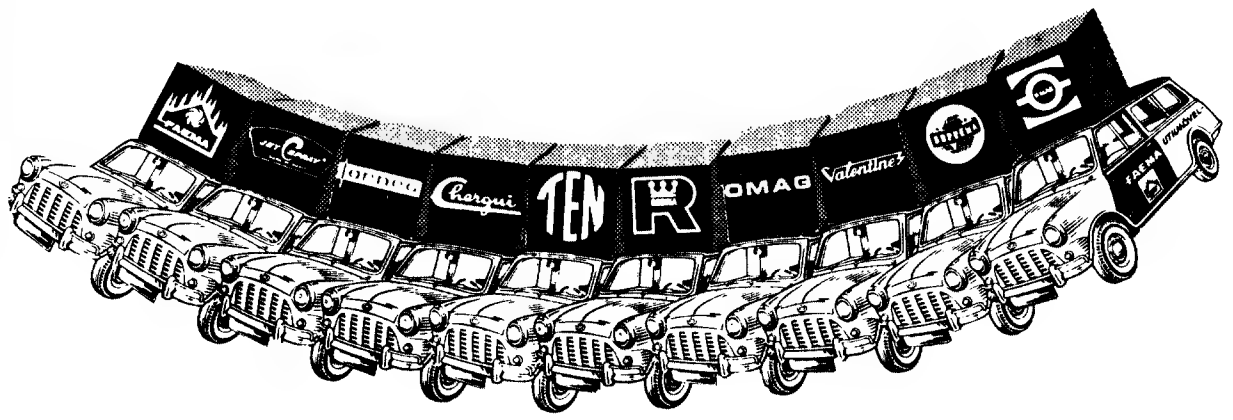
SUPERMANOS
A CASA SIMPÁTICA
LARGO DO MASTRO, 5 TEL. 56 15 55

NOBRE
— CABELEIREIRO —
E COLABORADORES
DESEJAM
FESTAS FELIZES
Aven. Estados Unidos da América, 84-r/c., Dt.º
Telefone 71 65 95

TUDOR
baterias
TUDOR
pilhas secas
TUDOR

UTILMÓVEL

Cumprimenta os seus amigos, clientes e fornecedores, desejando a todos um fim de ano acompanhado dos melhores resultados, e um novo ano cheio de projectos bem sucedidos



12 FILIAIS E ASSISTÊNCIA EM TODO O PAÍS

UTILMÓVEL UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA HOTELARIA E DO COMÉRCIO ALIMENTAR.

TEATRO

A missa na prisão

Às sete da tarde de hoje os actores, técnicos e músicos da «Missa Leiga» vão cruzar os portões da Cadeia Central de Lisboa. Minutos depois, estarão apresentando, para os detidos, o espectáculo que fala de amor e de paz e que é uma chamada à consciência humana para os problemas do nosso tempo. A actriz Ruth Escobar, que há algumas semanas confessava estar ansiosa por ver concretizada esta experiência, não vai participar na festa de Natal na Cadeia Central de Lisboa: ela viajou para o Brasil na última quinta-feira, para tratar, entre outras coisas, da vinda a Portugal do espectáculo «A Viagem», baseado nos versos de «Os Lusíadas». Quanto ao elenco de «Missa Leiga», contactamos com dois dos actores, para sabermos como encaravam esta experiência.

Cristina Pereira, de 23 anos, disse:

— **«No Brasil realizámos espectáculo idêntico para os presidiários da secção feminina do Presídio Tiradentes. Acho que esse foi um dos melhores momentos da minha vida como actriz, não apenas pela reacção do pessoal ao espectáculo em si, mas pela riqueza que esse contacto proporcionou a nós actores. Acho que aquela foi a vez que representei com maior convicção em toda a minha vida. Sabe: aquelas pessoas, mais do que ninguém, precisavam das palavras de esperança e da reflexão proposta pela peça de Chico de Assis. Acho que em Lisboa a experiência vai repetir-se. Estou contente por participar dela».**

Cristina, que se formou na turma de 1970 da Escola de Arte Dramática de São Paulo, antes de se integrar no elenco de «Missa Leiga», fez teatro infantil e, o que ela considera importante, a peça «O Circulo de Giz Caucasiano», no Teatro de Arena. Como acha Cristina que o público português vem reagindo à mensagem da «Missa Leiga»?

— **Muito bem. A plateia tem discutido connosco, durante a representação, as proposições da peça. Muitas vezes surgem polémicas entre os próprios espectadores. Acho isso muito importante, inclusive, para nós actores».**

Cristina diz ainda que a grande maioria do público que tem ido ver a peça ao Teatro São Luiz é constituida por pessoas de meia-idade, apesar de nos balcões registar-se a presença de muitos jovens.

— **«Com excepção do público jovem, acho que a maior parte dos espectadores é constituido por «habitués». Entretanto, a casa tem estado cheia, todas as noites.**

Outro assunto em pauta: a divisão da crítica especializada ao julgar o espectáculo. Que têm os seus intérpretes a dizer sobre a questão?

Fala Walter Cruz, de 30 anos, também formado pela Escola de Arte Dramática de São Paulo, em 1970. Para Walter, a crítica fez uma pequena confusão, ao partir da premissa que a «Missa Leiga» era um espectáculo religioso. As suas palavras:

— **«Em princípio eu não considero a «Missa Leiga» um espectáculo religioso. No Brasil a peça foi vista assim e aqui aconteceu a mesma coisa com uma parte da crítica. Esta visão da peça, no Brasil, proporcionou-nos bons resultados, pois levou ao teatro gente que normalmente não frequenta os espectáculos. Com relação a Portugal, acho que para além da informação crítica, funciona mais a informação de uma pessoa à outra: a informação de pé-de-ouvido. Por isso mesmo, as pessoas vão ao teatro porque um amigo que antes tinha visto a peça, a recomendou. Quanto às reacções do público ao que lhe é proposto, acho que o português reage diferentemente do brasileiro. Aqui as pessoas são mais críticas, não dão ao espectáculo a adesão emocional que se verificava no Brasil. Para nós isso é muito bom».**

Kito, Wlatern, Milton e Júlio César: uma pausa na Missa

compre na BAIXA compre melhor

QUEM SABE COMPRAR, SABE PAGAR!

SEJA PRÁTICO! COMPRE COM O
CARTÃO SOTTO MAYOR
AS CASAS ASSINALADAS COM =
ACEITAM-NO

modas e confecções

A BRUXA
DESEJA
AS S/CLIENTES
BOAS FESTAS
Rua da Trindade, 36-C
Telef. 328765

MODAS
Gama
RUA DOS FANQUEIROS,
141-143 — Lisboa-2
Telef.: 32 78 26

Confecções
CAPRI, LDA.
TUDO
PARA BEBÉS
E CRIANÇAS
Rua da Prata, 147
Rua dos Fanqueiros, 166
Telef. 87 43 49

CONFECÇÕES
Ribalta
para Homem e Senhora
LANIFÍCIOS NOVIDADES
Tel. 87 42 53
Rua dos Fanqueiros, 199

J. GOMES DOS SANTOS, LDA.
MODAS PARA HOMEM
ALFAIATARIA ✲ PRONTO A VESTIR
CAMISARIA ✲ NOVIDADES
Praça dos Restauradores, 70 — Tel. 32 38 12 e 32 73 62
RUA DA ASSUNÇÃO, 54 - 56 — TELEF. 3 66 35

Confecções
Castro
LISBOA
VESTUÁRIO
PARA HOMENS
E CRIANÇAS
Rossio, 71 ☎ T. 362411
Rossio, 82 ☎ T. 322179
Av. Roma, 36 ☎ T. 715460

meia lua
PRONTO A VESTIR
MALHAS PARA
SENHORA e HOMEM
Rua dos Fanqueiros, 261
Tel. 36 12 54

Glorex
PRONTO A VESTIR
CONFECÇÕES DE LUXO
Rua dos Fanqueiros, 97-101
Tel. 36 24 62

SOCIDEL
ARTIGOS PARA DESPORTOS, CAMPO E PRAIA
47, RUA NOVA DO ALMADA, 49
Telef. 32 60 46 - 32 77 68

Phoebus
CAMISEIROS
CHAPELEIROS
PRONTO
A VESTIR
Rua Aurea, 287
Telefs. 369153/3221122

GALERIAS ALEGRETE
PRONTO A VESTIR — CAMISARIA
MALHAS — NOVIDADES
POÇO DO BORRATÉM, 10 a 18 — T. 866147

artigos diversos

ALMEIDA E OLIVEIRA, LDA.
Trav. Nova de S. Domingos 8 a 14

GALERIA
SÃO DOMINGOS
T. NOVA S. DOMINGOS, 30-32

PASTELARIA «Benard»
R. Garrett, 101

A Meia d'Ouro
CAMISAS — GRAVATAS
MALHAS — MEIAS — NOVIDADES
Rua Aurea, 117 Telef. 32 45 75

ELECTRO/DOMESTICOS
RAIO DE LUZ LDA
SEDE:
RUA DA PRATA, 141-143
TELEFONE 32 81 86
LISBOA
AGORA
NO SEU NOVO
ESTABELECIMENTO
NA RUA DA MADALENA, 115
c/ móveis e decoração
GRANDES LIQUIDAÇÕES
DE ELECTRODOMÉSTICOS
DURANTE AS OBRAS

DISCOS
Fabricantes e editores
VALENTIM DE
CARVALHO, CI SARL

ALCATIFAS
DA
FÁBRICA AO PÚBLICO
VENDAS DIRECTAS
Rua Augusta, 84 — T. 323637

Tito Cunha, Lda.
TICO
TUDO PARA NOIVAS — ENXOVAIS
PRONTO A VESTIR — MODAS — BOUTIQUE
LINGERIE — MALHAS — CONFECÇÕES
PRÉ MAMÃ — BEBÉ-INFANTIL — TECIDOS

SAPATARIA
LVIS XV
DE LUXO
CRIAÇÕES EXCLUSIVAS
SEMPRE
AS ÚLTIMAS NOVIDADES
Telef. 32 42 59
RUA AUGUSTA, 209-211 — LISBOA

1865 1965
COSTA
BRANCO
ARTIGOS DE DECORAÇÃO
BALANÇAS — MÉNAGE
LISTAS DE CASAMENTO
Rua da Assunção, 75—Tel. 325935

Rodrigues
LANIFÍCIOS
GABARDINES — SOBRETUDOS
RUA AUGUSTA, 76-80 — Telefone 326998

CONFECÇÕES
LINO
ANTÍLOPES
CABEDAIS
GABARDINAS
HOMEM, SENHORA, CRIANÇAS
Calçada do Carmo, 11
Tels. 322206-327937

Armazéns da Moda
LANIFÍCIOS
PARA
HOMENS E SENHORAS
PEÇA AMOSTRAS
180, R. dos Fanqueiros, 188
Telef. 87 39 72

JOGUE NO CAMPIÃO

MÚSICA JOVEM

OS 10 MAIS

Uma tabela quase idéntica á da semana passada mostra, apenas, que se intensificou a venda nesta quadra de Natal, dos discos que já estavam a ser mais procurados anteriormente. De resto, e por enquanto, nada de novo no reino da Dinamarca.

1	(1) UM VIOLINO NO TELHADO	6	(6) ME BELIEVE IN TOMORROW—Freddy Breck
2	(2) FADO FADINHO — Raul Solnado	7	(7) GLORIA GLORIA ALELUIA — Tonicha
3	(3) GODFATHER — Andy Williams	8	(8) ESCUCHAME — Los Cuevos
4	(5) DESIDERATA - Rui de Carvalho	9	(9) BLACK SABATH VOL IV
5	(4) MY REASON — Demis Roussos	10	(—) ALONE AGAIN (NATURALLY)—Gilbert O'Sullivan

No estrangeiro

O inacreditável rei do «rock and Roll», Chuck Berry, ocupa ainda a posição cimeira nos «10 mais» da Grã-Bretanha, após quatro semanas cheias de acção.

O veterano cantor americano repeliu os ataques dos astros do «Rock» Moderno «Slade» e «T. Relex» e dos ídolos dos adolescentes, os «Osmonds» e os «Jackson Five». A sua canção «MyDing - a - Ling» parece ter arrebatado a imaginação de todo o pais.

Normalmente nesta altura do ano na tabela de classificação britânica encontra-se à frente um disco de música nostálgica ou romântica visando especialmente o mercado do natal, mas, embora não haja falta desses acetatos, nenhum deles provou ser um «best seller».

O único movimento significativo nessa tabela é o aparecimento em oitavo lugar de «Shotgun Wedding», de Roy C.

Contudo, apareceu esta semana em Nova York um disco de grande êxito. «Me And Mrs. Jones», de Billy Paul destronou a cantora Helen Reddy, australiana de nascimento, relegando-a para o quarto lugar, e ocupou a posição cimeira.

Nessa tabela, Al Green, o rei da música «Soul», tem subido firmemente e encontra-se agora no segundo lugar com «You Ought To Be With Me».

Em Amesterdão, os «Osmonds» destronaram Michael Jackson com o seu disco «Crazy Horses».

A seguir, os «Top-Ten» da semana em centros mundiais escolhidos, com a classificação da semana passada entre parêntesis.

LONDRES

1 (1) «My Ding-a-Ling»: Chuck Berry
2 (3) «Gudbuy T'Jane»: Slade
3 (2) «Crazy Horses»: Osmonds
4 (4) «Why»: Donny Osmond
(8) «Long Haired Lover From Liverpool»: Jimmy Osmond
6 (7) «Ben»: Mickael Jackson
7 (5) «Crocodile Rock»: Elton John
8 (—) «Shotgun Wedding»: Roy C
9 (9) «Solid Gold Easy Action»: T. Rex
10 (6) «What Made Milwaukee Famous/Angel»: Rod Stewart

NOVA YORK

1 (2) «Me ANd Mrs. Jones»: Billy Paul
2 (3) «You Ought To Be With Me»: Al Green
3 (5) «It Never Rains In Southern California»: Albert Hammond
4 (1) «I Am Woman»: Helen Reddy
5 (6) «Clair»: Gilbert O'Sullivan
6 (4) «Papa Was a Rolling Stone»: Temptations
7 (9) «Rockin' Pneumonia Boogie Woogie Flu»: Johnny Rivers
8 (8) «Ventura Highway»: America
9 (10) «I'm Still In Love With You»: Stylistics
10 (—) «Something's Wrong With Me»: Austin Roberts

BONA

1 (1) «Wig Wam Bam: Sweet
2 (3) «Eine Neue Liebe (A New Love): Juergen Marcus
3 (5) «Children: T. Rex
4 (7) «Elected»: Alice Cooper
5 (2) «México»: Les Humphries Singers
6 (4) «Bottoms UP»: Midle Of The Road
7 (6) «Sechs Uhr Frueh (Six A. M.): Cristian Anders
8 (-) «School's Out»: Alice Cooper
9 (-) Easy Livin'»: Uriah Heep
10 (9) Let's Dance»: Cats

ESTOCOLMO

1 (2) «Hey Baberida»: Leif Bjoerklund
2 (1) «Sofia Dansar Go-Go»: Stefan Ruden
3 (—) «Burken, Rock-Kung, Live»: Leif Bjoerklund
4 (4) «Clair»: Gilbert O'Sullivan
5 (3) «Sugar Me»: Lynsey De Paul
6 (—) «The Magician's Birthday»: Uriah Heep
7 (5) «Hey You Love»: Mac And Katie Kissoon
8 (7) «Wig Wam Bam»: The Sweet
9 (8) «Hello-A»: Mouth And MacNeal
10 (9) «We're Goin' Down Jordan»: Heritage

HONG-KONG

1 (1) «Rock Me Baby»: David Cassidy
2 (3) «Calir»: Gilbert O'Sullivan
3 (7) «I'D Love You To Want Me»: Lobo
4 (2) «Ben»: Michael Jackson
5 (-) «Elected»: Alice Cooper
6 (5) «Nights In White Satin»: The Moody Blues
7 (4) «Space Man»: Nilsson
8 (6) «Why»: Donny Osmond.
9 (-) «Crocodile Rock»: Elton John
10 (8) «I Believe In Music»: Gallery.

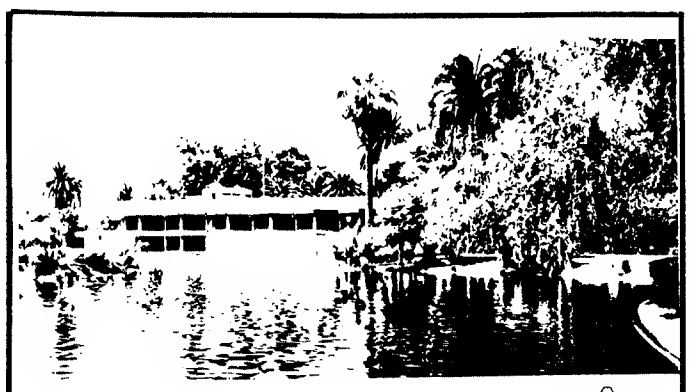
AMSTERDÃO

1 (2) «Crazy Horses»: The Osmonds
2 (1) «Ben»: Michael Jackson
3 (4) «Het Bananenlied»: Andre Van Duin
4 (9) «Elected»: Alice Cooper
5 (-) «Clap Your Hands»: Bonnie ST. Clair And Unit Gloria
6 (6) «Fais Do»: Redbone
7 (3) «I Think I Loved You»: The Partridge Family
8 (-) «Gudbuy' T Jane»: Slade
9 (5) «Ich Hab Die Liebe Gesehen»: Vicky Leandros
10 (-) «Eve And The Apple»: Shocking Blue.

TRIBUTO A VAUGHAN WILLIAMS

Numa homenagem ao centenário do nascimento de Ralph Vaughan Williams, autor da música, foi reposto em cena o bailado **Job** agora interpretado pelo Royal Ballet no Convent Garden de Londres. Nesta versão, a obra aparece com coreografia de Ninette Valois. O **Job** apresentado pela primeira vez em Londres em 1932.

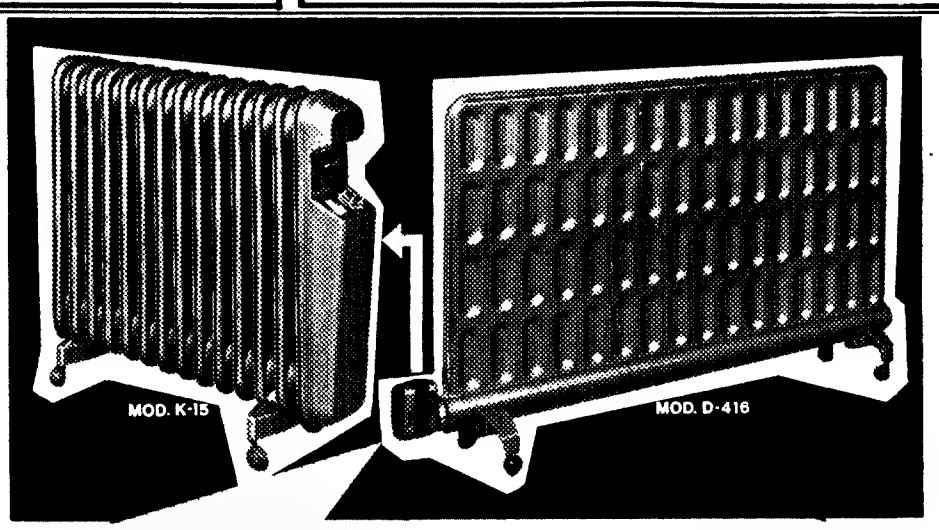
O ballet, segundo os comentários da imprensa inglesa, acerta ao apresentar uma sincera e convincente expressão da verdade e bondade humanas sem cair no sentimentalismo teatral. Sua realização é plena de sensibilidade. Isto é realçado pelos cenários de Jonn Piper que, junto ao vestuário encarregou-se também de reproduzir fielmente os desenhos de Blake. O papel de Job, nesta versão foi bailado por Adrian Grater e, o de satã, originalmente criado por Anton Dolin, por Kerrison Cooke.

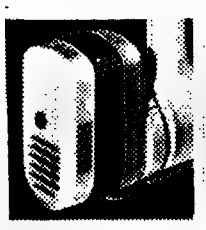


ALVALADE *restaurants*

ENCERRADO AO JANTAR

No ano de 1973 encerra aos Domingos





Dimplex

a maior fábrica do mundo de radiadores eléctricos a circulação de óleo.

TERMOSTATO DIMPLEX

Porque está o termostato DIMPLEX montado no próprio radiador? Será que a DIMPLEX nunca experimentou colocá-lo noutro sítio? Por exemplo: na parede, no cabo de ligação ou na ficha?
A pergunta é ingénua porque é evidente que os engenheiros da DIMPLEX experimentaram todos os sistemas possiveis, centenas de vezes.
Os radiadores DIMPLEX com o termostato incorporado são o resultado de todos os testes levados a cabo em anos de experiências, pelos melhores técnicos e engenheiros ingleses.
Quem compra um DIMPLEX compra a experiência de mais de vinte anos e a experiência não se improvisa. Assim se garante a QUALIDADE!
TERMOSTATO DIMPLEX – De alta precisão, reage à temperatura ambiente garantindo em absoluto a temperatura que V. escolher.
TERMOSTATO DIMPLEX – Segurança absoluta para toda a Familia, pois está equipado com um disjuntor de segurança.
TERMOSTATO DIMPLEX – Mais de 40% de economia no consumo de energia eléctrica.
TERMOSTATO DIMPLEX – Precisão – Economia – Experiência – Qualidade – Segurança
TERMOSTATO DIMPLEX – INIMITÁVEL – Patenteado em todo o Mundo.
O calor DIMPLEX é saudável, não suja e não seca o ar que a sua Familia respira.
CALOR DIMPLEX – O MELHOR AQUECIMENTO DO MUNDO

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

RAFAEL BURGUETE, LDA.

Rua António Enes, 20, 1.º – LISBOA – Tel. 563416
Av. Dr. Alfredo de Magalhães, 99 – PORTO – Tel. 26902

Dimplex

PUBLIARTE

Agradeço o envio GRÁTIS, pelo correio, de um catálogo ilustrado DIMPLEX.

Nome .....

Morada .....

FIM-DE-ANO EM MADRID

* Partida no «Lusitânia-Expresso» de 29/12 e regresso em 1/1 (Ter ou Lusitânia-Expresso).
* Transferência estação/Hotel e vice-versa, e assistência em Madrid.
* Excursão «Madrid-Artístico» em 31/12 — visita ao Palácio do Oriente e Museu do Prado, com guia.
* Alojamento e pensão completa em Hotel de 3 estrelas, central (junto à Gran Via).

Preços (tudo incluído)

De LISBOA	1.390$00	Coimbra	1.390$00
Setúbal	1.410$00	Santarém	1.360$00
Évora/Beja	1.500$00	Tomar	1.340$00

Temos ainda outras viagens organizadas a Paris, Londres, etc.

Informações e folhetos descritivos:

Estação de Lisboa-Rossio
Estação de Lisboa-Santa Apolónia
Rua do Arsenal, 124-1.° — Lisboa
Organização Telef. 367529

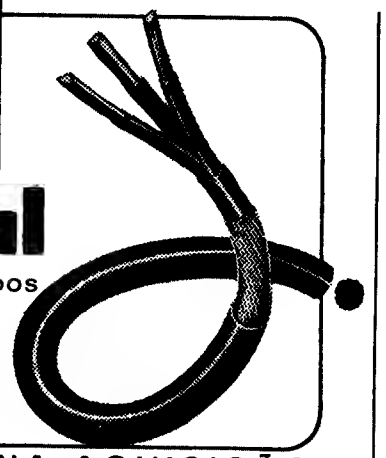
CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

REDUZA CUSTOS COM CABOS

Solidal

ARMADOS E NÃO ARMADOS

ALUMÍNIO MACIÇO

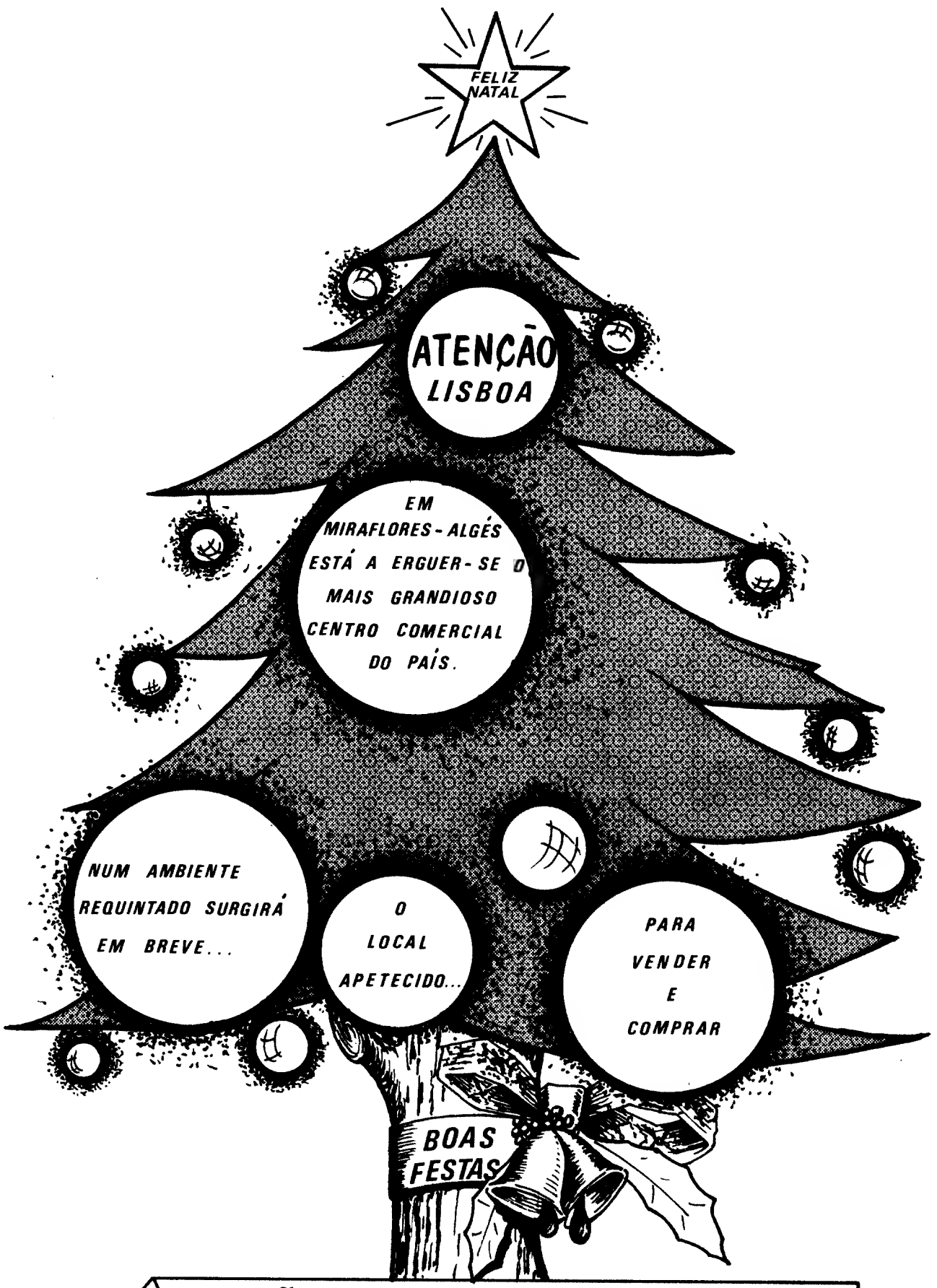


SÉRIO

ECONOMIAS NA AQUISIÇÃO MONTAGEM · LIGAÇÃO

COMPLETA GAMA DE ACESSÓRIOS

SOLIDAL CONDUTORES ELECTRICOS SARL
LISBOA TEL 674828 ■ PORTO-TEL 491392 ■ ESPOSENDE



ATENÇÃO * COMERCIANTES DA BAIXA

DESDE JÁ SE ACEITAM RESERVAS DE ESPAÇO, COM GARANTIA DE EXCLUSIVO, PARA CADA RAMO DE NEGÓCIO.

NÃO DEIXE FUGIR A OPORTUNIDADE, QUE NÃO VOLTARÁ A ACONTECER, DE PARTICIPAR NUMA CONCENTRAÇÃO COMERCIAL, AO MELHOR NIVEL EUROPEU.

INFORMAÇÕES * HABITAT - AVENIDA PRINCIPAL DE MIRAFLORES Telef. 215087

ACTUALIZAÇÃO | GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA

Com a inclusão de toda a matéria nova e vasta que apareceu até esta data. Descrição de todos os grandes feitos e descobertas em diversos sectores que se realizaram no Mundo, como os grandes valores em todos os ramos nos últimos anos ☆ Tudo aquilo que o génio humano, com todo o seu poder criador concebeu e realizou. A odisseia do que tem sido o desenvolvimento da astronáutica, seus sucessos e fracassos, até à chegada do homem a outro Planeta ☆ As grandes descobertas ligadas à Medicina, com a inclusão dos grandes feitos cometidos no ramo da cirurgia. Actualizações às biografias já publicadas de todas as grandes figuras, acrescidas com os grandes valores que apareceram até à data, tanto nas Ciências, como nas Artes e na Política ☆ Ainda será realizada com todo o rigor que se impõe, a discriminação dos novos países que nasceram até ao momento, com a anotação dos dados Geográficos, Económicos e Políticos.

A sair dentro de dias o 1.° FASCÍCULO

Mais uma realização da:
EDITORIAL ENCICLOPÉDIA, LDA.
Rua António Maria Cardoso, 33
LISBOA 2

N.° 481 do (41.° volume)

E distribuição da:
EMP. NACIONAL DE PUBLICIDADE
R. Rodrigues Faria, 103
LISBOA 3

Faça hoje mesmo a sua inscrição

— — — — — — — — — — — — — — — —

Queiram considerar-me assinante da v/ obra G. E. P. B. — ACTUALIZAÇÃO na modalidade fascículo avulso; 30$00 [ ] — Séries de: 3 fascículos: 85$00 [ ] — 6 fascículos: 165$00 [ ] — 12 fascículos: 320$$00 [ ] — (DL)

NOME .....
MORADA .....
LOCALIDADE .....

assinalar com [+] a modalidade interessada

FRANCISCO CRUZ
CONSTRUTOR DE ESQUENTADORES
Rua Barão Sabrosa, 150, 150-A, 152 — LISBOA
Telefones 84 52 94 - 84 52 96 - 84 43 88

Festa de Natal no Hotel Estoril-Sol

Os filhos dos empregados do Hotel Estoril-Sol, em número aproximado de 250, tiveram ontem a sua festa de Natal. Houve distribuição de brinquedos e um lanche, em que participaram também os pais das crianças presentes, razão pela qual se reuniram nesta festa mais de meio milhar de pessoas, as quais enchiam por completo o amplo salão de jogos daquele estabelecimento hoteleiro.

Estiveram presentes, pelo conselho de administração da Estoril-Sol, o respectivo presidente, sr. dr. Manuel Telles, acompanhado de sua esposa sr.ª D. Maria Emília Teodoro dos Santos Telles, a sr.ª D. Marcelina Teodoro dos Santos e o sr. Jorge Teodoro dos Santos, igualmente com sua esposa, a sr.ª D. Ana Maria Carvalho Maia Teodoro dos Santos. Estiveram também presentes o director do Hotel, sr. Luís Fernandez, com sua esposa, sr.ª D. Ângela Fernandez e os subdirectores srs. Hierro e Jonen.

Raquel num "Night Club"

Depois de muito tempo a trabalhar no cinema, normalmente em filmes em que os seus dotes fisícos se sobrepunham aos artisticos (?), Raquel Welch fez a sua primeira aparição num «night club», dançando, cantando e, finalmente, fazendo «strip». Há quem diga que, para bem do cinema, seria sempre isso que Raquel deveria fazer. Más línguas...

CURSO DE DANÇA NO CONSERVATÓRIO

Terminam no dia 30 de Dezembro as inacrições para o novo curso de dança do Conservatório Nacional que será regido pela professora JULIA CROSS.

Formada como bailarina pela Royal Ballet School e pelas professoras Vera Volkova e Andrey de Vos, Julia Cross frequentou, depois, o curso de três anos para a formação de professores ministrado pela Royal Academy of Dance, diplomando-se em 1952.

A sua carreira como professora tem-se desenvolvido tanto em Inglaterra, onde tem uma escola própria, como no estrangeiro, nomeadamente na Irlanda, na Turquia, no Canada e nos Estados Unidos.

São admissíveis no novo curso de dança, candidatos com uma idade compreendida entre os 13 e os 16 anos e um treino prévio de Bailado correspondente a um 4.º ano. Estes alunos, que ingressarão no 5.º ano do novo esquema de ensino da dança do Conservatório Nacional, deverão frequentar, pelo menos, o quarto ano do Liceu.

Haverá classes diárias de técnica de Dança clássica e serão ministradas também outras disciplinas complementares de formação artística de futuro bailarino, devendo as aulas ocupar cerca de 10 horas semanais.

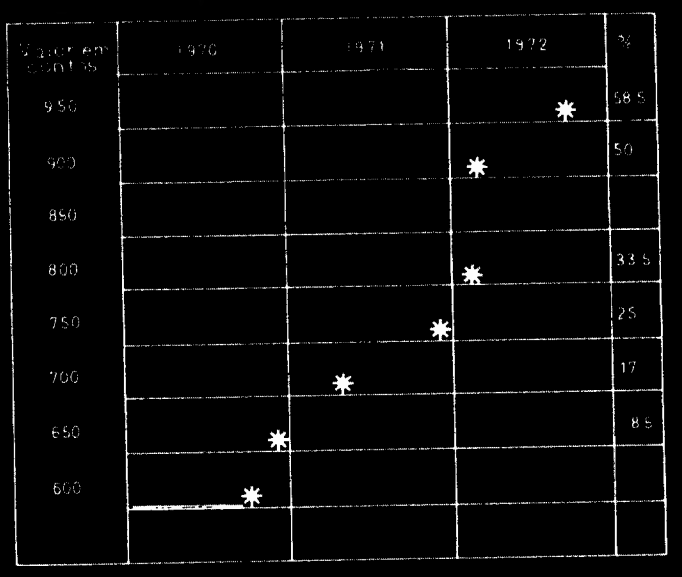
A professora JULIA CROSS chega a Lisboa no dia 8 de Janeiro, devendo as provas de admissão realizar-se logo após a sua chegada.

A professora JULIA CROSS dará igualmente aulas aos alunos internos do 1.º e 2.º anos, que tem vindo a receber lições da professora Wanda Ribeiro da Silva.

segurança
+
rentabilidade
+
valorização

invista em MIRAFLORES
o maior empreendimento imobiliário do país

gráfico de valorização



visite o nosso departamento de vendas:
HABITAT, Empreendimentos Imobiliários S.A.R.L.
MIRAFLORES (Algés) tels. 215756 - 216789 - 216788

DL

FELIZ NATAL

DL FELIZ NATAL

SUMÁRIO

	Pág.
A MODA DAS VITAMINAS, Lynn Lillinston	2
«CALÇADO» DO COMBRO, Sérgio Ribeiro	2
UM CRIME, conto de Maria Judite de Carvalho	3
CONSOADA EM TENDA DE LONA, Rogério Vidigal	4
OS DOIS PEQUENOS MUNDOS, Josué da Silva	5
UMA PALAVRA, Manuel de Azevedo	5
ESTA GENTINHA, Fernando Dacosta	5
NATAL NUM CARRO ELÉCTRICO, Urbano Tavares Rodrigues	6
O MEU NATAL COM OS AVIEIROS, Torquato da Luz	8
TEMPO DE TRÉGUAS, Cesário Borga	8
A VIOLA ESTRAGOU-SE, Eugénio Alves	9
TEMPO DE CONTRASTES, Mário Cardoso	9
A CONDIÇÃO DE LUTAR CONTRA O SILÊNCIO, Manuel Geraldo	11
QUATRO NATAIS NO TEMPO DA ANA ISABEL, Nuno Gomes dos Santos	13
MONSANTO TEM UM MILHÃO DE PINHEIROS	15
A CONQUISTA DA LUA, Nicolas Vichney	16
O NATAL DO ZÉ RUSSO, Maria Aurora	19
COM UM NÓ NA GARGANTA, Armando Pereira da Silva	21
É NATAL... POIS CLARO, humor natalício	25
A ARTE NAS MÃOS DO OURO, Margarida Silva Dias	21
O POVO E O NATAL, César dos Santos	31

Fotos de José Tavares, Nelson de Vasconcelos, Rui Pacheco e António Capela

Na véspera do Natal de 1972, «Diário de Lisboa» deseja a todos os seus colaboradores, leitores e anunciantes — a todos os seus amigos, portanto — as maiores felicidades. Esta tradição de Boas Festas, nesta quadra do ano, nem por isso deixa de ser sincera pela nossa parte, pois corresponde a um sentimento perene que toma forma, simbòlicamente, uma vez por ano.

E assim, mais uma vez oferecemos aos nossos leitores um suplemento especial, que apenas pretende ser uma simples oferta de leitura suplementar para as horas de ócio natalícias. E não só...

A MODA DAS VITAMINAS

Por Lynn Lildiston

Há muita gente a ter pelo menos um frasco de vitaminas a mesa do pequeno-almoço. Pode ser de vitamina C, e tomam uma cápsula de 250 miligramas, com o leite ou o sumo de laranja.

Nos dias de chuva ou quando sentem que se vão constipar pode acontecer que se lembrem do dr. Linus Pauling e engulam umas tantas cápsulas. Enfim, mal não faz e o dr. Linus Pauling afirma que com isso se evitam as constipações.

Há, porém, muita gente na Califórnia do Norte que se está a dedicar à absorção maciça de vitaminas B e C. Trata-se de pessoas convencidas de que as megavitaminas são indicadas para os casos de esquizofrenia, alcoolismo, crianças autistas e com dificuldades de aprender, assim como para indivíduos com baixo teor de açúcar no sangue. Afirmam elas que é possível pôr de parte os tranquilizantes, as bebidas alcoólicas e os estupefacientes, convencidas que estão de que se pode gozar de excelente saúde graças às vitaminas e a dietas com baixo teor de açúcar.

Ao falarem de megavitaminas tais pessoas não se estão a referir às inócuas cápsulas de 250 miligramas, de que são necessárias quatro, como a aritmética nos indica, para se obter uma grama. Alguns dos entusiastas das vitaminas, esquizofrénicos e alcoólicos sob vigilância médica, chegam a tomar 30 gramas por dia de «Niacin» (vitamina B-3) e de «C», que podem ser adquiridas em comprimidos de um grama.

Trinta gramas de «Niacin» acrescidas de outras tantas de vitamina C equivalem a 240 cápsulas de 250 miligramas. Tudo isto é, sob o ponto de vista médico, muito controverso.

Existe um grupo de cientistas — psiquiatras e bioquímicos, como o dr. Linus Pauling, galardoado com o Prémio Nobel — a preconizar as megavitaminas, considerando-as parte de uma nova técnica designada por psiquiatria ortomolecular. A maior parte dos médicos, no entanto, é contra isso.

Apesar, porém, da controvérsia, existem uns tantos centros médicos que estão a experimentar a nova técnica. O departamento de doenças mentais do Hospital de S. Bernardino (Califórnia) foi uma das primeiras instituições públicas a criar uma clínica ortomolecular no país recorrendo a vitaminas, dietas e testes alimentares com vista ao tratamento de doentes mentais.

E a esperança no novo tratamento tem-se espalhado cada vez mais, havendo muita gente convencida da sua validade. Proliferam as associações de esquizofrénicos, tendo-se, também, intensificado a actividade da «American Schizophrenia Association», cujos membros espalham, afanosamente, a «boa nova», trocando informações sobre as vitaminas, publicando listas de médicos que se especializaram em psiquiatria ortomolecular ou em hipoglicemia, palavra utlizada para designar o baixo teor de açúcar no sangue.

Em Los Angeles existe mesmo um sindicato, o dos empregados de vendas a retalho, que chegou a dar preferência para os seus membros, à psiquiatria ortomolecular em vez da tradicional, vendendo vitaminas, distribuindo literatura e encaminhando os seus membros afectados por perturbações mentais para o novo processo de tratamento. Foi necessário que uma facção a isso se opusesse, levando o caso a tribunal, com vista a tomar conta da instituição e a pôr termo à orientação seguida naquele campo.

Qual será o futuro da psiquiatria ortomolecular e das megevitaminas?

O termo ortomolecular deve-se ao dr. Linus Pauling, bioquímico da universidade de Stanford, que utliza o prefixo «orto» na acepção de «correctivo». Aquele cientista define a nova técnica como sendo «um tratamento das doenças mentais por meio do estabelecimento de um perfeito equilíbrio molecular da mente, graças em especial a uma perfeita concentração das substâncias existentes, normalmentel no organismo humano».

Isto significa dar a um indivíduo o exacto e necessário equilíbrio de vitaminas, minerais e alimentos. Aceitou-se, durante muito tempo, que um indivíduo bem alimentado, com uma dieta equilibrada, não tinha necessidade de vitaminas adicionais. A escola ortomolecular, no entanto, insiste em identificar numerosos desequilíbrios metabólicos em que um indivíduo pode ser vítima de uma grave deficiência de determinadas vitaminas, necessitando, por isso, de muito mais do que o tradicional «mínimo diáriamente exigido».

O ponto está em determinar para cada indivíduo o seu equilíbrio perfeito. Têm-se criado, para isso, muitos métodos de diagnóstico e muitos outros estarão para vir.

«Desde que não existe nenhum risco no tratamento ortomolecular, acho que todos os médicos o devem experimentar» — escreveu o dr. Linus Pauling.

A implicação mais importante do método ortomolecular — elaborado por muitos outros cientistas, depois do dr. Linus Pauling — è que, na verdade, muitas doenças mentais podem ser causadas por desequilíbrio químico do organismo.

Algumas vítimas de esquizofrenia, a mais espalhada das afecções psíquicas, dão mostras de grandes melhoras, depois de tomarem doese maciças de vitaminas, especialmente «Niacin» e «C». ALguns alcoólicos conseguem vencer a doença quando submetidos a um «controle» vitamínico e ou a dietas especiais. Os ansiosos e depressivos apresentam melhoras. O mesmo acontece com as crianças autistas, com dificuldades de aprendizagem. A hipoglicemia, que pode apresentar sintomas capazes, por vezes, de ser confundidos com perturbações mentais, é controlada.

A alergia tem que ver, também, com tudo isto. Mas continua a ser controversa a ideia de que esta espécie de alergia está relacionada com o sistema nervoso central.

As doenças mentais tratadas por meio de um equilíbrio sistema nervoso central.

As doenças mentais tratadas por meio de um equilíbrio químico do organismo'

Um psiquiatra da Califórnia do Norte prevê que um dia «não nos interessará a história dos sintomas contada pelo paciente, atacando nós, em vez disso, o desequilíbrio químico que está na base daquela».

O "CALÇADO" DO COMBRO

As ruas têm o seu mistério. Talvez nem todas, que muitas há incaracterísticas. Mas a Calçada do Combro, por exemplo...Pelo menos para mim, aquele «escorrega» empedrado tem «qualquer coisa». Há ali uma resistência que me toca, que me fala. Se me desse para historiador, era capaz de ir procurar raízes. Não me parece que fosse difícil descobrir, ou desenterrar, umas ruínas de corporações de sapateiros, por aqueles «baixos».

Atrás de um eléctrico ronceiro há coisas que se impõem. E tenho andado num «namoro» de anos com as sapatarias. Tem sido uma obsessãozinha. Talvez porque, palavra!, as sapatarias me ajudaram a ver melhor, me atiraram à cara, ostensivamente, os vícios de uma estrutura económica. Até porque aqueles homens à porta, à espera, me lembram imagens pouco agradáveis a que não quero dar nome de cinco anos...) parece que os ofendi, e longe de mim estava tal intenção. Mas que me faz impressão ver mãos e braços válidos caídos ao lado do corpo, lá isso faz. E muita! E a unica verdadeira riqueza que temos, e se a pobreza de quem não tem me faz pena, é qualquer coisa mais o que sinto por quem vende ao desbarato a riqueza que não sabe, sua, nem ou como usar. (Não «invento» que escreva para terminar este parágrafo. Talvez **costas largas.** Talvez um **bom** reticente e trampolim para o parágrafo seguinte.)

Na Calçada do Combro não há alegria. Começa porque o sol tem dificuldade em romper. Parece que os prédios são demasiado altos e sombrios para a largura, a abertura, de que o sol precisa para entrar nas ruas e nas pessoas. Aquele sobe-e-desce é para trânsito. E aqueles homens às portas, à espera, não fazem lá grande convívio, ao que parece. Trazem um peso de fardo às costas. O fardo de um fatalismo inexplicável de se estar numa sapataria na Calçada do Combro. Às portas, à espera. Do cliente ou da falência.

Por isso é que comecei a escrever. Tenho visto portas fecharem-se, durante estes anos. Como inevitável. Há alturas, épocas, em que se multiplicam, à esquerda e à direita, os sinais da desistência. Depois de um estrebuchar: «mini-custo», «saldos» «preço de fábrica» etc. e cartazes de cor e mau-gosto. Um certo desespero amarelo / cinzento que pede simpatia. De vez em quando tiras de papel, que se devem vender nas «casas da especialidade», a anunciar «mudança de ramo». Mas já aconteceu a surpresa grande de ver abrir...outra sapataria (ou seria outra logo ao lado que já lá estava?!).

Um destes dias surgiu-me uma imagem curiosa: de que as sapatarias não cabiam na Calçada e tinham entornado para a Rua do Loreto. E que lá também não são tão poucas que não chamem a atenção de quem caminha para a «baixa». Violenta a minha razão (não há treino que baste...) esta alucinante concorrência com tantas vítimas, e que aqui se torna ostensiva.

As sapatarias da Calçada do Combro! Será que as de agora e outras que se seguirão, fechadas ou em «liquidação de existência», vão reabrir sapatarias com nova sociedade ou gerência? Ou mudarão de ramo? Penso em agências ou dependências de bancos. Na Calçada do Combro ainda não vi nenhuma. Será que não há na verdade, será que têm de ser herança de cafés? Ou será que é mesmo estranha a tal Calçada do Combro...

SÉRGIO RIBEIRO

— «Papel» perdido em gaveta e recuperado para este Natal. Até porque a Calçada do Combro me conduziu e legou ao «Diário de Lisboa».

UM CRIME

Conto de

Maria Judite de Carvalho

Antes de mais havia a senhora bonita sentada a ouvir boa música — Bach, por exemplo, podia perfeitamente ser Bach — e também a fazer tricot. Espanta-me um pouco o achar nessa altura bonita uma mulher da sua idade, e, pensando melhor no caso, creio que a beleza dela era de ouvir dizer. A minha avó declarava: «É muito linda, a senhora. Parece uma imagem.» E a imagem fôra-se formando no meu espírito que nada tinha ainda de iconoclasta. Portanto nesse dia — nessa tarde — a senhora bonita. Junto dela, no chão, a filha, de tranças loiras. Eu gostava muito de cabelos loiros nesse dia em que ainda não soubera e não pecara. Toda eu tendia pois para a admiração incondicional. A senhora era bonita, a filha tinha de ser bonita, o filho era com certeza bonito. Bonitos, isto é, simpáticos, bonzinhos, agradáveis à vista, dignos de [illegible]

de avistar o rapazinho às voltas com um grande livro colorido. A senhora deu-me, de resto, a impressão de não a ter ouvido e até de ter logo esquecido o que dissera. Dirigiu-se aos filhos, disse-lhes que levassem a Lourdinhas a Lourdinhas era eu para o quarto dos brinquedos. E que se portassem bem. Tinham ouvido? que se portassem bem. A Bé que me mostrasse a boneca espanhola que o menino Jesus lhe dera.

Caminhei ao longo de um corredor apertado, entre uma Bé cheia de paciência — de muito visível paciência — e um rapaz grande, de cabeça redonda e encaracolada, que se chamava, salvo erro, João. Vejo um ser pequenino e enfesado, coberto de trapos pretos e tristeza obrigatória (segundo o critério da minha avó [illegible]

so? Não, grandioso e feérico ainda não faziam parte do meu vocabulário de então.

«Que brinquedos tiveste?» Interessou-se a menina, de passagem. «Eu ainda tive uma bicicleta. E o João outra. Comprou-as o papá, claro, mas nós temos que fingir que ainda acreditamos no menino Jesus . Eles gostam assim. Que idade tens?»

«Seis anos.»

És muito pequena. Eu já tenho sete, e o João oito.»

Baixei os olhos. Ela, no entanto, não me poupou: «Diz lá que presentes tivestes, anda.»

«O meu avô morreu e a avó...»

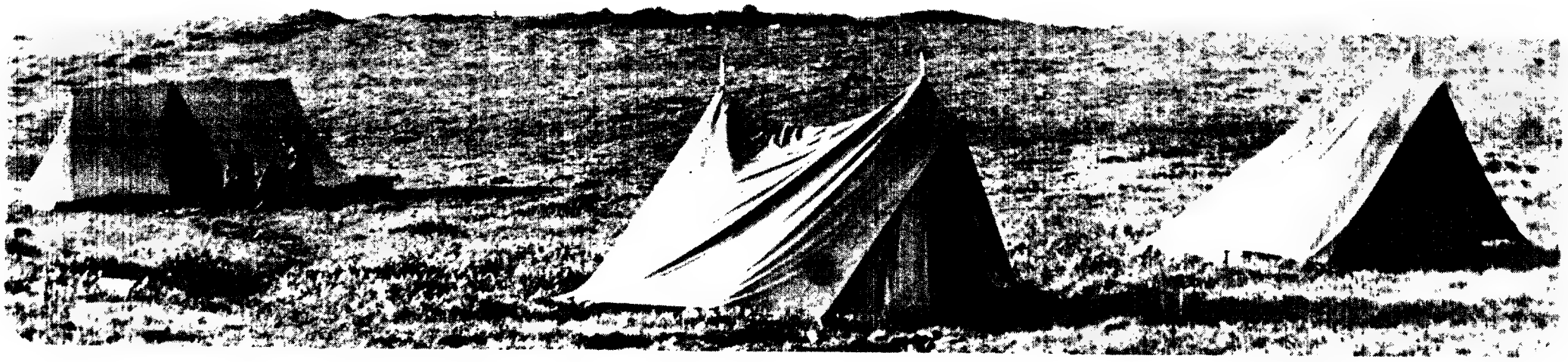
«AH, o teu avô, é verdade. Foi empregado do papá, não foi?»

Acenei que sim. De resto, aquela morte, que tantas lágrimas me fizera chorar, pareceu-me de súbito, providencial [illegible]

não dissera nada, avançou então para mim, de [illegible]

va que os pais eram [illegible] à vida. A [illegible] sabia-o mais [illegible] não [illegible]

pôs-lhe então que fossem lá para dentro talvez [illegible]



NATAL CIGANO CONSOADA EM TENDA DE LONA

ROGÉRIO VIDIGAL

— Tenho passado todos os Natais nas barracas. Para mim é sempre igual. Tenho a mesma comida. Não, senhor, a minha mãe não me dá nada.

Miguel Bernardo Nunes Cardoso, um cigano de 13 anos, cabelo de menina e rosto também, vive numa tenda, montada pela Câmara num dos montes da Serra de Monsanto, depois de um incêndio ter destruído as barracas de madeira onde vivia com sua mãe e tios, na Porcalhota. Não sabe, exactamente, há quanto tempo lhe morreu o pai, mas sente-lhe a falta: evidente no ar magoado, nas maneiras mansas e desiludidas como fala da vida que tem. Mora num monte onde também mora o vento. A chuva visita-lhe a tenda muitas noites, nesta altura, em que os pobres são mais pobres.

— O que é o Natal para ti?

— O Natal? Eu... não sei.

— Na tua escola não há miúdos mais ricos? Não te falam do Natal?

— Não, senhor, nunca me falaram do Natal deles. Não sei como passam o Natal.

O Miguel Bernardo tem uma irmã, Maria Elisabete, de 16 anos, que não sabe ler nem escrever. Ele, depois de ter estado três anos sem ir à escola, frequenta a terceira classe. Tem o ar inocente que os ciganos também podem ter, o riso de criança, a esperança de poder vir a ser mecânico.

— O que faz a tua mãe? Quanta ganha?

— A minha mãe anda no negócio. É vendedora ambulante. É manca duma perna. Às vezes ganha, mas outras não ganha nada. Quando tudo calha bem traz para aí uns trinta escudos...

O Miguel Benardo não sabe a idade da mãe. A tia dá uma ajuda. Sandra e o irmão, primos do Miguel, estão à espera do pai. Ainda não almoçaram e é ele quem lhes trará o dinheiro suficiente para os alimentos que terão de comprar.

O casal Marques: sinais de um melhor passado.

Muitos ciganos já desertaram deste local por o acharem inóspito. Contudo alguns continuam aqui, até agora na esperança de terem uma casa, prometida para o Natal. A partir deste momento aguardando o novo ano, para tudo recomeçar.

UM EX-RICO

Joaquim Marques, um cigano de 49 anos que já teve uma boa vida, está sentado ao sol, o pouco deste Inverno, restos desse bem estar na vida ainda patentes no vestuário, nas palavras que diz, no modo como nos recebe. Nasceu na Trafaria. Aí foi criado e por esta zona permaneceu, daqui partindo para as suas «viagens de negócios», como ele diz, mas aqui voltando sempre. Distinguindo entre cigano e tendeiro, afirma:

— Os ciganos gostam de ter a sua casa. Vão viajar onde é preciso e depois voltam. Esses de que o senhor fala, que andam sempre em viagem por essas estradas, são tendeiros. Os ciganos não são assim.

O Marques tem sete filhos, dois dos quais já casados. Espera-os agora pelo Natal, como se eles fossem emigrados, já que vivem no Porto. Sentado na nossa frente, este cigano que chegou a ter uma boa vida, pensa nos Natais que foram e nos que, hoje, tem. Pensa na barraca que, ainda no passado, lhe serviu para uma consoada onde se reuniu toda a família.

Perto da sua tenda há mais três que servem de abrigo aos filhos. Tudo isto foi fornecido pela Câmara quando arderam as casas que tinham na Porcalhota.

— A gente primeiro foi ali para o outro lado do monte, onde ainda estão os outros. Mas, depois, quando começaram as chuvas, a água era tanta que resolvemos mudar para aqui. Mas quando chove ficamos toda a noite com medo, acordados, pomos a mão no chão e vemos a altura da água, não nos vá arrastar, se for muita. Ainda nos pergunta o que vai ser o Natal?

QUANDO ERAM PEQUENOS

Marido e mulher são originários, como é natural, de famílias de ciganos. Ela, a cigana, chama-se Branca Marques: é filha de Aveiro. Um dia encontrou o seu homem, casaram e aí estão — amor cigano — unidos na sorte e má sina. Falam agora dos Natais da sua infância, sem muitos pormenores, esforçando-se por mostrar que eram festas idênticas às de todos nós. Diz-nos a mulher.

— Quando era pequena passava estes dias com a família. Não, senhor, não era barraca, eles tinham casas como toda a gente. Era uma festa onde ia toda a família, no dia 24 à noite e dia 25 todo o dia.

E o Marques:

— Quando era pequeno eu vivia, já lhe disse, com os meus pais na Trafaria. Também tinham casa, sim senhor — Marques interrompe-se e olha à volta, diríamos que comparando esses tempos, com o que lhe calha agora e o rodeia. **— Tínhamos o respectivo perú e o respectivo bacalhau. Eu gosto muito de bacalhau...**

— E que mais? O que lhe agradava nessa festa?

— Eram as lambarices. Os meus pais eram homens de negócio e sempre me podiam comprar algumas coisas. Os meus filhos foram educados como eu. Nós não somos protestantes, não pense nisso, não somos protestantes. Os meus filhos foram habituados a todas estas coisas, falamos-lhes no menino Jesus e tudo. Dávamos sempre umas prendas aos nossos filhos.

Agora já são grandes de mais para isso.

— Olhe, é engraçado — intromete-se Branca Marques — **os meus filhos foram ensinados de tal maneira que acreditaram até muito tarde em tudo. Até me faz impressão como eles ainda acreditavam naquilo, sendo tão grandes. A gente até os mandava pôr o sapatinho na chaminé.**

AGORA

— Agora? Olhe — diz o Joaquim Marques com um tom irónico — **vou-me deitar um pouco mais tarde, e até é bom, porque pode chover e sempre estamos acordados. Bem, a sério, se houver dinheiro compramos perú e o respectivo bacalhau. Vêm cá os meus filhos e é bom que isto seja assim. Faz-se um sacrifício... É pena isto da casa, mas disseram-me que pelo Natal já tinha o problema resolvido. Se não tivessem dito isso até podia ser que eu já tivesse arranjado alguma coisa.**

O Marques fala com um certo tom de certezas. Diz-nos do melhor Natal que passou nos últimos anos, numa casa da Ajuda: **«Deu-me muita alegria porque estava muita família reunida»**. O instinto de união, na raça, é, aqui, bem evidente.

— Como é o Natal dos homens da sua raça mais pobres?

— É mais ou menos a mesma coisa. Uns com mais dinheiro, mais comida, melhor casa. Outros com menos, mas parece-me que todos se esforçam para nesta altura fazerem uma festa igual à de toda a gente. E tanto que assim é que um amigo meu, vem do Brasil de propósito para passar estes dias com a família. Foi para lá a ver se ganhava mais alguma coisa.

Miguel Bernardo, um menino que não sabe exactamente o que é o Natal

Os ciganos e o tempo

Os tendeiros, ou seja, os ciganos que andam de terra em terra, e em especial aqueles que eu conheci na infância, não correspondem, em nada, a estes que agora vamos encontrar nos subúrbios ou dentro de Lisboa. Eram e são, agora, ainda, quando percorremos o Atentejo, pessoas com uma maneira de ser que os torna distintos. Iam bater-nos à porta, vigarizando como podiam, vendendo o mau pelo bom, em negócios mais ou menos honestos, sendo o truque maior o de pedir mais do que o justo, segundo a lenda.

Eles eram os papões de crianças, ainda quando eram obrigados a desenterrar um porco morto de peste africana, para se poderem nutrir. Eles eram os indesejados mesmo quando acampavam nas nossas barbas, em tempos, para nós, de fartura. Eles eram os «sem eira nem beira», aqueles que ninguém amava e os autores de todos os crimes das redondezas.

Vamos agora encontrá-los, como dantes, errando pelas estradas do abandono, do pó, do tempo sem data. Chegamos à fala com uma caravana: uma mulher e duascrianças. O chefe da família fora à frente para o mercado de Beja, armar o ambiente e escolher o local para venderem. A mulher nada nos quer dizer: desconfiados como sempre. Nem tão pouco o nome, quer o seu, quer o do homem, que lhe governa os dias. Nada sem autorização dele.

Como iriam passar o Natal? Um encolher de ombros. As crianças que se encolhem no canto, nós, agora, desempenhando o seu antigo papel de «sossega-crianças». Natal?

— Passamos por aí. Com este tempo o que é isso?

A voz arrastada. A carroça lenta. O burro magrito. Uma panela rojando o chão. Sem função.

OS DOIS PEQUENOS MUNDOS

Por JOSUE DA SILVA

Foi mesmo diante da porta duma loja de brinquedos, ali aos Restauradores, numa destas tardes natalícias, que a cena me caiu nos olhos. Os dois personagens desta humilde história de repórter sempre atento, por dever de ofício, ainda quando parece fora do tempo de profissão quando é que um repórter tem tempo para não ser repórter? são crianças. Crianças que não têm culpa de que as circunstâncias as façam pertencer a escalões sociais diferentes, o que me leva a relatar apenas o que vi e ouvi, sem comentários.

A criança rica seguia pela mão da senhora requintada, muito atafulhada nos seus agasalhos de Inverno. A criança pobre, caminhava no mesmo sentido, uns metros atrás, ao lado da mãe, simplória. Ao chegar em frente da montra da loja de brinquedos, a criança rica parou, puxando pela mão da senhora.

— Titi, deixa-me ver a montra.

A senhora não pôde recusar. O tom da criança era imperativo nos seus sete, oito anos de pequeno homem. Foram até à montra. Entretanto, a criança pobre também parara.

Mãe, deixa-me ver a montra.

Vá lá, mas olha que não nos podemos demorar.

Ficaram lado alado, a criança pobre e a criança rica, os narizes esborrachados contra o vidro da montra, os olhos comendo todo aquele recheio deslumbrante. As atitudes eram iguais em princípio: espanto, curiosidade, apetência. Os brinquedos tentavam, realmente, até os meus olhos, que homem sou e não me envergonho de o confessar. Havia um comboio eléctrico, um «robort», um cavalo de pasta enorme, um urso alegre, caixas de jogos, bonecas de todo o tamanho e feitio, uma pista de automóveis, «colts», um estojo de médico, um iate de setenta centímetros com «marinheiros» e tudo, metralhadoras, tanques, aviões. E, de repente, os dois garotos olham um para o outro e iniciam um diálogo espontâneo, como de amigos velhos:

— **Eu gostava do «robot»** diz o menino rico espetando o dedo no vidro. **Podia mandá-lo fazer o que eu quisesse...**

O menino pobre mira e remira o «robot», abana a cabeça encrespada e, imitando o gesto do dedo do menino rico, exclama:

— **Eu só queria o cavalo. É tão bonito.**

— **O cavalo não presta** devolve o menino rico com um trejeito de quem sabe escolher. **Aquela metralhadora é que era boa.**

— **E o ursinho?** indaga o rapazito pobre de olhos alagados de ternura.

Atrás deles, a senhora requintada e a mãe simplória, fremem de impaciências. Mas os garotos já não as pressentem.

— **O urso também não presta** torna a dizer o menino rico. **O que presta é o tanque de guerra.**

— **Atão** volve o menino pobre **antes queria o avião grande para viajar.**

— **O avião não presta** teima o menino rico. **Eu gostava era da pistola de cow-boy.**

— **E eu...** ia o menino rico a ripostar.

Sem lhe dar tempo, o menino rico acrescentou:

— **O melhor de tudo era o barco e o «robot». Assim eu podia mandar no «robot» e nos marinheiros do barco.**

O menino pobre ficou um bocadinho calado, achatando mais o nariz contra a montra e por fim murmurou:

— **Eu só queria a «caixa» de médico para poder tratar o meu pai que está muito doente.**

A mãe simplória puxou pela mão do menino pobre que se afastou da montra com os olhos rasos de lágrimas. A senhora requintada puxou pela mão do menino rico e entrou com ele na loja de brinquedos.

"ESTA GENTINHA..."

Por FERNANDO DACOSTA

Interessado, o rapaz (vinte e poucos anos esfarelados por tarefas rasteiras) ia fazendo perguntas de acordo com a mentalidade que lhe deram, lhe consentiram. Eram perguntas/objecções irregulares na conversa que travávamos sobre coisas deslizantes, sem grande ligação nem importância, finda a reunião natalícia que nos trouxera ali.

As palavras só não lhe soçobravam devido à força da sinceridade, da ansiedade em acalmar incertezas subterrâneas, em encontrar explicações para os direitos frustrados, para as humilhações imerecidas.

Artes, política, sociologia eram bases que ele tentava à sua maneira, apenas apoiado na experiência pessoal, no sofrimento directo e caótico que lhe fortalecera a vontade mas não (por enquanto?) a lucidez.

Fazia parte do grande grupo dos que apenas tiveram, têm acesso à vida emocional, o coração (o estômago, o sexo) tornou-se-lhes guia e motor, já que o raciocínio não foi capazmente apreendido nem exercitado. Um caso vulgar afinal. Feroz, hipócrita, a vida sabe preservar bem as classes de que se compõe e salvaguardar ao mesmo tempo as aparências de belas côres evolutivas.

À mesma mesa, entre outros, uma rapariga recém-universitária estilhaçava-nos as palavras com conceitos absolutos, inflexíveis, que rarefaziam a capacidade possível de entendimento. Excessivamente racionais, os seus argumentos não atingiam a compreensão do nosso interlocutor apesar dos esforços que lhe afogueavam as ideias e os nervos.

A aproximação **INTELECTUAL - HOMEM COMUM** continua a sar difícil mesmo à mesa de café (de sala de conferência, de colóquio) só muito excepcionalmente se dando com convicção, com intimidade. Segregados por existências diferentes, um e outro persistem como ilhas alheias, para lá dos esforços bem intencionados em contrário e das tentativas logradas de aproximação. Fechados nos seus grupos rígidos, não têm conseguido identificar-se se não por facetas exteriores que, depois de contornadas, não dão, geralmente, lugar a convívios persistentes. A impotência é recíproca e amarga, já que os fossos são afinal bem mais custosos de transpor do que se previa, se ambicionava.

Privilegiado (como outras castas) o intelectual torna-se por vezes também **rácico**: os que lhe ficam culturalmente abaixo, a **média silenciosa** que somos, nesta perspectiva, pouco beneficiam da sua muita mas **inútil** evolução — porque não transmitida, não tornada acessível, nem agradável, nem **oportuna**.

Quando ele nos deixou dobrado sob angústias e casmurrices, a rapariga, depois de um silêncio pastoso, atirou abruptamente: **«De facto não vale a pena perder tempo com esta gentinha... estão muito bem onde estão, têm o que merecem!»**

UMA PALAVRA

Nesta quadra natalícia, que uns querem que seja de festa, outros de saudade, não poderemos fugir a uma meditação amarga sobre os destinos desta família lusitana, hesitante quanto aos caminhos do futuro. Nesta quadra natalícia, que uns querem que seja de certezas, outros de dúvidas, vale a pena debruçarmo-nos sobre o sentido dos caminhos percorridos atè à encruzilhada do presente.

Cada qual pensando à sua escala, na Europa, na África ou nas Américas, terá o seu Natal. Recordando o passado, imaginando um futuro. À sua escala.

Mas nós? Nós Pátria, nós Povo, nós Presente, nós Futuro?

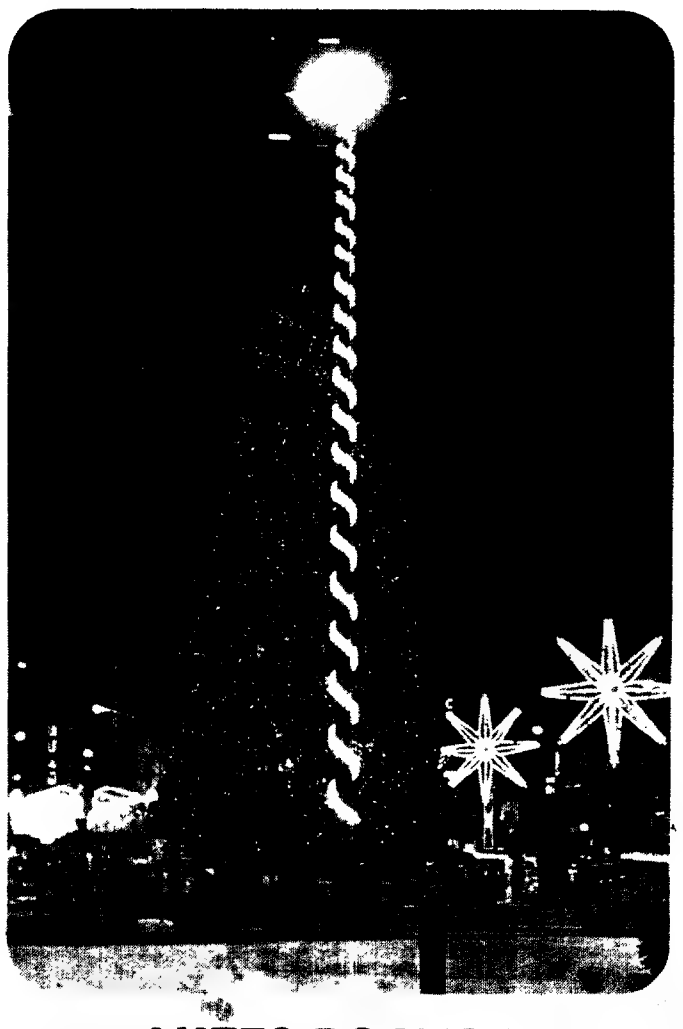
Nesta quadra natalícia, não deveríamos deixar de pensar, à escala do País, nos Natais que a todos nos esperam, agora e sempre. Como o poeta que escrevia uma palavra em todas as coisas e em todos os seres; como o poeta gostaríamos de escrever uma palavra (essa ou outra com igual amplitude e significado), como prenda em todos os Natais particulares.

Essa palavra gostaríamos de escrevê-la na árvore de todas as crianças, mesmo sem árvore; nas prendas de todas as pessoas, mesmo sem prendas; nos cartões de Boas-Festas, mesmo sem Boas-Festas; nos telegramas para longe, mesmo das pessoas de quem se não conhece o destino e o caminho.

Nesta quadra natalícia, que uns dizem ser de festa e outros de angústia, a palavra poderia ser ESPERANÇA. A palavra poderia ser FUTURO. A palavra poderia ser qualquer.

O sentido é que deveria ser o mesmo

MANUEL DE AZEVEDO



LUZES DO NATAL

Não só Lisboa tem as suas luzes de Natal. Por essa Europa fora, nesta quadra, as cidades são um convite ao atordoamento. Incendiadas de mil luzes em concentração nas zonas comerciais, como atractivo para possíveis compras, as cidades, num pretenso esquecimento da pedra fria dos seus alicerces, convidam o povo a um possível reencontro. A foto documenta um aspecto das iluminações natalícias em Madrid.

NATAL NO CARRO ELÉCTRICO

URBANO TAVARES RODRIGUES

Azul-cinza de pastel, sobre a cidade fria e enevoada. Tom de elegia. Isso: é um tom de elegia. Os parques, são raros (cada vez mais raros) a passarem do verde-voz ao amarelo bronze das últimas folhas (ainda trepidantes). E já com aqueles múltiplos riscos de ramos que são gestos delicados, a negro seco, como os das estampas orientais. As árvores vivas. Mas outras se acendem pela frenética Lisboa dos engarrafamentos do Natal, ao desbobrar-se a tarde eléctrica em voos quietos de aves sem infância. Fitas onduladas subindo de ilusórios canteiros, espirais de muitas cores brilhantes incessantemente renovadas, que são também enganos de óptica. E os arcos antigos como o do Bandeira transformados em monumentos de papel dourado. E ainda os arcos voltaicos. E até os arcos de jogar sem jogo, lúdico Chiado acima. E a bruma rolando por entre o secreto rumor das lâmpadas sorridentes da alegre falsificação. Outras árvores, no Rato, aqui, além, com maças de prata e de mercúrio, de vibrante anil, um fosforém de bolas loucas. E outra noite, cheia de vergonha, ou de gemidos roucos, entreabrindo-se sobre outros bairros, sobre a agonia, a exaustão dos transportes colectivos.

Vou num eléctrico do Carmo para Benfica. De pé. Também de pé, próximo de mim, uma rapariga loira, loira desse sol que cedo se apaga, olhos de azul-povo, sabem como é? , um azul que de não ler, de não ver cinema nem teatro, de não se aquecer ao som da música, nem sequer poder retribuir sorrisos, que não os acha, sempre preso à máquina na fábrica, aos rebuçados ou às bugigangas que ela, a jovem, empacota no armazém, vai criando película de rudeza, de indeferença. Mas o que a rapariga tinha de particular, e mesmo de aflitivo, é que, em meio daquele atropelo de gente semi-esmagada, ralada por toda a espécie de violências mornas habituais, intranquila, ansiosa, exangue e revoltada sem saber contra o quê nem contra quem, ela levava um filho pela mão, claro como ela, estilo menino-jesus de cara suja e fato passajado, e outro ao colo, mimoso e nem muito vermelho do frio, ainda principezinho ululante como todos os bebés, sem marca de origem ou condição...

De pé, empurrada pela chegada de mais passageiros (onde é que vamos caber todos, como?), calcada ela e os filhos, sempre em desequilíbrio, não se queixava, mas oferecia-nos a imagem absurda do ponto quase final de um martírio. Não, decerto não ia ali morrer, de síncope, ou por querer mesmo morrer. E, vendo bem, talvez até quisesse, tanta naúsea tão aberta sensação de não-posso-mais, naquele remoinho de apertões e de resmungos, lhe estava a arrepelar, a amargurar o rosto bonito já a ficar tosco e velho aos vinte anos.

Então, um homem dos seus cinquenta anos, com cara de operário do futuro ou de apóstolo, mãos de operário, trajo de operário (não estou «fazendo prosa neo-realista», estou contando um facto real, às vezes isto sucede) ergueu-se nos bicos dos pés (nem era alto) e fez o seu sermão ao carro eléctrico. Primeiro com brandura. Com firmeza, mas com brandura. Se não haveria ali uma alma caridosa, bastava uma, que cedesse o lugar aquela senhora.

Não havia. Isto é, uma mulher já de idade escusou-se de não poder ser ela a dar o exemplo. Mas tinha varizes. Até mostrou aos vizinhos a barriga da perna estriada pelo inchaço de veias muito roxas como caranguejos, como sanguessugas. Que mundo de aflição.

No banquinho lateral da entrada, mesmo defronte da mãe e dos dois meninos, estava sentada (não muito bem, que ali não é o paraíso), mas sentada, em todo o caso, uma bela balzaquiana muito composta, da pequena ou da média burguesia, de feições finas e de finos modos, como sói dizer-se, fazendo o seu **tricot** com a possível aplicação e paz de espírito... Impenetrável, impassível, ouvidos moucos para a insolência. Ao lado, uma matrona imperial de andar por casa, essa já meio caduca, embora não se determinasse a levantar-se, condescendeu em afagar a bochecha do rapazito mais velho, apontando-lhe a rua estagnada, onde os automóveis formavam o fastidioso e enervante cortejo do arranca, trava, pragueja, arranca, ponto-morto, suspira, arranca, cheira-a-borracha queimada, cheira a infecção geral. «Vês os pópós?, que bonitos!, estás a ver?»

O operário — presumo que fosse operário, até trazia a sacola do seu mester — tinha a atenção fixamente concentrada na primeira dama, a do **tricot**, que tricotava os seus minusculos instantes privativos enquanto o carro eléctrico, lento, solavanqueava pela noite atravancada da cidade em festa infesta sem festa. E disse, com o seu ar de profeta zangado (veemente):

— Que caridade a sua, minha senhora: fazendo casaquinhos para os seus pobrezinhos do Natal e nega-se a ver o que tem na frente!...

Diga-se em abono da verdade que a digna senhora nem pestanejou.

AGÊNCIA DE LEILÕES
ANTIQUÁRIA
DE
ANTÓNIO JOSÉ, LDA.

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos
um Ano Novo muito próspero.

SEDE E SALAS DE EXPOSIÇÃO
AV. 5 DE OUTUBRO, 15 - 1.º — Telefones P. P. C. 56 22 68/9 e 717959 — LISBOA

QUINTÃO
FORNECEDOR DO ESTADO, ORGANISMOS CORPORATIVOS, HOTÉIS, TEATROS, CINEMAS E DAS MELHORES RESIDÊNCIAS PARTICULARES
APRESENTA A MAIOR COLECÇÃO DE TAPETES
CARPETES E ALCATIFAS

QUINTÃO
É UMA CASA ESPECIALIZADA
RUA IVENS, 30 ★ LISBOA ★ Telefone 3 58 37
DESEJA AOS SEUS EX.mos CLIENTES E AMIGOS NATAL FELIZ E NOVO ANO PRÓSPERO.

COZINHAS ITALIANAS COMPONÍVEIS
SCIC SCIC
Deseja a todos os Seus Clientes e Amigos
um Ano Novo Cheio de Prosperidades.

CICLO AREEIRO
MOTORIZADAS PERFECTA — BICICLETAS VILAR
Desejam a todos os seus estimados Clientes e Amigos
UM FELIZ NATAL e MUITO PRÓSPERO ANO NOVO
A GERÊNCIA

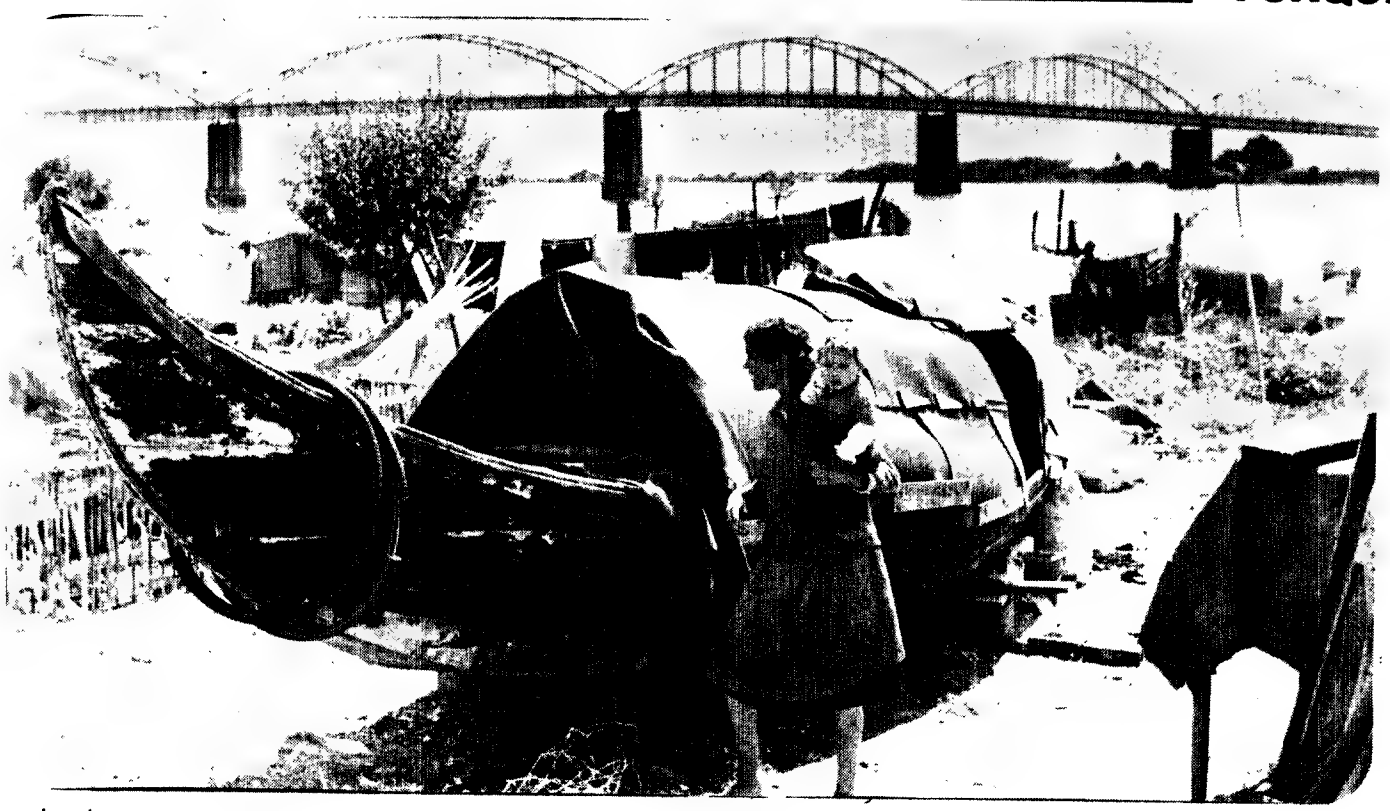
LAGRIFA, LDA.

FESTAS FELIZES

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

O MEU NATAL COM OS AVIEIROS

TORQUATO DA LUZ



. **«De certeza que vai pôr o meu nome no jornal? E da minha mulher e dos rapazes? Certezinha? Não acredito!».** Digo-lhe que sim, que pode acreditar, até se for preciso lhe mandarei um exemplar. **«Pois mande lá, porque eu, só vendo!».** Afinal, não mandei. Ainda o pus de lado, fui pensando **«mando amanhã, mando depois»,** mas não cheguei a mandar. E, no entanto, os nomes lá vinham todos estampados (e as caras): a minha reportagem de Natal com os avieiros de Vila Franca de Xira.

Foi há um ano já, e dou por mim a lembrar-me disto quando subo, lentamente, a Rua do Carmo, lisboeta de alma que orgulhosamente, sou, a admirar as iluminações, as montras com as múltiplas sugestões para ofertas, etc. Calculem: vejo-me a lembrar os avieiros, as casas (?) junto do rio, as mulheres aquecendo-se às fogueiras, as crianças chafurdando no lamaçal, a escuridão apenas quebrada pela fraca luz dos candeeiros de petróleo... No meio da luz a jorros do Chiado, a minha lembrança passeia por Vila Franca.

Eu conto. A agenda da redacção marcava: «Natal com os avieiros. Encarregado: Torquato». A primeira sensação foi de incómodo. Eu lera Alves Redol, eu sabia mais ou menos como era, mas não acreditava lá muito, é verdade, que as coisas se mantivessem. Uma estopada, pensei. Meti-me no carro com o colega repórter fotográfico e lá fomos — desvendar a noite de Natal dessa gente que **«nasce, vive e morre numa frágil embarcação».** Passado o jardim de Vila Franca, metemos por uma vereda lamacenta. No fim, lá estava tudo: as bateiras, as casas (?), os rostos castigados pela vida (e a que se costuma chamar «expressivos»).

Entrámos pelas ruas (?) atolando os sapatos e sujando as calças, mascarrando as gabardinas e olhando tudo com os nossos olhos espantados de quem nasceu, se bem que tão nu como os que íamos visitar, numa casa em que, pelo menos, não se sentia entrar o vento pelas junturas das tábuas das paredes improvisadas (mas dolorosamente definitivas) e a chuva por todos os lados.

Eles, por outro lado, olhavam-nos surpresos: há poucas visitas de gente «de fora», muito menos àquela hora da noite. À primeira família que vimos (não há portas fechadas e tudo ali se passa para toda a gente ver) dissemos ao que vinhamos: saber como passam o Natal.

Foi então que, entre muitas outras coisas, soubemos, eu e o meu colega (incansável a bater «chapas»), que são bem poucos, já, os avieirós que vivem nas bateiras. Mas, para todos, a hipótese de abandonar o rio é tão longínqua que nos fica a impressão, a olharmos as barracas construídas por suas próprias mãos e em que vivem, de que, quando a maré enche, todas elas se transformam em barcos...

Lembro-me disto, das palavras que me disseram, da sensação, intraduzível por palavras, com que dali saí e da «fúria» com que, ao chegar a casa, ligado o aquecimento e preparada uma bebida, me entreguei a escrever a reportagem. Mas dói-me, mais do que tudo, agora, a lembrança de não ter cumprido a promessa de mandar o jornal ao avieiro que só acreditava vendo.

TEMPO DE TRÉGUAS

Por CESÁRIO BORGA

. Era o tempo de Natal numa aldeia situada no Ribatejo, a dois quilómetros de Torres Novas. A vida do campo dominava inteiramente o pequeno burgo. O trabalho iniciava-se ao nascer do sol e terminava ao cair da noite. As pessoas eram consumidas em trinta anos de dura labuta. Exceptuavam-se alguns velhos que atingiam os oitenta ou noventa anos, envolvidos numa auréola de prestígio. Tudo isto se passava em Lapas; uma aldeia como qualquer outra.

Ao longo do ano as pessoas perscutavam o ventre da terra com olhares de esperança em melhores colheitas que significariam mais figo, mais trigo, mais azeite. Quase sempre as esperanças se goravam e, a uma colheita fraca, sucediam-se centenas de dias de pão escasso, fechado a sete chaves na gaveta da mesa da cozinha, acautelado do apetite da cachopada. As refeições eram, quase sempre, constituídas por uma tachada de sopa, um dia por outro acompanhada de pão de milho e queijo. «É a vida, que não deixa de ralar a gente», ouvia-se frequentemente na rua.

Os figos secos, principal produção da área, estavam em 1950, a 30 escudos por arroba. Dez anos depois o preço por arroba tinha descido para 27 escudos e cinquenta centavos. As grandes safras de azeite já faziam parte das recordações dos mais velhos. As consequências eram atenuadas pela fuga dos mais novos para as fábricas que se desenvolviam na região.

Neste ambiente pobre, mas agarrado a tradições seculares, o Natal era [illegible] das palavras [illegible] O homem sisudo, acicatado de preocupações, vestia-se de sorrisos por uma noite e um dia; estavam consagradas as tréguas. As mães que andavam um ano inteiro a prometer aos filhos «um fato novo para o Natal», cumpriam, nesta época, a promessa, vestindo os filhos de tecido novo e barato. E,as, levavam à missa do galo o fato de casamento, acarinhado, vigiado e protegido durante dezenas de anos.

Na noite de Natal os homens da aldeia deitavam fogo a um grosso tronco de árvore, queimando o «madeiro» e passavam a noite sem ir à cama; conversando, recordando, bebendo aguardente, comendo filhoses, rindo.

O dia 26 de Dezembro era, e ainda é, um dia sério. O regresso ao trabalho significava o reencontro com as lutas suspensas por 24 horas. Tempo de tréguas, o Natal não deixava recordações duráveis. No ano seguinte repetia-se mecânicamente o mesmo comportamento, não por saudade mas por hábito.

Hoje o hábito ainda permanece. A vida transformou-se. Em pouco mais de dez anos a agricultura decaiu irremediàvelmente. O crescimento das indústrias locais evitou o êxodo em massa. O rio está poluido e já não é uma escola livre de natação para crianças e adolescentes muitos emigraram e um novo equilíbrio foi estabelecido. Os agricultores já não têm influência na terra, agora comandam os que não têm uma folha verde. Os preços subiram um pouco graças à presença dos candongueiros, de safras de azeite ninguém mais falou.

Junex
MÁQUINA DE LAVAR ROUPA
automática Super 552
o sistema do futuro
á venda no presente
PRATICA - SEGURA
ROBUSTA E EFICIENTE
a maquina que
pela sua concepcao
soluciona os problemas
de espaco
20 PROGRAMAS
representantes
R. dos Correeiros, 1[illegible]

Cápida
Rua Augusta, 275-A
Lisboa
CASA PIRES D'ALMEIDA, LDA.
Telef. 32 07 00
Deseja a todos os seus Clientes e Amigos Boas-Festas e um Ano Novo pleno de felicidades

ROCHA AMADO & LATINO, LIMITADA
Apartado 2438
Endereço Telegráfico: ROCHAMADO
P. P. C. 83 91 61
ARMAZEM GERAL
74 — Rua da Bombarda — 78 (ao Intendente)
FERRAGENS E FERRAMENTAS
13 — Rua Nova do Almada — 15
METAIS E TUBAGEM
54 — Rua da Boa Vista — 54
ARAMEIRO
82 — Rua da Prata — 86 — LISBOA

NATAL CABOVERDEANO

"A VIOLA ESTRAGOU-SE..."

Por EUGÉNIO ALVES

— **Natal também é festa para a gente. É como aqui...** — exclamou Arlindo, após longo e inquiridor olhar. Vira nos companheiros sinais de indiferença. Não hesitou mais e conversou

Arlindo nasceu em S. Tiago, Cabo Verde. Tal como a maioria dos outros trinta emigrantes ilhéus, camaradas de ofício, algures nos arredores de Lisboa. Estavam todos em volta da fogueira. S. Tiago é uma ilha quente. Tinham acabado o dia de trabalho. Tristes, sérios, sorrisos raros. No dia seguinte era véspera de Natal.

— **Neste dia a gente, lá, come batatas, carne, arroz, maças, galinhas, mandioca, feijão, leitão e tem, também, vinho e bagaço. E também há presépios e árvores de Natal. E há prendas como aqui. Para toda a gente. Não, para toda a gente não... Os mais pequenos só têm quando fazem seis anos. Depois é até morrer. Todos põem o sapato junto do fogo. Tendo a barriga cheia a gente sai até à rua, a fazer uma junta, ou passear. E vamos à igreja. Beijamos o pé e temos missa do galo. Toda a gente anda contente nesse dia. Há comida, há bagaço, é tudo amizade, é o melhor dia que a gente tem lá.**

SAUDADES

— **Se tem saudades? Oh... bastantes. Bastantes... A família está lá e a gente gostava de ter a família junto de nós. Já mandamos nossas prendas para elas... E esperamos qualquer coisa. Uma carta ao menos. Trabalhamos das seis às oito. Ganhamos mais ou menos... Já disseram à gente que noutros lados ganha-se melhor. Qualquer dia a gente vai até lá. Agora tem de ser por aqui. Tenho um primo na Holanda, mas ká perdi a direcção. E ele não sabe a minha. Não sabemos se aqui dão a gratificação do Natal. A gente ainda não recebeu. Pode ser que no fim do mês...**

Arlindo fala ainda. De vez em quando sorri. Os companheiros vão-se afastando da roda. Vão descascar as batatas, cozer o arroz. Outros lavam a roupa. Alguns, sentados no barracão remendam roupas ou conversam. Um, deitado de bruços parece dormir. Outro cantarola baixinho. Arlindo fala.

— **Tínhamos aí viola, mas estragou-se. Em Lisboa é que a gente ouve música ou diverte mais. Temos amigos lá. Com gira-discos e gravador. Ao domingo vai quase toda a gente lá a passear. Ou p'ra casa de amigos, ou botar conversa no jardim. Uns com os outros. Ou ver os carros novos, os comboios, os eléctricos, os barcos grandes, televisão ou cinema que seja barato. Agente não tem dessas coisas em S. Tiago. Aqui sempre vê. Amanhã também vamos ter festa de Natal. Não vai ser igual. Não há família, nem prendas nem outras coisas. Mas vamos comer frango, batatas, vinho, bagaço e passear em Lisboa.**

Chegou o Zé Borges, 16 anos e uma motorizada (a sua vaidade) a fazer barulho. Queria ficar na fotografia. Chegaram outros. O Arcílio, que partiu de S. Tiago no dia 1 de Janeiro de 1971. O Zé Almeida, o Orlando, o Augusto, João, Zé Cardoso, António, Zé Joaquim... Adeus amigos. Um bom Natal.

Alguns dos milhares de caboverdeanos que trabalham em Lisboa e seus arredores falaram-nos do Natal de Cabo Verde e no que agora vão passar entre nós. A saudade da família foi tema dominante da conversa

Tempo de contraste

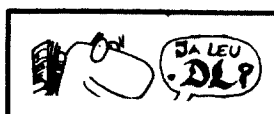
Por MÁRIO CARDOSO

Ainda e sempre, o calor. Intenso, às golfadas, ou apenas presente na aragem invisível que nos afagava as pernas descobertas pelo calção ligeiro. Uma vez mais, os amplos horizontes, a planura vermelha, o sortilégio. Infindável, a picada revrilhante, maltratada pelo rodar furioso do automóvel.

Os quilómetros engolidos um a um, perdiamo-nos nas histórias picarescas, nas façanhas automobilísticas intensamente imaginadas: invariàvelmente, acabavam com uma «bifa» metida pelo meio... idêntica àquelas que acreditávamos piamente nos esperavam em ânsias, estendidas no areal... Gargalhadas sonoras pontuaram o final da viagem quando o carro, vencendo desportivamente um longo zigue-zague através da terra batida, se imobilizou frante ao azul inédito da lagoa do Bilene, apenas uma fita de dunas a separá-la das águas invisíveis do Índico.

Os deuses, aparentemente, não estavam connosco: ocupada a casa de que julgávamos poder desfrutar, três dias a dormir no chão de laje de um balneário; o leite de que nos muníramos cheios de optimismo já não o podíamos ver ao fim do primeiro dia... Quanto às «bifas», muito esguias, loiras e perfeitas «lagostas»..., tínhamos chegado atrasados — e o nosso inglês «prático» ràpidamente foi metido no bolso da desilusão...

Três semanas de mais que merecidas férias em Moçambique: uma vez mais, agora na contra-costa, descobrir uma Africa europeizada ainda que apenas nas aparências, nas futilidades de uma vida facilitada pelo sistema de que apenas poucos beneficiam. De novo o desencanto, a raiva por vezes. Mas de novo também a Africa espontânea, aliciante, martirizada, a que nos prende com lianas de mistério mas também de comovente simplicidade, que nos balança no ritmo inebriante que nos agarra, sacode e domina — para nosso bem, nosso amor e repouso.



TORRE EIFEL

CAMISARIA, GRAVATARIA, MALHAS
E ARTIGOS DE NOVIDADE

104 — RUA DO CARMO — 106

Deseja BOAS-FESTAS e ANO NOVO FELIZ aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

SANTOS & NASCIMENTO

CUMPRIMENTA E DESEJA
AOS SEUS EX.mos CLIENTES,
AMIGOS E FORNECEDORES

UM FELIZ NATAL

no Natal
ofereça
um disco
utilizando
o
cheque-
-disco*

*o cheque-disco é a possibilidade de oferecer discos sem receio de cair em repetições. Quem o recebe é que escolhe, tendo ao seu alcance os êxitos das mais qualificadas marcas mundiais

COLUMBIA • PARLOPHONE
VOZ DO DONO • DECCA
CAPITOL • LONDON

À venda nos revendedores habituais e em

VALENTIM DE CARVALHO
CI SARL

BUTA-THERM'X
um produto FRANCÊS
de ALTA QUALIDADE

CALORÍFEROS A GÁS BUTANO OU PROPANO PELO SISTEMA DE CATÁLISE

BUTA-THERM'X
(COM PLATINA NO PAINEL)

SEM LUME, SEM CHAMA, SEM FUMO, SEM CHEIRO E SEM QUALQUER PERIGO!

SEGURANÇA ABSOLUTA

PORQUE NÃO EXALAM ÓXIDO DE CARBONO

GRANDE POTENCIA DE AQUECIMENTO
REGULÁVEIS À VONTADE, ECONÓMICOS

NÃO SECAM O AR

AGORA... COM
IGNIÇÃO AUTOMATICA!

DOIS ANOS DE GARANTIA EFECTIVA

BUTA-THERM'X
O CALOR QUE MAIS AQUECE

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S. A. R. L.
R. DOS DOURADORES, 43 TELEF. 361545 LISBOA

DOMINAL para Criança
MARIJÚ » Senhora
JOMAR » Homem

J. Henriques d'Oliveira

Telegramas DOMINAL TELEFONE 96468 · APARTADO 14 · ESCAPÃES · VILA DA FEIRA · PORTUGAL

Cumprimenta os seus estimados Clientes e Amigos desejando um Natal feliz e um Ano Novo muito próspero.

PASTELARIA «BENARD»

RUA GARRETT, 104

CUMPRIMENTA E DESEJA AOS SEUS Ex.mos CLIENTES E AMIGOS BOAS-FESTAS E PROSPERIDADE NO ANO NOVO.

Confecções Maró
DE
CASIMIRO & RODRIGUES

FATOS FEITOS
E POR MEDIDA
CASACOS SPORT,
GABARDINAS
SOBRETUDOS
E SAMARRAS
Preços especiais para revenda
R. dos Fanqueiros, 234, 1.º, Telefone 874316
LISBOA

Agência de anúncios EVA
PASTELARIA-TABACARIA-ARTIGOS DE NOVIDADE
Rua Nova do Almada, 68—Tels. 322250-324824—LISBOA

A CENTRAL DA BAIXA
RESTAURANTE e PASTELARIA
Rua Aurea, 94 - 98 e Rua dos Sapateiros, 33 - 37
Telefones 32 02 80 e 32 66 74

CASA DAS LIMONADAS
RUA DA CONCEIÇÃO, 120 E 122
Telefone 32 73 01
Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos e desejam Boas-Festas e Feliz Ano Novo.

TELEMODERNA, LDA.

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Natal Feliz.

T. V. — Rádio — Máquinas de lavar roupa e loiças — Frigoríficos — Esquentadores — Fogões — Alta fidelidade — Mobílias — Alcatifas e Maples

PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

Rua Leão de Oliveira, 15-C
Telefs. 64 07 25 - 64 28 61 — LISBOA-3

DIADEMA

joalheiros
166, Rua do Ouro, 170 — Tel. 321362
LISBOA

★

DESEJAM UM NATAL ALEGRE E UM ANO NOVO MUITO PRÓSPERO AOS EX.mos CLIENTES, AMIGOS E FORNECEDORES.

OBRIGADO

PELA COLABORAÇÃO E PREFERÊNCIA QUE NOS TEM DADO

FELIZ NATAL

Estabel. MELODIA
LISBOA — PORTO

FERRAGENS
E FERRAMENTAS
Rafael Lopes, Lda.
Rua de S. Paulo, 43-47
Travessa dos Remolares, 50 a 52 — Tel. 32 69 38
LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo próspero.

AUTO GUERRA JUNQUEIRO
DE
TEIXEIRA & COUTINHO, LDA.
Desejam a todos os seus Clientes e Amigos Feliz Natal e Próspero Ano Novo.
Av. Guerra Junqueiro, 1 - B - C — Tel. 721906

MAGINA
RESTAURANTE
CERVEJARIA
E TABACARIA
Esmerado serviço — Vinhos especiais — Aperitivos escolhidos
Largo do Regedor, 17
Rua das Portas de Santo Antão, 9
Deseja aos seus estimados clientes Boas-Festas e um Novo Ano muito próspero.

AUTO PONTE DE ARROIOS, LDA.
TOMÁS e LUIZ, sócios-gerentes da firma
Sede: Rua de Arroios, 152 - A — Telefone 4 87 07
AUTOMÓVEIS — COMPRA — VENDE — TROCA
Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um NATAL FELIZ e ANO NOVO cheio de prosperidades

NA "GINGINHA" DOS RESTAURADORES:

A coragem de lutar contra o silêncio

Por MANUEL GERALDO

Ginginha onde as ginjas são apenas o pretexto para o diálogo

Para além da particularidade de ser uma das últimas sobreviventes da Baixa lisboeta onde ainda se pode saborear a apetitosa **ginja com elas**, a **Ginginha Rubi** dos Restauradores, fundada no ano já longínquo de 1931, constitui o local de encontro dos surdos-mudos da capital. E isto porque Valente Correia, seu proprietário, é também um de entre eles.

Pode dizer-se que ali funciona a tertulia do silêncio onde para além do ruído discreto do

Uma apatia enganadora

saboroso líquido a cair nos copos, apenas se suspeita uma linguagem de mímica e de gestos convencionados. Convive-se numa atmosfera onde só parecem habitar aqueles a quem a natureza roubou a percepção dos sons e a transmissão oral das ideias. Todos os outros parecem ser considerados como intrusos.

Foi esta a sensação, sensação enganosa como verificámos depois, que o repórter experimentou ao penetrar no pequeno reduto, onde o balcão circular tem as honras e o proveito de dois terços do espaço ocupado pelas instalações da Ginginha.

SOCIEDADE HOSTIL

Quando iniciávamos a reportagem com alguns disparos da objectiva fotográfica, um jovem de longa barba hirsuta a aflorar-lhe o rosto ainda imberbe destacou-se dos circunstantes e aproximando-se de nós com ar inquisidor, escreveu num papel:

— **Quem são vocês e o que pretendem de nós?**

Respondemos utilizando idêntico processo: — **Somos jornalistas atraídos pelo ineditismo duma tertúlia onde se discute no silêncio e as ideias se expressam por gestos e expressões convencionadas.** — O jovem sorriu, com um sorriso amplo e leal, enquanto do bolso interior do casaco retirava um cartão que identificava como aluno da Escola Superior das Belas Artes.

Depois a sua esferográfica voltou a desenhar com suavidade as palavras que tinha para contrapor às nossas observações: — **Jornalistas? Compreendo! Eu sou estudante de pintura como vê e aqui nesta tertúlia do silêncio, como lhe chama, poderá encontrar homens de todas as profissões: — músicos, artistas plásticos, pugilistas, engraxadores, estivadores e até poetas e prosadores. Neste local sentimo-nos irmanados em face do nosso «percalço» comum e mais defendidos contra uma sociedade que tantas vezes se torna hostil para com aqueles que, material ou fisicamente, nasceram diminuídos. A maioria não sabe ler nem escrever, mas os poucos que tivemos a sorte de conseguir tal objectivo fazemos tudo por auxiliá-los numa tentativa de mantê-los informados no mundo que os rodeia e prepará-los para as áridas dificuldades do quotidiano. Como pode deduzir pelas minhas palavras esta tertúlia não é tão silenciosa como pode parecer à primeira vista.**

DIÁLOGO NECESSÁRIO

As ideias que aquele jovem nos transmitia através da palavra escrita eram bebidas pelos olhares atentos e concordantes dos presentes. Ele era bem o porta-voz de um grupo incomum que, embora segregado e minoritário, não parece disposto a cruzar os braços perante as adversidades.

E é ainda ele quem nos diz: — **Escreva lá no seu jornal que a «Ginginha» dos Restauradores é um Convívio onde dezenas de homens a quem a natureza roubou dois sentidos essenciais se reunem para dar forma a um hábito tantas vezes esquecido ou evitado entre as pessoas normais: — O hábito e a necessidade dos homens dialogarem entre si.**

3K

AGUA BRAVA

FESTAS FELIZES

A TODOS OS CLIENTES FORNECEDORES E AMIGOS

VOTOS DE

PEDRO MACHADO

RUA JOSÉ ESTÊVÃO, 1 — LISBOA

---

laranjo, alegre & garcia, lda.

compra, venda e hipoteca de propriedades

(MEDIADOR OFICIAL)
FUNDADA EM 1951

TELEFONES
328567 - 327803 - 326718

Cumprimentam todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos, a todos desejando FESTAS FELIZES e NOVO ANO muito próspero.

Praça da Alegria, 58, 2.º-Sala E — LISBOA-2

PLÁSTICOS DO SADO, LDA.

Cumprimenta todos os seus clientes e amigos desejando-lhes nesta quadra festiva um FELIZ NATAL e um ANO NOVO muito VENTUROSO.

LISBOA
Avenida 28 de Maio, 53-A
Telefone 761783 - 789585

PORTO
Rua Faria Guimarães, 260
Telefone 490478

ESCOLA DE CONDUÇÃO LEÃO, LDA.

Sob a gerência de: CÉSAR GABRIEL, BALTAZAR DE ALMEIDA e ANTÓNIO DIAS MARTINHO

Deseja a todos os Clientes e Amigos, votos de Boas-Festas e prosperidades no Novo Ano

Rua António Pereira Carrilho, 9, 1.º, Telf. 53 34 91
— LISBOA —

Lloret & Xavier, Lda.

AGENTES DE NAVEGAÇÃO

COMPAÑIA TRASATLANTICA ESPAÑOLA, S. A.
COMPAÑIA TRASMEDITERRANEA, S. A.
COMPAÑIA ESPAÑOLA DE PETRÓLEOS S. A.

Largo do Corpo Santo, 21 - 1.º, Esq.º
Telefs. 324671 e 327258 — Lisboa-2

ANTÓNIO MOREIRA RATO & FILHOS, LDA.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
CIMENTO «TEJO»

GRÉS — AZULEJOS — LOIÇAS SANITÁRIAS
MÁRMORES E CANTARIAS

FIBROCIMENTO «NOVINCO»

Telefones: 66 08 79 e 66 37 08
Telegramas: RATOFILHOS

Avenida 24 de Julho, 54 - G — LISBOA

SANTOS & SILVA VIEIRA, LDA.

IMP. — EXP.

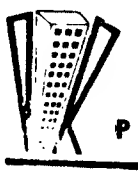
BRINQUEDOS — ARTIGOS PARA CARNAVAL
DECORAÇÕES E FOGOS DE ARTIFÍCIO

RUA DA BOAVISTA, 14-16—TEL. 323906—LISBOA-2

A PREDIAL TOMARENSE E IMPERIAL TOMARENSE

DESEJAM AOS SEUS EX.mos CLIENTES, AMIGOS E COLABORADORES, FESTAS FELIZES E UM ANO NOVO MUITO PRÓSPERO.

AV. Almirante Reis, 186-B e 186, r/c.
LISBOA — Telef. 4 67 10 - 55 57 32



RUA RODRIGUES SAMPAIO, 69, 1.º-D.º
TELS. 63 65 69 - 4 46 02
— LISBOA —

PREDIAL ROBREL, LDA.

MEDIADORA OFICIAL DEC.-LEI 43.767
PROPRIEDADES
COMPRA ● VENDA ● HIPOTECA
HIPOTECAS SOBRE AUTOMÓVEIS

Cumprimentam os seus estimados clientes e amigos, a todos desejando FESTAS FELIZES e um NOVO ANO muito próspero.

ELECTRO LUSO ALEGRIA, LDA.

51 — PRAÇA DA ALEGRIA — 52
Telefones 32 83 03 - 36 75 84 — LISBOA

Deseja a todos os seus Ex.mos CLIENTES e AMIGOS Festas Felizes e um ANO NOVO muito próspero.

EXCLUSIVOS VAMAR

CONFECÇÕES EM ANTÍLOPE E CABEDAL

RUA JOÃO DAS REGRAS, 3, 3.º, Esq.º — LISBOA
(à Praça da Figueira. Antiga Rua do Amparo)
RUA BARÃO DE SABROSA, 78, R/C. — LISBOA
EM COIMBRA:
RUA DA SOFIA, 111-1.º

Deseja Feliz Natal e Próspero Ano Novo aos Ex.mos Clientes, Amigos e Colaboradores.

OLIVEIRA & RODRIGUEZ, LDA.

OURIVES - JOALHEIROS

PRAÇA DA FIGUEIRA, 6, 3.º-D

Cumprimentam e fazem votos de um NATAL FELIZ e NOVO ANO muito próspero a todos os seus clientes e amigos.

GRITO DA MODA

BOUTIQUE — MODAS
CONFECÇÕES ★ MALHAS ★ NOVIDADES
Rua Gomes Freire, 223-A (Sito Av. Duque de Loulé)
Telefone 53 34 64 — LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um NATAL FELIZ e um ANO NOVO muito próspero.

AFAMILIAR

Sociedade Mediadora de Transacções Prediais, Lda.

SEU LEMA
É SERVIR BEM

Oficializada nos termos do Decreto-Lei n.º 43 767
APLICAÇÃO DE CAPITAIS SOBRE HIPOTECAS
E COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES
R. PORTAS DE SANTO ANTÃO, 9-2.º ESQ. (ao Rossio)
TELEFS. 36 14 70 - 36 73 20 — LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um FELIZ NATAL e um ANO NOVO repleto de prosperidades.

VECO

SOCIEDADE INDUSTRIAL E COMERCIAL DE VIDROS E ESPELHOS, LDA.

ESTRADA MILITAR, LOTE 35
Telef. 79 33 56 — Teleg. SOVECO — LISBOA 5

A sua Gerência deseja a todos os seus Ex.mos Clientes, Amigos e Fornecedores os melhores votos da época e um Novo Ano cheio de prosperidades.

J. GONÇALVES, LDA.

RUA BRAAMCAMP, 15 - A

Cumprimentam os seus estimados clientes e amigos e deseja um NATAL muito feliz e ANO NOVO próspero.

QUATRO NATAIS NO TEMPO DA ANA ISABEL

por NUNO GOMES DOS SANTOS

1

Ana Isabel irrompe na sala com dezasseis meses de espanto nos olhos redondos. «Té! Té!», diz, estendendo a mãozita para um pinheiro cheio de côr e de luz. Contente, saltita e bate palmas, um sorriso do tamanho do mundo na boca da pequena: «pá!» — e todos à sua volta comungam da mesma alegria que (não se sabe bem porquê) existe, cuja justificação parece estar (está, com certeza) na grande verdade gritada por um corpo pequeno, cheio de vida, uma verdade que nos esforçamos por reaprender, como quem não quer deixar fugir um caminho que se perde no tempo, que se faz longe no espaço, que quase se alcança e já mal se avista.

2

A Laurinda não tem dentes. Ou melhor: tem poucos. Casada, mãe muitas vezes, trabalha de manhã à noite em casas de muita gente. Incansàvelmente. A sua força tem a grande razão: a maior das razões — os filhos, a casa, o resto e a reforma que não vai ter.

«Obrigado, minha senhora! Vou pô-lo já. Deus lhe pague. Que seja pela felicidade da Ana Isabel.»

Com uma lágrima ao canto do olho, a Laurinda põe, nervosamente, um colar que lhe disfarça as rugas do pescoço.

3

Casou-se o Manel! Porque raio se terá casado o Manel! Bom... casou-se. No café do bairro pagou «bicas» e brandes, com um sorriso engravatado a coroar-lhe a camisa que, horas antes, estivera impecàvelmente branca.

O Manel é sobrinho da Laurinda e não conhece a Ana Isabel.

4

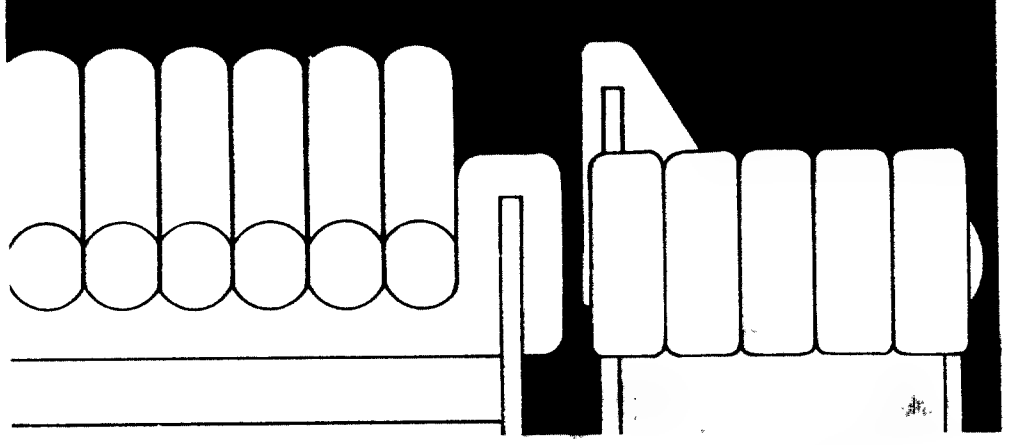
As luzes da «baixa» passam despercebidas à senhora-de-casaco-de-peles atravancada de embrulhos. O motorista do «Mercedes» explica ao polícia que a senhora não demora, que são só cinco minutos e sairá logo dali, **«o sr. guarda compreende, isto é assim mesmo, é Natal e a senhora precisa de fazer compras, bem vê»**.

À mesma hora, o Manel tem sonhos povoados de luzes muito mais verdadeiras que as da «baixa», muito mais acesas que as do sonho de Laurinda, muito menos vistosas que o «Mercedes» da senhora-de-casaco-de-peles.

A Ana Isabel dorme, agarrada a um macaco feio, de pano, com o sorriso mais bonito do mundo a emoldurar-lhe o sono.

PASSAPORTES
Com rapidez
e economia
TRANSNAUTICA
Agência de Viagens
e Turismo
R. Duque Palmela, 33 37
LISBOA

reabrimos a nossa loja
inteiramente renovada
tome contacto com a nossa
linha sb 85
moveis sousa braga
sb
estrada de benfica 174



os especialistas é que sabem!

GRUNDIG não é apenas uma marca;
é uma técnica estudada e conseguida
na construção de televisores,
que justifica a preferência
dos que confiam nos especialistas
e explica o porquê da sua longevidade ...
Construido de dentro para fora
— o seu «coração»
é garantia de qualidade e duração!
GRUNDIG
TELEVISORES · HI-FI · RADIOS · GRAVADORES

Agora!

a nova BUSCH

COM 420 AGULHAS

e muitos outros aperfeiçoamentos, continua na vanguarda de todas as máquinas de tricotar.
Veja hoje mesmo a sensacional nova BUSCH nos nossos salões de exposição em LISBOA e PORTO e nos nossos revendedores autorizados.

Distribuidores Exclusivos:
Soc. de Rep. SIDA-SUECA, LDA.
Av. Fontes Pereira de Melo, 15-D Tel 533111 LISBOA
Norte: Estabelecimentos M. Simões Jr., S. A. R. L.
Rua de Santa Catarina 614 Tel 32136 PORTO

PASTELARIA MARQUES

RUA GARRETT, 72

CUMPRIMENTA E DESEJA AOS SEUS EX.mos CLIENTES E AMIGOS BOAS-FESTAS E PROSPERIDADE NO ANO NOVO.

SAPATARIA DUQUE

CALÇADO INFANTIL

292, R. do Ouro, 294
(junto ao Rossio)

Telef. 36 89 88

LISBOA

RADIOLUX, LDA.

MATERIAIS E REPARAÇÕES EM RÁDIOS JAPONESES, GIRA-DISCOS E GRAVADORES

★

ACESSÓRIOS PARA TELEVISORES, RÁDIOS TRANSISTORES E DE VÁLVULAS

★

RUA JARDIM DO REGEDOR, 19-1.º
TELEF. 36 93 27
LISBOA

PEDRO GUEDES DE SOUSA, LDA.

Armazenista
Importador

FERRAGENS
FERRAMENTAS
E CUTELARIAS

Deseja aos Ex.mos Clientes e Amigos NATAL FELIZ

284-A, Rua do Benformoso, 286 (Ao Intendente)
TELEFONE 4 72 69
LISBOA-2

ESPINGARDARIA
A. MONTEZ
SUC.
MÁRIO MONTEZ

Deseja Festas-Felizes e um Ano Novo Próspero a todos os Clientes e Amigos.

Praça D. João da Câmara, 3
Telef. 325731 LISBOA-2

Armazéns de Paris
PRONTO A VESTIR
SENHORA — HOMEM
R. dos Fanqueiros, 217-219
Telef. 87 39 26

Desejam melhores votos de um Feliz Natal e Ano Novo

Santos & Leandro, Lda.

Desejam a Todos os Seus
Ex.mos Clientes e Amigos
FELIZ NATAL e PRÓSPERO ANO NOVO
R. da Madalena, 214-1.º-Esq. — LISBOA

SERVIÇO SAMAMEDE
não
FIAT
Gerência de A. J. FERRO
EX-MESTRE DA FIAT
RUA NOVA S. MAMEDE, 74-B (ao Rato)
Cumprimenta todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes feliz Natal e próspero Ano Novo.

ACÁCIO JORGE, LDA.

DROGAS — PRODUTOS QUÍMICOS
IMPORT. & EXPORT.

Aos Ex.mos Clientes e Amigos desejo de Boas-Festas e Ano Novo Feliz.

Av. D. Carlos I, 74, 1.º — Tels. 661333-672017 — Lisboa-2

EXTERNATO SANTA JOANA A PRINCESA

AV. RIO DE JANEIRO, 42-1.º-Dt.º — TELEF. 724906
DIRECTORA
MARIA FERNANDA TEIXEIRA MENDES
ENSINO INFANTIL E PRIMÁRIO
(EM COEDUCAÇÃO)

Deseja a todos os seus alunos e Ex.mos famílias um feliz Natal e próspero Ano Novo.

STAND D. JOÃO V

R. D. João V, 26-A-B — T. 653200 — Lisboa
R. D. Manuel I, 12-A — Laranjeiro de Fora

Cumprimenta todos os Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um feliz Natal e próspero Ano Novo.

CENTRO AUDITIVO

R. Aquiles Monteverde, 32-1.º, Dt.º — LISBOA

Deseja a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos um Natal Feliz e um Novo Ano muito próspero.

REFRIGERAÇÃO POLAR, LDA.

Av. Almirante Reis, 94-C LISBOA

Deseja aos seus Clientes, Amigos e Fornecedores, Festas Felizes e um Novo Ano próspero.

Frutaria Bristol
de
Maria Luísa Gomes
CASA ESPECIALIZADA EM FRUTAS VERDES E SECAS
Rua das Portas de Santo Antão, 57
LISBOA TEL. 32 46 37

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas-Festas e Feliz Ano Novo.

GINGINHA
de J. MANUEL LOURENÇO CIMA
(Herdeiros)
Aguardentes, Vinhos e Licores
Rua das Portas de Santo Antão, 7

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

LOUREIRO & ANTUNES
LIMITADA
ALFAIATES — Civil e Militar
L. da Anunciada, 19, s/l.
Telefone 327574 LISBOA

Cumprimenta todos os seus clientes e amigos desejando-lhes Festas Felizes.

MONSANTO TEM UM MILHÃO DE PINHEIROS MAS NÃO PARA ÁRVORES DE NATAL

O pinheiro, pelo menos em Lisboa, tornou-se na árvore sacrificada à festa natalícia. Milhares de pinheiros novos são cortados cerce para decorarem os lares mais ou menos prósperos na época de Natal.

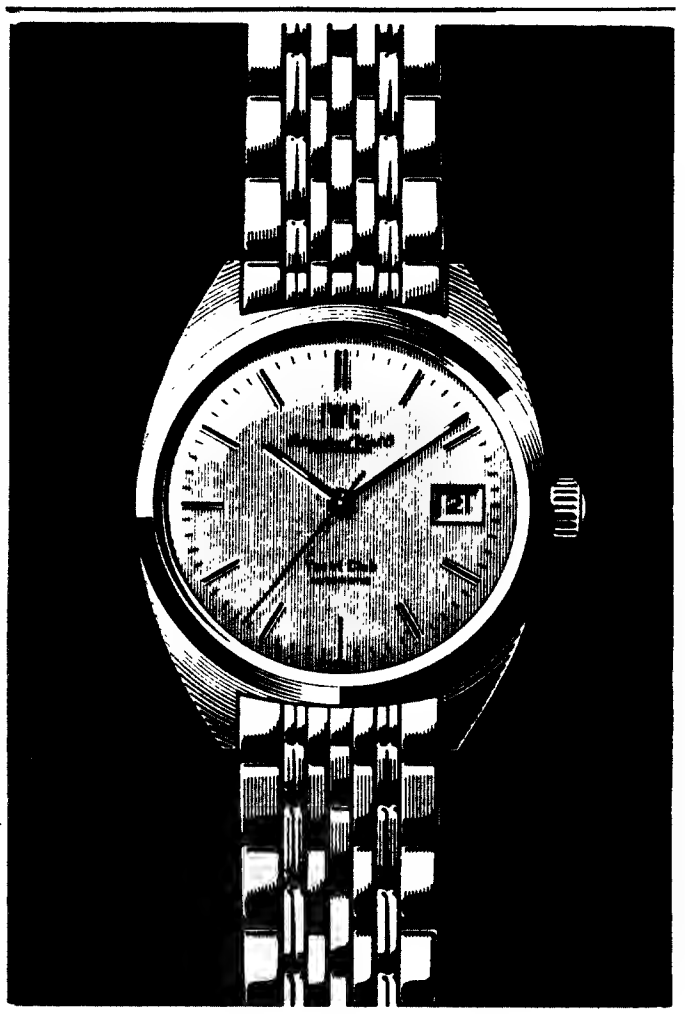
Já pensou alguma vez de onde vêm os milhares de pinheiros que nesta ocasião invadem Lisboa? Já pensou também que cada pinheiro cortado não volta a crescer? Limita-se a comprar um, enfeita-o principescamente e passados dois ou três dias apressa-se a atirá-lo fora. Triste e curto reinado para um pobre pinhieor que levou anos a crescer.

A este respeito, dizia-nos recentemente um técnico: **«ao ver uma árvore de Natal não posso deixar de pensar que está ali um ser vivo a «sofrer», a morrer por um prazer tão fugaz. Chego a pensar que constituirá uma lei da natureza, o sofrimento de uns pela alegria de outros. Todo o cosmos particpa na sua própria destruição e recriação. Acabar com as árvores de Natal? Talvez não, mas poder-se-ia recorrer às árvores envasadas. Assim elas também fazem parte integrante da festa e quando ela terminasse, continuariam a viver.»**

A maioria dos pinheiros que estão à venda são provenientes de propriedades privadas dos arredores de Lisboa, enquanto um pequeno número deles, sobretudo o de espécies exóticas, são de importação. No património público é proibido por Lei o corte de qualquer árvore e a infracção daquela pode levar até 12 anos de prisão.

Os pinheiros que se encontram à venda vieram principalmente de Sintra, Samora Correia ou Malveira. No entanto, bem no coração de Lisboa, existem à volta de um milhão de pinheiros que, só por si, abasteceriam o mercado durante vários anos (estamos a referir-nos ao parque de Monsanto) se isso fosse permitido, clàro! Encontram-se ali cerca de duzentos hectares com pinheiros, mas dezenas de guardas vigiam dia e noite os pinhais para evitar os possíveis furtos.

À socapa, contudo, alguns lá conseguem trazer um «pinheirozinho» de Monsanto, fugindo a uma apertada vigilância. Mas existirá talvez um processo que pode evitar este massacre: as árvores em plástico. O futuro dirá portanto como serão as árvores de Natal.



IWC Yacht Club

Com pulseira de aço, automático com calendário.

Yatch Club é muito sólido e indicado na prática dos desportos mais duros.
À prova de choque. A máquina no interior da caixa encontra-se protegida elàsticamente por meio de amortecedores.
Impermeável: Até uma profundidade de 100 metros (10 atm.). Isento de condensação.

IWC
International Watch Co
Schaffhausen, Switzerland

À venda nas melhores ourivesarias e relojoarias do País.

YOGHURT
GRANDE PONTO

Deseja a todos os seus clientes, amigos e público em geral
Feliz NATAL, e um ANO NOVO de Paz e Alegria

A CONQUISTA D

Uma equipagem de astronautas acaba de desembarcar na Lua. Foi a sétima vez que os Estados Unidos se lançaram ao assalto do nosso satélite natural e a sexta vez que o homem pisou o solo lunar. Porém, este vôo, Apollo-17, foi também o último a figurar no programa americano: com ele chega ao fim uma das mais prodigiosas aventuras do nosso tempo, onze anos após John Kennedy, então presidente dos Estados Unidos, ter decidido o empreendimento, nele investindo uma parte importante dos recursos intelectuais e materiais do seu país.

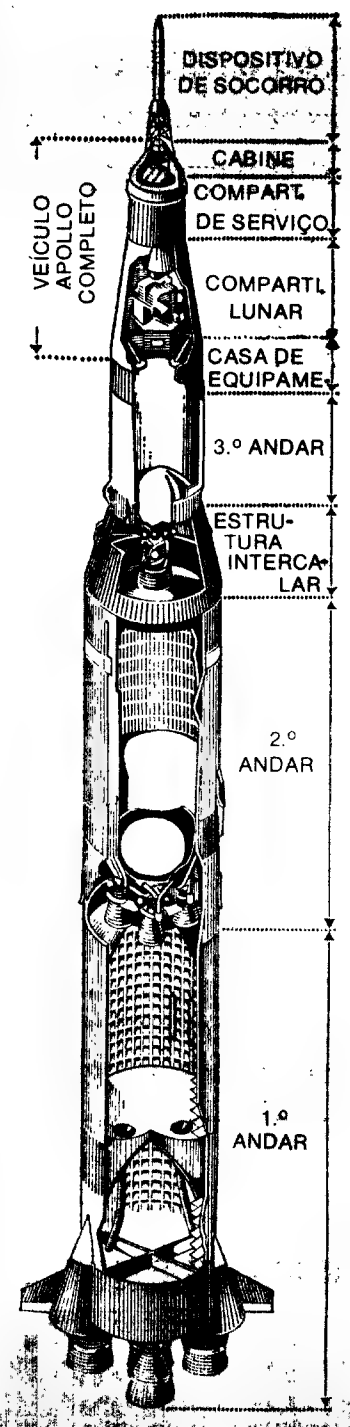
DE YOURI GAGARINE À APOLLO-17

Em 12 de Abril de 1961, o soviético Youri Gagarine abria a era da conquista do espaço pelo homem, ao efectuar, a bordo da sua nave Vostok-1, uma revolução completa em redor da Terra. Algumas semanas mais tarde, o americano Alan Shepard, lançava-se por seu turno para o espaço a bordo de uma cabina Mercury, mas sòmente para um voo a curta distância.

Foi na própria ocasião em que o homem dava, assim, os seus primeiros passos nas vizinhanças terrestres circundantes que foi tomada em Washington a decisão de tentar fazer um desembarque na Lua.

A ideia de lançar um vasto programa escalonado nos anos e destinado a permitir um desembarque no nosso satélite natural, a partir de uma nave espacial com uma equipagem a bordo, tomou, com efeito, forma quando de uma reunião levada a efeito na Casa Branca, em 22 e 23 de Março desse ano, e foi durante o fim-de-semana que se seguiu ao voo de Shepard que os representant4s da NASA _ National Aeronautics Space Administration __ um organismo que acabara de ser fundado para animar e coordenar as actividades espaciais americanas, e do Departamento de Defesa se convenceram que tinha chegado o momento de andar para a frente. Dois dias depois, John Kennedy dava a conhecer ao Congresso, na sua qualidade de presidente dos Estados Unidos, a sua decisão de fazer desembarcar um americano na Lua até ao fim da década. O programa Apollo tinha nascido. Em onze anos consagraram-se-lhe 26 biliões de dólares.

O FOGUETÃO SATURNO-5



UMA RESPOSTA DE WASHINGTON A MOSCOVO

Esta decisão devia marcar uma data, embora na altura ela tivesse passado quase despercebida. Muitas razões foram invocadas para a explicar, mas todas põem em relevo um facto: ao ser a primeira a lançar um satélite artificial da Terra (o Sputnik-1, em 4 de Outubro de 1957), ao ser também a primeira a fazer cair na Lua um objecto enviado da Terra (o Luna-2, em 13 de Setembro de 1959), tornando-se ainda a primeira a lançar um homem no espaço, a U.R.S.S. havia imposto ao mundo uma nova imagem de si própria; ainda na véspera considerada como uma nação à beira de subdesenvolvimento, ela içava-se até à fila dos países de vanguarda e ridicularizava os Estados Unidos, de que se começava já a pôr em dúvida a tradicional superioridade tecnológica. Numa palavra como em cem, os êxitos espaciais soviéticos traduziam _ a propaganda de Moscovo, pelo menos, assim o afirmava em altas vozes _ o triunfo do socialismo sobre o capitalismo.

UMA CORRIDA DE FUNDO

A guerra fria estava ainda palpitante e os Estados Unidos não podiam permitir-se um tal atentado ao seu prestígio, bem como à sua segurança. Era-lhes preciso, por certo, empreender realizações que autorizassem uma familiarização progressiva com as técnicas espaciais, mas tinham-se deixado distanciar e, a proceder desta maneira, estavam certos de não poder eliminar o seu atraso, a não ser de uma maneira muito progressiva. Era, portanto, preciso encarar um objectivo tão longìnquo, tão difícil de atingir, que o atraso inicial dos Estados Unidos se tornava de somenos importância: numa corrida de fundo, podia-se vencer a desvantagem, que não podia ser eliminada numa corrida de velocidade.

De facto, vista em 1961, a empresa parecia colossal: os americanos tinham então acabado de conseguir comunicar a uma nave espacial capaz de abrigar um homem e pesando uma tonelada e meia uma velocidade suborbital, uma velocidade ainda inferior à velocidade de satelização (9 quilómetros por segundo), a necessária para que a força centrífuga equilibre o peso e para que o objecto ao qual ela é comunicada consiga gravitar em volta da Terra. E iria ser-lhes preciso realizar uma nave capaz de comportar três homens, pesando mais de 45 toneladas e capaz ainda de atingir a velocidade de libertação, a velocidade necessária para vencer a atracção terrestre __ 11 quilómetros por segundo. Ora, para propulsionar 45 toneladas à velocidade de libertação, era preciso um foguetão que fosse capaz de lançar à velocidade de satelização um engenho com um peso de 110 toneladas: a relação entre a potência dos meios de lançamento de que se dispunha efectivamente e aquela de que tinham que se munir era, em números redondos, de um para cem.

SATURNO-5

A história do programa Apollo foi, portanto, em grande parte, a do foguetão indispensável à operação: o foguetão gigante Saturno-5. Desde o mês de Outubro de 1961, um primeiro modelo, ainda muito rudimentar, o Saturno-1, levantava voo. Depois, após dez tiros, seguiu-se um modelo mais aperfeiçoado, o Saturno-1 B. Ainda três tiros, em 1966, e ficou-se em condições de montar o engenho definitivo. Desde o começo do programa que nenhum malogro tinha sido registado e, desta vez, os responsáveis contentaram-se com dois lançamentos de ensaio antes de lhe confiar uma equipagem humana: foi ela a missão Apollo-7.

Esta sequência ilustra bem o método que seguiram os responsáveis da NASA: proceder progressivamente, mas preparando o passo seguinte enquanto o anterior está em vias de realização. Mas era preciso também avançar simultâneamente em todas as frentes.

OS SURVEYOR

Para empreender um primeiro estudo científico da Lua e para preparar a descida de uma equipagem, a NASA dirigia para a Lua engenhos automáticos, os Surveyor, que deviam poisar «com doçura» na superfície lunar. Mas, para respeitar os prazos, foi preciso decidir o desenho do sistema de alunagem da futura lancha de desembarque ainda antes de um Surveyor ter dito com precisão qual era a consistência do solo lunar... Do mesmo modo se decidiram precedimentos para o «rendez-vous» entre a lancha e a nave que a levaria até às proximidades da Lua, muito antes ainda das naves Gemini terem demonstrado, com homens a bordo, que este género de operação era efectivamente possível.

A realização do projecto foi, portanto, marcada por apostas de arrojado atrevimento, mas caracterizou-se sobretudo pela entrada em acção de técnicas modernas de organização: enquanto a preparação do programa estava no auge __ de 1965 a 1967 __, a NASA investia no projecto Apollo quase 3 biliões de dólares por ano e o número de técnicos que nele trabalhavam em todo o território dos Estados Unidos elevava-se, então, a quatro centos mil, cada um deles com uma tarefa precisa a executar e prazos imperativeis a respeitar. Uma máquina ao mesmo tempo enorme e ramificada tinha de ser posta em marcha, um voo em torno da Lua _ missão Apollo-8. Dezembro de 1968 __ uma experiência de aproximação da Terra pela lancha de desembarque __ missão Apollo-9, em Março de 1969 __ e um sobrevoo da Lua em rasantes __ missão Apollo-10, em Maio de 1969 __, depois logo em seguida, um segundo desembarque __ missão Apollo-11, em

Foi tanto à precisão com que esta tarefa foi levada a cabo como pela extensão do seu saber técnico, que os americanos puderam realizar o programa tal como havia sido definido e dentro dos prazos prescritos.

O PRIMEIRO DESEMBARQUE APOLLO-11

De facto, a conquista da Lua pelo homem desenrolou-se como na parada: após vembro de 1969. Outros, ainda, deviam seguir-se. Todas foram coroadas de êxito, excepto a missão Apollo-13, em Abril de 1970, que esteve prestes a conhecer um destecho trágico.

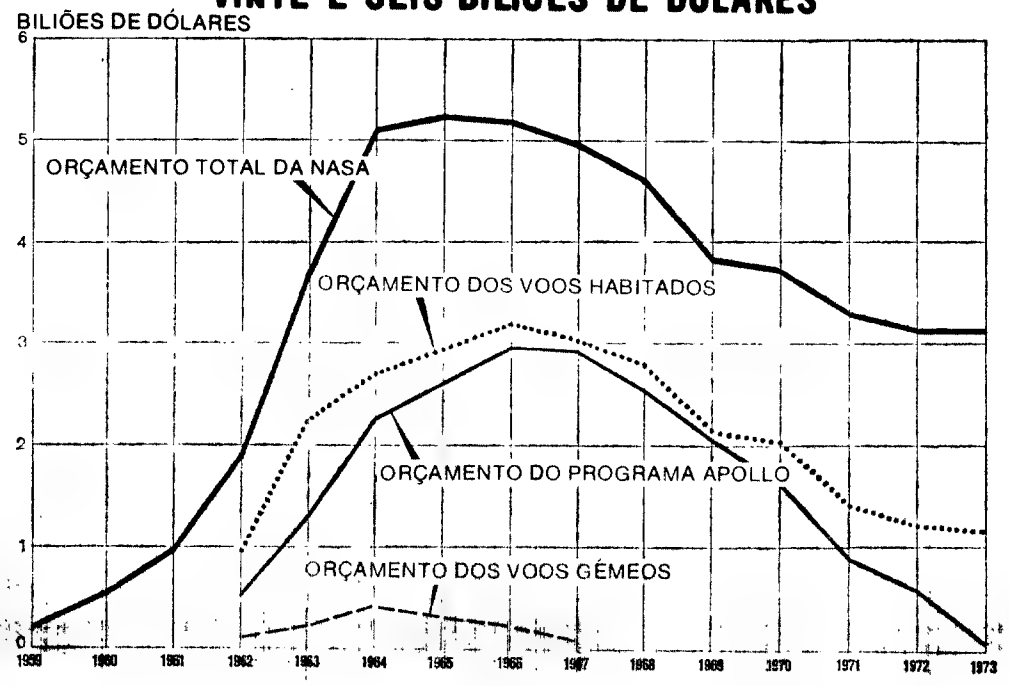
UMA ARRANCADA

Porquê toda esta precipitação? Porquê, também, depois que o êxito veio coroar dez anos de esforço, este encarniçamento em acumular voo lunar sobre voo lunar? Uma boa explicação para isso pode ser encontrada nas razões técnicas: a preparação de um voo humano à Lua estende-se ao longo de meses e põe em acção mil mecanismos complexos, toda uma maquinaria cujo funcionamento só muito dificilmente se poderia alterar.

Porém, os americanos tinham, também, que ter na devida conta os soviéticos. Em Washington encontraram-se boas razões para pensar que em Moscovo também se estava resolvido a empreender a conquista da Lua. Uma impiedosa luta de velocidade, pensava-se, tinha de ser travada. Era preciso iniciá-la a todo o preço e, sem dúvida, seria ela o **sprint** final que designaria o vencedor. Tudo estava, portanto, pronto para tiros em rajada: se a missão Apollo-11 tivesse terminado com um desastre, a missão Apollo-12 devia poder largar o mais rápidamente possível, e assim por diante. Para estar mais assegurado, o êxito tomaria um aspecto estatístico.

Os soviéticos, no entanto, não foram ao seu encontro. Os Estados Unidos não teriam, portanto, começado uma corrida contra si próprios? Com efeito, tudo leva a crer que a U. R. S. S. tinha lançado um programa que deveria ser o rival do programa Apollo, mas que não pôde, ou não quis, levar a termo. É preciso encon-

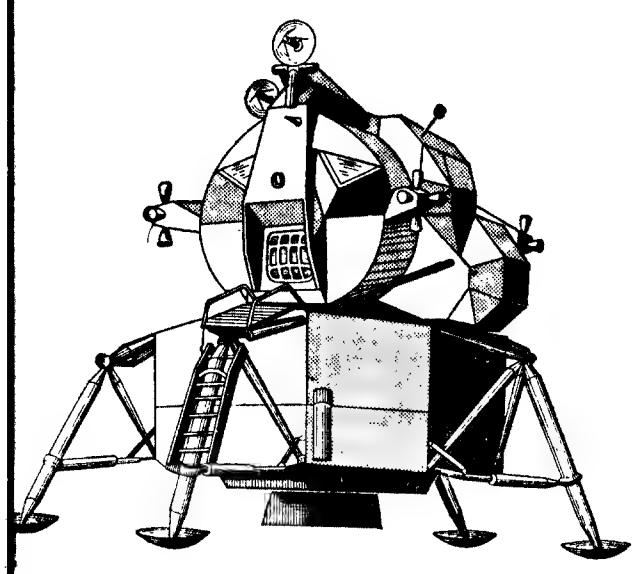
VINTE E SEIS BILIÕES DE DÓLARES



DA LUA

Por NICOLAS VICHNEY Exclusivo «Le Monde»/«DL»

plosão no solo de um fogue-
o que determinados peritos
identais pensam devia ter si-
, mas ainda mais poderoso
que o seu homólogo Satúr-
-5? Se tal é efectivamente
caso, o presidente Kennedy



ia visto claramente ao falar
superioridade tecnologica...
rém, outros observadores
resentam uma explicação di-
ante: o governo soviético te-
constatado, pelos meados
década de 60 que a sua
ça de dissuasão __ os
seis de alcance interconti-
tal e aqueles a lançar pelos
s submarinos __ não esta-
n a par dos que os Estados
dos dispunham. Não poden-
mobilizar senão fundos mui-
imitados, teria preferido in-
sificar a produção dos
seis em vez de prosseguir
corrida para a Lua. Então,
talvez devido à sua riqueza
que lhes permitiu, simul-
amente, realizar o progra-

ma Apollo e manter em dia uma força de dissuasão imponente __ que os americanos teriam podido ser os únicos a tentar desembarcar no nosso satélite natural.

DO PRESTÍGIO À CIÊNCIA

Isto serviu para dar, graças às retransmissões em directo de imagens de televisão que perduram em todas as memórias, deslumbrantes demonstrações das suas capacidades técnicas: de um dia para o outro, o «jeep lunar», que os astronautas levaram consigo para se deslocarem na superfície da Lua, atingiu a celebridade. Mas serviu, também, para conseguir uma inegualável colheita de informações científicas.

As preocupações científicas, é preciso admiti-lo, não foram o motivo que levaram, em 1961, à decisão de lançar o programa Apollo, porém tendo sido atingido o objectivo, elas pediram vingança: após ter sido estabelecido que era possível poisar «sem quebrar» na Lua, de aí sobreviver, de aí trabalhar e de se poder deslocar sem estorvo, tratou-se da colheita de pedras e da implantação de instrumentos de observação.

Após ter permitido ao homem sonhar a conquista da Lua alarga agora os seus conhecimentos. Uma das raras vezes, talvez, em que a rivalidade de duas potências tem tão felizes consequências...

SEIS TENTATIVAS

APOLLO-11: Neil Armstrong e Edwin Aldrin poisam em 20 de Julho de 1969, às 21 horas e 17 minutos, no Mar da Tranquilidade, para aí se manterem durante vinte e uma horas e vinte minutos. Aos comandos da nave Apollo: Michael Collins.

APOLLO-12: Charles Conrad e Richard Gordon poisam em 19 de Novembro de 1969 no Oceano das Tempestades. Ficam durante trinta e uma horas e trinta minutos sobre a Lua. Aos comandos da nave Apollo: Alan Bean.

APOLLO-13: a equipagem, constituída por James Lovell, Fred Haise e John Swigert, teve de fazer meia-volta, em 14 de Abril de 1970, após uma explosão acidental a bordo da nave espacial.

APOLLO-14: Alan Shepard e Stuart Roosa poisam no Mar das Chuvas, em 5 de Fevereiro de 1971, para uma estadia de trinta e três horas e vinte e nove minutos. Aos comandos da nave: Edgard Mitchell.

APOLLO-15: David Scott e James Irwin alunam junto dos Montes Apeninos para uma estadia de sessenta e seis horas e cinquenta e seis minutos. Aos comandos da nave: Alfred Worden.

APOLLO-16: John Young e Charles Duke alunam na cratera de Descartes e aí permanecem durante setenta e uma horas. Aos comandos da nave: Thomas Mattingly.

176 QUILOS DE PEDRA LUNAR

Um melhor conhecimento da Lua e da sua evolução passou a ser, a partir de 1969, a principal justificação para prosseguir com os desembarques humanos.

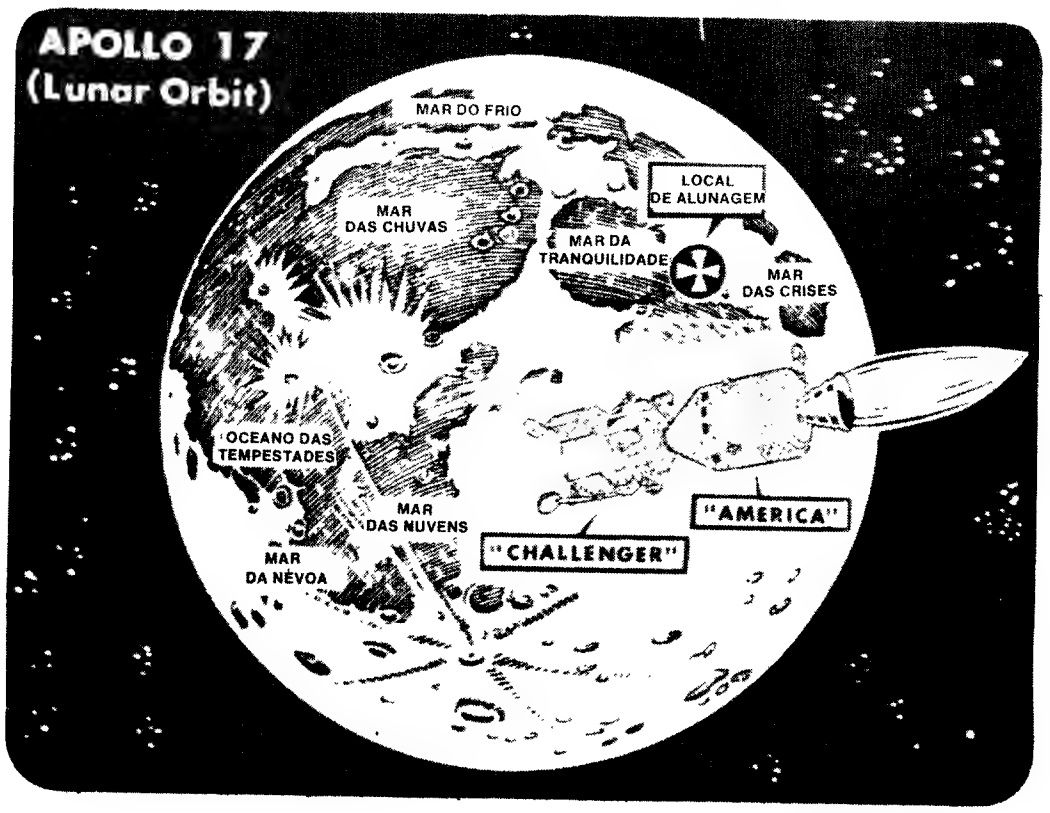
Alunagens «com doçura» de engenhos automáticos, que fotografaram o solo, o estudaram e se asseguraram de que aí se podia poisar sem se enterrar na poeira, precederam as alunagens humanas; para isso serviram os lançamentos dos Surveyor, em 1968 e 1969. Por seu lado, os soviéticos enviaram, também eles, engenhos automáticos para a Lua, que ali poisaram a partir de 1966; foram eles o Luna-9, seguido do Luna-13, depois do Luna-17, que, em 1970, ali depositou um veículo, o Lunokhod, e, finalmente, o Luna-20 em Fevereiro de 1972. O Luna-16 regressou à Terra, descolando automàticamente da Lua, trazendo 100 gramas de amostras do solo colhidas no Mar da Fecundidade, enquanto que o Luna-20 trouxe uma amostra de perfuração da regiiião montanhosa em que havia poisado, no Mar das Crises, perto do Luna-16.

Por seu lado, os astronautas americanos recolheram até hoje, não entrando em linha de conta com a missão actualmente em curso, 176 quilos de amostras do solo lunar. Estas amostras permitiram determinar que a Lua não conheceu nenhuma evolução desde há dois ou três biliões de anos, pois as rochas mais novas que ali foram encontradas até agora são tão velhas como isso. A Lua permite, assim, remontar no curso do tempo e obter informações sobre o que foi o nosso sistema solar nos seus começos. Graças a experiências sísmicas conhece-se também a espessura da crosta lunar, que tem 40 quilómetros, sendo constituída por uma mistura de basalto, norito e anortosito.

LEGENDAS DAS GRAVURAS:

O Módulo Lunar

A nave Apollo __ 45 toneladas no total __ comporta três partes: uma cabina, em que a equipagem __ três astronautas __ se instala durante a viagem



da Terra à Lua e regresso, um compartimento motor que lhe permitttte efectuar no espaço todas as manobras necessárias e uma «lancha» de desembarque __ O L.M. (Módulo Lunar) __ em que tomam lugar os dois astronautas que desembarcam na Lua.

Este engenho __ perto de 15 toneladas __ foi, portanto, concebido em função de três missões: descer sobre a superfície da Lua após ter sido separado do restante da nave espacial, permitir aos dois astronautas aí sobreviver e descolar na Lua em direcção à nave Apollo. Como não tem que enfrentar, em nenhum momento, a resistência do ar, não possui nem forma aerodinâmica nem sistema de protecção contra o aquecimento: é exlusivamente funcional e desaparecerá da panóplia das cabinas habitadas americanas depois da Apollo-17.

Comporta, como essencial, um motor-foguetão para travar a sua descida e uma cabina munida de um segundo motor-foguetão para a descolagem. É a estrutura que envolve o primeiro motor (na «fase de descida») que serve de rampa de lançamento para a descolagem da face lunar.

O foguetão Saturno-5, que serve para o lançamento para a Lua da nave Apollo, ilustra bem o esforço técnico que os Estados Unidos tiveram de fornecer. Com uma altura total de 110 metros, com 10 metros de largura na base, pesa à descolagem 2.900 toneladas, ou seja aproximadamente o peso de seis locomotivas eléctricas.

É no momento actual, e de longe, o foguuuetão mais potente do mundo. Depois da missão Apollo-17 será utilizado apenas uma vez, para o lançamento da primeira estação espacial americana (Skylab).

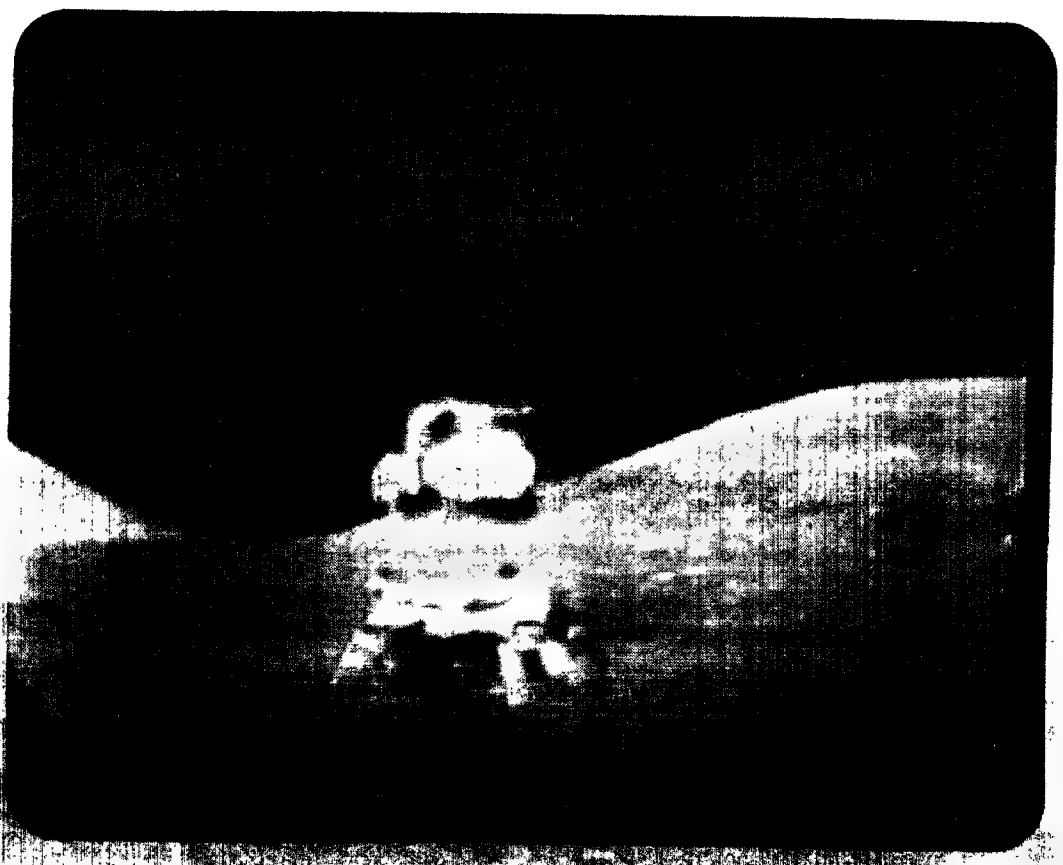
O seu primeiro andar desenvolve uma potência de 3.500 toneladas: sessenta vezes a potência conjunta dos quatro reactores que equipam o avião Concorde. Equipado com cinco motores, funciona durante cento e cinquenta segundos e queima mais de 15 toneladas de carburante por segundo.

Este andar é largado depois de ter sido usado, e o segundo andar (450 toneladas de força) é, então, acendido. Depois, é a vez do terceiro andar (90 toneladas de força). A nave Apollo atinge então a velocidade que a faz gravitar em volta da Terra. Para a colocar na trajectória que a conduzirá às proximidades da Lua, acende-se o terceiro andar.

A nave Apollo encontra-se, naturalmente, no cume de todo o edifício. É no compartimento lunar que está disposta a «lancha» de desembarque que poisará sobre a Lua.

No total, o programa Apollo terá atingido os 26 milhões de contos, despesas que terão sido distribuídas exactamente pelos dez anos, 1962 a 1972, com um financiamento máximo entre 1967 e 1968. Em 1965-1966, [illegible] tinha a trabalhar um total de cerca de 400 mil pessoas na indústria e os seus efectivos próprios eram de 34.000 pessoas. Hoje, já não tem a trabalhar na indústria mais de 10 mil pessoas e os seus efectivos foram reduzidos para 27.200 pessoas.

Apesar de um novo programa de laboratório orbital Skylab, que será colocado em órbita no próximo mês de Abril, os voos humanos não representam hoje senão pouco mais de um ttterço do orçamento da NASA __ 1,3 biliões de dólares __ quando, em 1966, representavam 60 por cento do total.



SOARES & REBELO, LDA.

Especialistas de sementes, hortaliças, flores, pastos — Bolbos e raízes de flores

RUA DO AMPARO, 2 — LISBOA

Desejam a todos os seus Amigos e Clientes BOAS-FESTAS e um NOVO ANO muito Feliz.

PAPELARIA DÁLIA, LDA.

Cumprimenta os seus Clientes e Amigos fazendo votos sinceros de festas felizes e prosperidades no Novo Ano.

LISBOA — RUA DOS SAPATEIROS, 78 - 80
TELEF. 370037

Casa Palissy Galvani

DE

Guilherme F. Simões, Lda.

17 - A, RUA SERPA PINTO, 17 - B

Deseja aos seus amigos e fregueses umas festas felizes e um ano próspero.

«AGRICULTURAL SUMMER»

AGRO, LDA.

71-A — Rua de S. Paulo — 71-B

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes, desejando-lhes BOAS-FESTAS e um ANO NOVO FELIZ.

OS PROPRIETÁRIOS DA

CHAVE DE PRATA

174 — Rua da Prata — 176

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas-Festas e um Ano Novo muito próspero.

SAPATARIA PRESIDENTE

R. 1.º de Dezembro, 9, 11, 13 — Tels. 323770-323771
LISBOA - 2

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um NATAL FELIZ e um ANO NOVO cheio de prosperidades.

JOALHARIA CUNHA

197, Rua Áurea, 201
Telefone 32 07 30 — LISBOA

CUMPRIMENTA E AGRADECE A VISITA DE V. EX.as

ORLANDO & ALMEIDA, LDA.

Deseja a todos os seus clientes, fornecedores e amigos um FELIZ NATAL

Rua de Arroios, 179-A e 156-B

OURIVESARIA

NOGUEIRA & SOUSA, LDA.

JOALHARIA — RELOJOARIA

Rua Braamcamp, 74 — LISBOA

Cumprimentam os seus Exmos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero

PROLEX

Consultora Administrativa e Fiscal, Lda.

deseja aos seus clientes e amigos um

BOM NATAL E FELIZ ANO NOVO

Praça dos Restauradores, 13, 2.º, Dt.º, salas 33-34
Telefone 32 34 07 — LISBOA

ARMANDO SOARES, LDA.

VENDAS A PRESTAÇÕES

Cumprimenta os seus prezados Clientes, Fornecedores e Amigos, desejando-lhes um NATAL FELIZ E ANO NOVO MUITO PRÓSPERO.

R. Pascoal de Melo, 64 - 2.º - Dir.
Telef. 4 86 92 — LISBOA

ARMAZÉM DE FAZENDAS
DE

CALADO & SEQUEIRA, LDA.

CAMISARIA — GRAVATARIA — MODAS E CONFECÇÕES — ETAMINES PARA CORTINADOS — ARTIGOS DE NOVIDADE — ALGODÕES, LINHOS, LÃS E SEDAS

279, 281, RUA DOS FANQUEIROS, 283, 285
PRAÇA DA FIGUEIRA, 14
Telefone 32 38 26 — LISBOA

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Festas Felizes e Novo Ano próspero.

EXTERNATO CONTINENTAL

RUA DO ARSENAL, 100 - 1.º

Deseja a todos os seus Alunos, um Feliz Natal e próspero Ano Novo.

RESTAURANTE

TONI DOS BIFES

OLIVEIRA & DOMINGUEZ, LDA.

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 50-E

Desejam a todos os Clientes e Amigos um NATAL FELIZ e um NOVO ANO muito próspero.

RÁDIO VITÓRIA, LDA.

RUA DA VITÓRIA, 46 - 48

Deseja a todos os seus estimados Amigos e Clientes, um santo Natal e próspero Ano Novo.

OURIVESARIA PORTUGAL

Deseja Boas-Festas aos seus Clientes e Amigos e um Novo Ano muito feliz.

ROSSIO, 121

Secção de arameiro — Artigos de menage — Expositores — Molas — Rede tremida — Soldadura por resistência, etc.

FERNANDO LOPES LOURENÇO

Deseja aos Ex.mos Clientes e Amigos um NATAL FELIZ

Secção de aviário — Gaiolas — Pássaros — Peixes e outros animais — comidas preparadas, etc.

RUA SANT'ANA À LAPA, 133 — TELEF. 67 50 32
LISBOA

DUCAL

PRUDÊNCIO & PEREIRA, LDA.

(RUA ÁUREA, 190 E 192)

Deseja a todos os seus clientes, fornecedores e amigos muito Boas-Festas.

CASA DAS MALAS

FUNDADA EM 1887

JOAQUIM DA SILVA & C.ª (FILHOS)

CARTEIRAS E ARTIGOS DE VIAGEM

RUA DA PRATA, 110-114 — TELEF. 32 06 39
RUA DO OURO, 180-182

Aos seus fregueses e amigos desejam FESTAS FELIZES e ANO NOVO muito próspero.

OURIVESARIA RIBEIRO

VIÚVA E FILHOS DE RAFAEL MENDES RIBEIRO, LDA.

R. Barros Queirós, 66 (Antiga T. de S. Domingos, ao Rossio)
TELEFONE 86 39 85 LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas-Festas e um Ano Novo próspero.

MÁRIO NEVES DA SILVA

DESPACHANTE OFICIAL

Rua Jardim do Tabaco, 126 - 1.º

Cumprimenta e deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas Festas e prosperidades no Novo Ano.

CASA DOS

TAPETES DE ARRAIOLOS

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes, Fornecedores e Amigos, desejando-lhes Feliz Natal e um Ano Novo muito próspero.

RUA DA IMPRENSA NACIONAL, 116 - E
Telefone 66 82 46 — LISBOA - 2
(à Rua da Escola Politécnica, Príncipe Real)

Custódio Cardoso Pereira & C.ª

PIANOS — ÓRGÃOS — INSTRUMENTOS
DISCOS — CURSOS DE LÍNGUAS «ASSIMIL»

9 — RUA DO CARMO, 13 — LISBOA

Desejam Boas-Festas aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

Com os nossos cumprimentos de
BOAS FESTAS e FELIZ ANO NOVO

OURIVESARIA CASA DAS BENGALAS

JÓIAS — FILIGRANAS — PRATAS — OURO
TAÇAS DESPORTIVAS

LISBOA-2 — 91 — Rua da Prata, 91 — Telef. 32 02 56

O NATAL DO ZÉ RUSSO

— **Quando voltar, nem que seja no pino do Verão, nesse dia será o meu Natal...**

— **Quando voltar, nem que seja no pino do Verão, nesse dia será o meu Natal...**

Por MARIA AURORA

Era o Inverno de sessenta. Ficara para trás o velho Sud-Expresso e o cheiro a suor das carruagens de terceira apinhadas. Era um Novembro frio, que começara na Guarda dentro de um comboio de esperança, em que o chouriço fora repartido religiosamente e mastigado com broa e uma lágrima engolida à pressa. Um dia e uma noite até Irun. Companheiros de viagem em compartimentos estanques, trocando meia dúzia de palavras sobre a terra que deixáramos e sobre aquilo que nos esperava. Através da grande planície espanhola, após Salamanca, a noite era de esperança, saudade e angústia. Em Medina já «sabíamos» uns dos outros. O Zé Russo de 17 anos tinha um tio em Munique que o entusiasmara a seguir para a «estranja» e lhe prometia carta de trabalho e a certeza de poder guardar uns cobres. Vivera sempre numa aldeia da Beira Alta para as bandas de Castendo. Tivera como berço uma velha cama de pinho e falava da aspereza dos lençois, onde descansava no fim do dia, com o enelevo de quem regara o linho, o vira crescer, o branqueara e finalmente enrolara as maçarocas na roca que a tia Chica fiava ao canto da lareira, invernos seguidos cuspindo nos dedos para que o fuso girasse...

O Tóino do Forno tinha como meta Paris. A construção civil, a barraca inventada contra os rigores do frio. E deixara em Celorico a mulher e três cachopos, na promessa de os mandar chamar mal ganhasse os primeiros francos. O João Medina ia em busca duma qualquer verdade. Estudante em férias pela Europa, fazia versos nas folhas da sebenta que guardava num dossier. Zé Fininho, tripeiro dos pés à cabeça que ia aprender coisas... sobretudo das pessoas e da vida. Jurava a si próprio que cinco anos seriam os que precisava para aprender línguas. Estava farto de «falar refugiado».

E lá íamos todos na nossa procura ou na procura dos outros numa ânsia incontida de chegarmos.

Dezembro de sessenta. Dusseldorf era uma cidade branca. O frio entrava pelas frinchas do barração da Gerrysche Glass. Era um edifício de madeira e cimento com camas de campanha de ambos os lados. Trinta metros corridos e frios com uns lavados ao fundo onde o cheiro a urina era permanente. Cinquenta camas. Cinquenta homens. Trabalhadores argelinos, espanhóis, gregos, turcos e portugueses. A fábrica dava-lhes alojamento a troco duns poucos de marcos. O almoço era fornecido na cantina. O wurst (grande salsicha) nadava num caldo grosso e substancial. Era o prato de resistência. Trabalhava-se por turnos de oito horas. O resto do tempo livre era para escrever às famílias, recontar as histórias da terra aos amigos e procurar, uma vez por festa, nas cervejarias ou bailaricos dos subúrbios, o calor dos braços duma alemã loira e saudável.

Era o mês do Natal. A cidade nova era uma amostra luminosa de presentes. Nas grandes montras dos armazéns repetia-se o sorriso dum Saint Klaus gordo e bonacheirão e havia grandes botas cheias de bolas coloridas, abafos de peles, doces de açucar e frutas secas.

Pela Konyshalle ouviam-se os sinos badalando canções de Natal. As árvores da avenida eram uma amostra de lâmpadas coloridas numa grande sinfonia de cor. Agasalhadas em amplos casacos de peles as pessoas acotovelavam-se pelas ruas, nas saídas e entradas dos armazéns, na euforia da festa grande que se aproximava.

O Zé Russo estava connosco em Dusselfordf. Deixara o tio em Munich decepcionado com a construção civil e era na altura um operário aplicado na secção de aproveitamento de lã de vidro da Gerryschglass.

As cartas para os familiares ausentes eram mais assíduas.

Uma semana antes do Natal juntámo-nos uma noite ao redor duma grande fogueira ao lado do barracão. Levara-lhe o convite do Munícipio para uma festa no audirório da cidade na véspera do dia 25.

— Eu cá não vou... disse o Zé Russo. Para mim não há Natal.

Vieram as perguntas, todos queriam saber a razão da recusa.

— Esta gente não sabe o que é o nosso Natal.. mesmo sem pão, ao «desagasalhado», com chuva ou com neve, mesmo com o corpo estoirado pela enxada e sem um tostão no bolso... o Natal é lá!

Levantou-se uma grande chama da fogueira acesa.

Evoquei sem querer o fogo do campo dos companheiros de Tours, as noites cantadas em revolta ao redor do fogo grande. Trouxe à memória Giamoris o grego que na véspera se encharcara em vinho numa cervejaria evocando a terra donde fugira em pânico quando da revolta do povo. Giamoris que se chamava de cobarde por não ter sabido morrer lá, sob o cheiro doce das videiras! Lembrei-me de Pierre, o francês, há dois dias afogado no Reno. Tinha dezassete anos. E encontrei-me a perguntar:

— Porque não hás-de ir Zé?

— A menina não ateime. O Natal é festa da família e sem família não há Natal.

— Querias voltar?

— Ainda não. Não... Quando voltar nem que seja no pino do verão, nesse dia será o meu Natal.

O Zé Russo não foi à festa do Município. No grande audirório os estrangeiros receberam presentes: meias de lã, gorros de feltro, cachecois, e beberam e comeram quanto quiseram.

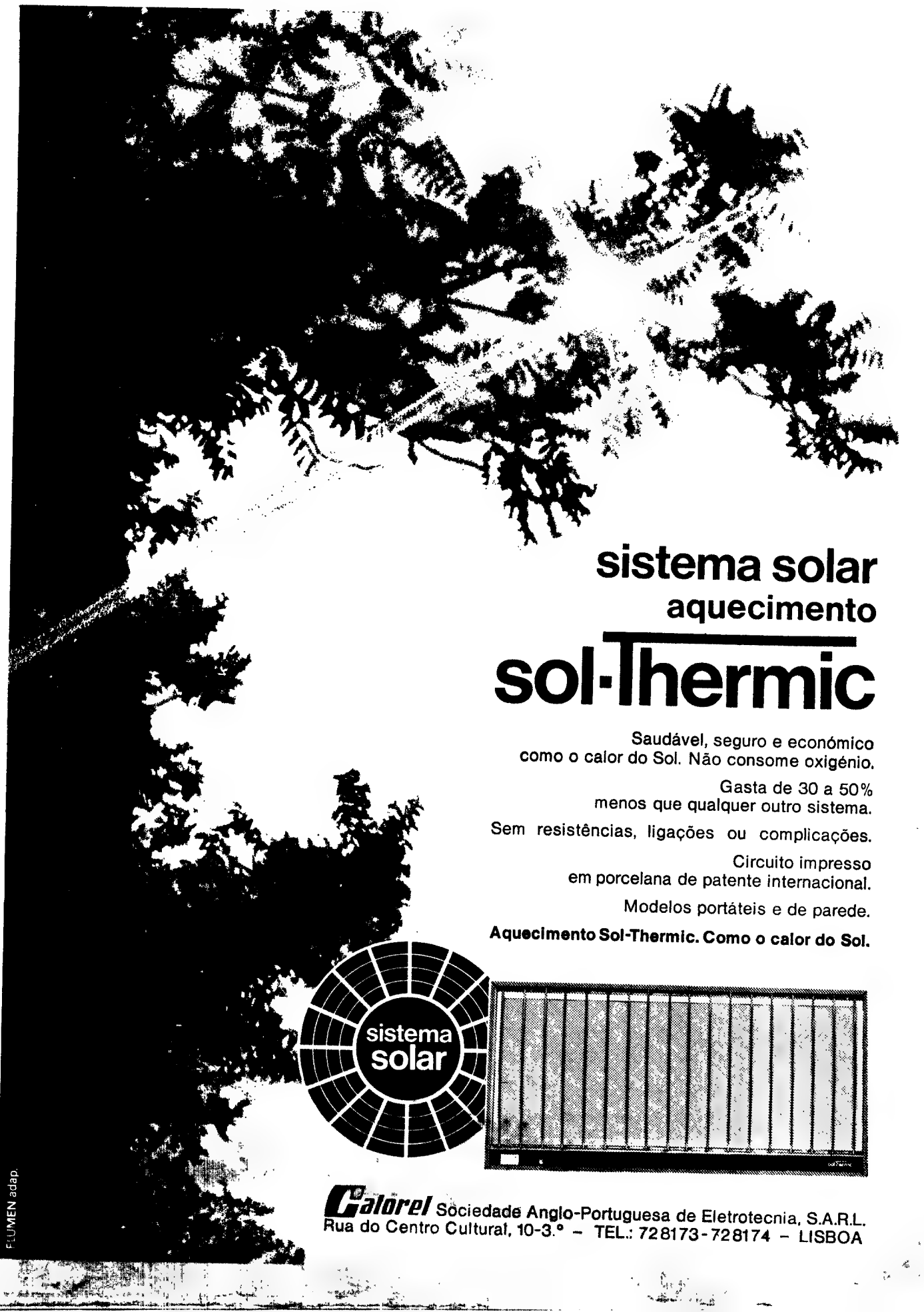
A saida, seriam dez horas da noite da véspera de Natal, as ruas estavam desertas, os transportes não funcionavam, a cidade iluminada estava silenciosa, vazia. Em cada casa se festejava a festa da família.

Enregelada percorri a pé quase um quilómetro.

Passei ao largo do barracão.

A luz estava apagada. Cá fora ardia uma pequena fogueira.

Teimosamente sentado, aquecendo-se ao calor, o Zé Russo sonhava o Natal da sua terra.



VIRGÍLIO C. SILVA

PROPRIEDADES

CONSTRUÇÕES CIVIS
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

RUA TENENTE VALADIM, 5 - 7 — PRAÇA DO BOCAGE, 57 - 1.º

TELEF. 24516 (2 LINHAS) 26754 — SETÚBAL

Cumprimenta os seus estimados Clientes, Amigos e colaboradores desejando-lhes Felizes Festas e muitas prosperidades no próximo ano.

J. ALVAREZ, LDA.

CONSTRUÇÕES CIVIS

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES

Sede: Quinta Maria do Carmo — CHARNECA DE CAPARICA
Telef. 2457 - 713

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Natal Feliz e Ano Novo muito próspero.

EM CASCAIS

RESTAURANTE
ESPLANADA
CERVEJARIA
CASA DE CHÁ

VISCONDE DA LUZ

no JARDIM VISCONDE DA LUZ
(junto ao Cinema)

•

Especialidades: LINGUADO e MARISCO

•

JOÃO PADEIRO

ESPERA POR SI!

FRANCISCO PINHEIRO RAMOS

COMPRA E VENDE PROPRIEDADES
RÚSTICAS E URBANAS
EM QUALQUER ZONA DO PAIS

PARA VENDER OU COMPRAR CONSULTE A NOSSA FIRMA E ENCONTRARÁ SEMPRE A MELHOR SOLUÇÃO PARA O SEU CASO

AV. D. FILIPA DE LENCASTRE, N.º 2, 1.º
Telefones 27 28 32 - 27 27 77
COVA DA PIEDADE

Cumprimenta os seus estimados Clientes, Amigos e Fornecedores, a todos desejando Boas Festas e um Novo Ano muito próspero.

RESTAURANTE POLÍCIA

Deseja a todos os seus Ex.mos clientes e amigos os melhores votos de Boas Festas

GALERIA 77
MÓVEIS E DECORAÇÕES

R. Castilho, 77-A — LISBOA
Telef. 53 53 85

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes, Fornecedores e Amigos, desejando-lhes um Natal Feliz e Ano Novo muito próspero.

CASA M. L. FERREIRA

RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A
(Junto ao Largo)

RÁDIO — TELEVISÃO
TODOS OS ARTIGOS
ELÉCTRICOS PARA USO
DOMÉSTICO

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes NATAL feliz e ANO NOVO muito próspero.

FIGUEIROA REGO, LDA.

Rua da Prata, 209 a 213
Rua da Assunção, 34 a 38
LISBOA

Aos seus Ex.mos Clientes e Amigos desejam Boas Festas e um Novo Ano muito próspero.

COM UM NÓ NA GARGANTA

Por Armando Pereira da Silva

Um nó na garganta é a minha recordação mais antiga de um dia de Natal. Sem lirismos o digo, nem compaixão. Foi talvez em 1951, quando a vida na aldeia era qualquer coisa de inclassificável. Quando os Serviços Florestais — hoje tão justamente discutidos — se implantavam na serra a todo o vapor.

Foi essa a primeira vez que um Natal me era concedido. Que me honravam com a visita à família triste, depois de encaixado numa mercearia com comes e bebes, criado para todo o serviço e a qualquer hora. Pela comida e pela vestimenta.

Foi, portanto, como que um regresso à terra das míseras palhas, da meia sardinha e do pão de milho ázimo apodrecido nos porões. À terra das agonias sexuais e dos pássaros livres invejados. À aldeia da escola fria e dos rebanhos desaparecidos. Ao meu velho caminho romano cujas pedras conhecia uma a uma, quase sensorialmente, em cada nervo dos pés, em cada dedo descalço mil vezes ferido.

Uma única noite, tão pobre como sempre, foi o reencontro com tudo isso. A visita desesperada a árvores arrancadas e a ninhos desaparecidos. A audição de tristes cantilenas perdidas nos campos.

Depois o regresso, na madrugada dramática. A última recordação, o frio intenso, o orvalho, a geada. Os ruídos nocturnos e fantásticos. O arfar decidido de minha mãe, a ponte arruinada sobre o Alfusqueiro, os caminhos íngremes da serra, a recordação, cada vez mais ténue, dos almoendros.

E podia ficar por aqui. O regresso e a partida, o início de muitas partidas e poucos regressos.

Era como que uma aposta, uma luta surda contra a fatalidade. Desde há muito que estava previsto o meu sacrifício: a fuga determinada ao feudalismo, ao abandono, à segregação mais primária, ao mundo parado. Na altura ainda a França não tinha sido descoberta. O Brasil era uma miragem. Afinal, a admissão ao liceu foi uma plataforma para mudar de aldeia, uma pequena abertura, uma experiência. A batalha surda e dramática contra as raizes, por um lado, contra o desenraizamento, pelo outro.

Assim, o primeiro Natal que me foi oferecido constituiu como que a primeira grande provação. A primeira fuga, também, ao trabalho regimental e condicionado. A primeira experiência fora do círculo das horas proibídas e dos limites impostos. O regresso ao calor triste da família e das feridas do orgulho.

Tinha dez anos. Dez anos na noite fantástica, fria, estrelada, cheia de medos. O desfazer líquido de uma recuperação passageira. Embrulhado na capucha, a mãe ao lado, sorvíamos metros e metros de caminhos rudes, entre tojos e pinheiros. Chegámos muito cedo, continuava a ser noite. Batiam compassadamente horas no relógio da igreja pesada, a tal que tinha um S. Miguel terrível de ódio e decisão na frontaria. A camioneta chegou muito depois, sem levantar pó, roncando e poluindo o ar puro com um cheiro activo a óleo queimado. Perante a minha indecisão — a nossa — um homem enorme, sorridente, agarrou-me por um braço e puxou-me com decisão. Lá fora, terrìvelmente só na madrugada, de minha mãe só se via o brilho intenso das lágrimas nos olhos, vendo o autocarro fugir. E esta a recordação que me resta do meu Natal de há vinte anos. Com um nó na garganta.

CANAL 1

ESPUMANTE NATURAL
DALVA
medalha de ouro na
Tchecoslováquia
em concorrência com
espumantes de todo o mundo!

HOTEL DO RENO

A Gerência deseja a todos os Ex.mos Clientes NATAL FELIZ.

Inaugurado em 1959

Totalmente remodelado em 1970

AV. DUQUE D'ÁVILA, 195-197

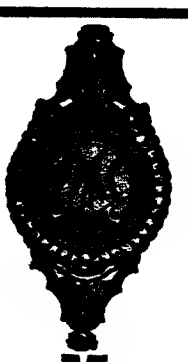
Cables: Renotel
Telef. 48181/2/3

LISBOA — PORTUGAL

1.ª CLASSE

O Hotel cujo ambiente faz esquecer a saudade do lar

Situado no centro da cidade. Local de fácil acesso, zona de muito sossego, autoparque privativo. Os quartos reunem todos os requisitos de conforto. Banho privativo e chuveiro, rádio, telefone e aquecimento central. 80 % dos quartos com varanda-solário. Óptimo serviço de restaurante e bar (cozinha internacional). Ar condicionado.



Pancada, Moraes & C.ª

Banqueiros

37, RUA AUGUSTA — LISBOA

Depòsitos à ordem e a prazo

Guarda e administração de valores. Execução de ordens de Bolsa, no País e Estrangeiro. Compra e venda de cheques e ordens de pagamento sobre Praças Estrangeiras. Aberturas de crédito para Importação e Exportação. Cheques de viagem. Desconto de letras sobre o País e Estrangeiro. Serviço de informações sobre Títulos, Câmbios e Comércio Externo

CORRESPONDENTE NAS PRINCIPAIS PRAÇAS ESTRANGEIRAS

R. S. CONTREIRAS, LDA.

AGENTE EM PORTUGAL
DA
PIRELLI S. P. A.

Cumprimenta todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes BOAS-FESTAS.

RUA DO TELHAL, 4-B

BRAZAUTO

R. Frei Miguel Contreiras, 18-B — Tel. 717262

AUTOMÓVEIS DE TODAS AS MARCAS

AOS SEUS CLIENTES E AMIGOS
DESEJA UM NATAL FELIZ

RAFAEL BURGUETE, LDA.

REPRESENTAÇÕES ESTRANGEIRAS

LISBOA — Rua António Enes, 20 - 1.º — Telefs. P. P. C. 56 34 16 (5 linhas)
PORTO — Rua Dr. Alfredo de Magalhães, 99 — Telefs. 2 69 02 (2 linhas)

Apresenta a todos os seus prezados Clientes e Amigos os Melhores Votos de BOAS-FESTAS e PRÓSPERO ANO NOVO

GERMANO DE JESUS, LDA.

R. Morais Soares, 58-A-B

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando lhes um NATA' FELIZ e ANO NOVO próspero.

FETIL

Fábrica de Fechos Metálicos, Lda.

FECHOS E APLICAÇÕES PARA MALAS DE SENHORA E SAPATOS
NIQUELAGEM E DOURAGEM A OURO

Av. Gomes Pereira, 70 A, Dt.º—Tel. 70 19 21—Lisboa

Desejam a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos, Festas Felizes e um NOVO ANO muito póspero. 1972-1973

ALVES RIBEIRO, LIMITADA

EMPREITEIROS DE OBRAS PÚBLICAS

Av. 28 de Maio, 49, r/c.
Tels. 761860 - 771512 LISBOA - 4

SOTEDIL

Sociedade Técnica e Distribuidora de Produtos Ultramarinos, Lda.

Importadores e Exportadores

Sede — Beira
Afr. Oriental Portuguesa
Caixa Postal, 1015
Telef. 4493
End. Teleg. - TÉCNICA

Delegação — Lisboa
Av. Columbano Bordalo Pinheiro
N.º 71, 5.º A
Telef. 765789
End. Teleg. - LIDETOS

ANTÓNIO DE SOUSA FERREIRA

DESEJA A TODOS OS EX.mos CLIENTES OS MELHORES VOTOS DE BOAS-FESTAS

—//—

ARTIGOS EM MALHAS — MEIAS
ATOALHADOS — CONFECÇÕES, ETC.

—//—

TUDO NOS MAIS SENSACIONAIS PREÇOS

—//—

RUA DOS FANQUEIROS, 221 - 1.º DT.º
TELEF. 87 43 46 LISBOA

INÁCIO CUNHA & REBELO, LDA.

RUA ANDRADE, 4, R/CHÃO LISBOA

ARMAZENISTAS - REVENDEDORES

- TECIDOS, ALCATIFAS E FERRAGENS PARA ESTOFOS E DECORAÇÕES;
- PERGAMÓIDES, NAPAS, COLAS, PRECINTAS, CALHAS E ACESSÓRIOS PARA CORTINADOS;
- SUMAÚMAS, CRINAS, ESPUMAS, MOLAS, COXINS E COLCHÕES DE MOLAS E ESPUMA.

Cumprimentam todos os seus Ex.mos Clientes e Fornecedores, desejando-lhes os melhores votos da época e um NOVO ANO de prosperidades.

AUTOMÓVEIS

AUTO J. SIMÕES NUNES, LDA.
e AUTO IDEAL POÇO DOS MOUROS, LDA.

COMPRA — VENDA — TROCA
AGENTES: BATERIAS HAGEN — SEGUROS, etc.
STANDS: Av. General Roçadas, 36-D ★ TEL. 846618 ★ LISBOA-1
Rua Neves Ferreira, 21 ★ TEL. 834599 ★ LISBOA-1
Desejam aos seus Amigos e Clientes FESTAS FELIZES.

ELMEI

ELECTRO MECÂNICA INJECTORA, LDA.
Direcção Técnica de **Renato Agostinho Lourenço**

Deseja aos Ex.mos Clientes e Amigos um FELIZ NATAL

BOSCH SERVICE

OFICINA ESPECIALIZADA EM REPARAÇÕES E AFINAÇÕES DE SISTEMAS DE INJECÇÃO DIESEL, ELÉCTRICAS EM AUTOMÓVEIS, CAMIÕES, TRACTORES, MOTORES ESTACIONÁRIOS E MARÍTIMOS

RUA FRATERNIDADE OPERÁRIA, 31 Telefs. 38 14 66 / 38 40 58
Poço do Bispo — Lisboa Teleg. Elmei

RESTAURANTE

antónio

RUA TOMÁS RIBEIRO, 63 (Junto do Metro)
LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um NATAL FELIZ e um NOVO ANO muito próspero

ESCOLA DE CONDUÇÃO

«SANTO AMARO»

J. Mina & Irmão, Lda.

RUA DO CARMO - TELEF.

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos

Silvéria Passarre de Almeida, Lda.

Auto JOSÉ AMARAL, LDA.

AUTOMÓVEIS

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, 43-B, 47-A e B — TELEFONES 55 36 42

COMPRA, TROCA E VENDE COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
AUTOMÓVEIS DE OCASIÃO

Cumprimenta e deseja aos Ex.mos CLIENTES, AMIGOS e COLEGAS, NATAL FELIZ e um próspero 1973.

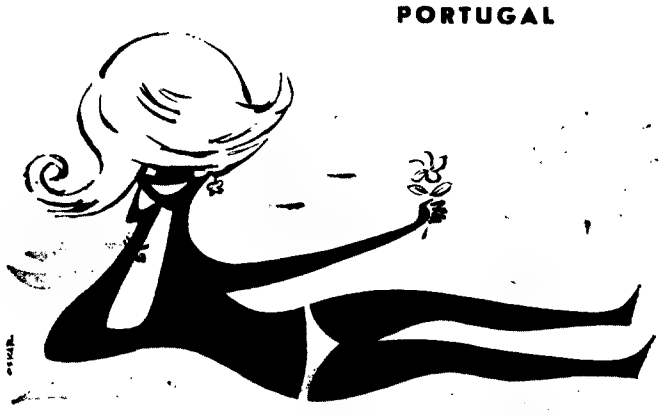
MANUEL MENDES FERREIRA

121 — RUA DA ROSA — 189 FILIAL: RUA DA VITÓRIA, 44

Telefones: 32 32 27/36 89 96 — LISBOA

Cumprimenta os seus Clientes e Amigos, desejando-lhes FESTAS FELIZES e ANO NOVO muito próspero.

costa do sol
PORTUGAL



AS SUAS FÉRIAS E O SEU FIM-DE-SEMANA

Hotéis de luxo, de 1.ª e de 2.ª

Estalagens e Pensões

Casino Monumental com Variedades Internacionais
Jogos de Roleta, Bacará, Banca Francesa, Craps, e Slot Machines, etc.

Teatro e Cinemas

Exposições permanentes

Boites e Restaurantes Típicos

Todos os desportos

e um sem-fim de atracções que lhe proporcionarão uma estadia agradavel

INFORMAÇÕES:

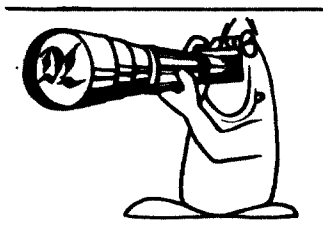
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL
ESTORIL TEL. 26 01 13

A ALENTEJANA
DE A ASSUNÇÃO

DESEJANDO UM NATAL ALEGRE E UM ANO NOVO PRÓSPERO A TODOS OS CLIENTES E AMIGOS

COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES
UMA ORGANIZAÇÃO SÉRIA — UM NEGÓCIO CERTO

Armazéns TOMÉ
PRONTO A VESTIR
SENHORA — HOMEM
137, Rua dos Fanqueiros, 139
Telef. 32 69 44
Desejam melhores votos de um Feliz Natal e Ano Novo



THE JOHN BULL

SALOON — LOUNGE

ENGLISH OAK BEAM COUNTRY PUB.
FULLY AIR-CONDITIONED
OPEN UP TO 3.30 a. m.

IST FLOOR.

Restaurante Britania

«STEAK HOUSE»

CHARCOAL GRILL

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um NATAL muito Feliz e um ANO NOVO Próspero.

Praça Costa Pinto, 31
Largo Luís de Camões, 4-A
(Two entrances)
Telef. 28 33 19
CASCAIS

ESMERALDA

PELES — CONFECÇÕES

RUA LUCIANO CORDEIRO, 33 - CAVE

TEL. 5 12 52

Cumprimenta e deseja Boas-Festas e Um Feliz Ano Novo às Suas Ex.mas e Distintas Clientes. Agradece muito reconhecida a preferência com que a têm distinguido.

CASA Gama

LOTARIAS
TOTOBOLA
BIJOUTERIAS

RUA DO AMPARO, 1-B — LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos clientes
B O A S - F E S T A S

TECNO-BAZAR (ELECTRÓNICA), LDA.

(ANTIGO BAZAR-MULTIMODA)

R. OLIVEIRA MARTINS, 41-C

CUMPRIMENTA TODOS OS SEUS EX.mos CLIENTES E AMIGOS, DESEJANDO-LHES UM FELIZ NATAL E UM PRÓSPERO ANO NOVO.

Marcelino Ilídio Pereira & C.ª, (Irmão)

IMPORTADORES — ARMAZENISTAS
MERCEARIAS, DROGAS E PRODUTOS QUÍMICOS
Telefones 32 67 92 - 3 45 05
Endereço telegráfico — ALLÍDIO
12 a 30 — Rua do Corpo Santo — 21 a 25

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Festas Felizes e um Novo Ano cheio de prosperidades.

J. RICARDO DOMINGUES, LDA.

Moedas estrangeiras — Coupons — Papéis de Crédito — Ordens de Bolsa

Telefones 32 47 55 - 36 90 81 End. Tel. JODRACIR

RUA AUREA, 85

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas Festas e um Ano Novo muito próspero.

ANTÓNIO XAVIER DE LIMA

A FIRMA DO PRESENTE QUE FIRMA O SEU FUTURO

TERRENOS EM TODO O DISTRITO DE SETÚBAL E LISBOA
LOTES APROVADOS COM PINHAL E JUNTO A PRAIAS
QUINTINHAS — VIVENDAS — PRÉDIOS e ANDARES

Cumprimenta os seus estimados CLIENTES e AMIGOS desejando-lhes um NATAL muito feliz e ANO NOVO PRÓSPERO

Delegações: Av. 22 de Dezembro, 25-r/c. — SETÚBAL
Av. Joaquim Dias de Sousa Ribeiro, 59-B, 1.° -Esq.
MOSCAVIDE

Sede: Estrada Nacional 10, 6-1.° — COVA DA PIEDADE

PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA, LDA.

Para
COMPRAR
VENDER
HIPOTECAR

CONSULTE OS N/ SERVIÇOS

Av. Almirante Reis, 104-2.° — Telefs. 82 32 31
LISBOA-1 82 32 32
82 32 33

Cumprimentam e desejam aos seus estimados Clientes e Amigos, Festas Felizes e um NOVO ANO de prosperidades.

Indústrias Térmicas Nunes Correia, S.A.R.L.

Tel. 28034

Carrier

REFRIGERAÇAO

LISBOA — R. do Alecrim, 29

PPCA - 30901

PORTO — R. da Firmeza, 482

Tel. 28034

Lunalgo

RUA DE SANTA JUSTA
RUA DOS CORREEIROS
RUA DA PRATA

TELEFONE 37 01 31
L I S B O A

Cumprimenta os seus estimados Clientes, Fornecedores e Amigos, agradecendo-lhes as atenções recebidas, desejando-lhes FELIZ NATAL e um NOVO ANO muito próspero.

Luso Eléctrica

EQUIPAMENTO

INDUSTRIAL
ELECTRÓNICO
SEGURANÇA
ELÉCTRICO
MOTORES

DIESEL
MARINHA
EXÉRCITO
AERONÁUTICA
PETROQUÍMICA

CALÇADA MARQUÊS DE ABRANTES, 11 - 13
Telefones: 668061 / 673106 / 668066 / 678091
(15 linhas)

CONFEPELE

RUA DO OURO
Entrada pela Rua da Assunção, 99

Deseja aos seus clientes e amigos Festas Felizes e um Novo Ano cheio de prosperidades.

Manuel Maximiano Marques

(HERDEIROS)

GRANDES OFICINAS DE SERRALHARIA
E FERRARIA CIVIL E MECÂNICA

SOLDADURA A ELECTROGÉNEO E AUTOGÉNEO

TODO O TRABALHO EM ALUMÍNIO

Orçamentos e todos os esclarecimentos grátis

★

Deseja aos seus Ex.mos CLIENTES,
AMIGOS E FORNECEDORES
UM NATAL FELIZ E ANO NOVO PRÓSPERO

★

RUA NOVA DO DESTERRO, 19-21 — TEL. 42857
L I S B O A

CASA CÉSAR

CINQUENTENÁRIA
DESEJA AOS SEUS CLIENTES,
AMIGOS e FORNECEDORES
UM NATAL FELIZ e ANO NOVO MUITO PRÓSPERO
agradecendo todas as atenções dispensadas

Fazendas de lã — Terylenes — Tecidos — Malhas
Treviras — Gabardines — Pijamas

C. S. MATOS, LDA.

Av. Almirante Reis, 6-C a 6-E/Tel. 40245/Lisboa

SIPEMA

RUA DE ARROIOS, 87-A

Deseja a todos os seus clientes um FELIZ NATAL e próspero ANO NOVO.

É NATAL...

O MACHADO DE NATAL

O REPUXO DE NATAL

MICAEL

OS CUBOS DE GELO DE NATAL

A ÁRVORE DE NATAL

A BOLA DE NATAL

O VASO DE NATAL

...POIS CLARO!

as empresas

J. Pimenta

saudam os seus clientes, amigos, admiradores, funcionários, colaboradores e público em geral, desejando a todos

FELIZ NATAL

e

PRÓSPERO ANO NOVO

JOÃO P. DE ALMEIDA JÚNIOR

Despachante oficial

Deseja Boas Festas e um Ano Novo cheio de prosperidades a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos.

AUTO CAIS SODRÉ, LDA.

Praça Duque da Terceira, 8 — Telef. 32 67 33

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Ano Novo cheio de prosperidades.

Casa Rio de Janeiro

de ROSAS & CARVALHO, Lda.

Camisaria — Malhas — Meias

264, RUA AUGUSTA, 266

Desejam Boas-Festas e Ano muito próspero aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

PÉROLA DO ROSSIO

105 - - ROSSIO — 105

ESPECIALIDADES EM CHÁS E CAFÉS

Deseja Boas-Festas e um ano de muitas felicidades aos seus Ex.mos Fregueses e Amigos.

CAMBISTA TESTA

RUA DO ARSENAL, 78—TELEFONE 32 18 92

CÂMBIOS

LOTARIAS

TOTOBOLA

Cumprimenta e deseja a todos os seus clientes e amigos, UM NATAL MUITO FELIZ e UM ANO NOVO muito próspero.

A **LAGOTAINER LINE,** único serviço totalmente contentorizado e directo para a Suécia, após quase um ano de actividade, agradece a todos os Ex.mos Clientes o bom apoio que lhe têm dignado dispensar, aproveitando esta via para lhes desejar um

SANTO NATAL

e

FELIZ ANO NOVO

Os Agentes - Gerais:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, Nº 1
LISBOA 2
TEL. 360080 362306
PORTUGAL

SOC. FRANCISCO PINTO BALSEMÃO, LDA.

Telefone 32 38 61

ÓXIDOS DE CHUMBO

VIDROFRITE

Telefone 37 07 72

VIDRADOS PARA A CERÂMICA

Rua do Comércio, 56 **LISBOA**

STAND CAMPINA

R. D. FILIPA DE VILHENA, 8-D, 8-E
(Arco do Cego) Telef. 530699 — LISBOA

Cumprimenta a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um FELIZ NATAL e próspero ANO NOVO.

Electro Rádio Modelar da Ajuda, Lda.

Agente oficial BOSCH

Grande campanha de todos os artigos para o Lar, a pronto e com grandes facilidades

Assistência Técnica privativa de Rádios, Televisores, etc.

ORÇAMENTOS GRÁTIS

Deseja aos Ex.mos Clientes e Amigos Festas Felizes.

SEDE — **Rua Nova do Calhariz, 12-A** — **Telefone 64 33 60 — AJUDA — LISBOA-3**

FILIAL N.º 1 — **Rua da Correnteza, 35-A**

ANTÓNIO SANTOS D'ALMEIDA JÚNIOR

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Feliz Natal e próspero Ano Novo.

Rua Castilho, 34-1.º-F **Telefone 537834**

LISBOA

ELOY DE JESUS

Joalharia e Ourivesaria — Pratas e Jóias

RUA GARRETT, 45

Cumprimenta e deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Feliz NATAL e Prosperidades no ANO NOVO.

COMPTOIR FRANÇAIS D'ACCESSOIRES

PEÇAS E ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS

Téle fone 370351 grimas — COFRAC — **22 RUA DAS PRETAS-24 — LISBOA —**

Deseja Ano Novo Feliz aos seus Clientes e Amigos.

Os proprietários da antiga Ourivesaria

MOITINHO

67 — RUA DA PRATA — 69

Cumprimentam todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas-Festas e um Novo Ano muito próspero.

FÁBRICA DE GELO ABRANTINA, LDA.

VENDA EM PEQUENAS E GRANDES QUANTIDADES

Deseja aos Ex.mos Clientes e Amigos um NATAL FELIZ.

RUA ACTOR VALE, 9 **LISBOA**

TELEFONE 845913

GARAGEM BOA VIAGEM, LDA.

AUTOMÓVEIS E FURGONETAS

Rua Sampaio e Pina, 56 — Telefone 68 37 37

Apresentamos a todos os nossos Ex.mos Clientes e Amigos os melhores desejos de Boas-Festas e Novo Ano próspero. 1972-1973

CASA SONOTONE

AS BOAS - FESTAS

são acompanhadas de preces a DEUS para que os seus CLIENTES, EX.ma CLASSE MÉDICA, IMPRENSA, RÁDIO, TV e todos os nossos amigos, AS TENHAM MUITO FELIZES E UM ANO NOVO MUITO PRÓSPERO.

A GERÊNCIA

Senhoras ★ Cavalheiros

AMADORES — PROFISSIONAIS

LIGEIROS — PESADOS

Esta Escola possui uma pista própria para treino e aprendizagem em recinto reservado

Aceitam-se alunos prestes a fazer exame ou que já tenham sido reprovados

ESTA ESCOLA DISPÕE DE VOLKSWAGENS, NSU, FORD e BEDFORDS DOS ÚLTIMOS MODELOS

PROPRIEDADE E DIRECÇÃO de: **NARCISO SOARES DE FIGUEIREDO**

SEDE E ESCOLA

Alam. D. Afonso Henriques, 27-A **Telefone 4 63 63** **LISBOA**

BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LDA.

OURIVES - JOALHEIROS

293 — RUA DA PRATA — 295

Cumprimentam todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas-Festas e um Ano Novo de muitas prosperidades.

A ARTE NAS MÃOS DO OURO

A que ponto se poderá dizer que a comercialização de obras de arte está na razão directa — ou inversa — da divulgação dessa mesma arte?

A que ponto a valorização de certas obras de pintura e escultura a preços elevadíssimos corresponderá ao seu valor intrínseco?

A que ponto a obra de arte entrou no circuito de consumo e, por meandros, desconhecidos do grande público, da relação capital-cultura, se transformou num fértil terreno de investimento fácil?

Respondem às nossas perguntas um crítico de arte e dois responsáveis pela direcção de galerias de exposições.

Começamos por Rui Mário Gonçalves, presidente da secção portuguesa da Associação Internacional de Críticos de Arte e vice-presidente da direcção da S.N.B.A.

— O mercado da arte moderna em Portugal tornou-se recentemente um assunto muito falado devido em grande parte à sua novidade. Efectivamente tem sido corrente falar-se da vida económica dos artistas modernos como uma vida cheia de sacrifícios, quase sempre exigindo uma segunda profissão, tendo como remota qualquer hipótese de venda e, mesmo quando isto pudesse acontecer, a preços muito baixos. A própria actividade crítica nos órgãos de Informação foi difícil de impor, começando por ser constituída por um artigo ou outro que, mais devido a relações pessoais do que a uma verdadeira curiosidade pela arte, um ou outro jornal, uma ou outra revista, um ou outro programa de rádio, ía incluindo quase sempre por relações pessoais com os artistas visados ou com os críticos que os tinham redigido. Alguns anos após a última guerra mundial intensificou-se a vida cultural. Entre a arte e a vida criaram-se relações mais profundas. Tomou-se consciência de que nenhum país pode escapar aos problemas postos pela história do mundo. Daí que certos termos de uma metodologia internacional, que os representantes oficiais da sociedade portuguesa continuavam a tentar ignorar, tenham chegado até cá. Como consequência de um novo sentido de responsabilidade cívica dos homens de cultura, a crítica empenhada no vanguardismo, pela primeira vez em Portugal foi exigente para consigo própria. E assim, se até então a história da arte moderna no nosso país se dividia apenas em dois blocos, os modernistas e os «bota de elástico», no final dos anos 40, vêem-se os próprios modernistas dividirem-se entre si em três tendências fundamentais: abstracionismo, neorealismo e surrealismo.

E Rui Mário Gonçalves continua:

— As exigências de ordem estética e ética que através destas tendências então se manifestaram, tiveram uma profundidade até hoje inultrapassável. O que as polémicas culturais então surgidas revelaram, para além de circunstancialismos e de deslocados vedetismos, é que uma cultura não se improvisa. O grande público terá talvez ficado ciente disto mesmo, entendendo através da consideração dos argumentos levantados a favor de uma ou outra daquelas tendências, que a pintura é um modo específico de expressão e pensamento com as linhas, as formas, as cores, as matérias, que ela é tanto reflexo como proposta de transformações sociais, e que sem a liberdade de imaginação nunca será autêntica.

Referindo-se depois à relação existente entre a arte e o poder económico, Mário Gonçalves prossegue:

— Quanto à alta finança tomou, como era lógico, uma atitude correspondente à dos representantes oficiais... pois o «vice-versa» aplica-se evidentemente aqui. Nem sequer por snobismo os problemas postos pela arte moderna lhe poderiam interessar. E ainda hoje é verificável, para além do movimento um pouco balofo de procura de objectos de arte, que não existe ainda um verdadeiro museu de arte moderna, que não se foi capaz de criar um museu Sousa Cardoso apesar da quase totalidade da sua obra ter estado, até há poucos anos, concentrada em familiares do pintor; mas foi já há, muitos anos possível criar um museu José Malhoa. Portugal é um país pobre, bem o sabemos. Mas algumas fortunas têm-se movido em relação aos problemas artísticos de modo bem sintomático de uma ignorância não muito menor que a do grande público e de uma petulância de autênticos campeões. Se museus retrógrados encontraram financiamento, o mesmo acontece com toda uma série de encomendas de escultores em locais públicos que o povo sem se ter ainda apercebido é obrigado a pagar. Já se vê então que manobras económicas são responsáveis pelo atraso da escultura portuguesa e que heroísmo autêntico por parte dos pintores tem sido deliberadamente escamoteado. Uma falta de sensatez por parte dos próprios artistas válidos tem facilitado estes escamoteamentos: eles nem sempre têm sabido encontrar as vias de uma acção comum. Ao longo de duas décadas a crítica tem continuado uma acção que lhe dá hoje um estatuto muito mais evoluído, conquista de esforços de dois ou três. É possível que a persistência da sua acção tenha vindo a compensar uma certa abdicação de alguns artistas de quem se esperou, nos anos 40, demasiado intervencionismo. É possível que isso tenha mobilizado novos sectores do público. Mas de qualquer modo não é senão uma parte mínima que se deve à crítica o que está acontecendo no mercado da pintura. Trata-se da internacionalização já não apenas das ideias mas do capital; trata-se de uma passagem da mentalidade de economista, até agora essencialmente agrícola, que começa a despertar-se com a industrialização. Isto exige um certo abandono dos valores culturais tradicionalistas. Num momento de ruptura pode estabelecer-se uma efervescência confusionista que permite oportunismos. E é de reparar que raramente as obras de arte são adquiridas pelos valores intrínsecos. Ao acelerar a sua mobilidade o capital descrê da estabilidade da moeda. Procura basear-se em reservas de valores entre os quais as obras de arte podem, mediante todo um prestígio que tem demorado tempo a ser conseguido, adquirir um valor de acções com a vantagem de por si mesmas constituírem valores de ostentação, o que no meio puramente financeiro pode significar crédito. Esta é a parte tolerável do que está acontecendo e é o ponto em que se está. Todavia, deve começar-se agora a prever perigos futuros pois continuo a ter a maior desconfiança em relação à alta finança portuguesa. Comprando obras sem gostar delas, portuguesmente ela exigirá uma apressada subida de cotação. Forçá-la-á. Dois perigos para o valor da arte vejo surgir aqui conforme lidemos com o pequeno financeiro ou o grande financeiro. O pequeno, mais apressado e enganando-se várias vezes, nas suas aquisições, poderá em muitos casos ver frustrada a sua necessidade de rendimento do capital aplicado em obras de arte, e repetirá em voz alta aquilo que no seu íntimo sempre pensou: — «bem me parecia que isto de arte moderna não valia nada». O grande financeiro tem outra prática do domínio do território português. Em casos de dúvida dirá com a sua auto-suficiência: — «então não sou eu que mando? Então sou eu que me engano? Então os valores não são os meus? Claro que sim e eu sei muito bem impor os meus valores como sempre o tenho feito. De facto a alta finança decidiu fazer a cotação de um Malhoa e mantém-na, ou pelo menos consegue retardar-lhe o declínio que a cultura há muito tempo indicara. Assim, também ele irá agora escolher meia dúzia de «modernaços» que encerrará depois em torno deles no seu ciclo de ouro. É já notório que os ricaços estão atentos não aos valores estéticos mas ao risco que alguns deles esteja disposto a correr por um certo pintor. Os outros, sem imaginação, procedem por imitação.

É, prosseguindo o seu depoimento, o crítico continua:

— Para ser delicado e não apresentar exemplos portugueses lembro que é também um pouco o mesmo que acontece no estrangeiro quanto à perdurabilidade da cotação de Bernard Buffet, pintor ultramedíocre sobre cuja obra toda a crítica está geralmente de acordo quanto a negar-lhe validade. A partir daqui outro perigo advém num meio impreparado como o nosso e tão oficialmente desleixado quanto à instauração e desenvolvimento dos processos de educação permanente. Não tardará que à inexistência escandalosa de museus de artes modernas se suceda uma profusão de tentativas de criação deles, procurando cada tentativa ser única. Será difícil manter um critério correcto de selecção. É escandaloso como, mesmo em meios melhor preparados que o nosso, os museus caiam nas mãos dos coleccionadores, que assim fazem não tanto uma democratização da usufruição da pintura mas exercem simultânea de levar mais longe a ostentação e, sobretudo, de impressionar o público, mantendo-o entretido com certos nomes representados nas suas colecções cuja cotação lhes interessa manter. Como os capitais se imiscuem em interesses diversos e são sempre os mesmos os detentores das empresas, uma viciação informativa interessará aos patrões. É já notório também que há muito menos dificuldade em publicar notícias, entrevistas e informações sobre as vendas do que estudos reveladores dos verdadeiros problemas que cada obra de arte autêntica necessàriamente põe à consciência dos homens. Mas deixemos a futurologia e voltemos ao estado actual. Uma nota me parece oportuna para contrariar um esquematismo que se pode tentar fazer. As especulações comerciais não partem tanto dos dirigentes de salas de exposições como de alguns intermediários anónimos que compram para os grandes financeiros, tão atarefados naquilo que para eles é mais sério. Quando muito compram pelo telefone e deixam a esses intermediários o campo livre. As salas de exposição têm a favor delas a franqueza de pôr as obras à mostra e prestarem-se assim ao exame da crítica e dos demais apreciadores. E como a maior parte delas se criou por verdadeiro gosto pela arte, ainda estão realmente a apresentar o que se faz de melhor. Mas note-se como em Portugal, à medida que alguns artistas conseguiram clientes certos, foram abandonando o seu intervencionismo público. Ora é este intervencionismo que importa intensificar ao nível estético e ético, numa acção em que verdadeiramente se medirá o realismo e o vanguardismo dos artistas e dos críticos.

Não existe ainda um verdadeiro museu de arte moderna

E em relação à crítica...

— Quanto à crítica parece-me mais certo que ela intervenha contra os maus serviços da TV, se preocupe com todos os elementos que possam servir a educação das massas populacionais, que alerta enquanto é tempo os responsáveis pela museologia, que anime os lugares em que os problemas de arte possam ser discutidos por todos, que se inteire dos esforços por uma melhor educação visual que alguns professores em todo o país estão tentando fazer aos níveis primário, secundário e superior, que ausculte os movimentos juvenis, que procure paralelismos em outras modalidades de expressão artística espontâneas, que não intervenha após os factos consumados mas antes deles, deixando assim de ser apenas um opinante ocioso; parece-me mais importante isto do que ser um cronista do que vai acontecendo nas salas, com inaugurações cada vez mais mundanas.

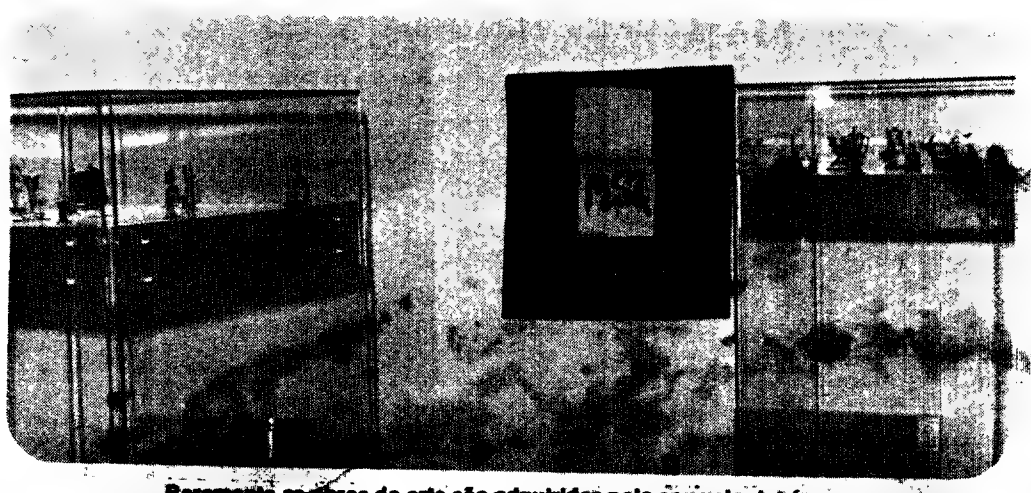
TIRAGENS LIMITADAS

Perante a numerosa variedade de técnicas artísticas escolhemos, um pouco ao acaso, uma pessoa relacionada directamente com a exposição e venda de gravuras de Teresa Alçada. Na sua opinião é necessário que quando uma pessoa compra um óleo ou uma gravura tenha a certeza de que a pode vender, uns anos depois, pelo dobro, pelo triplo, pelo décuplo do seu preço. Por isso se explica a manutenção da arte como objecto único e não multiplicável.

— Bem vê — explica — quanto mais pessoas puderem adquirir uma gravura, por exemplo, mais descresce o seu valor. Além do mais as gravuras, que continuam a ser originais sempre que assinadas a lápis e não à chapa, têm uma tiragem limitada por razões técnicas. As chapas de gravura aguentam uma tiragem limitada, e tanto mais limitada quanto mais moderna e mais complicada é a gravura; a cor com frequência aos cinco ou dez mil escudos, quase sempre fora do alcance da grande maioria dos autênticamente interessados nela. Que interesse poderá ter a divulgação de uma arte não observada, apreendida e colhida livremente? Mas depois os pintores, diz-se têm de viver. Fazer arte é como fazer outra coisa qualquer, não há diferença nenhuma, o pintor precisa de ter carro, de viver como as outras pessoas, com mulher e filhos. Quanto mais valiosas forem as suas obras melhor para ele.

— Dantes fazia-se o comércio da arte através da desonestidade — diz-nos a responsável por uma galeria de pintura, Maria Alice Ferreira. Hoje há três ou quatro em Lisboa, dois no Porto e um em Óbidos «Marchands» que fazem e que tem de ser feito, pegaram numa camada de jovens e em nomes já conhecidos e servem-se de uma para lançar os outros. O jovem artista tem de ser acarinhado e isso é fundamental. Claro que para uma galeria dar dinheiro é necessário expor e vender pintores com nome pois não recebemos qualquer ajuda de ninguém. As pessoas que hoje estão a dar dinheiro por um quadro são as que compram um andar. É preciso dizer-lhes que o que eles compraram por cinco daqui a dez anos vale mil. Para a grande maioria deles a obra de arte é uma troca de lucro e não uma questão de sensibilidade. Claro que em relação aos preços de quadros, os artistas jovens tem de vender obras a preços acessíveis mas não podem desvalorizar os quadros embora isso se faça. Eles têm fome e a fome faz muita coisa. Há os que vendem quadros nos cafés, aos amigos, há os que lhes retiram a assinatura e outras coisas do género. Mas há também alguns, poucos, que preferem a fome, no silêncio, à desvalorização. De Qualquer modo, mesmo com dificuldades, quando uma obra é boa não há nada que a possa abafar. Mais tarde ou mais cedo ela vem ao de cima.

MARGARIDA SILVA DIAS



Raramente as obras de arte são adquiridas pelo seu valor intrínseco

ESCOLA DE CONDUÇÃO

UNIDOS DO VOLANTE, LDA.

LIGEIROS — PESADOS

E

MOTOS

AMADOR E PROFISSIONAL

SALAS PRÓPRIAS DE SINALIZAÇÃO, TEORIA E MECÂNICA
TRATA DE TODA A DOCUMENTAÇÃO REFERENTE A AUTOMOBILISMO

Deseja aos Seus Antigos, Actuais e Futuros Alunos um NATAL FELIZ e ANO NOVO PRÓSPERO

Sede: Av. Casal Ribeiro, 57, 1.º-Dt.º LISBOA

Restaurante do PESCADOR

CASCAIS

Cumprimenta os Ex.mos Clientes e Amigos, desejando FELIZ NATAL e ANO NOVO PRÓSPERO.

Rua das Flores, 9 (por detrás da lota do peixe)
Telef. 28 20 54 **CASCAIS**

Júlio Rocha

FABRICANTE DE MAPLES E SOFÁS-CAMAS

R. S. Lázaro, 43-47 — LISBOA

Cumprimenta os seus estimados Clientes e Amigos desejando-lhes Festas Felizes e prosperidades no próximo ano.

OCULISTA DE CAMPO DE OURIQUE

Deseja a todos os Ex.mos Clientes e Amigos um FELIZ NATAL.

Lentes de contacto

CONOID-PROFIL

Rua Saraiva de Carvalho, 189 — Tel. 668627 — LISBOA

CASA TIROL

70, RUA DA PRATA, 72

Cumprimenta os seus clientes e amigos, desejando-lhes festas felizes.

PROPRIEDADES

COMPRAS • VENDAS • HIPOTECAS

A PREDIAL «ESTRELA DA BEIRA, LDA.»

Rua da Madalena, 66-1.º, Esq. — Lisboa

Cumprimenta os seus estimados clientes e amigos, e público em geral, desejando-lhes um NATAL muito feliz e um NOVO ANO cheio de prosperidades.

Para o seu conforto espiritual...

Para profissionais e amadores...

Órgãos - Pianos
Instrumentos clássicos e electrónicos
Equipamentos musicais

JUAN TOBIO, TOBIO

EXPOSIÇÃO E OFICINAS TÉCNICAS
R. do Telhal, 76, r/c-Esq.
Tel. 53 47 69 LISBOA

Cumprimenta e deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas-Festas e prosperidade no Ano Novo.

ANTÓNIO FERREIRA

Deseja a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos Festas Felizes e um ANO NOVO muito próspero.

Rua D. Estefânia, 81, 3.º-Dt.º
Telefs. 4 00 49 / 56 37 51
LISBOA-1

NOVA LISBOA

PRONTO A VESTIR
SENHORA — HOMEM

125, R. dos Fanqueiros, 127
Telefone 32 02 61 LISBOA

Desejam melhores votos de um Feliz Natal e Ano Novo

ANTÓNIO M. DE AZEVEDO MARQUES

Deseja a todos os seus Clientes e Amigos
NATAL FELIZ

CONSERVAS DE PEIXE

OCIDENTE

ESCRITÓRIO — Telef. 59540
ARMAZÉM — Telef. 769735

ALAM. D. AFONSO HENRIQUES, 43-A — P. 7 e 10
LISBOA-1

---

sapataria gaivota

Aven. Almirante Reis, 106-D **Telef. 821641**

Deseja aos seus estimados Clientes e Amigos um NATAL FELIZ e um próspero ANO NOVO.

TÁXIS GRAÇA & GRAÇA, LDA.

DESEJAM UM NATAL FELIZ E PRÓSPERO ANO NOVO A TODOS OS EX.mos CLIENTES, AMIGOS E FORNECEDORES

Aproveitando também a data festiva que atravessamos, para agradecer pùblicamente ao Entreposto Comercial de Automóveis — Assistência Datsun, a colaboração prestada, no ano de 1972, que muito contribuiu para termos a preferência do Ex.mo Público.

SPORTKAR-BAR

E

STAND SALAUTO

Desejam a todos os seus Clientes e Amigos um NATAL FELIZ e um ANO NOVO muito próspero.

A GERÊNCIA

BETESGA

PRAÇA DA FIGUEIRA, 15

DESEJA
BOAS-FESTAS

EXTERNATO FERNÃO LOPES

Deseja às Ex.mas Famílias dos seus Alunos FELIZ NATAL e ANO NOVO PRÓSPERO.

ENSINO PRIMÁRIO, DIURNO E NOCTURNO
PARA ADULTOS EXAMES DE 4.ª CLASSE
Av. 5 de Outubro, 275, 1.º-D.º — Telef. 772352 — Lx.

FESTAS FELIZES

COM

SEMPERIT

Distribuidores exclusivos:

SEMPER
COMÉRCIO DE PNEUS, LDA.

RUA BERNARDO LIMA, 8-A e 8, 2.º-Esq.
TELEFS. 53 32 83 - 53 32 94 LISBOA-1
RUA DA ALEGRIA, 986 — PORTO

ERNESTO, CAMPOS & BATISTA, LDA.

Rua Maria Andrade, 9-A — Telef. 83 42 65

Deseja Boas-Festas aos seus estimados Clientes e Amigos.

STAND FONTANA

de

GABRIEL MACIEIRA

VENDE CARROS **USADOS** COM GARANTIA
As Melhores **Marcas**
FAC.ª TROCA. PAGAM.ª

Em Exposição na
Praça José Fontana, 11-C — LISBOA

ASSIM TODOS PODEM COMPRAR!...

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

ALCATIFAS
MOBILIAS
MAPLES
PAPÉIS DECORATIVOS

TELEVISORES
GRAVADORES
GIRA-DISCOS
ALTA FIDELIDADE

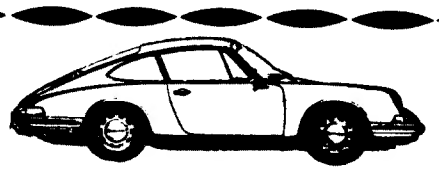
MAQUINAS DE LAVAR
FOGÕES
ESQUENTADORES
FRIGORIFICOS

CANDEEIROS
ASPIRADORES
ENCERADORAS
FRITADEIRAS

E TODA A GAMA DE ELECTRODOMÉSTICOS

M. L. FERREIRA — Rua D. Estefânia, 48-A — LISBOA

BOAS-FESTAS
E
PRÓSPERO
ANO NOVO
SÃO OS VOTOS DA
sanimar



GEAUTO

JOÃO GEADA
rua d. estefânia, 25-A-B
telefs. 534848 — 560798

DESEJA FESTAS FELIZES A TODOS OS SEUS CLIENTES E AMIGOS.

MARTINHO, LDA.

DESEJA BOAS-FESTAS A TODOS OS SEUS EX.mos CLIENTES E AMIGOS ASSIM COMO UM NOVO ANO REPLETO DE FELICIDADES

A FÁBRICA DE PELES **ESTRELA M. L.**
ONDE SÃO PREPARADAS AS PELES QUE AS **SENHORAS** DEVEM PREFERIR

ESTRADA DE BENFICA, 382-A — LISBOA — TELS. 78 00 71 E 78 20 92

OS EMPREGADOS DA ORGANIZAÇÃO ‹ESTRELA ML›
DE MARTINHO, LDA.
DESEJAM AOS SEUS EX.mos PATRÕES UMAS **FESTAS FELIZES**
E UM NOVO ANO **MUITO PRÓSPERO**

AGÊNCIA FUNERÁRIA BARATA

FUNDADOR

COMENDADOR GASTÃO MENDES BARATA

Sòcio gerente: ANTÓNIO B. MENDES BARATA

SEDE NA:

RUA SARAIVA DE CARVALHO, 194 A 202

Telefone P. B. X. 66 11 13 - 66 50 27 DEPÓSITOS GERAIS: RUA FRANCISCO METRASS, 69 LISBOA

J. C. P.

O melhor fabrico de máquinas e formas com pé plástico para forrar
BOTÕES E FIVELAS

FORMAS COM PÉ DE ARAME PARA ESTOFADORES

SOC. METALOPLÁSTICO
J. CUNHA PINTO, LDA.

Rua Luciano Cordeiro, 78-1.º — Tel. 44107 — LISBOA

Cumprimenta e deseja a todos os seus estimados clientes BOAS-FESTAS e FELIZ ANO NOVO

ARTIGOS MILITARES

FARDAMENTOS PARA
A MARINHA-AVIAÇÃO-
-EXÉRCITO

A. DA COSTA, LDA.

RUA DAS PORTAS SANTO ANTÃO, 26-3.º

Deseja aos seus estimados clientes, amigos e fornecedores Boas Festas e Ano Novo próspero.

MÓVEIS
JODAL
de JOSÉ LOPES DE ALMEIDA, LDA.
MÓVEIS — ESTOFOS — DECORAÇÕES
—ELECTRODOMÉSTICOS—TELEVISORES

Deseja BOAS-FESTAS aos Ex.mos Clientes e Amigos, felicitando-os no limiar do NOVO ANO.

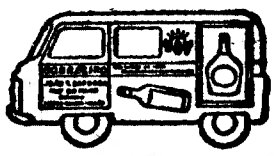
Calçada de S. Vicente, 92 — Telef. 86 20 84

OFICINA de PINTURA
AVGVSTO BÉRTHOLO
TELEFONE: 55 67 24

SEDE: Av. Almirante Reis, 148-1.º, Dt.º (à Praça do Chile)
LISBOA

Pintura de quadros a óleo, guache, aguarela — Pintura decorativa em tela, vidro, platex, plástico, letras a ouro fino e a tinta de esmaltes a cores

OFICINA PRÓPRIA PARA PINTURA



de letras, figuras, frasões e monogramas em VEÍCULOS MOTORIZADOS
Rua Dr. Silva Teles, 18 - E
(ao Rego)
Telef.: 55 67 24 LISBOA

Deseja Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero a todos os seus Amigos e Clientes.

Grande Alfaiataria do Carmo
de ANTÓNIO RODRIGUES
CONFECÇÕES ACAR

CALÇADA DO CARMO, 57-61 — TELEF. 32 05 37
LISBOA (Próximo à Estação do Rossio)

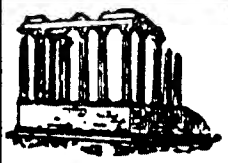
PRONTO-A-VESTIR PARA HOMEM SENHORA E CRIANÇA

FILIAL
A Moderna de Alverca
LARGO DOS C. T. T. — ALVERCA

Sintoma de fino gosto — terá se vestir nesta casa Gabardinas, sobretudos, casacos de senhora, fatos feitos e por medida. Recebem-se fatos a feitio

Últimas criações para HOMEM, SENHORA e CRIANÇA

LANIFÍCIOS DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS
DESCONTOS ESPECIAIS AOS BENFIQUISTAS



UNIÃO EBORENSE
de RAIMUNDO LEÃO
(Mediador Oficial)
Av. Almirante Reis, 95, 1.º-Dto.
Tels. 4 57 22 - 53 63 46 - LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos a todos desejando os melhores votos da época e NOVO ANO cheio de prosperidades.

OLIVEIRA & RODRIGUEZ, LDA.

OURIVES - JOALHEIROS
PRAÇA DA FIGUEIRA, 6, 3.º - D.

Cumprimentam e fazem votos de um NATAL FELIZ e NOVO ANO muito prsópero a todos os seus Clientes e Amigos.

A CAFÈEIRA, LDA.

CASA CHINESA
CASA CHINESA BAR
CAFÉ RIBATEJANO
MONTE CARLO

Cumprimenta os seus Ex.mos Amigos, Clientes, Colegas e Fornecedores, agradecendo todas as atenções dispensadas.

Armazém:
R. dos Sapateiros, 213-215 — Tel. 32 85 65
Escritório:
Rua dos Ang[illegible] — Telef. [illegible]
LISBOA

COPACABANA AUTOMÓVEIS
Rua Conde Sabugosa, 14-A (à Av. de Roma)

Deseja um NATAL FELIZ e BOM ANO NOVO aos seus Clientes e Amigos

Stand ARGANILENSE
RUA DE ENTRECAMPOS, 6-A

COMPRA — VENDE — TROCA
NAS MELHORES CONDIÇÕES
AUTOMÓVEIS DE TODAS AS MARCAS

Deseja a todos os seus estimados Clientes e Amigos, NATAL FELIZ e ANO NOVO cheio de prosperidades.

FARMÁCIA VITEX
ESTRADA DE BENFICA, 373 - B

Cumprimenta e deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas Festas e Prosperidade no Ano Novo

O POVO E O NATAL

POR CÉSAR DOS SANTOS

Envolvidas pelas festivas exteriorizações do Natal, nas pomposas e cintilantes alegorias, na fulgurante simbologia que o sentido mercantilista torna aliciantes, sem falar nas ostensivas manifestações da caridade — que tem os seus dias solenes para a alardeante exibição de compungida generosidade —, as multidões emolduram a apoteose, pomposa e rutilante, do aparecimento de Jesus, mas abstraídas ou desviadas da verdadeira compreensão do significado do seu humilde nascimento — **como uma alvorada de esperança, consoladora e cheia de promessas divinas para os tristes, os oprimidos e humilhados, todos os sedentos de pão, justiça e igualdade.**

Todavia, é essa multidão de gente simples, que sofre e trabalha e poucas alegrias experimenta na vida, o povo com os seus anseios, as tristuras e sofrimentos, as aspirações recalcadas nos destinos contrariados, o povo generoso e sonhador que celebra a vinda de Cristo e se glorifica e engrandece no recolhimento onde esplende essa radiosa esperança — no presépio singelo, poética figuração plástica desse poema jubiloso e que a genealidade de artistas humildes ou de poderoso talento imortalizou. O presépio é, pois, a exaltação dignificadora do povo na epopeia da Natividade.

AS ORIGENS

Remontam, talvez, além do século IV as origens, mais ou menos conhecidas, da figuração plástica da cena bíblica, ainda que haja notícia do primeiro oratório com a representação do presépio na basílica de Belém (edificada no local onde, segundo a tradição, nasceu Jesus), por influência de Santa Helena, mãe do imperador Constantino, protector do Cristianismo. Acrescente-se porém, que a narrativa de São Lucas, aliás o único dos Evangelistas a descrever o nascimento do Redentor nessa sua proeza gloriosa, inspirou, desde tempos longínquos, obras de génio aos artistas e poetas que cantam as alegrias, mas, igualmente, as mágoas e rebeldias do povo.

A princípio, esses artistas plebeus e ingénuos limitavam-se a reconstituir a cena da Natividade na arribana de Belém e apenas com as figuras bíblicas, segundo o testemunho do Envangelista; depois, a inspiração deles saiu da penumbra do misticismo que gerou o culto religioso, enriqueceu-se na contemplação da Natureza, louvando-lhe a fecundidade que dá o pão aos pobres, cultivado e amassado com o suor do rosto, essa ideação criadora correu até os dilatados horizontes da vida real, cheia de humanas aspirações, ou subiu aos deslumbramentos da fantasia. Criaram, assim, novas expressões, ampliadas pela imaginação prodigiosa ou pela observação dos autores que, a pouco e pouco, substituiram os simbolismos pela materialização realista dos diversos motivos copiados do natural — tudo isso animado pela intervenção de comparsaria numerosa, pelo grande **guignol** do mundo, embora mantendo, no fundo, o sentimento piedoso de sublimação da lenda cristã, mas exaltando o povo na glorificação do sagrado mistério. Assim, os presépios, pitorescos cosmoramas, autênticos primores da arte mágica de escultores afamados ou dos barristas incultos e anónimos são a mais bela evocação de uma idealizada epopeia de amor universal. E foram eles, principalmente os artistas ignorados, poetas e sonhadores, herdeiros do génio e do engenho dos famosos escultores das preciosidades miniaturais, os barristas, já com tradição no período áureo da arte pré-helénica, em Creta e os imaginários de Tanagra, foram esses que popularizaram os presépios e despertaram nas multidões a compreensão do significado do aparecimento de Cristo, como o interpretam os idealistas e oprimidos, sedentos de justiça — promessa de igualdade e fraternidade entre os homens.

O MUNDO MARAVILHOSO DOS PRESÉPIOS

A figuração coroplástica miniatural da narrativa bíblica não tem apenas o valor de uma exaltação espiritual, no sentido religioso, nem se limita à reprodução, mais ou menos fiel, do acto devoto dos frmãos franciscanos, os quais, por inspiração de Francisco de Assis, fizeram «a primeira reconstituição plástica da cena tradicional do estábulo de Belém, na Palestina, junto de um altar erguido ao ar livre, no cenóbio de Grécio.» A obra dessa legião de artistas magistrais, panorama de todas as paixões e alegrias humanas constitui, também, precioso elemento de estudo, pois «é pela fixação dos costumes populares da época da qual os presépios são um documentário valioso. Especialmente os presépios anónimos, obra de barristas incultos, reproduzem, apenas, o que os imaginários viam todos os dias.»

. O presépio (mesmo aquele entretecido pela ingénua fantasia infantil) é um pequeno Mundo, onde as coisas, nimbadas de suave lirismo, adquirem expressões de panteismo risonho e poético.

O cenário exulta na ostentação de claridades e vibrações de cores que alastram pela paisagem, entre espessuras verdejantes, até o horizonte onde o azul do céu esplende de fulgores doirados e purpurinos.

Teorias de anjos desdobram a legenda **Glória a Deus nas Alturas e Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade**; e uma estrela cintilante paira sobre as ruinas do alpendre onde se figura a manjedoira, na qual, deitado sobre palhas e num halo de luz, o formoso bambino sorri envolto na claridade irreal que se coa por entre heras e verduras. Maria e São José, o modesto carpinteiro, aureolados pela mesma luz que enche de júbilo aquele triste recinto de vagabundos, olham o recém-nascido num enlevo de sonho. Perto deles, um boi e um jumento parecem velar e aquecer com o seu bafo o menino nascido na confrangedora pobreza.

Sugestivo pormenor da presença dos tipos populares num dos presépios de Machado de Castro, precisamente do único assinado pelo mestre escultor e que está na Catedral de Lisboa.

O POVO ENCHE OS PRESÉPIOS

A vida estua e freme de alegria em redor. Chegam pastores com oferendas; e gente e mais gente, em ranchos alegres, com grupos de tocadores, tangendo toda a sorte de instrumentos.

Toda a Natureza em festa cabe na moldura do quadro maravilhoso: planícies em ondulações de musgos e verduras, montanhas orgulhosas e o mar azul povoado de velas brancas. O castelo sobranceiro do nobre e a choupana do deserdado da fortuna; o moinho rústico poisado num cabeço solitário, a aldeia aconchegada na dobra do cerro áspero e a cidade soberba e arrogante na sua cinta de muralhas, tudo se despovoa para a grande romaria. E a multidão, como formigueiro interminável cresce de todos os lados e enche os caminhos.

É gente vária, povo, a turba anónima em que o senhor e o servo se confundem e igualam, mas da qual sobressaem os tipos populares, os mais humildes e os que têm característica própria e, por isso, figuram em todos os presépios: músicos ambulantes, tocadores de sanfona e de harmónio; peregrinos de barbas prateadas, que tacteiam os caminhos pedregosos com os bordões gastos no jornadear; almocreves e cavadores, corcundas e cegos guiados por cães submissos; as velhas mexeriqueiras, mulheres com filhos ao peito ou às cavalitas, vagabundos e mendigos, gente sem rei nem roque — todo o mundo e ninguém.

Num esplendor oriental, rompe, ao alto, na curva de um carreiro que serpenteia na crista da serra, o cortejo dos Reis Magos — um deles de cor, significando, também, que ante a majestade divina todos os homens, de todas as raças são iguais —; e pelas veredas das encostas escalvadas ou por entre reluzentes folhagens de arvoredos caminham os camponeses em trajos vistosos e garridos e trepam rebanhos chocalhantes entre nuvens de poeira. E, ainda, as cenas populares, os quadros religiosos e os folguedos pagãos — bailaricos, procissões e arraiais; a matança do porco e a ruidosa jantarada, as lavadeiras que assoalham a vida de cada um nas margens dos ribeiros; os namoros à beira das fontes, as tropelias do rapazio, o burburinho das feiras e dos mercados e o alarido das tardes domingueiras nos terreiros das aldeolas, as tarefas no campo ou a vida rumorejante do burgo, coisas de todos os dias — e, dominando tudo, o povo, sempre o povo com os seus sonhos, as ilusões, desventuras e as grandes esperanças que se perdem e constantemente se renovam.

OS PRESÉPIOS PORTUGUESES

Os presépios portugueses, de artistas portentosos ou dos anónimos de mãos prodigiosas constituem, sob diversos aspectos, colecção verdadeiramente notável.

Em Lisboa, principalmente, muitos deles podem ser admirados nos templos, em galerias de árte ou nos museus, onde se recolhem, igualmente, belos fragmentos de outros identificados ou cuja tradição se perdeu no rolar dos tempos. Alguns, não menos valiosos, encontram-se em mãos particulares.

Entre os principais que a capital possui salienta-se um grupo de cinco, atribuídos ao célebre escultor Machado de Castro, todos tocados pelo génio e a arte magnífica do enorme artista: o da Sé, o único, aliás, assinado pelo Mestre e que está na Capela de Bartolomeu Joanes; o da Estrela, de maiores proporções, na tribuna da capela-mor da basílica do Coração de Jesus; o dos marqueses de Belas, que foi para o Museu de Arte Antiga; o de São Vicente, que veio a pertencer, também, àquele museu e o do Desagravo. No mosteiro deste nome existiram dois: um, grande, atribuído ao famoso artista António Ferreira, o **Ferreirinha de Chelas** e outro, de menores dimensões, que se supõe ser, igualmente, da autoria de Machado de Castro, dos quais algumas figuras, extraordinárias como peças de arte foram para o Museu. Há ainda outro, o do Palácio das Necessidades, que se presume tenha sido executado por esse grande artista, como o dos marqueses de Borba, cujas figuras principais foram modeladas por Faustino José Rodrigues e, possivelmente, pelo frade santareno Manuel Teixeira, discípulo de António Ferreira — segundo a opinião autorizada do erudito escultor Diogo de Macedo.

O afamado presépio da Madre de Deus, atribuído, do mesmo modo, ao **Ferreirinha de Chelas**, que foi um escultor magnífico do século XVIII está, incompleto, no Museu das Janelas Verdes, onde se guardam outros de curiosos artistas não identificados, tais os que foram dos Conventos das Albertas e do Sacramento.

Além dos presépios espalhados por igrejas, entre os quais os da Capela de São Gens, no Alto da Senhora do Monte; da Graça e de Campolide e o da Fábrica da Bica Pequena, um mimo da arte miniatural, que pertenceu ao marquês de Valada, há os fragmentos, verdadeiramente preciosos, reunidos pela Academia das Belas-Artes — e em cada um deles, nos soberbos conjuntos dos presépios ou nas suas peças maravilhosas, em cada uma dessas obras, tocadas pelo génio ou pela **rêverie** de artistas extraordinários e sonhadores resplandece, numa fascinação, o génio desses artistas que exaltam o povo e fizeram da humanidade de Cristo o poema triunfal dos humildes e dos rebeldes à tirania e da liberdade e igualdade fraterna entre os homens, que se contêm na mensagem do Rabi da Galileia.

ALGARVE

Um Inverno diferente que continua a recordar o verão.
Natal e Ano Novo, a festa familiar e o prazer de correr através dos anos. Dois ambientes diferentes que os nossos empreendimentos turísticos no Algarve lhe proporcionam: a intimidade do Natal e a alegria do Ano Novo.

TROIA

De dia para dia a cidade turística de Tróia é uma realidade mais visível. As edificações crescem, são apartamentos, hotéis, restaurantes, piscinas, o campo de golfe, o parque infantil, construções que começam, construções que acabam ao ritmo acelerado que prepara o futuro.
Vá a Tróia. Veja a obra turística que construímos. Almoce ou jante num dos nossos restaurantes.

ALENTEJO

A planície desnudada pelo inverno é um longo e magnífico percurso que encontra nas margens românticas do Guadiana o seu total encanto.
Para uma óptima viagiatura, faça uma estadia numa das nossas herdades alentejanas.

SERRA DA ESTRELA

Sobre as primeiras neves já outras caíram. Os skis traçam uma geografia que se apaga para tornar a nascer.
Conheça o encanto de quase única neve de Portugal.

DECISÃO

Proporcionamos-lhe várias opções. Qualquer que seja a sua preferência, o seu gosto pessoal, podemos dar-lhe completa satisfação. A decisão é sua.

TORRALTA